

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“JOVENS E RITUAIS DE PASSAGEM”:
Um Estudo Etnográfico de Experiências de Intercâmbios Culturais
de Estudantes Estrangeiros no Rio Grande do Sul

Denise Silva dos Santos
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Denise Silva dos Santos

**“JOVENS E RITUAIS DE PASSAGEM”:
Um Estudo Etnográfico de Experiências de Intercâmbios Culturais
de Estudantes Estrangeiros no Rio Grande Do Sul**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil

Porto Alegre
2010

Denise Silva dos Santos

**“JOVENS E RITUAIS DE PASSAGEM”:
Um Estudo Etnográfico de Experiências de Intercâmbios Culturais
de Estudantes Estrangeiros no Rio Grande Do Sul**

Dissertação de mestrado submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul sob orientação do.
Prof. Dr. Carlos Alberto Steil.

Data da Aprovação: 01/09/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª.Dr^ª. Lúcia Muller
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Ruben George Oliven
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Arlei Sander Damo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Difícil saber por onde e como começar a agradecer. Afinal foram muitas as pessoas que me ajudaram e compartilharam comigo esta caminhada. Cada uma delas contribuiu de uma maneira e tenho certeza de que não conseguiria trilhar esse caminho sem que essas pessoas tão importantes e especiais fizessem parte dele.

No primeiro momento, agradeço à minha família, meu pai, minha mãe e meus irmãos, pelo apoio durante todo esse tempo. Percebi que, por mais que muitas vezes não entendam minhas escolhas, nunca deixaram de me apoiar. Agradeço pela compreensão das minhas ausências e do distanciamento do ambiente familiar os quais foram necessários principalmente durante o período da escrita da dissertação. Sem esse apoio, isso não teria sido possível. Gostaria de agradecer principalmente ao meu pai por seus questionamentos que me despertavam e despertam constantemente reflexões importantes; e à minha mãe pelo seu afeto imensurável e acolhida em todos os momentos difíceis.

Agradeço ao meu orientador Prof. Carlos Steil pela disponibilidade e paciência, especialmente durante o longo período de minha aprendizagem da escrita etnográfica, como também por suas contribuições e indagações no decorrer de minha trajetória na antropologia. Sou grata também por ele ter me acolhido no seu grupo de pesquisa Cultivo de Si, pois nele pude aprender muito ao participar de frutíferas e valiosas discussões. Também gostaria de agradecer a coordenação e secretaria do PPGAS pelo suporte dado nos anos do mestrado. Ao CNPq, agradeço pela bolsa concedida durante o segundo ano a qual foi muito importante para eu poder me dedicar cada vez mais à pesquisa.

Durante a trajetória do mestrado, o convívio com alguns professores me estimulou o fazer do exercício do olhar antropológico e contribuiu para minha familiarização com ele. Agradeço em especial a Prof^a. Cornelia Eckert por sua acolhida e interesse no meu trabalho; ao Prof^o. Bernardo Lewgoy, pelas discussões proveitosas e contribuições durante a elaboração da pesquisa. Também agradeço às aulas inspiradoras da Prof^a. Claudia Fonseca, e a oportunidade de ter realizado meu estágio de docência com o Prof. Caleb Alves. Não posso deixar de agradecer às professoras Denise Jardim e Ceres Víctora, com quem tive a oportunidade de cursar disciplinas na Graduação e também no Pós-graduação, as quais muito contribuíram com seus olhares durante este meu período de formação.

Sou grata aos professores que se disponibilizaram a participar da banca examinadora: Prof. Ruben Oliven, Prof. Arlei Damo e Prof^a. Lúcia Muller.

Agradeço a oportunidade de ter conhecido uma turma maravilhosa e de ter partilhado com ela este tempo do mestrado o qual proporcionou espaços de trocas e aprendizados durante os encontros formais, em sala de aula, e nos informais. Todos eles foram de extrema importância e de grande aprendizado.

Em especial, agradeço a minhas queridas e amadas colegas amigas Dami, Mayra e Janaína com quem, durante esse tempo, partilhei muito mais do que estudos antropológicos, construímos uma amizade, compartilhamos nossas escolhas, desejos, medos, enfim nossas vidas. Aos colegas Carleza, Joverson, Rojane, Eduardo, Jéssica, Leonardo, João e Anelise, agradeço as inúmeras trocas de ideias e por deixarem o convívio cotidiano mais interessante, cada um a sua maneira, com olhares muito diferentes e enriquecedores.

Às colegas e parceiras de diferentes momentos durante esta trajetória, Mônica e Ana Luísa, com quem, além de discussões teóricas, bate-papos informais e cervejas, pude conhecer e aprender sobre vida e antropologia. Também agradeço a Beatriz e a Lucienira pelas trocas e por sua leitura cuidadosa durante uma etapa da dissertação. Agradeço a Vanda pelas inúmeras conversas sobre vida e antropologia durante muitas madrugadas.

Há ainda pessoas para quem não possuo palavras para agradecer, essas pessoas, além de muito especiais, foram excepcionais com seu apoio e presença, principalmente durante a fase da escrita desta dissertação. Pessoas com quem pude partilhar ideias, refletir, pensar junto sobre a pesquisa e que contribuíram imensuravelmente para que eu pudesse finalizar esta dissertação. Gostaria de fazer um agradecimento mais que especial para a Fê e a Lú, duas amigas que se mostraram fenomenais nos momentos em que muito precisei de apoio. A Fernanda partilhou comigo todo o caminhar do mestrado e pudemos, de maneiras diferentes, crescer juntas nesse processo. Mas, além disso, durante o período da escrita, ela se mostrou uma leitora atenta e crítica. À amiga Luana, realmente não há palavras para agradecer pela oportunidade de poder tê-la por perto nessa fase.

À minha querida revisora, a Tânia, que esteve muito presente durante a revisão da escrita, sempre muito gentil e atenciosa em todos os momentos, buscando entender minhas ideias e me auxiliando a colocá-las no papel de maneira mais harmônica. Ajudou-me a manter calma com suas xícaras de chá e seu olhar curioso e entusiasmado na pesquisa. Agradeço também a querida Natalia que me ajudou na formatação da dissertação na reta final.

Queria agradecer a Bia que sempre me incentivou e acreditou nas minhas escolhas. Sua presença, em diversos momentos da minha trajetória de vida, me ajudou a encontrar sentidos em questões que inicialmente pareciam incompreensíveis. Também agradeço a Cristiane por te me ajudado a cuidar da minha saúde para que eu literalmente ‘pudesse

suportar as muitas horas sentada escrevendo', além das nossas inúmeras conversas sobre o mundo acadêmico. Agradeço ao Marcos, meu companheiro e amigo, pela paciência, apoio e companhia durante todo esse tempo que estamos juntos, principalmente durante a escrita da dissertação.

Agradeço, finalmente, aos interlocutores da pesquisa: os jovens estrangeiros que me desafiaram com suas indagações e reflexões sobre a pesquisa as quais me possibilitaram pensá-la e repensá-la; as famílias gaúchas que literalmente abriram as portas das suas casas e de maneira generosa me receberam com chimarrão, dispostas a compartilhar suas experiências; as escolas que se disponibilizaram a participar; os voluntários da instituição no RS que me permitiram acompanhar suas atividades e sempre se mostraram dispostos a contribuir para este trabalho. Agradeço também à instituição AFS Intercultura Brasil pela disponibilidade para que este estudo acontecesse. Ao meu amigo Lucas Welter, pelas inúmeras conversas e empenho em buscar junto uma maior compreensão sobre as experiências de intercâmbios culturais.

Travel is fatal to prejudice, bigotry, and narrow-mindedness, and many of our people need it sorely on these accounts. Broad, wholesome charitable views of men and things cannot be acquired by vegetating in one little corner of the earth all one's lifestyle.
Mark Twain, The Innocents Abroad, 1869 apud Graburn, 2001

RESUMO

O presente estudo é uma análise antropológica sobre as experiências de jovens estudantes estrangeiros que participaram de programa de intercâmbio cultural escolar no RS. Programas com esta finalidade existem há mais de sessenta anos no mundo e há mais de cinquenta no Brasil. Para o programa de intercâmbio ocorrer, vários atores interagem: os jovens estrangeiros (intercambistas), as famílias *hospedeiras*, as organizações promotoras e as comunidades *hospedeiras* entre outros. Em vista disso, o universo de pesquisa abrangeu, além dos estudantes estrangeiros; as famílias e escolas gaúchas, participantes do programa; a organização responsável pelo intercâmbio escolhida para esse estudo, e as comunidades gaúchas que receberam esses jovens. Foram realizadas observações participantes e entrevistas com os intercambistas; com as famílias *hospedeiras*, com estudantes que haviam regressado a seus países de origem após participarem do intercâmbio, com as famílias gaúchas que já os haviam recebido e, também, com as escolas participantes. Os encontros promovidos pela Organização, destinados aos jovens, foram acompanhados pela pesquisadora. Além disso, foram coletados dados em redes sociais com o uso da internet. Através desta etnografia, foi possível perceber diferentes sentidos e significados evocados por esses jovens estrangeiros e pelas famílias gaúchas, o que indicou uma diversidade de motivações e projetos de vida dos diferentes participantes do programa. Essa diversidade, no entanto, convergia para a vivência de uma ‘experiência’. Segundo os estudantes estrangeiros, essa experiência significou uma ‘busca de transformação de si’, podendo ser entendida, inclusive, como a busca por um ritual de passagem. A Organização, por sua vez, se mostrou disposta a trabalhar a proposta do programa de maneira a proporcionar essa ‘passagem’. O estudo revelou, também, o desejo das famílias gaúchas de estabelecer relações afetivas que ultrapassassem as barreiras nacionais e perdurassem após o intercâmbio. Com o retorno dos jovens a seus países, tornou-se evidente que redes de relacionamento entre os participantes da experiência haviam sido construídas, assim como uma rede entre grupo de jovens estrangeiros, e também destes com as famílias e comunidades *hospedeiras*. O grupo de intercambistas partilhava interesses, estilos de vida e as experiências de intercâmbio seguiram sendo compartilhadas através da internet.

Palavras-chave: Intercâmbio Cultural; Juventude; Rituais de Passagem.

ABSTRACT

High school intercultural exchange programs exist for over sixty years around the world and in Brazil for more than fifty. In order to make them happen, it is necessary a range of stakeholders, including youngsters, families, promoting institutions, communities, among others. This study is an anthropological analysis of the experiences of high school intercultural exchange programs of young foreigners in Brazil. The research base had families and schools from the state of Rio Grande do Sul, exchange students, the Organization chosen for the study and the community who received these youngsters. During the research, participating observations and interviews were made. The meetings and orientations for the exchange students sponsored by the Organization were monitored, as well as families and students in cities where they were living. Former exchange students who had already returned to their countries of origin were also interviewed, as well as their respective Brazilian families and the participating schools. Data were also collected from social networks through Internet. Based on this ethnography, it was possible to perceive different meanings evoked by these exchange students and by their Brazilian families. We observed that the different participants of the program had a diversity of motives and life projects; however converging on the living of an 'experience'. According to the exchange students studied, this experience came as a search to 'transform themselves' thus it can be even understood as the search for a rite of passage. The Organization also showed to be willing to apply the program proposal so as to provide this 'passage' to the youngsters, which, in turn, requires the need for community networks to provide support to the experience. The study also revealed the desire of the families studied to establish relationships that could go beyond national boundaries continuing after the exchange period. After the exchange students returned to their countries, we observed the construction of relationship networks among the exchange students, as well as a network of people (youngsters and families) who shared the same interests, lifestyles and exchange experiences in different parts of the world through this Organization.

Key Words: Cultural Exchange, Youth, Rites of Passage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - AVENTURANDO-SE NO CAMPO: FACILIDADES E LIMITAÇÕES NA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	19
1.1 Apresentação da Instituição	19
1.1.1 <i>AFS: Breve histórico</i>	19
1.1.2 <i>O AFS no Brasil e no Rio Grande do Sul</i>	24
1.2 A Inserção em Campo: conhecendo os atores e estabelecendo relações	28
CAPÍTULO 2 - TECENDO A REDE PARA A EXPERIÊNCIA: A PREPARAÇÃO PARA O INTERCÂMBIO	42
2.1 ‘Os Intercambistas’: estudantes estrangeiros no RS, e a escolha de vir ao Brasil.	43
2.2 Famílias Gaúchas e a escolha de receber um intercambista	55
2.3. Comunicação Virtual entre as famílias gaúchas e os estudantes estrangeiros	60
2.4 Bem-vindo: Primeiro encontro das famílias e dos jovens estrangeiros - a chegada ao aeroporto.	61
CAPÍTULO 3 - A CHEGADA NA ‘EXPERIÊNCIA EM SI’: ETAPA DA LIMINARIDADE	64
3.1 A Orientação Pós-chegada: O Primeiro Encontro do grupo de intercambistas ...	65
3.1.1 <i>A Experiência e a Aprendizagem pela Experiência</i>	70
3.1.2 <i>O Conceito de Cultura a partir do Modelo “Iceberg”</i>	72
3.2 Intercambista, ‘o neófito’, identidade temporária e situacional	76
3.2.1 <i>O intercambista não é turista</i>	78
3.2.2 <i>Intercambista = status especial: Relações com a comunidade e família hospedeira</i>	79
3.2.3 <i>O Intercambista, o Comitê local e a Comunidade Hospedeira</i>	83
3.2.4 <i>Intercambista de verdade aproveita!</i>	84
3.2.5 <i>O Intercambista e a Escola Hospedeira</i>	85
3.2.6 <i>Os intercambistas são adolescentes!: relações entre os voluntários e os estudantes</i>	86
CAPÍTULO 4 - A EXPERIÊNCIA COTIDIANA NA COMUNIDADE LOCAL	90
4.1 Nos primeiros meses ‘desbravando’ o território gaúcho: Seria isso Brasil?	90
4.2. A chegada na comunidade local: a sociabilidade do jovem intercambista	95
4.2.1 <i>As diferentes Comunidades e Sociabilidades: generalidades e particularidades nos contextos das comunidades hospedeiras</i>	107
4.2.2 <i>Grupos de Jovens da Comunidade: Descobrimo a religiosidade</i>	111
4.3 Conhecendo o território nacional: Fazendo turismo no Intercâmbio	113

CAPÍTULO 5 - OS JOVENS E O INÍCIO DA DESPEDIDA	117
5.1 Última Orientação.....	117
5.1.1 <i>Encontrão: Encontro Multicultural</i>	121
5.1.2 <i>Organização de Jovens para Jovens!</i>	129
5.1.3 <i>Os jovens Intercambistas</i>.....	134
CAPÍTULO 6 - EXPERIÊNCIA: O QUE VAI E O QUE FICA	140
6.1 Experiência: ‘experimentos’ dos jovens intercambistas	140
6.1.1 <i>Mas, o que vou fazer quando voltar para casa?</i>.....	149
6.1.2 <i>Então: Experiência= experimentar-se</i>	151
6.2 Hora de partir: a despedida no aeroporto.....	153
6.3 ‘O que vai e o que fica’: relações de afeto além das fronteiras nacionais.....	154
O RETORNO PARA CASA: REFLEXÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
ANEXOS	172

INTRODUÇÃO

O mundo está cada vez mais interligado, econômica e politicamente. As linhas das identidades se apagam ou são traçadas de acordo com novos deslocamentos e interesses (Sahlins, 2001). Nesse contexto, os jovens viajam cada vez mais, levando consigo suas ideias, valores, roupas, idiomas e costumes. Aprendem a língua do novo país e aceitam parte dos hábitos dos nativos, assim como incorporam uma forma nova de estabelecer relações nesse novo cotidiano (Oliven, 2007). Atualmente cada vez mais a circulação internacional de jovens¹ é pesquisada a partir de diversos olhares e aspectos em diferentes áreas de estudo.

Uma forma que viabiliza a circulação internacional de jovens, é a de intercâmbio cultural escolar. Atualmente, muitos estudantes participam destes programas (Hansel, 1993): deixam suas casas e partem em direção a lugares distantes e desconhecidos onde passam a morar com outras famílias, a frequentar escolas locais, a se comunicar em outro idioma que não o seu. Esses jovens relatam frequentemente que, ao participar desse programa, buscam uma *experiência*² diferente, uma aventura. O que é essa ‘experiência’ a que se referem? Afinal, por que a cada dia que passa há mais agências e organizações, oferecendo esse tipo de programa de intercâmbio? Essas perguntas me inquietavam. Passei a me perguntar acerca das motivações que estariam implicadas no desejo dos jovens, assim como no das famílias, de participar de um intercâmbio cultural escolar.

Segundo a Belta - *Brazilian Educational & Language Travel Association*³, há 56 empresas e organizações que oferecem esse tipo de programa⁴. O intercâmbio escolar se destina a estudantes com idade entre 15 e 18 anos e tem duração de seis meses a um ano. Os jovens que participam desse programa vão morar em outro país, com uma família local e frequentam uma escola de Ensino Médio da região.

De acordo com Prado (2004), as agências de intercâmbio podem ser divididas em dois grandes grupos: o primeiro, que a autora denomina “sem fins lucrativos” (p.78), é composto

¹Cito algumas das pesquisas, na área de educação, realizadas por Nogueira (2004) e Prado (2004) sobre viagens de estudo no exterior e intercâmbios culturais escolares. Na área da Antropologia, cabe referir o estudo de Dias (2007) sobre as experiências de trabalho temporário nos Estados Unidos.

² Termo utilizado pelos meus interlocutores da pesquisa, os estudantes estrangeiros.

³ A Belta “reúne as principais instituições brasileiras que trabalham nas áreas de cursos, estágios e intercâmbio no exterior. Fundada em 1º de junho de 1992, a Belta é uma associação reconhecida tanto no Brasil como no exterior. Atualmente suas associadas representam mais de 90% do mercado de educação internacional.” IN: <http://www.belta.org.br/apresentacao.asp>

⁴ No site da Belta, o termo utilizado é “colegial” em vez de escolar, mas, em outras agências, se emprega mais o termo “*high school*” como referência a esses programas. Optei, então, por utilizar escolar em todo este trabalho.

por organizações mais antigas e baseadas no voluntariado. Desse grupo também fazem parte as instituições internacionais que trabalham “no sentido restrito da palavra ‘intercâmbio’, ou seja, o número de estudantes que deixa o Brasil está condicionado ao número de estudantes estrangeiros recebidos no país pela mesma organização” (p. 78). Ela pondera que essas organizações, por mais antigas que sejam, são responsáveis por apenas 11% dos intercâmbios de Belo Horizonte. O segundo grupo, diz a mesma autora, reúne as agências “com fins lucrativos” que são mais recentes e se caracterizam por trabalhar em “‘parceria’ com outras operadoras no exterior, e por fazer do intercâmbio uma atividade comercial” (p. 78). No caso dessas agências, mesmo que possam receber estudantes estrangeiros no Brasil, segundo Prado, não há obrigatoriedade de trocas, de reciprocidade entre as organizações dos países envolvidos.

Inicialmente, meu interesse nesse estudo originou-se do entrecruzamento dessa temática com minha trajetória pessoal. Meu envolvimento com intercâmbio escolar, como intercambista e como voluntária⁵ de um programa de uma agência “sem fins lucrativos”⁶, aliado aos meus estudos em Antropologia Social fizeram-me refletir sobre questões atuais nas experiências dos jovens estrangeiros que vêm ao Brasil como intercambistas.

Minha aproximação desse universo iniciou em 1996 quando me deparei com um cartaz, no grêmio estudantil do colégio onde estudava, o qual divulgava a possibilidade de bolsas de estudo para intercâmbios culturais escolares. Antes disso, eu já ouvira falar sobre o assunto, lido algumas reportagens e visto comerciais em diversos meios de comunicação. Desde então, tenho observado que o mercado de intercâmbios culturais está em constante expansão, pois surgem, a cada ano, mais agências do ramo, oportunizando que muitos jovens viajem em busca dessa ‘experiência’ de vida⁷.

Ao pesquisar sobre intercâmbios, verifiquei que são diversos os contextos e os atores sociais neles envolvidos, tais como as experiências, os projetos de vida e as motivações dos

⁵ Trabalhei como voluntária da Organização AFS Intercultura Brasil durante cerca de nove anos. No decorrer da Apresentação e também no capítulo 1, essa questão será mais amplamente tratada.

⁶ De acordo com as denominações utilizadas por Prado (2004), o AFS Intercultura Brasil seria uma dessas agências sem fins lucrativos.

⁷ Muitos depoimentos dos estudantes que realizaram intercâmbio, encontrados em diversos sites de agências e organizações de intercâmbio, remetem à ideia de esta ser uma experiência única e transformadora. Essa ideia também é reforçada nos materiais de publicidade da área. Cito alguns exemplos: “Intercâmbio é a experiência mais incrível que alguém pode ter”- trecho de depoimento retirado do site do Yazigi Travel, acessado em janeiro 2010 através do site da Belta (*Brazilian Educational & Language Travel Association no site* <<http://www.belta.org.br/parceiro.asp?url=http%3A%2F%2Fwww%2EYazigitravel%2Ecom%2Ebr>>. “*I had the best year of my life*”, “*Changed my life a lot*” - trechos extraídos de depoimentos do vídeo *Connecting People Changing Lifes* do AFS *Intercultural Programs*, disponibilizado no site <http://www.afs.org/afs_or/home>.

jovens intercambistas e das famílias que os recebem. O envolvimento deles na comunidade e nas diferentes redes de que participam passam, também, a ser compartilhados durante esse tempo, e isso auxilia estas pessoas a se aproximarem e aprenderem a conviver cotidianamente ao longo de um ano.

Assim sendo, esta dissertação se concentra nas experiências dos participantes, estudantes estrangeiros e famílias gaúchas que os receberam, do programa de intercâmbio escolar no estado do Rio Grande do Sul, promovido pela Organização AFS –American Field Service– Intercultura Brasil.

Durante o tempo em que trabalhei como voluntária, acompanhei muitas experiências de intercâmbio que *deram certo* e outras que *não deram certo*⁸. Assim sendo, houve algumas em que estudantes e famílias construíram, através do convívio cotidiano, relações de proximidade e de afeto tão intensas que ultrapassaram os laços consanguíneos e nacionais, a ponto de jovens se referirem às pessoas que os haviam hospedado como *o meu pai brasileiro* ou *a minha família de Santa Maria*; da mesma maneira, famílias que receberam estudantes se referiram a eles como *aquele menino era como um filho* ou *esse foi o irmão que eu nunca tive*. Por outro lado, em outras, famílias e estudantes ‘sobreviveram’ e ‘suportaram’ a convivência cotidiana durante um ano, sempre com a expectativa de que as coisas pudessem melhorar com o tempo. Entretanto, na despedida no aeroporto, restava apenas um sentimento de alívio ao final desse período.

São diversas as experiências relacionadas ao intercâmbio. Há famílias gaúchas que repetiram muitas vezes a experiência do intercâmbio; outras, depois da primeira experiência, *não quiseram mais saber* da organização, nem mesmo de receber outro intercambista em suas casas. Porém, até mesmo estas afirmavam que seguiam acreditando no discurso da proposta de intercâmbio da organização e diziam que *intercâmbio é uma experiência especial*. Vários jovens já retornaram mais de uma vez para visitar as famílias e a comunidade que os receberam, assim como há aqueles que mantiveram o contato semanal através da comunicação virtual, mas, até o momento, não voltaram ao Brasil para uma visita. No entanto, aconteceu também de famílias gaúchas relatarem que, após o retorno dos jovens para seus países de origem, os laços e o contato foram totalmente rompidos.

⁸ *Dar certo* e *não dar certo* são expressões utilizadas por meus interlocutores para se referirem às experiências de intercâmbio de jovens e famílias quando obtêm sucesso ou não. O sucesso na experiência costuma ser definido a partir da construção de uma relação de proximidade e afetividade entre família e estudante, também relacionado a maior ou menor “adaptação” à comunidade local, mas isso será aprofundado nos capítulos da dissertação.

Considerando o contexto em que ocorrem as experiências de intercâmbio, surgem algumas questões sobre os significados que seus participantes têm dado a essas vivências. Quem são os atores envolvidos que viabilizam e conformam essa prática? Quais seriam as motivações e as expectativas dos jovens que realizam essa experiência e as das famílias que os recebem? O que querem dizer esses jovens quando afirmam que buscam uma *experiência diferente, conhecer o mundo, conhecer outra cultura*? Como se pode pensar a experiência de intercâmbio como “ritual de passagem”? O que significa ser ‘intercambista’? Quais as relações que se estabelecem entre os participantes dessa experiência?

Optei por realizar o estudo com os jovens estrangeiros que vêm ao estado e as famílias gaúchas que os recebem por compreender que esta seria uma maneira de acompanhar a experiência durante seu andamento, no tempo presente, e não apenas através de memórias dos participantes. Essa opção me daria também a possibilidade de poder observar os vários envolvidos: a comunidade que recebe, a escola, os amigos, a família, os voluntários e a organização. Os ‘protagonistas’ dessa experiência, segundo entendo, são, sem dúvida, os intercambistas, os atores principais do ritual de passagem.

A escolha de pesquisar os intercambistas e as famílias também implicou algumas perdas. Por exemplo: não observei ou acompanhei as famílias estrangeiras que ficaram em seus países, esperando seus filhos retornarem, nem a organização que os enviou, nem a comunidade da qual faziam parte. Diante da complexidade envolvida nos aspectos locais e globais, se tornaria impossível, em nível de mestrado e também com limitações de pesquisa, dar conta de todas as dimensões necessárias para a compreensão do fenômeno. Devido a isso, delimito o universo da pesquisa na experiência que estava sendo vivida, principalmente, pelos jovens intercambistas.

A etnografia foi realizada no período de agosto de 2008 a janeiro de 2010. Dela fizeram parte as observações participantes em atividades da instituição, no cotidiano das famílias e dos estudantes, assim como as entrevistas informais e formais, estas últimas gravadas, com os jovens estrangeiros e as famílias gaúchas. Incluiu-se, também, a comunicação com membros da organização através do uso da internet, uma pesquisa bibliográfica no acervo da instituição e a entrevista com uma jovem estrangeira, a passeio no Brasil, que havia sido irmã hospedeira de um intercambista brasileiro.

O trabalho de campo foi realizado basicamente em cidades do interior do estado nas quais a maioria dos jovens estrangeiros ficou hospedada por lá existirem comitês⁹ da organização. No estado, há quatorze comitês que geralmente se localizam nas cidades que lhes dão o nome, mas, às vezes, abrangem localidades próximas também. Eles são conhecidos como os comitês de: Antônio Prado, Caxias do Sul, Cruz Alta, Frederico Westphalen, Lajeado, Porto Alegre, Região das Hortênsias (Gramado, Canela e cidades próximas), Região dos Vinhedos (Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Garibaldi), Rio Grande, Santa Maria, Santa Rosa, Santo Ângelo, Tapejara e Vale dos Sinos (São Leopoldo, Novo Hamburgo e cidades próximas).

Na matéria publicada no jornal Correio do Povo¹⁰, em fevereiro de 2010, o presidente do comitê de Porto Alegre alegou que no último ano não tinha sido possível receber nenhum estudante estrangeiro na cidade devido à falta de famílias interessadas e comentou: *É normal que nos grandes centros haja maior dificuldade. A alegação é em função da falta de tempo ou de espaço na casa.* Durante o trabalho de campo, essa situação me era apresentada como algo natural, sendo relatado como um problema recorrente em outros países também. Entre os informantes da pesquisa, surgiram comentários como: *AFS não quer que os estudantes estrangeiros fiquem nas capitais.* Esta era a alegação de um estudante estrangeiro que morava numa cidade pequena do estado. Quando comentei com os estrangeiros que os voluntários falavam que o problema era não haver famílias disponíveis para hospedar na capital, geralmente eles me olhavam com cara de espanto. As famílias do interior também diziam estarem surpresas com o fato, afinal *uma cidade do tamanho de Porto Alegre? Deve ser porque a gente do interior é mais amistosa, é mais receptiva.*

O trabalho de campo com famílias e estudantes se deu em diferentes momentos da experiência durante os onze meses de duração do programa. Para acompanhá-la, me desloquei várias vezes até cidades do interior, ficando hospedada na casa das famílias nas quais estavam os intercambistas, na de voluntários ou de ex-voluntários da organização, ou, ainda, na de famílias que já haviam participado do intercâmbio. Quando os jovens vinham a Porto Alegre

⁹ A estrutura da organização será apresentada e descrita no capítulo 1. A organização AFS Intercultura Brasil nomeia como Comitê a estrutura local básica, constituída por voluntários locais que organizam e executam as funções relacionadas ao suporte básico na área de recebimento dos estudantes e de envio ao exterior dos estudantes brasileiros.

¹⁰ Matéria intitulada “Programa recebe aluno estrangeiro”, jornal Correio do Povo, edição 09/02/2010, página 08, Porto Alegre, RS.

por diversos motivos, encontrava com alguns deles, e, em algumas ocasiões, inclusive, os hospedei em minha casa.

As entrevistas com os estudantes estrangeiros aconteceram durante o último mês do intercâmbio. Ao todo foram sete entrevistas, gravadas e transcritas, com dezessete jovens; algumas, em grupo ou dupla, outras, individuais – todas com mais de uma hora de duração. Também foi utilizado o recurso da internet para entrevistar ex-intercambistas que já haviam retornado aos seus países de origem¹¹.

Com as famílias gaúchas que estavam hospedando estudantes e com as que já haviam hospedado uma ou mais vezes, foram feitas um total de dez entrevistas. Na maioria delas, o casal estava presente, tendo apenas duas situações em que somente com a dona da casa conversou comigo. Essas entrevistas foram realizadas com famílias que acompanhei, mas também com outras com quem tive contato apenas nesse momento.

Em março de 2009, realizei trabalho de campo no escritório central da organização, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, fiz uma pesquisa bibliográfica para obter dados sobre a história do AFS no Brasil e no mundo, tendo tido, inclusive, acesso a um acervo de notícias publicadas em meios de comunicação sobre o tema de intercâmbio cultural.

Em Porto Alegre, tive a oportunidade de acompanhar, durante um final de semana, uma atividade de treinamento, promovida pela instituição, para voluntários que trabalham diretamente com os intercambistas estrangeiros e as famílias que os recebem.

A internet, durante a pesquisa, foi um dos meios de comunicação e contato com os estudantes que considero bastante importante. Através dela, pude acompanhar o *blog* de duas estudantes que falavam sobre suas experiências e a interação de alguns estudantes via sites de relacionamento, o que facilitou em muito essa comunicação com os jovens devido ao fato de estarmos em cidades diferentes. Ela também me manteve informada sobre a rede de discussão virtual dos voluntários e me oportunizou a análise de alguns comerciais, de material de marketing e de treinamentos, como também de formulários utilizados pelos participantes da experiência dessa organização.

A relação dos participantes com a organização promotora dos programas de intercâmbio foi observada através de algumas atividades formais, promovidas para eles pela instituição. Ao todo, acompanhei cinco orientações no período entre agosto de 2008 e dezembro de 2009, nas cidades de Porto Alegre, Antonio Prado e Nova Petrópolis. Os estudantes, acompanhados pelos voluntários, divulgaram os Programas de Intercâmbio na

¹¹ Nestes casos foram realizadas entrevistas através da internet, com o uso do programa *skype*.

comunidade local, com a realização de eventos dos quais observei os seguintes: duas palestras em escolas locais, uma palestra em um centro da Prefeitura da cidade, além da ida a um programa de rádio da comunidade local.

Ao constatar que as escolas também se constituíam em parte das experiências vivenciadas pelos intercambistas durante o período de estada no Brasil, fui a algumas, frequentadas por eles, para fazer entrevistas informais com seus colegas de aula, alguns professores e amigos dos jovens. Entrevistei formalmente três professores das escolas participantes do programa, que estivessem ou não recebendo estudantes intercambistas naquele momento.

Compreendendo, então, que a experiência de intercâmbio pode ser vivida pelos jovens estrangeiros como um ritual de passagem e percebendo que esse também era um dos objetivos da proposta da instituição, decidi organizar a presente dissertação, visando a contemplar esse entendimento. Sendo assim, a dissertação foi organizada em seis capítulos cujo conteúdo será descrito a seguir.

O primeiro capítulo se propõe a situar o leitor no campo da pesquisa. Inicialmente, apresento um breve histórico da instituição, desde sua chegada ao Brasil até o momento atual. Acredito que seja importante apresentar o universo institucional no Brasil pelo fato de minha inserção em campo ter se dado através dessa organização que promove os programas de intercâmbio no RS. Posteriormente, aprofundo questões metodológicas e éticas relativas a esta etnografia.

O capítulo 2 inicia, como Van Gennep (1978)¹² propôs, pela etapa da separação. Para tanto, descrevo o contexto do universo de pesquisa, apresento os atores (os jovens estrangeiros e as famílias gaúchas), os ritos de preparação para a viagem, culminando com a separação dos jovens da sua comunidade de origem e sua chegada ao território brasileiro - a chegada ao aeroporto.

Os capítulos 3, 4 e 5 visam a dar conta da ‘experiência em si’, o durante a ‘viagem’ de intercâmbio, etapa da liminaridade nos ritos de passagem. As orientações institucionais são, então, entendidas como marcadores de início e término dessa etapa. No capítulo 3, são abordadas questões institucionais que emergiram durante a primeira orientação da

¹² Van Gennep (1978) propôs que os rituais podem ser identificados a partir de sua constituição básica: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação. O rito de separação, portanto, é a primeira fase. Porém, ao identificar as fases ritualísticas, Van Gennep alerta que o ritual deverá ser analisado em sua completude. Os capítulos seguintes compreendem e obedecem à divisão dessas fases, com o objetivo de examinar com atenção a experiência do intercâmbio.

organização, Orientação Pós-chegada; no capítulo 5, os dados procederam da segunda orientação, Orientação Pré-retorno. O capítulo 4 situa-se entre essas duas orientações e trata da experiência em si desses jovens no cotidiano, na comunidade.

O último capítulo, o capítulo 6, traz a última etapa do ritual, a reagregação, o retorno do jovem a sua comunidade. Inicialmente apresento o entendimento dos estudantes sobre o seu novo 'status', adquirido nessa etapa; relato, a seguir, uma cena da despedida no aeroporto e finalizo com 'O que vai e o que fica', mostrando, através dos dados, essa nova condição do jovem ao término do ritual.

CAPÍTULO 1

AVENTURANDO-SE NO CAMPO: FACILIDADES E LIMITAÇÕES NA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Apresentação da Instituição

A história do AFS é constantemente lembrada em encontros e eventos realizados pela organização, bem como sua imagem é mostrada através de vídeos produzidos por ela mesma, apresentações em *powerpoint* para palestras de divulgação e do discurso de muitos voluntários que se identificam com a missão da entidade, o que justifica seu envolvimento com ela. Em uma atividade, mais precisamente em palestra realizada numa comunidade local para um público de possíveis futuras famílias hospedeiras, um voluntário iniciou sua fala contando a história da instituição:

O AFS era formado por motoristas de ambulância voluntários que trabalharam na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. Com o fim da Segunda, eles decidiram que queriam promover intercâmbios culturais escolares, pois acreditavam que estes poderiam ser uma maneira das diferentes culturas se conhecerem melhor.

1.1.1 AFS: Breve histórico

Quando a Alemanha declarou guerra à França, em 1914, a colônia americana em Paris tornou-se um hospital militar, o Lycée Pasteur, em Newilly, formando-se, ali, um grupo de jovens voluntários, motoristas de ambulância, que foram trabalhar nos campos de batalha. Esse grupo, inicialmente, foi denominado *American Ambulance (Service)*; em 1915, seu nome mudou para *American Ambulance Field Service* e, em 1917, passou a ser chamado *American Field Service*¹³. Nesse momento, o AFS tornou-se parte do serviço militar norte-americano, pois, além de transportar feridos, iniciou o transporte de munições e de outros materiais para as frentes de batalha. A organização recebeu muitas doações de pessoas e instituições particulares, recrutando jovens americanos nos mais diversos lugares, como escolas, faculdades, igrejas, entre outros, que trabalhavam como voluntários. As relações entre a

¹³ American Field Service, segundo minha tradução, seria Serviço de Campo Americano.

França e os Estados Unidos ficaram muito estreitas devido a esse trabalho, desenvolvido em parceria (Broch, 1997).

No período entre as guerras, o AFS se manteve ativo, mas de uma maneira diferente. A organização começou a mandar estudantes americanos para estudar na França, financiando bolsas de estudo para jovens universitários. O programa denominado *American Fellowship in French Universities* teve início com fundos do AFS que haviam restado após a I Guerra Mundial. Essas bolsas seriam uma maneira de “levar o espírito da época de ouro para o futuro” (*carrying the spirit of the good old days into the future*), como escreveu Stephen Galatti¹⁴ em 1992 (Broch, 1997). Sua administração, depois de 1924, foi delegada ao Instituto de Educação Internacional de New York, sendo que, em 1930, o primeiro francês viajou aos Estados Unidos através desse programa.

Em 1939, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. Nesse contexto, o AFS quis, então, retomar seu trabalho com as ambulâncias, porém o clima nos Estados Unidos não era muito favorável a isso, tendo em vista o distanciamento dos americanos do cenário europeu, tanto é que, no primeiro momento, eles demonstraram certa indiferença em relação ao conflito, o que dificultou as doações e o recrutamento de voluntários (Rock, 1956).

No decorrer da II Guerra Mundial, porém, esse cenário foi se modificando, e a organização desenvolveu seu trabalho em muitos lugares, com tropas de diversos países e, também, recrutou voluntários em vários deles¹⁵. Durante a I Guerra, trabalharam 2500 voluntários, na II Guerra, cerca de dois mil.

Após a II Guerra Mundial, o AFS buscava definir o rumo que iria tomar. Em fevereiro de 1946, Stephen Galatti começou uma pesquisa nesse sentido junto aos membros da organização. Após duas guerras, ela tinha um coordenador - o próprio Galatti - com visão e experiência em logística, colocação de homens e materiais que haviam sido transportados para o estrangeiro em todos os tipos de condições, o que evidenciava habilidade em numa rede de comunicação internacional e amigos por todo mundo (Rock, 1956).

Decidiu-se, então, continuar como uma organização permanente, retomando o trabalho com o intercâmbio de bolsas de estudo para países estrangeiros – este foi o primeiro projeto

¹⁴ Stephen Galatti, em 1914, trabalhou como voluntário pelo AFS durante a I Guerra Mundial. Em 1935, ele se tornou diretor geral da organização; na II Guerra Mundial, foi sob sua liderança que ela retornou aos campos de batalha. Após a guerra, ele foi o idealizador da proposta do AFS se tornar uma organização voluntária e promover intercâmbios de jovens. (AFS, 1977)

¹⁵ Tais como: França, Sérvia, Líbano, Egito, Tunísia, Itália, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Índia e Burma. Da mesma forma, recrutou voluntários de países como França, Grã-Bretanha, Grécia, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Polônia, Itália, Índia e Nepal.

pós-guerra. Durante o ano escolar de 1946-1947, foi oferecida a 75 estudantes estrangeiros uma estada nos Estados Unidos durante o período de Natal. Eles ficariam hospedados em casas de família para interagirem com a escola e a comunidade. A intenção era de que esses jovens se sentissem em casa durante o período em que estivessem nos EUA. Então, no primeiro boletim do AFS, foi noticiado o sucesso da atividade. Numa carta, uma estudante norueguesa expressou o seu agradecimento da seguinte maneira:

Eu gostaria de dizer como estou grata. Eu me senti muito tocada pelo AFS e eu apreciei muito a sua assistência em introduzir estudantes estrangeiros em famílias americanas. Porque eu estava tão longe da minha casa, eu aproveitei muito ter sido convidada a um lar. Eu estou muito feliz de ter tido uma oportunidade de aprender o jeito americano de viver e também de falar sobre a Noruega, o meu próprio país (Broch, 1997, p. 36).

Em 1946, quando os jovens combatentes americanos retornaram vitoriosos ao seu país, o que mais mobilizava as pessoas “era a busca por um mundo de paz”. Enquanto a Europa e a Ásia estavam em processo de reconstrução pós-guerra, a América tinha sua própria ideia sobre como trazer a paz para o mundo, compartilhando através do Plano Marshall o sonho de “Prosperidade americana, um produto econômico da II Guerra Mundial” e dando o início da nova missão americana”¹⁶ (Rock, 1956).

Durante o período de 1946 a 1950, o AFS havia concentrado todos os seus esforços em receber estudantes estrangeiros nos Estados Unidos, promovendo uma experiência de “ritos de passagem”¹⁷ para os adolescentes visitantes. Após um ano vivendo no país, eles haviam se tornado “novatos AFS’s”, e já era um número considerável que levaria a cultura AFS para seus países (Rock, 1956). Isso fez, também, com que esses estudantes, ao retornarem a seus países, ajudassem a desenvolver lá o programa de bolsas.

Em 1950, a França, que tinha o maior número de estudantes que haviam retornado dos intercâmbios, formou um comitê e criou o Programa de Verão no qual receberam nove estudantes americanos no país. No ano seguinte, 24 estudantes do programa de *high school* participaram do Programa de Verão em sete países europeus. O período de 1950 a 1955 foi

¹⁶ O AFS estava comprometido com a divulgação de uma nova visão dos americanos. Com sua experiência externa, aprendeu a ver situações de outra forma, percebendo que as diferenças desaparecem dentro de um *melting pot* (caldeirão de misturas). O objetivo era dar aos jovens de diversas nações um real entendimento da América, o que fosse possível durante um ano. A organização queria que eles fossem embaixadores dos seus países enquanto estivessem nos USA, informando os americanos sobre as pessoas, os costumes e as ideias de seus compatriotas. Ao mesmo tempo, era esperado que eles aprendessem sobre a América e pudessem levar esse conhecimento de volta para suas famílias e amigos (Rock, 1956).

¹⁷ No material que conta a história da organização encontrei esta referencia a proposta inicial que os programas de intercâmbio promovessem “ritos de passagem” aos jovens participantes.

muito importante para o AFS que expandiu seus programas para cinco continentes. Em 1957, criou-se o comitê *American Abroad*, que começou a promover a oportunidade de estudantes americanos irem viver com famílias em diversos lugares (AFS, 1997)¹⁸.

A nova proposta do AFS havia avançado e envolvido todo mundo em um empreendimento comum: famílias hospedeiras, escolas hospedeiras, comunidades hospedeiras iriam se tornar participantes junto com os estudantes visitantes. Segundo consta no material da história institucional, a instituição fazia uma relação entre intercâmbio e hospitalidade: “Agora o bom samaritano iria sair do seu caminho através de abrir as portas da sua casa a um estrangeiro/estranho de passagem. A forma hospitaleira do AFS era então governada pelo mito da *hospitality* da idade antiga. Nessa tradição, o visitante estranho é sempre potencialmente um ser celestial disfarçado - um anjo, o profeta Isaias, Jesus - testando seus hospedeiros, mas ao mesmo tempo sustentando um segredo da alma do mundo de cima” (Rock, 1956)¹⁹.

Sendo, no entanto, “uma organização de caridade”, o AFS sempre teve que recorrer a amigos, fundações, corporações e a pessoas em geral para custear as despesas operacionais, ao mesmo tempo em que as famílias e comunidades assumiam os custos pelos estudantes visitantes. Com o passar do tempo, as famílias das mesmas comunidades começaram também ajudar nas despesas operativas. O novo serviço do AFS foi se tornando progressivamente *self-supporting* através das doações financeiras e da contribuição voluntária de diversas maneiras, e, assim, a instituição conseguia se manter. Essa contribuição era de fato muito grande e necessitava do envolvimento de toda a comunidade que se empenhava para dar suporte à experiência de participação²⁰.

¹⁸ Os membros do AFS aprovaram o plano do Galatti e, dessa forma, o AFS passou a administrar o novo programa, que deixou de ser dirigido pelo *Institute for International Education* (especializado em intercâmbio de universidades, que logo seria dominado pelas novas Fullbrights). Inspirados por um programa de intercâmbio que já existia na época - o *English Speaking Union*, realizado entre estudantes praticantes de *rugby* de escolas da Inglaterra e Estados Unidos¹⁸ - começaram a considerar a possibilidade de trabalhar com jovens estudantes da *high school*, apesar de os planos serem continuar com o *college*, e *graduate-school*, como antes da Guerra. Então em 1947-1948 o *American Field Service International Scholarships* trouxe o primeiro grupo de estudantes. Eram 52 estudantes de 10 países diferentes: Tchecoslováquia, Estônia, França, Reino Unido, Grécia, Hungria, Holanda, Nova Zelândia, Noruega e Síria, 28 daqueles jovens estavam em idade escolar (Rock, 1956). No final do ano do intercâmbio, o AFS promoveu uma viagem de ônibus, concentrada na essência do internacionalismo AFS, mas que também trouxe a atenção de um grande público. Em 1949, uma escola secundária no estado da Indiana, que havia ouvido sobre a *bus trip*, perguntou se poderia ter dois estudantes estrangeiros durante o inverno. Devido a este interesse manifestado esta comunidade recebeu dois estudantes estrangeiros, este foi o primeiro experimento na época e foi avaliado muito positivamente. A partir dessa época a quantidade de jovens que desejava viajar estava aumentando e com isso a necessidade de fundos também (Rock, 1956).

¹⁹ Tradução realizada livremente por mim.

²⁰ Dados retirados do site: <http://www.ourstory.info/> acessado em janeiro de 2010.

O ano de 1950 foi considerado chave para a ‘nova missão’ do AFS. A organização, que somente podia financiar um pequeno número de intercâmbios, recebeu dinheiro do *U.S. State Department* para um programa escolar destinado a estudantes alemães. Após uma boa experiência com estudantes secundários estrangeiros em uma escola do estado de Indiana em 1949, consulta ao Departamento de Estado e aprovação da proposta, o AFS trouxe para os Estados Unidos 111 jovens estudantes alemães em idade escolar no programa de 1950-1951. Neste período se decidiu pelo término dos programas com universitários e pela dedicação apenas aos programas escolares. Esta decisão foi apoiada pelo *Institute for International Education*, baseando-se que, para a proposta do AFS, um grupo de pessoas dessa idade seria mais apropriado²¹ (Rock, 1956).

De acordo com o gráfico, entre 1947 e 1997, o AFS já recebeu pelo programa anual nos Estados Unidos mais de 108.000 estudantes de diversos países e enviou mais de 20.000 estudantes para o mesmo programa em diversos lugares. Nesse gráfico, países da América do Sul já haveriam enviado mais de 20.000 estudantes para diversos países e recebido mais de 8.000 jovens estrangeiros (Broch, 1997, p. 45).

Segundo o relatório anual do AFS Intercultural Programas²², em 2002 o total foi de 11.181 participantes, destes 9.907 participaram dos programas destinados a jovens e os demais participaram dos programas destinados a adultos. Neste ano os participantes procediam dos seguintes continentes: 42% Europa; 16% das Américas (excluindo Estados Unidos); 17% dos Estados Unidos e 25% da Ásia e África. Estes participantes ficaram hospedados nos seguintes continentes: 32% na Europa; 28% nos Estados Unidos; 20% nas Américas; 20% na Ásia e África.

Em 2009²³ houve 12.291 participantes dos programas de intercâmbio, e destes 11.139 eram participantes dos programas destinados a jovens, os demais eram dos programas

²¹ O Institute of International Education argumentou que: “*Persons who come to the United States as teenagers or undergraduates may adjust more easily and undergo greater changes in their attitudes as a result of the sojourn than persons who come here as graduate students already well started in a career... There are several reasons why this kind of relationship to age and career might be expected. The younger person is probably less firmly rooted in established habits. He or she is more likely to be pursuing general studies and participating in the social life of the host country --- conditions presumably leading to greater immersion in the host culture --- while the older student is apt to be engrossed by more demanding specialized training. And the older person is more likely to be more firmly anchored at home to family and to professional commitments*” (Rock, 1956).

²² AFS Intercultural Programs, Inc, *Developing responsible global citizens...for a more just and peaceful world*, Annual Report, New York, 2002. Publicação impressa e disponibilizada pela instituição.

²³ AFS Intercultura Programs, Inc, *Broadening Perspectives, Exploring Opportunities*, Annual Report, New York, 2009. Disponibilizado no site: http://ar.afs.org/AFS_AR09_web.pdf, acesso em agosto de 2010.

destinados a adultos. Estes participantes procediam dos seguintes continentes: 48% Europa; 25% da Ásia; 16% Américas; 10% Estados Unidos; 1% África. Estes participantes ficaram hospedados nos seguintes continentes: 34% Europa; 23% Estados Unidos; 21% Américas; 19% Ásia e 3% África.

Segundo o site institucional (AFS, 2010), foram realizados mais de 300.000 programas de intercâmbio anuais até o momento, e há cerca de 12.000 intercâmbios são realizados por ano através desta organização. No Informe Anual do AFS Intercultura Brasil de 2005 consta que a instituição recebeu 275 estudantes estrangeiros no país, os quais procediam dos seguintes continentes: 40 da América (Estados Unidos); 2 da África; 19 da Ásia; 184 da Europa; 30 da Oceania.

1.1.2 O AFS no Brasil e no Rio Grande do Sul

Em fins de 1955, a seção Cultural da Embaixada Norte Americana, localizada no Rio de Janeiro, recebeu as primeiras cartas do AFS Internacional e os primeiros formulários para a seleção de candidatos. No início de 1956, foram enviados ao AFS Internacional formulários de nove candidatos, todos do Rio de Janeiro; sete deles viajaram para os Estados Unidos em agosto daquele ano. Quando retornaram ao Brasil, quatro jovens e os pais de alguns deles deram início ao que se chamaria de “Seção Brasileira do AFS” e teria por objetivo “divulgar programas do AFS e suas finalidades, conseguir famílias para receberem os estudantes americanos e participar da seleção de bolsistas brasileiros” (p.40). Enquanto isso, uma segunda turma de onze estudantes havia viajado, entre eles estavam uma gaúcha, de São Leopoldo, e uma paulista, os demais eram cariocas. (AFS, 1977)

Em 1958, vieram ao Brasil seis estudantes bolsistas americanos pelo *Summer Program*. Posteriormente, com a criação do escritório AFS que funcionava, de início, na casa de uma voluntária, Stephen Galatti visitou o Brasil. Nessa época, já havia comitês em São Leopoldo, São Paulo e Belo Horizonte. O trabalho era realizado por ex-bolsistas, os chamados “*returnees*”²⁴. Em 1961, chegaram os primeiros bolsistas americanos para participar do programa escolar; em 1964, bateram “o recorde do AFS, com o maior grupo de bolsistas enviado por um país: 225 estudantes” (AFS, 1977, p. 41).

²⁴ Este termo permanece até os dias de hoje para se referir aos estudantes que retornaram dos seus intercâmbios para os seus países de origem.

Em 1960, a organização do Brasil ganhou o primeiro escritório próprio, e a voluntária que o coordenava foi nomeada como AFS *secretary*, passando a trabalhar em horário integral. Os primeiros cargos administrativos foram ocupados por ex-participantes que estavam trabalhando como voluntários, a organização, nesse período, não existia legalmente, e eles estavam empenhados em resolver essa situação. Então, em 1966, foi oficializada a criação da instituição publicada no Diário Oficial²⁵.

Em 1977, em publicação do AFS do Brasil, constava a seguinte definição: “AFS do Brasil: bolsas de estudo internacionais” e apresentava o AFS *internacional council* como:

O AFS Internacional *Council* é um conselho de personalidades de todo o mundo-estadistas, educadores, artistas, etc, que endossam os princípios dos programas do AFS *Internacional Scholarships* e que atuam como consultores especiais junto ao Presidente do *American Field Service*. Este conselho foi formado para servir como instrumento de divulgação e garantia das atividades do AFS no mundo inteiro. Ao participarem deste Conselho, estes homens e mulheres demonstram seu interesse na situação das relações internacionais e sua disposição em apoiar uma organização que trabalha ativamente para reduzir as tensões mundiais (AFS, 1977, p. 8).

Faziam parte desse conselho diversas personalidades conhecidas entre políticos, jornalista, atrizes, músicos, o Presidente da Áustria, o Ministro da Justiça da Malásia, executivos da ONU e a antropóloga Margaret Mead. Na época, 54 países participavam do AFS²⁶

Nesse período, também foi frisada a importância da colaboração de empresas, fundações, governos e indivíduos para que o AFS pudesse dar continuidade ao seu programa de bolsas, havendo muitas multinacionais e empresas nacionais conhecidas que contribuíam, como: American Airlines, The Bank of Boston, Coca Cola, Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul SA, Japan Air Lines Company Inc., Philip Morris Internacional, Sadia Agrícola SA,

²⁵ Após a criação foi realizada a primeira convenção nacional, onde se elegeu a sua diretoria e se realizaram discussões pertinentes à manutenção e expansão do programa. Entre 1956 e 1977 foram 3.233 brasileiros enviados ao exterior e 2.281 estrangeiros recebidos no Brasil. O estado do Rio Grande do Sul neste período havia enviado 366 jovens e recebido 198 estudantes estrangeiros e era o terceiro estado com maior número de participantes, apenas perdendo para São Paulo, que havia enviado 1069 jovens brasileiros e recebido 809 estudantes e para o Rio de Janeiro, que havia enviado 457 jovens e recebido 284 participantes estrangeiros.

²⁶ Afeganistão, África do Sul, Alemanha, Andorra, Arábia Saudita, Argélia, Argentina, Austrália, Áustria, Barbados, Bélgica, Belize, Bolívia, Brasil, Camboja, Canadá, Chile, China, Chipre, Colômbia, Costa Rica, Dinamarca, El Salvador, Equador, Espanha, Etiópia, Filipinas, Finlândia, França, Gana, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Holanda, Honduras, Hungria, Índia, Indonésia, Iran, Iraque, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Iugoslávia, Japão, Jordânia, Laos, Líbano, Luxemburgo, Malásia, Marrocos, México, Micronésia, Mônaco, Nicarágua, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Paquistão, Paraguai, Peru, Polónia, Portugal, Quênia, República Árabe Unida, República Dominicana, República Malgaxe, Rodésia, Singapura, Síria, Sri Lanka, Suazilândia, Suécia, Suíça, Tailândia, Tchecoslováquia, Tunísia, Turquia, Uganda, União Soviética, Uruguai, Venezuela e Vietnam.

Unibanco, Transbrasil SA, Varig SA, entre muitas outras, perfazendo um total de 146 organizações (AFS, 1977).

O AFS do Brasil atualmente é conhecido como AFS Intercultura Brasil; mantém sua sede no Rio Janeiro, sendo seu escritório, conhecido como SE-secretaria executiva, responsável pelas questões mais administrativas, e possui aproximadamente 1200 voluntários, distribuídos em cerca 91 comitês no país. A organização está presente em dezesseis estados agrupados em regiões²⁷, podendo um único estado constituir uma só região ou mesmo ser subdividido. Cada região contém uma estrutura própria composta por voluntários que desempenham funções de: diretor regional, diretor administrativo, equipe de recebimento, equipe de envio, orientadores, entre outras. Cada cidade conta com um comitê - que é a unidade mínima de organização de voluntários, tendo presidente e cargos relacionados à área de envio e recebimento de estudantes. Cada comitê é responsável por atividades relacionadas a sua cidade, tais como execução e gestão dos programas de intercâmbio no cotidiano. A estrutura regional existe como uma forma de dar suporte aos comitês da região e de realizar atividades, como orientação e treinamentos de aprendizagem intercultural.

No site do AFS no Brasil²⁸ consta a missão da organização:

O AFS é uma organização internacional, voluntária, não governamental e sem fins lucrativos, que oferece oportunidades de aprendizagem intercultural para contribuir com as pessoas no desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e do entendimento necessários para criar um mundo com mais justiça e paz.

Atualmente, está sendo disponibilizado um número muito menor de bolsas de intercâmbio, destinadas a estudantes de escolas públicas, embora se saiba que esse número varia de ano a ano. No ano de 2009, o AFS Intercultura Brasil²⁹ ofereceu quatro bolsas de

²⁷ Os estados são: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Amazonas e no Distrito Federal.

²⁸ Disponível em: <<http://www.afs.org.br>>. Acesso em: março de 2010.

²⁹ Os valores da organização, veiculados no seu *site*, seriam associados à busca de uma formação plena do cidadão, ao trato de questões educacionais que iriam além aos conteúdos trabalhados em sala de aula, pela aprendizagem que se daria através da experiência intercultural. E ainda coloca que o fato de a organização ter sua base no voluntariado agregaria mais valor ao trabalho desenvolvido, pois estas pessoas estariam engajadas na proposta da organização. E ainda acrescentava: “Nossa missão não se restringe pura e simplesmente a oferecer um programa de línguas num país estrangeiro, mas sim, preparar um jovem para ser responsável e maduro para o resto de sua vida”. Disponível em: <<http://www.afs.org.br>>. Acesso em: jan. 2010. Nesse site, ainda há as seguintes referências aos valores da organização: O AFS possibilita que as pessoas ajam de forma responsável, como cidadãos globais, trabalhando pela paz e pelo entendimento, em um mundo composto de diversidade. O AFS compreende que a paz é um conceito dinâmico, ameaçado pela injustiça, desigualdade e intolerância; O AFS busca assegurar a fé na dignidade e no valor de cada ser humano, para todas as nações e culturas. O AFS

estudo, na modalidade de bolsas parciais, para a França, tendo realizado para isso uma seleção em âmbito nacional a qual foi coordenada localmente pelos comitês que desejavam participar do processo seletivo, ocorrido entre julho e setembro. Dentre os quatro selecionados, estavam dois estudantes gaúchos - um de Caxias do Sul e o outro de Cruz Alta.

O escritório central com sede no Rio de Janeiro, conta com cerca de 30 funcionários³⁰. De forma geral, eles são responsáveis por questões burocráticas e operativas dos programas, tais como: questões relativas a compra de passagem, vistos, organização das campanhas de divulgação dos materiais de propaganda, etc.

Este estudo privilegiará o universo da região ESU – Extremo Sul – em que se encontra o estado do Rio Grande do Sul. Essa região é formada por quatorze comitês, conhecidos pelo nome da cidade ou região onde atuam: Antônio Prado, Caxias do Sul, Cruz Alta, Frederico Westphalen, Lajeado, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Maria, Santa Rosa, Santo Ângelo, Tapejara, Região das Hortênsias, Região dos Vinhedos e Vale dos Sinos. O Comitê Região das Hortênsias compreende a cidade de Gramado, Canela e outras próximas; o da Região dos Vinhedos abrange as cidades de Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Garibaldi. Alguns comitês abrangem, também, cidades próximas às que lhes dão o nome. A ESU é a segunda região em número de comitês, apenas São Paulo, com dezesseis, a supera.

Na região ESU, são realizadas duas orientações regionais destinadas aos jovens estrangeiros: a primeira um mês após a chegada dos estudantes e outra até um mês antes da sua partida. São, também, desenvolvidos eventos com as famílias, normalmente em nível local, e atividades de orientação, divulgação ou confraternização com diversos tipos de participantes.

As famílias hospedeiras³¹ possuem padrões variados, e diversos tipos de arranjos familiares, tais como: casais com ou sem filhos, pais casados ou separados, jovens ou idosos, e com um número de membros não determinado. Há casos em que os jovens necessitam ficar com famílias temporárias até que seja confirmada a definitiva. As mudanças eventuais de família, durante o programa, ocorrem por diferentes motivos e estes são avaliados pelos

encoraja respeito pelos direitos humanos e suas liberdades fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua, religião ou status social; As atividades do AFS são baseadas em nossos valores essenciais de dignidade, respeito pelas diferenças, harmonia, sensibilidade e tolerância.

³⁰ Há um superintendente, diretores de programas, um diretor do setor financeiro, funcionários responsáveis pelo acompanhamento e monitoramento da experiência dos estudantes estrangeiros e dos brasileiros que estão fora, assim como funcionários responsáveis pela área de desenvolvimento de voluntários, etc.

³¹ *Famílias Hospedeiras* – é o termo utilizado pelos informantes e também presente nos materiais de divulgação. Diz respeito às famílias do país anfitrião que recebem os estudantes estrangeiros. Optei por utilizar este termo nativo no decorrer da dissertação para me referir a estas famílias, e também a comunidade e escola *hospedeira*.

participantes envolvidos: os pais hospedeiros, os estudantes intercambistas e os voluntários responsáveis.

A escola pode ser pública ou particular. Normalmente, essa definição se dá de acordo com a preferência da família hospedeira, ou tendo em vista a proximidade da residência. A escola é considerada uma parceira da organização por disponibilizar uma bolsa de estudo ao intercambista. Cabe ao estudante, então, cumprir as exigências acadêmicas e documentais para a matrícula, bem como legalizar a documentação comprobatória de seu aproveitamento escolar no país hospedeiro, em cumprimento às normas do sistema escolar. Uma dessas exigências do Programa Escolar é a frequência às aulas. O não cumprimento desse item pode ocasionar o retorno antecipado do intercambista. Além desta, há outras regras, como: não pegar carona, não consumir drogas e não engravidar.

1.2 A Inserção em Campo: conhecendo os atores e estabelecendo relações...

Minha inserção em campo se deu através do AFS que me oportunizou o contato com os participantes do programa de intercâmbio. Cabe mencionar, logo de início, que a antiga relação de proximidade com a instituição trouxe para mim algumas implicações, uma vez que acredito ser necessário compartilhar facilidades, limitações e constrangimentos durante a pesquisa. Como eu já trabalhara voluntariamente nessa instituição, tendo sido, portanto, participante dela, fica evidente que, durante esse período, estabeleci relações com alguns de seus membros voluntários. Por isso, tive acesso a muitas informações sobre seu funcionamento e participei de uma história comum com voluntários dessa mesma época. Essas relações, constituídas anteriormente, facilitaram minha entrada em campo quando apresentei a proposta de pesquisa em um encontro oficial com vários membros presentes. Escutei a seguinte fala: *É mais fácil que seja você, Denise, fazendo a pesquisa aqui na organização, pois em ti a gente confia e já conhece. Acho que se fosse uma pessoa estranha seria mais difícil, e talvez as pessoas não aceitassem.*

Mas o que à primeira vista parecia algo favorável, aos poucos se foi revelando uma armadilha, uma vez que tanto facilidades quanto dificuldades fazem parte dessa pesquisa. Em parte, o pesquisador define seu papel em campo, mas, por outro lado, esse papel também é definido pela situação, pelo contexto e pelas perspectivas dos nativos (Cicourel, 1999). Na

observação participante, o observador está em uma relação *face a face*³² com os observados, participando da vida, do cotidiano deles e, dessa forma, realizando sua coleta de dados no seu cenário. Assim, o observador participa do cenário que está observando, “modificando e sendo modificado pelo contexto”.

Aquela familiaridade inicial com as pessoas gerou, de fato, algumas facilidades, como a ‘pronta aceitação’ da proposta da pesquisa no período em que ela nem se encontrava muito delineada, eu apenas havia demarcado seu universo e feito meus primeiros questionamentos. Porém, paralelamente a essa aceitação, foram surgindo dificuldades, dentre as quais a primeira foi estabelecer um novo e diferente relacionamento com os voluntários que evidenciasse minha posição como pesquisadora, pois, devido à minha trajetória anterior na organização, muitas vezes me foi cobrado um comprometimento com atividades, como na época em que eu era voluntária. Em outros momentos, fui questionada acerca do quê mesmo eu estaria pesquisando, de como seria a metodologia e de que forma eu poderia vir a contribuir para a organização. Essas questões foram suscitadas pelos voluntários que, na sua grande maioria³³, são jovens com nível universitário, alguns já graduados, outros ainda cursando a faculdade. Como eles convivem em ambiente acadêmico e também realizam suas pesquisas em diversas áreas, ficam, portanto, curiosos sobre esse processo. Algumas dessas questões trazidas por eles eram: *Afinal o que exatamente tu estás estudando? Tu vais nos analisar também? Esse estudo é na área de antropologia ou psicologia?*

Assim, como pesquisadora-observadora, portanto parte do contexto que estava sendo observado, eu estava modificando e sendo modificada por ele, por isso minha nova relação com os voluntários, interlocutores, foi sendo construída gradualmente nessa interação entre observador e observado e fez parte da trajetória desse estudo.

Em pelo processo de formação como etnógrafa, algumas das dúvidas e dos anseios sobre a metodologia da pesquisa, apontados pelos voluntários, também auxiliaram, inicialmente, sua construção. Estudos em Antropologia foram aos poucos agregando

³² Citação retirada de Morris S. Schwartz e Charlotte G Schwartz, in “Problemas in participant observation”, American journal of sociology, LX (janeiro de 1955, p. 355), citado por Cicourel (1999, p. 99).

³³ Alguns voluntários estavam iniciando suas carreiras profissionais, ou já trabalhavam. A idade dos jovens voluntários variava entre 18 e 35 anos, mas havia também os mais velhos, acima de 50 anos, casados, normalmente com curso superior completo, alguns até mesmo aposentados. Normalmente os voluntários eram pessoas que trabalhavam e/ou estudavam, possuíam família e disponibilizavam seu tempo livre, geralmente à noite durante a semana e os finais de semana, para realizarem as atividades da organização. Nos comitês, o número de voluntários era variável: havia comitês constituídos por até dez pessoas, outros por apenas uma. Existiam voluntários mais presentes e outros menos nas atividades da organização, havendo uma rotatividade na presença das atividades e também no comprometimento.

entendimentos teóricos que se incorporaram às experiências em campo, mas o mais importante, nesse processo de aprendizagem, era treinar o olhar e o ouvir numa perspectiva antropológica. O entendimento da experiência etnográfica se dava paralelamente à inserção em campo e ao aprendizado acadêmico, que tinha a etnografia como instrumento principal, desempenhando um papel metodológico central por estar na “base da identidade disciplinar da antropologia social e cultural, tal como a entendemos em sua versão moderna” (Gonçalves, 2002, p. 9). De maneira mais clássica, a etnografia tem sido associada ao trabalho de campo, um trabalho no qual, ainda hoje, os antropólogos têm fé, dispensando-lhe “longas horas, aparentemente jogando tempo fora, na observação de cidadãos comuns em suas rotinas mais banais” (Fonseca, 2004, p. 7).

Cabe ressaltar que o antropólogo está diante da limitação de produzir ciência a partir da sua intersubjetividade, inclusive a partir de sua memória, mas a etnografia não pode ser concebida como “a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos” (Clifford, 2002, p. 43).

Após algumas conversas e negociações, foi que se definiu meu universo de pesquisa: os estudantes intercambistas e as famílias gaúchas que os recebiam. Aos poucos, esclareci que os voluntários estariam presentes no estudo, porém não seriam os protagonistas. Após esse esclarecimento, ficou evidente que certa tensão que havia entre a pesquisadora e os voluntários foi aos poucos se dissipando; as pessoas foram aceitando minha presença como pesquisadora-observadora. Então, a organização abriu suas portas e me possibilitou os primeiros contatos com os estudantes e com as famílias. Daí por diante, cabia-me dar seguimento à pesquisa.

Inicialmente o trabalho de campo se deu através do contato com os voluntários do estado em uma atividade formal da organização, a convenção regional, realizada em março de 2008, na cidade de Porto Alegre, quando pude fazer a apresentação da proposta de pesquisa para eles. Com os intercambistas, meu primeiro contato foi no aeroporto, com aqueles que chegaram ao estado em agosto de 2008. Entretanto, foi na Orientação Pós-chegada, atividade promovida pela organização no mês de setembro de 2008, em um hotel de Porto Alegre, que conheci todo o grupo que havia vindo participar do programa naquela época do ano³⁴. Era um

³⁴ Acompanhei a experiência de jovens estrangeiros que chegaram ao estado em três diferentes datas e de algumas famílias hospedeiras. No mês de agosto de 2008 foram 25 jovens. Outro grupo chegou em fevereiro de 2009 com 6 estudantes procedentes da Nova Zelândia, Tailândia, Alemanha e Estados Unidos. E em agosto de

grupo de 25 jovens procedentes dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Hong Kong, Filipinas, Noruega, Dinamarca, Bélgica, Itália, Turquia e China. Destes, apenas dois ficaram na capital do estado; os demais foram para cidades do interior.

Embora os estudantes estrangeiros me fossem estranhos, o grupo de voluntários que ia trabalhar com eles me era familiar, talvez, por isso, minha trajetória na instituição e minhas memórias estiveram dialogando com o campo ao longo de toda a realização da pesquisa. Durante o período em que fui voluntária, trabalhei principalmente na área de aconselhamento, ou seja, área responsável pelo suporte e monitoramento das experiências dos jovens no sentido de perceber se eles estavam ou não tendo uma boa³⁵ experiência. Além disso, auxiliava, em algumas situações, na mediação da comunicação entre as famílias hospedeiras³⁶ e os estudantes estrangeiros no RS. Durante a pesquisa etnográfica, algumas vezes, me foi solicitado pelos voluntários que eu prestasse um assessoramento nos conflitos entre jovens estrangeiros e famílias hospedeiras. Essa solicitação se deu, em alguns momentos devido a minha trajetória na instituição; em outros, por causa da minha graduação em psicologia. Cada situação foi avaliada e, em algumas delas, entendi que não cabia meu envolvimento, mas, em outras, acabei realizando observações que auxiliaram os voluntários nessa mediação.

As orientações da organização oferecidas aos jovens estrangeiros foram as únicas oportunidades de poder conviver com todo o grupo de intercambistas do estado. Nesses encontros, realizei observações participantes acerca da interação dos estudantes entre eles e com os voluntários, assim como do conteúdo e dos temas abordados e trabalhados pela Instituição nesses momentos. Elas aconteciam durante o final de semana, normalmente iniciando no sábado, à tarde, e terminando domingo, no início da tarde.

Acompanhei essas orientações em diferentes localidades: três delas ocorreram em Porto Alegre, duas em hotéis e uma numa pousada na zona sul da cidade; as outras duas foram realizadas em Antônio Prado e em Nova Petrópolis. A orientação realizada em Nova Petrópolis aconteceu em um evento da organização do Rio Grande do Sul, denominado

2009 chegaram 25 estudantes provenientes da Itália, Nova Zelândia, África do Sul, Alemanha, Turquia, Suíça, Áustria, Dinamarca, Noruega, Finlândia, Estados Unidos e Hong Kong.

³⁵ Neste sentido, me refiro a uma *boa experiência* que é esperada nos manuais do AFS que seria uma boa relação entre o estudante e a família, escola, e comunidade hospedeira em geral, além do comprometimento do jovem com as atividades e regras institucionais para a participação no programa.

³⁶ *Família hospedeira, irmão hospedeiro, mãe hospedeira, pai hospedeiro, escola hospedeira*, enfim o termo *hospedeiro* é utilizado pela organização para se referir a pessoas e instituições que recebem o estudante intercambista no país anfitrião.

Encontrão³⁷. Todas essas orientações oferecidas aos estudantes estrangeiros foram coordenadas por duas voluntárias, às vezes outros voluntários auxiliavam em algumas atividades. Eu também auxiliei as coordenadoras quando fui solicitada para tal.

Durante as orientações percebi que os voluntários não ficavam à vontade para tratar de alguns temas com os jovens. Ao falarem de tópicos como “cultura”, “interação entre culturas”, “comunicação entre culturas”, “resolução de conflitos interculturais”, “questões pessoais *versus* questões culturais”, geralmente havia um olhar deles me indagando se o que falavam era adequado ou não. Entendi que, devido ao fato de eles serem pessoas de diversas áreas de conhecimento e seguirem os manuais disponibilizados pela instituição para a condução das orientações, muitas vezes, tinham dúvidas e acreditavam que eu, por estar realizando meus estudos na área de antropologia, deveria saber as respostas. Escutei algumas perguntas e comentários como: *Denise, tu achas que isso é cultural ou individual?; Fico com vergonha de falar em cultura na tua frente, afinal tu és quem devia estar falando, pois tu que estudas isso...; Será que tá certo isso aqui? Afinal isso pode ser cultural...*

A partir dessas indagações, pude perceber que eles estavam desconfortáveis com minha presença, observando e realizando anotações. Então, no decorrer das orientações, fui esclarecendo que não estava ali para ‘dizer o que estava certo ou errado’, mas sim para poder observar como os jovens estrangeiros estavam entendendo a experiência, quais eram os temas que traziam e como eles, voluntários, estavam trabalhando as questões emergentes referidas pelos jovens, como as relacionadas ao idioma, às práticas cotidianas, entre outras. A partir disso, entendi o que Citro (2009), em seu trabalho intitulado “*Cuerpos Significantes: travesias de uma etnografia dialética*”, aborda sobre questões metodológicas na antropologia: a observação participante possui dimensões conflitivas porque a participação necessita de uma aproximação, enquanto que a observação requer um distanciamento, e, em alguma medida, ambas se sobrepõem. A autora também pontua que se deve participar da dinâmica dos contextos sociais estudados, enfatizando que:

³⁷ O *Encontrão* foi um evento que reuniu diferentes públicos, como jovens candidatos, estudantes que haviam retornado, voluntários, intercambistas estrangeiros. Várias atividades foram oferecidas pela organização, entre elas as orientações para os jovens brasileiros que iriam viajar, para aqueles que já haviam retornado e para os jovens estrangeiros também. Havia um vídeo, produzido por um voluntário, que pode ser acessado no site do youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=5GzNTxMw8FE>. Esse era o 16º *Encontrão* da Região Extremo Sul que foi realizado em Nova Petrópolis, nos dias 30 e 31 de maio. Além das atividades destinadas a grupos específicos de jovens, havia também as de integração de todos os jovens, como uma feira com diversas atividades, e foi realizada uma festa à fantasia na noite de sábado.

geralmente requerem que se desempenhem, ainda que transitoriamente, outros papéis, atitudes e práticas diferentes das de um mero observador externo ao fenômeno. Por outro lado, também se deve seguir observando, entendendo esta atividade como uma reflexão, um esforço por objetivar aquela dinâmica social em que se está temporariamente incluído (Citro, 2009, p. 85)³⁸.

Considerando a citação acima, reflito que os papéis exercidos por mim durante as orientações iam além da observação, afinal eu auxiliava os coordenadores em algumas atividades, dessa forma também participando, ora de modo mais distante, ora mais próximo. Nesse sentido, o vínculo que já havia sido estabelecido anteriormente com a instituição, contribuiu para aproximação com os voluntários e integração na atividade. Aos poucos, durante esses encontros, minha presença foi sendo aceita pelos jovens estrangeiros e pelos voluntários de maneira menos incômoda e mais integrada. Poderia descrever que a postura inicial de observador distante, que evita interação com o grupo, deu espaço à observação participante com participação observante. Essa postura desfez ansiedades, inicialmente manifestadas pelos intercambistas e voluntários, a cerca do que eu estaria realmente observando e analisando. Os voluntários planejavam e coordenavam as atividades, porém, quando julgavam necessário, solicitavam meu auxílio³⁹.

Na primeira orientação realizada com os jovens estrangeiros, apresentei a proposta da pesquisa e perguntei se poderia visitá-los nas famílias com quem estariam morando. A resposta foi positiva. Eles demonstraram interesse e curiosidade em relação ao estudo e também indagavam sobre a minha trajetória, com comentários e perguntas como: *Ah! Que legal a tua pesquisa! E tu já fez intercâmbio? Para onde?* Essas questões evocavam minhas memórias em relação ao período em que realizei intercâmbio⁴⁰ as quais partilhei com eles em alguns momentos.

Geralmente os jovens perguntavam como havia sido a família com a qual eu havia ficado, se tinha gostado do país, se tinha sido muito difícil aprender o idioma, entre outras

³⁸ “*Por un lado, se debe participar en la dinámica de los contextos sociales estudiados, lo cual generalmente requiere que se desempeñen, aunque sea transitoriamente, otros roles, actitudes y prácticas diferentes a las de un mero observador externo al fenómeno. Por outro, también se debe seguir observando, entendiendo esta actividad como una reflexión, un esfuerzo por objetivar aquella dinámica social en La que temporariamente se está incluído*”(Citro, 2009, p. 85)

³⁹ Cabe compartilhar que, em alguns momentos, me foram solicitadas pela organização intervenções como psicóloga, assim como confidenciais questões pessoais de grande intimidade por interlocutores que me buscaram como tal. Alguns dados, revelados nessas circunstâncias, foram suprimidos do estudo para se manter o respeito a essas pessoas e ao sigilo dessas informações, o que, de forma alguma, acredito, tenha comprometido a pesquisa.

⁴⁰ Participei do programa de Intercâmbio cultural escolar pela organização AFS Intercultural Brasil no ano de 1997 e permaneci por onze meses morando na Holanda.

questões. Ao quererem saber sobre minha relação com a organização e trajetória como voluntária, houve momentos em que eles também se interessaram sobre as experiências de outros intercambistas, se tinham tido problemas como os deles, se haviam gostado, se eu conhecia a intercambista ‘fulana’ que tinha ficado na cidade deles e sobre a qual muitas pessoas comentavam.

Na interação com os jovens estrangeiros e com algumas famílias, muitas vezes as perguntas que eu fazia me eram devolvidas. A autora Citro (2009) refere que isso também ocorreu na sua etnografia e relata a estratégia reflexiva de uma informante e de outros interlocutores da pesquisa que se ocupavam das semelhanças, não somente das diferentes entre a pesquisadora e os informantes. Ela afirma que só se poderia falar em diálogo no momento em que “as perguntas vão e vêm, de ambos os lados: seria ilusório pretender praticar uma ‘etnografia dialógica’ quando a forma discursiva predominante é a da entrevista, por mais que elas sejam abertas ou não estruturadas” (p. 94). Posso dizer que essa dinâmica também esteve presente durante meu trabalho de campo, como explicitado no parágrafo anterior.

Então, a relação que foi se construindo entre os informantes e a pesquisadora pode ser entendida como uma relação que buscava um diálogo. Estando as dimensões pessoais implicadas no trabalho de campo, isso inevitavelmente gera diferentes posicionamentos intersubjetivos e “em vez de se tentar ocultar essas dimensões em nosso discurso, ou de somente reservar para as nossas reflexões pessoais no momento da escrita, do que se trata é de explorá-la e aprofundar estrategicamente no mesmo trabalho de campo” (Citro, 2009, p.95). A autora destaca a grande riqueza que se alcança quando ocorre esse tipo de diálogo. Afinal, é ele que permite “ampliar o conhecimento mútuo refletindo tanto sobre nossas diferenças como sobre nossas semelhanças” (p. 94). Ela também comenta, a partir da sua etnografia, que “em várias ocasiões foram justamente as perguntas dos outros as que me levaram a desexotizar algumas temáticas de investigação e a tentar procurar pontos em comum com nossas experiências culturais” (Citro, 2009, p. 94).

O processo de estar significando e ressignificando muitas das lembranças pessoais dos meus diferentes envolvimento com o intercâmbio fez com que minhas concepções da pesquisa fossem estimuladas, principalmente pelas colocações provocativas dos informantes. Esse processo foi desafiador e, ao mesmo tempo, me possibilitou um melhor entendimento sobre o objeto da pesquisa. Percebi, também, principalmente por parte de alguns estudantes intercambistas, uma legitimação do meu interesse por esse estudo devido ao fato de já ter sido uma ‘intercambista’. Seguindo essa perspectiva, algumas vezes escutei falas como: *Ah, como*

tu já fez intercâmbio... então tu entende... E isso aproximou pesquisadora e estudantes, dando possibilidades para um diálogo mais amplo.

Em relação às famílias, essa questão não emergiu da mesma maneira, pois não me foi solicitado que compartilhasse experiências anteriores. Porém, quando fui indagada sobre minha trajetória, geralmente o que despertava interesse eram as experiências do período em que fui voluntária. Algumas famílias hospedeiras perguntavam: *Tu conhecestes algum intercambista como este?; Acho que não deu certo devido ao fato de não ter muita estrutura no comitê da nossa cidade. Tu não achas?; Como tu achas que é a estrutura dos outros comitês?* Ou seja, as perguntas se relacionavam mais à experiência que eles estavam tendo, ou haviam tido, com o intercambista e com a instituição.

A etnografia pode significar muitas coisas, mas, minimamente, se poderia pensar que *“sempre significa um esforço entender outra vida no mundo, usando-se (da melhor maneira possível) a si próprio, como um instrumento de conhecimento”* (Ortner, 1995, p. 173). Posso, então, concluir que minhas memórias encontravam-se presente constantemente, em campo, ora dialogando com os dados, ora me remetendo a outros caminhos não percebidos *a priori*. Acredito que essa dinâmica tenha contribuído para a pesquisa, uma vez que busquei, no exercício etnográfico, problematizá-la.

Afinal, para se estabelecer uma relação entre pesquisador e informantes, uma comunicação, é necessário partilhar de um contexto de semelhança, não somente ressaltar as diferenças. A retomada da importância da semelhança no discurso antropológico foi realizada pelo antropólogo Cabral (2003). Ele parte da ideia de que, para haver comunicação, uma condição é indispensável: *“que o emissor e o receptor, por um lado aceitem que são semelhantes e, por outro, partilhem de um contexto de semelhança”*.

Estabelecer um espaço no qual as semelhanças possam ser pontuadas abre uma possibilidade para se conseguir perceber e reconhecer as diferenças. As aproximações do antropólogo com o campo pode ser algo facilitador ou dificultador do processo. A partir disso, entendo que a minha aproximação do campo é possível de ser trabalhada como algo que veio a facilitar essa comunicação, possibilitando mais contextos de semelhanças e, dessa forma, me auxiliando no processo de *“tradução”*⁴¹ do que foi trazido pelos informantes.

⁴¹ Utilizo o termo ‘tradução’ a partir da leitura de Jordan (2008), que versa sobre os atos de compreensão. Tradução cultural, segundo a autora, é parte de um processo holístico de construção provisória de sentido, baseado no envolvimento na tradução do eu ao outro e do outro ao eu.

Na minha relação com os estudantes estrangeiros, percebi que esse contexto de semelhança abriu a possibilidade de uma maior aproximação. Acredito que o fato de me encontrar numa faixa etária intermediária entre a dos jovens intercambistas e a das famílias hospedeiras também pode ter sido uma questão facilitadora da minha circulação entre essas duas gerações.

Meu contato com os jovens e com as famílias, se deu após a Orientação Pós-chegada. Procurei, através de e-mail ou telefone, aqueles estudantes que haviam demonstrado maior interesse de participar da pesquisa, perguntando se eu poderia ir vê-los para conversarmos sobre sua experiência de intercâmbio.

Conversando com as famílias que estavam recebendo estudantes, tive a possibilidade de saber se estes teriam disponibilidade para participar da pesquisa. A aceitação inicial foi imediata, eu percebi, então, que havia um grande interesse por parte delas em dialogar com alguém que estava disposto a escutá-las. Ouvi muitas reclamações em relação à ausência da Organização e à falta de suporte que tinham durante o tempo do intercâmbio, assim como relatos das experiências boas e ruins com intercambistas. Nesse sentido, minha presença, como ouvinte dessas alegrias e frustrações, pareceu preencher um espaço vazio. Entendi, dessa forma, que havia um anseio por essa escuta.

Houve famílias cuja experiência acompanhei indo a suas casas em quatro oportunidades durante o período do intercâmbio; outras, encontrei apenas uma vez, realizando, nessas ocasiões, entrevistas formais, gravadas, e informais, não gravadas. A aproximação com as famílias que já haviam hospedado se deu através da organização que me proporcionou o contato inicial para que eu pudesse indagar sobre a disponibilidade de participação na pesquisa. Em geral, o primeiro contato era realizado por telefone e, sendo autorizada a visita, a entrevista era agendada.

Essas idas a campo para visitar as famílias e os jovens intercambistas nas cidades do interior ocorreram, na sua maioria, em finais de semana e feriados, raramente durante a semana, porque entendi que assim eu poderia conviver um pouco com os estudantes e as famílias, o que era o meu interesse. Também considerei que seria importante acompanhar algo da rotina familiar durante a semana, mas minhas tentativas nesse sentido foram frustradas, em geral as famílias alegavam ter pouca disponibilidade de tempo livre para que eu pudesse visitá-los e pareciam não possuir muita disposição para isso. Mesmo assim, algumas entrevistas foram realizadas durante a semana, mas num curto espaço de tempo, de maneira mais breve, geralmente num almoço rápido, ou à noite, após o jantar.

Aquelas famílias com quem estive apenas uma vez, inicialmente demonstraram certo receio acerca de como seria a entrevista, sobre o que eu gostaria de saber e se eu iria expô-las de alguma maneira. Normalmente, porém, essas tensões iam se dissolvendo com o decorrer da entrevista, tanto nas formais, gravadas, como nas informais, sem o uso do gravador⁴².

Os critérios para o uso do gravador foram subjetivos. Coube-me perceber se haveria ou não a possibilidade de propor a gravação da entrevista. Ocorreram situações surpreendentes, como a que a família, após a entrevista informal, fez pergunta: *Ah... Por que você não gravou a entrevista? Como você vai fazer agora? Vai ter que lembrar de tudo? E vai conseguir?* Mas também aquelas em que, ao propor que a entrevista fosse gravada, percebi olhares desconfiados e tive que reiterar acerca do sigilo da identidade dos participantes, buscando acalmar a ansiedade e o desconforto gerado pelo uso do gravador. Assim, algumas entrevistas foram autorizadas a serem gravadas, outras não. Houve famílias que não se importaram com isso e demonstraram legitimar a escolha por esse instrumento de pesquisa. De modo geral, foi-me possível perceber uma maior aceitação do gravador por parte das famílias do que dos estudantes estrangeiros que, em sua grande maioria, ficavam desconfortáveis na frente dele.

Optei por utilizar essa nomenclatura nativa, *hospedeiro*⁴³, compreendendo que esse termo traz consigo muitos sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores sociais dessa dinâmica social os quais serão melhor explicitados no decorrer da dissertação. Inicialmente, gostaria de ressaltar a proximidade dos termos ‘hospedeiro’ e ‘hospitalidade’,

⁴² Na grande maioria das vezes, eu era convidada a retornar a vir visitá-los após a realização da pesquisa. Em algumas situações, acredito que se tratava de uma formalidade cordial, porém, em outras, isso se dava devido à proximidade construída a partir do compartilhamento de suas experiências com a pesquisadora durante alguns meses ou, até menos, apenas por algumas horas. Essas entrevistas tinham sido muito íntimas, com uma intensa expressão de seus sentimentos, tanto de alegrias quanto de frustrações.

⁴³ Segundo o dicionário Aurélio (2008), ‘Hospedeiro’: *adjetivo*, 1. Que hospeda, 2. Quem hospeda; o termo também é associado a Hospitalidade: *sf.* 1. Hospedagem (1), Qualidade de Hospitaleiro; Hospitaleiro: 1. Que dá hospedagem por bondade ou caridade. 2. Que acolhe com satisfação (os hóspedes) (p.456-7). Segundo Barbosa e Dencker (2006), ao tratar o tema da Hospitalidade alega que: “O importante é que a noção de hospitalidade nos leva a concluir que é preciso criar um vínculo humano de maneira incondicional, de forma a valorizar o bem-estar tanto do anfitrião quanto do hóspede. (...) A hospitalidade é um conceito tão antigo quanto as formas mais remotas de atividade social, tanto no Ocidente como no Oriente. Considerada como um atributo de pessoas e de espaços, a hospitalidade era praticada por meio do acolhimento aos estranhos, por um grande número de ordens religiosas, desde os primeiros beneditinos e cistercienses da igreja católica, na Idade Média, que forneciam alojamento, alimentação e proteção, através dos conventos, abadias e confrarias de apoio e dos mosteiros (WALKER, Jonh. *Introdução à hospitalidade*. São Paulo: Manole, 2002)”. (BARBOSA, C., R.; DENCKER, A., F., M. *A Introdução da Hospitalidade nos Cursos de Hotelaria*, 2006, p. 79). “A hospitalidade é uma forma de relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões. Sempre que os humanos se relacionam, mesmo para a realização de atividades práticas ligadas a receber ou visitar alguém ou um local, o relacionamento depende dos valores daqueles que estão interagindo, ou seja, depende dos princípios que orientam as condutas dos envolvidos na relação” (PRAXEDES, W. Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 37, jun. 2004).

ambos associados a receber uma pessoa, um hóspede, de maneira acolhedora, no caso, no ambiente doméstico.

Penetrar na intimidade de um lar, compartilhando desse espaço doméstico, de momentos de intimidade e de cumplicidade entre seus membros só se torna possível se formos convidados, caso contrário se torna muito difícil se realizar alguma pesquisa social. Both (1976) destaca algumas das limitações de se realizar pesquisas com famílias em seus lares, afinal normalmente elas não estão muito interessadas em pesquisadores que se “intrometem” em assuntos privados. A autora ainda afirma que: “não se poderia manter o relacionamento da pesquisa durante meses e até mesmo anos, se não houvesse um sério envolvimento entre as partes” (p. 60). Essas questões foram percebidas durante o trabalho de campo e principalmente na relação estabelecida com as famílias⁴⁴, sendo que algumas condições foram colocadas nesse processo, tais como: a necessidade de sigilo de suas identidades, o não interesse em partilhar questões da sua vida privada familiar com a comunidade em que viviam, assim como aspectos relacionados à intimidade partilhada com o jovem intercambista. Houve necessidade de se firmar um compromisso de preservação das informações de forma que eu pudesse apresentar os dados sem expor, de maneira alguma, informações que identificassem os informantes. Essa definitivamente não foi uma tarefa fácil, tratando-se, outrossim, de um árduo exercício durante toda a escrita dessa dissertação.

Alguns dos pais hospedeiros dos estudantes eram pessoas bem atuantes e conhecidas em suas comunidades. Devido a isso, me foi solicitado, e bem reforçado por alguns informantes, sigilo sobre suas identidades, seja por não terem interesse que demais membros da comunidade tomassem conhecimento delas, seja em função do risco de que algumas das informações dadas pudessem repercutir em suas relações interpessoais. A partir dessas colocações e de algumas solicitações feitas pelos informantes, optei por preservar a identidade deles, mesmo que isso pudesse comprometer de alguma forma a pesquisa. Diante disso, também não divulgo o nome da cidade dos informantes, focando-me em compreender as relações estabelecidas entre eles e com os jovens intercambistas, independente do local onde habitem.

Tendo como objetivo focar-me na experiência dessas pessoas, não pretendo aprofundar as relações dos participantes na comunidade, por mais que essas relações

⁴⁴ Isso se deu de forma geral com as famílias, porém percebi mais acentuadamente com aquelas que pude acompanhar a experiência de intercâmbio em diferentes momentos. Ao todo, houve famílias em que realizei cerca de quatro visitas e outras que fui duas ou três vezes a suas casas.

perpassem toda a experiência deles. Busquei preservar algumas informações, como forma de não expor dados que pudessem comprometer as relações interpessoais dos informantes na comunidade.

Da mesma forma, serão preservadas as escolas que participaram da pesquisa. Fui a quatro escolas para realizar três entrevistas formais, gravadas, e uma informal, não gravada. Esse contato breve com as escolas foi importante para poder entender melhor como essa instituição se percebe ao atuar nos programas de intercâmbio, complementando o que as famílias e os estudantes estrangeiros trouxeram sobre o papel da escola. Realizei, também, observações participantes em algumas ocasiões, nesses espaços.

Na “apreensão dos fenômenos sociais” (p. 18), Cardoso de Oliveira (2006) chama atenção para a necessidade de problematizar as três etapas: o olhar, o ouvir e o escrever. O autor diz que, através do nosso olhar e do ouvir disciplinado, centra-se nossa percepção e, através do escrever, nosso pensamento será exercitado. Oliveira aponta que a situação do antropólogo em campo, o “estar lá”, se diferencia do “estando aqui”, que, por sua vez, se diferencia da situação do antropólogo trabalhando os dados longe do campo. No primeiro momento, ocorre a situação de campo na qual a percepção do olhar e do ouvir é exercitada por ele; já no caso do “estando aqui”, dá-se quando o pensamento é exercitado através do ato de escrever. Minha experiência etnográfica foi construída a partir desses dois momentos do trabalho de campo que envolveu o olhar e o ouvir e, posteriormente, o ato de escrever, sendo que este se ocupou da resolução dos problemas decorrentes da apresentação dos dados de uma forma que não expusesse a identidade dos informantes, nem compromettesse a pesquisa.

Trabalhei com um universo de pesquisa que poderia denominar como informantes pertencentes a ‘classes médias/ camadas médias’, com toda a polifonia existente nessa definição. Quando me refiro as classes médias, também conhecidas como camadas médias, indico um conjunto de signos e sentidos partilhados por um grupo de pessoas, como condições socioeconômicas, estilos de vida, valores de vida, projetos de vida, orientações para o consumo, entre outros. Quando falo de famílias que receberam estudantes intercambistas, me refiro a um grupo de profissionais em diversas áreas de atuação os quais, em sua grande maioria, concluíram curso superior de graduação e até mesmo cursos de pós-graduação, em alguns casos. Percebi, também, que muitas famílias compartilhavam valores de classe, como gostos musicais, lugares que frequentavam e demarcavam sua identidade de classe pelo distanciamento de grupos de pessoas que não partilhavam do mesmo ambiente e das mesmas condições econômicas.

Algumas dessas famílias não desejavam compartilhar o mesmo ambiente com pessoas pertencentes a classes diferentes, de forma que pretendiam que os jovens intercambistas estudassem nas mesmas escolas em que seus filhos estudavam ou estudaram e frequentassem lugares considerados adequados a pessoas do seu *nível social*, como me explicou uma mãe hospedeira. Os jovens estrangeiros que chegavam a essas famílias gaúchas não conheciam essas regras sociais, ignorando essa lógica incorporada nelas. Assim, durante os onze meses do seu intercâmbio, eram desafiados a se adaptar a esses valores. Zonas de tensão se formavam, então, no convívio cotidiano entre as famílias e os jovens estudantes por causa dessas demarcações tão entranhadas em famílias de cidades do interior do estado e, ao mesmo tempo, tão estranhas a esses jovens. Alguns se adaptaram, outros rejeitaram as exigências e buscaram maneiras de agenciar seus interesses sem romper os laços estabelecidos com os pais brasileiros, porém, quando isso se fez necessário, os romperam, se estabelecendo em novas famílias. Buscarei, nesse estudo, dar atenção às maneiras concretas e simbólicas como os atores apelam cotidianamente a esses modelos e as suas narrativas para representar-se em seus lugares associados à ‘classe media’, como afirmam Visacovsky e Garguin (2009).

Os paradigmas de experiência e de interpretação, trazidos por Clifford (2002), estão agora dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e de polifonia os quais salientam que, para entender a diversidade dos processos de construção dos textos etnográficos, faz-se necessário visualizá-los “como empreendimentos textuais situados em circunstâncias históricas e culturais específicas” (Gonçalves, 2002, p. 9). O autor (2002) conclui:

em última análise, o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre estes textos que são levados podemos incluir a memória - eventos padronizados, simplificados, retirados do contexto imediato para serem interpretados numa reconstrução e num retrato posterior). O texto, diferentemente do discurso, pode viajar (p. 41).

Sendo esse universo já familiar e ao mesmo tempo tão desconhecido antropologicamente, propus-me a pesquisar as experiências dos jovens estrangeiros e das famílias que me eram desconhecidas. Assim como o observador deve ser considerado como parte integrante do objeto de estudo observado, o pesquisador não tem como possuir uma neutralidade na pesquisa. Laplantine (2007) afirma que o antropólogo, quando busca uma neutralidade absoluta, costuma eliminar dos resultados “tudo o que contribuiu na sua realização e apaga cuidadosamente as marcas de sua implicação pessoal no objeto de estudo”. Quando ele resolve fazer isso, é aí que há o maior risco “de afastar-se do tipo de objetividade (necessariamente aproximada) e do modo de conhecimento específico de sua disciplina” (p. 169). Diante disso, posso dizer que pude, aos

poucos, estranhar o familiar e iniciar uma desnaturalização de termos, sentidos, signos e significados nativos dados à experiência de intercâmbio.

A autora Citro (2009) destaca que o propósito de refletir sobre a subjetividade presente no trabalho de campo não deveria chatear ou incomodar o leitor com a história pessoal do antropólogo, não se tratando de “censurá-la ou ocultá-la” (p. 94). Busquei, nesse estudo, compartilhar as questões relativas à subjetividade da pesquisadora que se fizeram presente no decorrer do trabalho de campo. Quando acreditei que tenha sido pertinente compartilhá-las.

Citro (2009) também diz que, no trabalho de campo, “o desempenho de diferentes atividades ou papéis durante o trabalho de campo às vezes permite ascender a dimensões da vida intersubjetiva por mais que dificilmente se pergunte por estas, posto que requerem do fazer prático ou, em outros casos, de uma relação dialógica” (p. 95)⁴⁵. Enfim, o trabalho de campo não é acadêmico, nem teórico, ele é prático (Wagner, 1981). Essa dissertação reflete um esforço antropológico para entender os assuntos da sua pesquisa, compreender os significados dos nativos e, ainda, comunicar isso aos outros.

⁴⁵ “Para dar um ejemplo, el desempeño de diferentes actividades o roles durante el trabajo de campo a veces permite acceder a dimensiones de la vida intersubjetiva por las que dificilmente se pregunte, puesto que requieren del hacer práctico o, em otros casos, de una relación dialógica” (Citro, 2009, p. 95).

CAPÍTULO 2

TECENDO A REDE PARA A EXPERIÊNCIA: A PREPARAÇÃO PARA O INTERCÂMBIO

Os atores sociais da experiência de intercâmbio são os jovens⁴⁶ estrangeiros (intercambistas), as famílias que os hospedam, a instituição, os voluntários e funcionários, a escola que os estudantes frequentam e a comunidade em que são recebidos. Dentre esses atores, percebo como protagonistas os intercambistas no Rio Grande do Sul. As famílias gaúchas que os hospedam em seus lares possuem uma participação essencial nessa experiência, pois são elas que partilham com eles o cotidiano e estabelecem relações de proximidade ou não nessa convivência. A instituição é a mediadora dessa experiência, sendo os voluntários os seus representantes, os facilitadores e *orientadores* que interagem localmente com jovens, famílias e comunidade.

Neste capítulo, serão trazidos os dados de entrevistas realizadas com intercambistas e com famílias hospedeiras, assim como os registros provenientes da observação de campo na chegada ao aeroporto. Apresentarei, também, alguns desses interlocutores da pesquisa, o início da comunicação e do contato entre eles, realizada virtualmente no primeiro momento. A proposta deste capítulo é mostrar a primeira etapa do Intercâmbio, sendo ele entendido como ritual de passagem, quando se dá o afastamento dos jovens da sua comunidade de origem, etapa de separação, e os ritos de preparação para a viagem. Há, também, nessa etapa, preparação das famílias gaúchas que irão recebê-los.

⁴⁶ Contrapondo a diferença geracional, presente entre os pais dos intercambistas, os pais hospedeiros e os intercambistas, utilizo-me do termo 'jovens' para me referir aos estudantes estrangeiros que vêm realizar intercâmbio. Entendo que termos como jovens e velhos muitas vezes são empregados de maneira mais vazia quando não contextualizados, afinal somos sempre jovens e velhos em relação a alguém. Estas classificações por idade acabam, então, por nos impor limites e uma ordem, além de correrem o risco de esquecer que juventude e velhice são construídas socialmente, e as relações entre idade social e biológica são mais complicadas do que possam parecer inicialmente. Definir 'jovens' como uma unidade social, amparada no fato da idade biológica, acreditando que isso os agrega a um grupo dotado de interesses comuns, pode ser considerado como algo muito arriscado, afinal podemos encontrar muitas diferenças entre as juventudes, dependendo das comparações que realizarmos (Bourdieu, 1986). Ao refletir sobre essas questões, opto por utilizar os termos 'jovem' e 'jovens' para me referir aos intercambistas estrangeiros, considerando a relação entre os atores sociais, afinal eles são 'jovens' em relação a seus pais, que seriam 'velhos', assim como os pais hospedeiros também poderiam ser vistos como 'velhos' em relação a esses 'jovens' intercambistas. Busco demarcar, dessa forma, a diferença geracional presente entre eles e, a partir disso, as implicações decorrentes dessa questão. Opto, também, por empregar 'jovens' ao invés do termo 'adolescente', devido ao fato que este último estaria mais associado a alterações biológicas do que a mudanças sociais, como refere o autor Pais (1993).

Algumas das entrevistas com os jovens aconteceram durante sua estada no RS, nas casas que os hospedavam ou em locais escolhidos por eles nas cidades onde se encontravam; outras foram feitas após o tempo do intercâmbio através de contato virtual.

As famílias hospedeiras entrevistadas foram aquelas dos jovens que participaram da pesquisa e também outras que já haviam recebido intercambistas há alguns anos. Meu contato com essas famílias deu-se de duas maneiras: através dos estudantes estrangeiros ou por indicação da instituição. Como já mencionado na introdução e no capítulo anterior, encontrei algumas delas em diferentes momentos do ano da experiência; com outras, pude realizar entrevistas em visita a suas casas.

2.1 ‘Os Intercambistas’: estudantes estrangeiros no RS, e a escolha de vir ao Brasil

Conheci a maioria dos jovens⁴⁷ durante a Orientação Pós-chegada, realizada pela organização cerca de um mês após a vinda para o Brasil. As entrevistas, no entanto, só aconteceram nos últimos meses da sua estada aqui, época da experiência em que eles, em sua grande maioria, se comunicavam com grande fluência no Português, já havendo, em geral, incorporado o sotaque gaúcho da comunidade que os recebera, suas gírias e expressões nativas. Alguns, no entanto, ainda apresentavam dificuldade na dicção, o que dificultava a compreensão de algumas palavras, mas, mesmo assim, se conseguiu uma boa comunicação nesse idioma.

De uma forma descontraída e informal, entrevistei duas estudantes, ambas de 15 anos: Joana, natural de um país asiático, e Maria, vinda de um país europeu. As duas solicitaram que eu realizasse a entrevista em dupla porque eram amigas e já haviam compartilhado muito de suas experiências, tendo, por isso, grande intimidade. Eu estava na cidade para visitá-las, e as jovens escolheram, como local do encontro, uma praça. Num dia quente e ensolarado, nos acomodamos num banco, e perguntei se poderia utilizar o gravador. Isso gerou nelas certo desconforto inicial, mas em seguida veio o comentário de Maria: *Tá, pode usar, tu já sabes*

⁴⁷ Como uma maneira de preservar a identidade dos jovens estrangeiros, optei por utilizar nomes brasileiros para me referir a eles. Essa escolha se deu por causa das falas dos voluntários e dos próprios intercambistas nas quais diziam que *teriam que viver como um jovem brasileiro durante o ano de intercâmbio*. Outro motivo foi o *orgulho*, referido por alguns intercambistas, quando eram confundidos com brasileiros por já estarem se comunicando bem em Português, já se vestirem de forma mais semelhante à dos jovens locais, além de terem incorporado técnicas corporais (Mauss, 2003) da cultura local. Os nomes escolhidos são conhecidos no Brasil e comuns entre jovens brasileiros de camadas médias. Em anexo, segue um quadro que informa a idade e o continente do qual o estudante é procedente. Optei, também, por não mencionar a nacionalidade do jovem, porque, diante do pequeno grupo de intercambistas que ficou no estado, ao se identificar sua nacionalidade ou a cidade onde estava, isso, de alguma forma, tornaria possível sua identificação.

tudo da nossa vida mesmo, né? (riso). Eu conhecia essas jovens desde os primeiros meses da chegada delas, e agora faltava pouco mais de um mês para retornarem. Tanto Joana quanto Maria⁴⁸ haviam me encontrado muitas vezes no decorrer dos quase dez meses que se passaram desde o início da experiência. Compartilhávamos, agora, de uma intimidade e proximidade adquiridas nesses vários encontros.

Joana era uma jovem de aparência asiática, de cabelo escuro e liso, de pele tom de cuia, magra e de estatura baixa, deveria ter no máximo 1,60m de altura. Sempre sorridente, começou me contando que, inicialmente, não tinha muita vontade de fazer intercâmbio, o interesse havia partido da sua mãe. Ela tinha uma irmã, dois anos mais velha, que já havia feito intercâmbio pelo AFS, por isso a mãe insistia bastante para que ela também fizesse. Joana acreditava que a mãe queria tanto isso porque a experiência tinha sido muito boa para sua irmã, pois, tanto ela quanto a mãe, perceberam que a irmã havia voltado com mais autonomia, independência, ou seja, mais segura para tomar suas próprias decisões.

Diante da insistência materna, Joana acabou decidindo participar do processo seletivo do AFS da sua cidade juntamente com outros 34 jovens, porém não acreditava que conseguiria a inclusão no intercâmbio. No seu país, a organização realiza, cerca de um ano antes da viagem, uma seleção que é composta de fases, sendo a primeira delas a prova de Inglês. Aprovada nessa etapa, ela e mais dezesseis participantes seguiram para a segunda: a entrevista em Inglês. A jovem e mais dois candidatos foram selecionados para a viagem, ficando, então, apenas três dos 34 estudantes que haviam se candidatado. Joana comentou que normalmente os jovens do seu país viajam com 15 anos devido a questões escolares, pois eles podem validar o ano de estudo que realizam no Brasil ao regressarem, caso tirem boas notas na escola daqui.

Joana se entusiasmou relatando o processo de seleção e comentou algumas perguntas, realizadas na entrevista em Inglês, as quais ela considerou, na época, *difíceis*:

*Eu nunca tinha morado fora de casa. Então eles [os voluntários] fizeram perguntas:
- Tu vais lá e se tiveres algum problema com a família? Assim, tipo, eles não querem que tu saias de casa. Tu tens que ficar em casa todo dia. E o que tu vais fazer?*

Na primeira vez, eu digo que eu vou falar com a minha mãe, depois eu penso. Vou falar com o conselheiro, o voluntário que tem lá. Depois teve outra pergunta sobre problema. Eles diziam:

*- Se tu tens algum problema, é teu problema! E tu tens que resolver sozinha agora.
Então, eles pensam que tu podes ficar sozinha, mas se tu sempre respondes que vais falar com a mãe, então eles pensam que tu não podes ficar sozinha. Daí, então, é*

⁴⁸ A estudante Maria será apresentada mais adiante neste capítulo.

melhor tu ficar com teus pais no teu país, fazer intercâmbio para quê? Então, eu passei! (riso). Eu passei! Então, eu tinha que escolher entre três países, tinha Estados Unidos, Brasil e China. E eu escolhi primeiro Estados Unidos (riso), eu não sei o porquê (riso).

Seu desejo inicial era ir para os Estados Unidos, mas comentou que não tinha nenhum motivo especial e que este era o país para o qual a maioria dos jovens do seu país iam. Além disso, ela pensou que não queria ir para o mesmo lugar para o qual a irmã fora. As outras opções eram China e Brasil, então decidiu pela segunda opção, afirmando que considerava a China muito parecida com seu país, e ela buscava algo diferente. Joana disse que, na época, não sabia nada sobre o Brasil. Sua mãe ficou assustada ao saber que ela viria para cá, pois *pensava que tinha muito negro e pensava que aqui era tudo Amazonas. Que todo o país era Amazonas! (risos)*. A mãe demonstrava receio de que a filha tivesse muita dificuldade para se adaptar devido às diferenças culturais, mas, depois que Joana e seu pai insistiram, ela acabou cedendo.

Joana teve que participar de uma seleção e, depois, do processo preparatório para a viagem. Há países, entretanto, que não realizam seleção, apenas desenvolvem atividades mais relacionadas à preparação do jovem as quais, na maioria deles, têm início cerca de um ano antes da partida para o intercâmbio. Naqueles em que ocorre essa seleção, os jovens são chamados *candidatos* durante o processo seletivo. Ao serem aprovados, os selecionados recebem outra denominação que varia de país para país⁴⁹. A segunda etapa, a de preparação para a viagem, inclui muitos encontros, orientações, atividades locais e regionais com os jovens que estejam participando dessa mesma etapa; nela, acontecem poucos momentos em que ocorrem atividades conjuntas com aqueles que estão em etapas diferentes. Os futuros intercambistas são ‘obrigados’ a participar de todas as atividades de preparação oferecidas pela instituição. Além dos encontros preparatórios, também há tarefas, como preenchimento de formulários, leitura de materiais informativos sobre a experiência de intercâmbio e de algo mais específico sobre a cultura do país que irá recebê-los. Esses materiais são disponibilizados pela instituição.

A jovem Luísa, 16 anos, natural de um país da Europa, não referiu ter participado de algum processo de seleção na instituição, apenas relatou o período de preparação que ocorreu antes do intercâmbio. Conheci essa jovem na primeira orientação realizada pelo AFS, em Porto Alegre, um mês após a chegada dos estudantes. Ela aparentava ser mais tímida e

⁴⁹ No Brasil, quando são aprovados, os jovens que irão viajar são chamados de *curumins* durante o processo de preparação para a viagem. De acordo com o minidicionário Aurélio (2008), *curumi* ou *curumim* significa menino, palavra de origem tupi conhecida no Brasil.

reservada que os demais. Luísa tinha pele de tom claro, cabelos loiros, estatura e peso médios, usava roupas simples, não de ‘marcas’ como a grande maioria dos outros jovens. Quando faltavam cerca de três meses para retornar ao seu país, realizei uma entrevista com ela na cidade em que morava, em local de sua escolha. Estávamos acomodadas em frente à igreja que ela havia frequentado a partir do quarto mês em que se encontrava ali. A estudante contou que, antes de decidir vir para cá, queria muito ir para o México, mas seus pais argumentaram que esse país deveria ser muito perigoso, ela, então, passou a se interessar por outros países, como Brasil, Itália e Estados Unidos.

Durante a entrevista, tomávamos chimarrão, preparado pela jovem, enquanto ela contava que se motivou a fazer intercâmbio devido a conversa com um amigo que foi para os Estados Unidos e que tinha gostado muito. Achava que isso seria algo *legal* para ela, *algo diferente*. Pensava que ia ser bom ter esse ano para decidir o que fazer depois do colégio, embora inicialmente tivesse receio de que os pais não a deixassem ir por não se interessarem pela proposta. Luísa era a filha caçula de um casal de médicos e, quando compartilhou com eles seu interesse em participar de um intercâmbio, seu pai a apoiou, encontrando o AFS num site da internet. Desde esse momento, a jovem entrou em contato com a organização e já passou a participar da preparação para a viagem cerca de um ano antes. Ela pensou que seria interessante vir ao Brasil, pois acreditava que, nas escolas daqui, não haveria muita competição entre os alunos. Luísa deu a entender que no seu país havia muita competição no ambiente escolar, sendo assim ela esperava que o intercâmbio pudesse ser algo bom nesse sentido, caso fosse para um país onde não houvesse esta. A jovem deixava entender que seu maior interesse era na área escolar, sendo isso mais importante do que família e amigos.

Luísa comentou que, logo que se envolveu com a instituição, tinha a sensação de que participar do intercâmbio *não era algo real* devido à antecedência com que começou a preparação para a viagem. No seu país, houve cerca de cinco encontros no ano anterior a sua vinda para o Brasil. Os primeiros foram destinados a todos os jovens da sua região que iriam viajar, estando cerca de trinta a quarenta estudantes presentes. Nos últimos, porém, os jovens foram divididos em grupos de acordo com o destino do intercâmbio; para o Brasil, viriam ela e mais duas jovens que seguiriam para o norte e nordeste do país.

Quando indaguei Luísa sobre sua opinião acerca dessas orientações, a jovem hesitou um pouco antes de responder, mas disse que achava que deveriam ser mais sérias. Acrescentou que houve atividades que estimulavam a reflexão dos estudantes, outras que eram simulações de situações que possivelmente ocorreriam durante o intercâmbio; reclamou, no entanto, das *muitas brincadeiras*. Na última orientação, quando estava com outras meninas

que viriam para o Brasil, Luísa informou que: *elas iam para o norte do Brasil. Então, eles [os voluntários orientadores] só conheciam o norte e mostraram tudo sobre o Brasil do norte. E foi tudo diferente para mim, né? (risos)*. Ela reclamou que não foi falado nada sobre o sul do país e sobre questões culturais dessa região, a preparação foi elaborada apenas para pessoas que iriam morar no norte e nordeste do Brasil.

Além das exigências institucionais, como os encontros preparatórios e os formulários para serem preenchidos, Luísa ainda disse que, por conta própria, decidiu aprender o Português⁵⁰.

Eu tinha um monte de papéis para preencher... e também tinha a questão do Português. Mas estava muito difícil para mim, pois na minha cidade não tinha ninguém para ajudar, ninguém que soubesse Português. Dois meses antes, eu comprei um livro com CDs para estudar Português, mas foi muito difícil, era um livro com Português de Portugal e também era um livro de Português para viagem.

O processo de preparação para a viagem de intercâmbio compreende algumas questões relacionadas às exigências da organização e também outras relativas à entrada em um país estrangeiro, como fazer o passaporte e retirar o visto. Esses ‘papéis’, referidos por Luísa, dizem respeito aos documentos exigidos e aos formulários disponibilizados online pela instituição para os jovens e pais preencherem. Essas questões não foram muito mencionadas por eles, porém, conversando com voluntários, esses formulários me foram explicados com maiores detalhes. Geralmente, durante os seis meses antes da viagem, o jovem e sua família necessitam preencher muitos ‘papéis’ institucionais referentes a questões pessoais, escolares e médicas. O formulário escolar deve ser completado pela escola do jovem, assim como o de saúde pelo seu médico. Todos eles devem ser preenchidos em Inglês, independente da língua materna do estudante.

A instituição também disponibiliza documentos referentes à matrícula na escola do país estrangeiro os quais são necessários, no caso do Brasil, para fazer o visto escolar. Cada estudante é responsável pelo processo de retirada do visto e, dessa forma, pode haver situações com mais ou menos facilidade nesse processo. Há poucos relatos sobre jovens que tiveram dificuldade para conseguir o visto para o Brasil. Houve, no entanto, o caso de uma jovem chinesa, que conheci, que teve dificuldade na retirada do seu visto, o que atrasou em um mês sua vinda.

⁵⁰ Os países, com exceção dos Estados Unidos, não costumam fazer nenhuma exigência quanto ao conhecimento prévio do idioma do país para o qual o estudante irá. Esse interesse e investimento partem de alguns estudantes e famílias, mas não são estimulados pela instituição, pois percebi que o discurso institucional pressupõe que a aprendizagem do idioma se dará através do convívio cotidiano no país estrangeiro de maneira gradual e natural.

Assim como alguns estudantes, o jovem Júlio não me relatou sobre o processo de preparação que antecedeu a viagem. A entrevista com ele foi realizada quando estava de passagem no país, visitando sua família e comunidade hospedeira. Eu já o havia conhecido quando realizou intercâmbio aqui há alguns anos. Ao reencontrá-lo, ele se dispôs, muito amigavelmente, a me conceder essa entrevista que foi realizada em Porto Alegre, em um café. Os pais de Júlio possuem nacionalidades e religiões diferentes: sua mãe é católica e o pai, judeu. Ele e seus quatro irmãos nasceram e moram em um país europeu, sendo seus pais estrangeiros nessa comunidade. Eles trabalham em um órgão ligado à comunidade europeia e, antes de vir fazer intercâmbio, o jovem já falava três idiomas fluentemente.

A relação de Júlio com a instituição iniciou através da trajetória de seus pais. Ambos fizeram intercâmbio pela mesma organização, o AFS, para os Estados Unidos, em anos diferentes. Eles se conheceram lá, durante o ano de intercâmbio da mãe, quando o pai estava a passeio pelo país, visitando a sua família hospedeira americana. Ele havia realizado seu intercâmbio alguns anos antes dela. As famílias americanas que hospedaram os dois eram amigas, e isso possibilitou que se conhecessem. Julio disse que sua mãe não gostou muito da experiência de intercâmbio, pois ela teria tido dificuldade de adaptação à cultura norte-americana, diferentemente do seu pai. Ela foi resistente à ideia do filho fazer intercâmbio, alegando que sentiria muito sua falta no cotidiano e que não via necessidade dele ficar longe deles durante todo um ano. O pai tinha uma postura contrária a dela, pois acreditava que essa experiência poderia ser algo importante para o filho e o apoiou muito nessa decisão.

Júlio, ao referir sua motivação de realizar intercâmbio, disse que precisava deste ano *para ele*:

(...) eu queria muitas coisas, eu queria experimentar muitas coisas para poder tomar uma decisão. Eu pensava: vou aprender fazendo. Eu ia passar um ano fora de casa, longe da família e ia decidir o que fazer. Eu também queria passear, aproveitar o intercâmbio. Eu não tinha nenhuma ideia do que eu queria estudar, pensava em História ou Geografia... mas tinha dúvidas.

A escolha do país para o ano de intercâmbio não foi algo muito analisado pelo jovem, e isso também foi percebido na maioria dos relatos dos demais intercambistas. Ele queria ter essa *experiência*, e o Brasil apareceu como um possível cenário que lhe possibilitaria *experimentar muitas coisas*. Ele vislumbrou essa possibilidade a partir da sugestão de um amigo mais velho, que é fotógrafo e havia ficado seis meses viajando para acompanhar movimentos sociais no país. A experiência relatada por esse amigo despertou em Júlio curiosidade e interesse pelas questões relacionadas a pobreza, problemas sociais, belezas naturais e alegria, aguçando-lhe o desejo de conhecer o país. O jovem não se informou sobre

o sul do Brasil antes de viajar, nem imaginou que poderia encontrar uma região tão distinta da esperada.

A frustração, ao se deparar com uma região do país que não era quente como imaginavam, nem parecida com as muitas imagens comuns a estrangeiros, foi algo muito recorrente no discurso dos jovens⁵¹. O imaginário acerca do Brasil geralmente não contempla questões regionais dos estados do sul do país. Em relação a essas imagens que os estrangeiros possuem daqui, há um documentário, “Olhar Estrangeiro”⁵² (2006), que trata desse tema. Esse documentário, além de mostrar como o país é retratado em filmes, também apresenta pequenos trechos de entrevistas realizadas com aqueles que aqui chegam. Nelas, são mostrados discursos que associam o país a: “Sexo, Liberdade, Exotismo, Paraíso, Felicidade, Pobreza, Natureza, mestiçagem, Trabalho, Rituais afro-brasileiros, Violência e Amazônia”. Pude perceber que muitas dessas imagens foram também referidas pelos jovens como sendo aquelas que possuíam antes de sua viagem ou no início dela. Tal imaginário compunha as motivações e os projetos deles para o ano de intercâmbio no Brasil⁵³, porém a maioria não buscou o país como sua primeira opção para a realização de seu intercâmbio.

Essa escolha pelo país se dava da seguinte maneira: a instituição solicitava que os estudantes elegessem de três a cinco países do seu interesse, em alguns casos até dez, nos quais o AFS estivesse presente, para realizar o intercâmbio. A organização em cada um deles fazia exigências⁵⁴ em relação aos jovens que receberia. Tendo em vista essas exigências, ocorreram situações em que eles não preencheram os requisitos exigidos, sendo que, então, tiveram que reconsiderar suas escolhas. Em sua grande maioria, a indicação do Brasil deu-se nesse contexto e apareceu como algo não planejado para grande parte dos jovens e de suas famílias. Ao decidir pelo país, as motivações referidas por eles diziam respeito a questões

⁵¹ Em relação à frustração de terem vindo para uma região que se assemelharia à Europa, sendo tão diferente do esperado, e à resignificação sobre o que seria o Brasil, tratarei no capítulo 3 durante os primeiros meses de intercâmbio dos jovens.

⁵⁰ “Olhar estrangeiro”, direção de Lúcia Murato, é um filme sobre os clichês e as fantasias que se avolumam pelo mundo afora sobre o Brasil. Baseado no livro “O Brasil dos gringos”, de Tunico Amâncio, o documentário mostra a visão que o cinema mundial tem do país. Filmado na França (Lyon e Paris), Suécia (Estocolmo) e EUA (Nova York e Los Angeles), o filme, através de entrevistas com os diretores, roteiristas e atores, desvenda os mecanismos que produzem esses clichês. Informações retiradas do site oficial: <http://www.taigafilmes.com/olhar/port.html>

⁵³ Cabe informar que uma estudante, Ana, 17 anos, natural de um país da Oceania, referiu que já tinha uma ideia do que iria encontrar no RS, devido ao fato de sua avó haver viajado para a Argentina e ter conversado com ela sobre a cultura gaúcha que também existia no sul do Brasil e no Uruguai.

⁵⁴ As exigências mencionadas eram relacionadas a problemas de saúde, conhecimento de idiomas, restrições alimentares.

consideradas *exóticas* e à vontade de ter uma *experiência diferente*. Duas jovens europeias, que me relataram terem excepcionalmente escolhido o Brasil como primeira opção, tinham motivações diferentes: uma, a ideia de que o povo brasileiro seria muito alegre e dançaria samba; a outra, o fato de este ser o país do futebol, de ela gostar muito desse esporte e de praticá-lo.

A intercambista Bruna comentou que se interessou pelo Brasil a partir de uma conversa com alguns estudantes brasileiros que faziam intercâmbio no seu país. A jovem de 17 anos, natural de um país europeu, pele clara, cabelos e olhos claros, estatura em torno de 1,70m, relatou, durante a entrevista⁵⁵, que, antes de fazer intercâmbio, pensava em ir para os Estados Unidos, a Austrália ou Nova Zelândia. Na época, ela tinha interesse em aprender Inglês durante esse período, sendo esta sua proposta para a viagem. Bruna nunca tinha pensado em aprender outro idioma, muito menos o Português, nem em vir para o Brasil. Ela acreditava que não havia sentido em aprender alguma língua estrangeira que não fosse o Inglês, por isso, desde os quinze anos, sempre pesquisava programas de *high school*⁵⁶ nos Estados Unidos, mas os achava muito caros. Um dia, decidiu esquecer essa ideia já que sua escola recebera uma estudante intercambista do AFS a qual Bruna ficou muito interessada em conhecer. Na primeira impressão, achou que *a menina parecia legal*. Essa intercambista já tinha trocado de família hospedeira umas quatro vezes, no entanto, depois disso, foi recebida na família de Bruna com quem morou durante sete meses. Todo esse período foi muito difícil para ela e para a família, pois a estudante não se adaptou aos hábitos da casa, nem os incorporou, tornando o convívio muito desconfortável e desagradável, motivo pelo qual foi *mandada* de volta um mês antes de terminar o tempo do programa.

Essa situação aconteceu durante o ano anterior a sua viagem e determinou que Bruna não tivesse nenhum interesse em manter contato com a intercambista, nem conseguisse entender o que essa jovem queria do seu intercâmbio. Seu relato deixou entender que essa experiência não a desencorajou de viajar, pelo contrário, a ajudou a aprender mais sobre como não gostaria de agir na sua experiência e o que não queria que acontecesse nela. Bruna atribuiu os problemas ocorridos com a intercambista à forma como ela conduziu sua experiência. Percebe-se que é como se ela atribuísse o sucesso ou fracasso da experiência à habilidade ou inabilidade do jovem para conduzir o intercâmbio.

⁵⁵ Realizada na casa da família hospedeira de Bruna poucos meses antes do seu retorno Essa entrevista foi realizada junto com outra intercambista que era sua amiga.

⁵⁶ *High School* - assim são chamados os programas de intercâmbio destinados ao ensino médio, conhecidos no Brasil como programas escolares ou colegiais.

Foi durante um dos encontros preparatórios - um acampamento de orientações - destinado a várias pessoas relacionadas à organização, que Bruna conheceu estudantes estrangeiros da Bolívia e do Brasil com quem conversou. Gostou tanto de tê-los conhecido que passou a se interessar por seus países. Ao retornar do acampamento, começou a ler coisas sobre esses dois países na internet, mas disse que já tinha optado pelo Brasil. Bruna decidiu fazer intercâmbio com o AFS, propondo-se a *se divertir* durante esse ano:

Eu queria o ano mais divertido que eu nunca tive, tipo: festa, festa, muita festa! Só se divertir e ir pra praia...

Eu não pensava na escola, eu realmente não pensava.... Era programa escolar, mas eu pensava: eu vou assim... sozinha e terei férias por um ano! Todo mundo falava, não é férias por um ano, mas eu pensava que sim.

Tendo em vista sua experiência como família hospedeira, os encontros preparatórios e o contado com os intercambistas que estavam no seu país, o projeto de intercâmbio de Bruna foi adquirindo novas formas, o que inicialmente aparecia como uma proposta de aprendizagem do idioma Inglês, modificou-se para o desejo de ter uma experiência de férias, festas e diversão. Apesar de a proposta do programa de intercâmbio do AFS incluir a manutenção, em outro país, da rotina similar àquela que a estudante tinha no seu, ou seja, frequência à escola e estabelecimento de relações familiares e de sociabilidade cotidiana na comunidade estrangeira, percebi que essa jovem tinha interesses que estavam mais relacionados a uma viagem de turismo.

A partir disso, podemos entender as viagens como um tipo de ritual (Graburn, 2001), uma ocasião especial, um estado oposto ao da cotidiana vida de casa, trabalho e estudo. Os turistas desejam deixar suas casas, buscando experimentar algo especial e diferente que não podem, ou acreditam que não, ter facilmente em suas próprias casas, no seu cotidiano.

O intercambista Luís, assim como Bruna, esperava *algo diferente* da experiência de intercâmbio, mas não tinha muita clareza de suas expectativas e as associava a *algo legal*. Luís era natural de um país europeu, tinha 16 anos, pele bronzeada, olhos claros, cabelos castanhos escuros e altura em torno de 1,70m. Ele conheceu a proposta de intercâmbio e a instituição através da sua tia, voluntária na cidade, a qual já recebera muitos intercambistas em sua casa. O jovem, por isso, já tinha conhecido estrangeiros de diferentes países e estava bem familiarizado com o universo da instituição. Ele conseguiu uma bolsa, disponibilizada pela organização, para vir ao Brasil. Ao chegar aqui, no entanto, que se surpreendeu muito com que encontrou no Rio Grande no Sul, pois não era nada do que imaginara sobre o país. Referiu que a cidade era repleta de *peessoas de cabelos loiros*, que tinha visto *poucos negros*

na rua e não conhecia nenhuma praia. Mencionou, ainda, que, quando chegou, estava muito frio e ele não havia trazido roupa de inverno, não imaginava que fazia frio no Brasil. Comentou essas questões quando estava há dois meses aqui, durante sua orientação pós-chegada.

Luís não tinha um interesse especial pelo Brasil, nem pelo Português. Geralmente, entre os intercambistas, não percebi ‘grande motivação’ de aprender o idioma nacional. Houve apenas uma jovem que conheci, Fernanda, que manifestou essa vontade. Fernanda, natural de um país europeu, tinha 15 anos, alta, mais de 1,70m, aparência esbelta, cabelos e olhos escuros, pele em tom escuro. Seus pais estavam separados, ela era filha única e morava com a mãe desde os três anos. Seu interesse em aprender Português era para poder se comunicar melhor com a família do pai, a qual morava em um país que falava esse idioma. Fernanda queria fazer alguma coisa diferente durante um ano e achava que o intercâmbio seria *algo muito legal*, assim como referiu Luís. Além disso, o Brasil poderia ser um país bem interessante por ela adorar dançar e querer aprender o samba.

Assim como a maioria dos outros jovens, a estudante Maria, 15 anos, natural de um país europeu, não estava muito interessada no Brasil, nem no idioma português. No ano anterior a sua viagem, a irmã mais velha realizou intercâmbio em outro país da Europa, estando lá há seis meses. Meio ano após a vinda de Maria para o Brasil, sua irmã gêmea também foi fazer intercâmbio. Entre a chegada de uma filha e a saída de outra, sua família recebeu, em casa, uma estudante latino-americana pelo AFS no ano que antecedeu sua viagem. Essa intercambista havia tido *problemas* com a família hospedeira, e o AFS perguntou se a jovem poderia ficar hospedada com a família de Maria. Ela tinha cinco irmãos, sendo uma gêmea, seus pais estavam separados, mas moravam bem próximos. Sua mãe queria muito que o filho mais velho fosse viajar, porém ele decidiu que não, mas ela, sua gêmea e outra irmã acabaram fazendo intercâmbio. A jovem comentou que a experiência com a intercambista na sua casa havia sido *perfeita* e que isso acabou gerando muita expectativa em relação a sua própria experiência. Maria pensava em fazer intercâmbio porque:

Na minha vida, eu tinha tudo sempre muito controlado. Na escola, quando eu tirava notas boas, eu sempre queria e buscava ficar melhor do que eu estava. No futebol também, enfim, em tudo!... Eu sempre tinha tudo muito controlado, porque eu queria tudo perfeito. Eu sabia que eu não tinha como resolver esse problema lá no meu país. Porque eu sabia que quando você faz intercâmbio, não é possível controlar tudo. Eu achava que isto poderia ser bom para mim, para tornar a minha vida melhor.

Para Maria, a viagem de intercâmbio aparece como um projeto de busca de uma transformação pessoal. Ela quer ter uma experiência para aprender a superar suas dificuldades pessoais, referidas como *perfeccionismo e controle*. Acredita que ficar longe da família, em um lugar estranho e sem referências familiares próximas poderá ajudá-la nesse empreendimento pessoal.

Os projetos pessoais e familiares se confundem na trajetória dos estudantes estrangeiros. O interesse em participar ou não de um programa de intercâmbio ora parte da família, como no caso de Joana, ora do próprio estudante, como no caso de Luísa, Bruna, Fernanda e Maria. Podem ter ocorrido divergências dentro da família em relação à relevância ou não da participação nessa experiência, como no caso de Júlio que, embora ambos os pais tivessem participado do programa, cada um possuía um entendimento distinto sobre ele. Esse interesse pode, também, ter sido gerado por um parente próximo, como foi o caso de Luís que, baseado em suas observações das experiências dos intercambistas e devido ao forte contato com a instituição através da sua tia, concebeu um projeto de intercâmbio como sendo algo *legal*, que poderia ser bom para ele, por mais que não tivesse claro o como e nem o porquê.

Independente de como tenha surgido o interesse ou de como foi vislumbrada essa oportunidade no campo de possibilidades desses jovens, fica evidente que, em algumas situações, os projetos deixam de ser apenas dos pais e passam a ser também dos filhos, ou, em outras, partem dos filhos e se tornam projetos da família. Cada envolvido, entretanto, dá a eles sentido e entendimento de acordo com sua trajetória pessoal e social. Os projetos (Velho, 1999) ficam, então, relacionados à dimensão racional e consciente, trazida pelos intercambistas e por seus pais, expressando uma série de desejos, motivações e expectativas em relação a experiências validadas e valorizadas nesse momento, tanto pelos indivíduos quanto pelo grupo familiar.

A decisão das famílias em apoiar emocional, financeira e legalmente o projeto de intercâmbio de seus filhos vem atender a uma série de interesses familiares verbalizados, como: busca de maior autonomia para eles, aprendizado de outro idioma, crescimento pessoal, maior independência deles. A decisão dos filhos de aderir a esse projeto, trazido inicialmente por seus pais, como algo que implica diferentes sentidos dados a ele, como: busca de ‘se experimentar’ em um contexto estranho, busca de um tempo de lazer durante um ano, um ‘tempo e espaço para autoconhecimento’ antes de ingressar em uma universidade.

O processo de preparação do jovem na sua comunidade é tão longo quanto o período de duração do intercâmbio, no caso, onze meses. As atividades de orientação e as questões

burocráticas relacionadas a essa ida a outro país é algo que vai marcando, gradualmente, um afastamento social da sua comunidade nativa, assim como uma aproximação paulatina e constante relacionada ao universo dos intercâmbios culturais da instituição. Através das questões formais, que envolvem o período de preparação para o intercâmbio, tais como: o preenchimento de formulários e procedimentos para conseguir o visto de estudante, atividades obrigatórias da organização, e até mesmo das situações informais, que ocorrem nos encontros institucionais, pude perceber que os estudantes cada vez mais se inseriam nesse universo e se familiarizavam com o que seria um ‘programa de intercâmbio’ dessa instituição.

A ‘padronização’ dessa etapa de preparação, evidenciada nas falas dos jovens de diferentes países, remete-me à noção de rito de separação (Periano, 2003; Van Gennep, 1977) - primeira etapa do rito de passagem. O rito de separação se constitui no afastamento da comunidade que se dá a nível físico e social com aqueles que irão realizar a passagem, os que serão iniciados nesse processo. A etapa da preparação para o intercâmbio apresenta-se como um período que prepara os jovens estrangeiros para a separação física e social que irá ocorrer quando forem realizar o intercâmbio. Entendo que essa separação social do jovem de sua comunidade nativa se dá gradativamente durante todo o processo de preparação da ‘viagem’. Considerando que os interlocutores da pesquisa associavam os *programas de intercâmbio* a *viagens de intercâmbio*.

A estrutura do ritual de passagem e as viagens de turismo se assemelham, pois ambas podem ser divididas em três momentos: o período profano (mundano), o período sagrado (limiar) e o retorno ao período profano (mundano). O período de preparação para a viagem se dá no profano, no cotidiano, na vida ordinária do jovem intercambista, e se constitui nos rituais de preparação que já podem produzir efeito antes mesmo da sua realização (Graburn, 2001), uma vez que esse efeito vai além do período de duração da viagem, pois inclui o antes e o depois.

A preparação para o intercâmbio inicia-se com a concepção do projeto, a escolha de participar do programa e a chegada à instituição. Os jovens e suas famílias normalmente chegam até o AFS através da rede de contatos de suas relações de parentesco e dos amigos ou através de informações na escola. Em muitas situações, porém, ocorre de a família do jovem estrangeiro já haver hospedado um intercambista em sua casa, como no caso de Bruna e Maria; ou dos próprios pais e/ou irmãos mais velhos já terem realizado intercâmbio pela instituição, como aconteceu com Joana, Júlio e Maria; ou, ainda, de ele possuir parentes que trabalhem na instituição, como Luís. Dessa forma, com exceção de uma estudante que relatou ter conhecido o AFS através da internet, a referência normalmente esteve associada a uma

pessoa próxima da rede de relações. Com isso, pude perceber que, quando familiares, amigos íntimos, amigos ou conhecidos indicam os programas, a construção de uma relação de confiança com a instituição fica facilitada.

2.2 Famílias⁵⁷ Gaúchas e a escolha de receber um intercambista

Para realizar a entrevista com a família de Bruna, entrei em contato com ela para marcar uma visita a sua casa. Diante da combinação da visita, solicitei à voluntária do município que me recebesse em sua residência. Como isso não foi possível, ela me sugeriu que ficasse hospedada na casa da mãe de Bruna.

Ao chegar ao local, a mãe da estudante me recebeu amigavelmente e preparou um lanche. Enquanto aguardávamos Bruna e sua irmã hospedeira chegarem de um retiro de jovens da Igreja, ela foi me contando que já conhecia o programa de intercâmbio da cidade. A professora (voluntária da instituição) da sua filha foi quem lhe perguntou se gostaria de receber uma estudante em sua casa. Durante a conversa, propus que a entrevista fosse gravada. Nesse momento percebi, diante de seu desconforto, que ela não estava ciente da pesquisa que eu estava realizando. Esclareci, então, que fazia uma pesquisa antropológica e que não estava vinculada à instituição, ainda que fosse ex-voluntária e ex-intercambista.

Concluí, a partir dessa situação, que a mãe de Bruna se dispôs a me hospedar em sua casa por causa da solicitação da voluntária, que era sua conhecida, e pelo pedido de Bruna que a informou já me conhecer. Ela não buscou se informar sobre o que eu estaria fazendo na cidade, nem entender melhor o porquê de me receber; fez isso de uma maneira muito informal, baseada apenas nas referências que obtive.

As relações na rede institucional se dão frequentemente de maneira informal. É muito comum os intercambistas e voluntários serem recebidos na casa de famílias hospedeiras, na de voluntários ou na de outros intercambistas quando viajam de uma cidade para outra. Dessa forma, entendi que fui recebida pela família de Bruna como se fosse uma voluntária ou uma intercambista que eles estavam acostumados a hospedar. Em vista disso, entendo o desconforto da mãe de Bruna ao perceber que eu me encontrava lá como pesquisadora, isso significava que eu havia deixado de ter um ‘status familiar’ e bruscamente passei a ser considerada ‘estranha’.

⁵⁷ Ao empregar termo ‘Família’, nesse primeiro momento, estou me referindo às famílias hospedeiras que encontrei no campo as quais, em sua maioria, eram constituídas por membros que partilhavam laços consanguíneos pertencentes a duas gerações: pais e filhos.

Diferentemente das entrevistas com os intercambistas nas quais havia um clima de descontração e intimidade, as realizadas com as famílias hospedeiras foram, em geral, marcadas por maior formalidade e menor intimidade entre pesquisadora e interlocutor, embora houvesse aquelas em que assumi um status de familiar-pesquisadora, ao invés de estranha-pesquisadora, por ter sido estabelecida uma relação de proximidade durante a realização da pesquisa.

Passado o primeiro estranhamento e após alguns esclarecimentos sobre a pesquisa, a mãe de Bruna concordou com a entrevista e iniciou relatando o processo da decisão de recebê-la.

*Então ela [a professora] pediu para nós. Mas eu e a minha filha sempre esquecíamos de conversar com o meu marido. E então, no final de junho, a gente decidiu que sim. E a voluntária perguntou se queríamos já receber no meio do ano. A gente achava que os estudantes só chegavam em janeiro, pois tínhamos conhecido uma intercambista, e ela tinha vindo em janeiro ou fevereiro. Um dia, a minha filha chegou em casa dizendo que ‘ a professora pediu que a gente decidir até as 19hs, caso fôssemos ficar com alguém que chegava no meio do ano’. Daí eu liguei para um amigo meu que só recebeu intercambista. Pois eu pensei que tinha que falar com alguém que só recebeu, pois quem mandou e recebeu é diferente. Ele recebeu uma alemã, por um ano, que já faz uns três, quatro anos. Eles ainda têm contato com ela, pois ele disse que ela havia ligado há pouco tempo. Então ele me disse que tinha sido uma experiência muito boa, só que tem os prós e contras. E que eu não ia me arrepender. Só que às 19hs eu estaria trabalhando, então eu só sei que 10 pras 19h eu liguei para professora e disse que sim. Eu sei que tinha quatro estudantes no final para escolher, e eu sei que quando a minha filha chegou na quarta-feira na escola só tinha sobrado a Bruna, as outras quatro já estavam acomodadas. Bom, então eu disse, vamos pegar a Bruna!
Vocês nem viram os papéis?- Perguntei, me referindo ao formulário que tanto as famílias quanto os estudantes preenchem.
Não, só ela tinha sobrado. Então a gente sempre diz que ela tinha que vir para cá. Porque as coincidências dela com a gente é muito grande. –[refere-se às proximidades fenotípicas entre a estudante e a sua filha.]*

Diferentemente da situação dessa família, que foi convidada por uma voluntária para receber uma estudante, em outras circunstâncias a iniciativa parte da própria família, como no caso de Carolina, 15 anos, natural de um país asiático. A família conheceu uma intercambista que passou um período em sua cidade e, desde então, se interessou em receber um estudante. A mãe hospedeira já conhecia os voluntários da organização, pois mantinham uma relação de amizade, mas o maior interesse partiu da filha mais velha, na época com 12 anos, que disse ter conhecido *uma intercambista na sua escola e achou que poderia ser muito legal ter uma intercambista na sua casa.*

A família da intercambista Vanda, 15 anos, natural de um país europeu, não possuía relações de proximidade com membros da organização, como as famílias hospedeiras de

Bruna e Carolina. Esta foi a única das famílias entrevistadas que havia conhecido a proposta da instituição através de um cartaz de divulgação do programa de recebimento do AFS na escola da filha mais nova, na época com 13 anos. A menina se interessou em receber uma intercambista e levou a ideia aos pais. O pai procurou se informar mais sobre a proposta e a instituição, entrando em contato com seu representante na cidade. O voluntário responsável realizou uma visita à família para maiores esclarecimentos. Nessa ocasião, levou os papéis de três estudantes que estavam indo para lá e os mostrou para a família que deveria decidir qual deles teria mais afinidade com eles. Optaram por uma jovem que possuía traços físicos étnicos parecidos com os seus e que falava o idioma alemão que os membros da família dominavam. A família era descendente de imigrantes e costumava se comunicar nesse idioma no ambiente doméstico. Eles acreditavam que isso poderia facilitar a comunicação e a interação com a estudante. O pai hospedeiro comentou que achou estranho ter sido tão rápido todo o processo, também estranhou o fato de a instituição mal conhecê-los e já aceitar que recebessem a jovem em sua casa.

A família hospedeira de Fernanda, 15 anos, natural de um país europeu, comentou que se interessou justamente pela diferença étnica que percebeu entre eles e a estudante. Eles já haviam recebido uma intercambista cerca de quatro anos atrás e tinham gostado muito. Na época, essa jovem estava com a mesma idade da filha única do casal, mas as duas meninas *eram muito diferentes*. A mãe hospedeira se referia a gostos musicais, vestuário, interesses, *hobbys*, valores de vida. Segundo o casal, a experiência teria sido enriquecedora para toda a família justamente devido a essas diferenças. Três anos se passaram desde essa primeira experiência com o intercâmbio, então surgiu nova oportunidade de hospedar. A mãe hospedeira havia sido convidada por uma amiga a receber novamente um intercambista. Era outro momento da família, a filha já estava com seu curso superior concluído, e o casal achava que esta poderia ser, mais uma vez, uma experiência boa para todos. Quando recebeu a visita do voluntário em sua casa, e ele lhe mostrou os papéis de alguns jovens que iriam para a cidade, a mãe hospedeira se interessou pela jovem mais diferente que achou: uma européia, com traços físicos étnicos diferentes dos que ela imaginava de alguém vinda de lá.

A irmã hospedeira de Lívia⁵⁸, a filha mais velha do casal, se interessou pelo programa de intercâmbio depois de ter conhecido uma intercambista AFS na sua escola. O pai hospedeiro dessa jovem disse que, na época, tanto ele quanto sua esposa foram contra a ideia,

⁵⁸ Esta estudante realizou intercâmbio há mais de três anos e não tive a oportunidade de conhecê-la. Entrevistei essa família devido à indicação da instituição.

porém, após dois meses de negociações na família, ele se dispôs a conversar com alguém da instituição para esclarecer do que tratava a proposta da instituição. Em uma noite, após o horário do jantar, o voluntário da comunidade fez uma visita à família, já levando, nesse primeiro encontro, os formulários de algumas estudantes. A família se decidiu por uma jovem, o casal referiu que cogitaram receber um menino, porém, como eles têm duas filhas, acharam que a adaptação seria mais fácil com uma menina. Esse casal indicou mais três famílias amigas para receberem estudantes naquele ano.

A família hospedeira da estudante Luísa não ficou sabendo do programa através da escola, como no caso da de Lívia, mas através de um amigo que sabia que uma intercambista estava na cidade. Essa jovem era natural de um país que o casal conhecia e do qual gostava, isso despertou o interesse em conhecê-la. Nessa época, a estudante estava tendo dificuldades de entrosamento com sua família hospedeira, e o voluntário local perguntou se eles não poderiam hospedá-la temporariamente. Esse casal conhecia um dos voluntários, do qual tinha sido vizinho, e acabou se disponibilizando a *ajudar* a jovem. Eles se solidarizaram com a situação da estrangeira que estava num *outro país, longe de tudo e sozinha*. Acreditavam que poderia ser uma experiência boa e interessante, afinal conheciam pessoas que já haviam participado de programas de intercâmbio as quais geralmente referiam que tinham tido ótimas experiências. Dessa forma, se encorajaram a receber a estudante, inicialmente, por um período temporário.

As famílias hospedeiras, com exceção da de Vanda, tinham relações de proximidade⁵⁹ com voluntários da instituição, ou a conheceram no ambiente escolar frequentado por seus filhos. A chegada até o AFS se deu, em sua grande maioria, a partir de suas redes de relações. Afinal, quando essas famílias me contavam sobre a forma como ficaram conhecendo a instituição, geralmente relatavam que isso se deu a partir de pessoas conhecidas, que faziam parte das suas redes de relacionamento, por isso a segurança e a confiança depositadas nessas pessoas davam credibilidade à instituição. O inverso também ocorria; os voluntários, por sua vez, também apostavam nas indicações de famílias hospedeiras que lhes eram feitas por seus conhecidos.

A família de Vanda, no entanto, comentou que ficou sabendo da instituição através de um cartaz e estranhou sua informalidade: *mal nos conheciam e já confiaram que poderíamos receber a estudante*. O mesmo estranhamento foi referido pela família de Luísa pela rapidez

⁵⁹ Por relações de proximidade, entendo relações de vizinhança, laços de parentesco, amizade, ou seja, aquelas constituídas através do trabalho, no meio escolar ou religioso.

com que a estudante foi morar na casa deles, sem a instituição sequer *nos conhecer direito*. Percebi que esses comentários foram feitos por famílias que não conheciam o AFS, nem tinham relações de proximidade com seus voluntários, ou, até mesmo, não haviam conhecido estudantes intercambistas dentro de um ambiente familiar, como a escola dos filhos, vizinhança, parentes ou rede de amigos.

As famílias que decidiram receber os estudantes apresentavam, durante o período de duração do programa, uma configuração normalmente nuclear, pai, mãe e filhos, o que variava era a idade destes, podendo estar entre um e 42 anos. Em algumas delas, nem todos os filhos moravam em casa naquele momento porque estudavam fora, ou haviam saído de casa, ou casado. Houve casos de pais que tinham perdido filhos pequenos por falecimento pouco tempo antes de receberem os estudantes. Um casal engravidou durante o período em que o intercambista residia com eles. Pude perceber que nestas famílias também havia membros ausentes devido a falecimentos, porém estes se encontravam ainda muito presentes na dinâmica familiar. Da mesma forma, cabe pensar que o filho que estava a caminho já se encontrava sendo gestado e concebido como mais um membro daquela família. Entendo que a ausência física se configurava como uma presença constante, percebida através de histórias contadas, fotos e lembranças espalhadas pela casa, assim como nos projetos, nos rearranjos físicos e afetivos nesses lares⁶⁰.

Diferentemente dos estudantes estrangeiros, as famílias hospedeiras não comentaram sobre encontros preparatórios institucionais que antecedessem à chegada do estudante. Segundo voluntários da organização, deveria haver alguns encontros destinados a elas, porém estes não ocorriam com a mesma regularidade e padronização em todos os comitês, pois dependiam de iniciativas de cada comitê local. Isso difere da padronização encontrada nas experiências dos jovens, em geral relatada com certa rigidez e obrigatoriedade. As famílias falaram sobre a entrevista inicial, com a apresentação da instituição, das suas regras e com esclarecimentos sobre quais seriam suas obrigações e quais as da instituição, nada além disso. Os voluntários comentaram que havia formulários institucionais que as famílias precisavam

⁶⁰ Refletir que a ideia de família pode ir além de laços biológicos e físicos permite entender que elas são dinâmicas e estão em constante arranjo e rearranjo em relações afetivas, espaços físicos e, até mesmo, questões econômicas. Barros (1987) comenta que a ideia de família pode ser entendida “como um conjunto de emoções e sentimentos que permite representá-la como uma instituição que amplia os quadros biológicos e legais do parentesco” (p. 81). A autora Carsten (2000) fala que, nos últimos anos, tem se dado um novo olhar em direção aos estudos do parentesco, o que tem aberto novas perspectivas antropológicas. Atualmente não se pensa mais sobre ele a partir de relações consanguíneas e de organizações de “famílias”, mas sim em como têm se construído ou não essas relações de parentesco.

preencher e também um manual, com informações específicas às famílias hospedeiras, para ser lido.

2.3. Comunicação Virtual entre as famílias gaúchas e os estudantes estrangeiros

Alguns estudantes começam a estabelecer contato com as famílias que irão recebê-los tão logo tenham em mãos os *papéis, currículo, portfólio, formulário, application*⁶¹ fornecidos pela organização de três meses a duas semanas antes de chegarem ao país de destino. Nesses documentos⁶², constam algumas informações sobre a família, como endereço, data de nascimento, descrição de seus componentes e de seus hábitos, expectativas em relação à experiência de intercâmbio e fotos. As futuras famílias hospedeiras também recebem esses ‘papéis’ que contêm dados semelhantes sobre os estudantes, fotos e uma carta na qual se apresentam, compartilham suas motivações e expectativas acerca do intercâmbio e o que mais quiserem dizer. Há, porém, casos em que o jovem não recebe esse documento antes da partida e conhece a família somente após chegar ao país hospedeiro, sem ter tido nenhuma informação prévia ou oportunidade de estabelecer contato anterior.

Esses ‘papéis’ chegaram à casa de Carolina cerca de dois meses antes de ela vir para o Brasil. Assim que os recebeu, começou a fazer contato com sua futura família hospedeira pela internet. Através de um programa de comunicação virtual, ela e a mãe hospedeira, Silvia, começaram a se comunicar em Inglês, segundo idioma para ambas, buscando estabelecer um contato prévio antes da vinda da jovem. Silvia disse que, durante as conversas digitadas, ela sempre tinha o dicionário a seu lado para auxiliá-la no vocabulário. Carolina perguntava sobre a cidade, as pessoas, o clima; Silvia lhe explicava que era uma cidade bem pequena em comparação com a dela, capital do seu país asiático e com uma grande população. Com o auxílio da webcam, a mãe hospedeira lhe mostrou a casa: *eu andei pela casa toda com o meu notebook, mostrei todas as peças da casa para ela já poder ter uma ideia de como ia ser aqui.*

Silvia também relatou que as duas conversavam sobre como era a vida da jovem no seu país, sua alimentação, sua rotina. Carolina disse que, nesses meses que antecederam sua vinda, estava ansiosa e se perguntava como seria o tempo aqui. Tinha muita vontade de que tudo fosse ótimo, mas, ao mesmo tempo, sentia alguma insegurança em relação ao fato de as pessoas gostarem ou não dela, e se ela iria gostar das pessoas. Essa insegurança persistiu

⁶¹ Termos utilizados pelos informantes para se referirem aos formulários, conhecidos como *applications* pela organização, preenchidos, tanto pelos estudantes quanto pelas famílias, com informações, como nome dos membros da família, endereço, hábitos cotidianos, atividades de lazer, entre outras.

durante um tempo do intercâmbio, principalmente em relação aos jovens da sua idade e aos colegas da escola, mas quanto à família foi grande o seu entrosamento com todos os membros, ficando muito próxima deles. A amizade com as irmãs, o carinho com a mãe e as brincadeiras com o pai, durante todos os momentos em que estive em contato com eles, ficaram evidentes nos sorrisos e abraços.

A internet possibilitou o início dessa interação, assim como o idioma inglês proporcionou os primeiros diálogos virtuais entre Silvia e Carolina. Esses primeiros contatos estabelecidos virtualmente possibilitaram muitas trocas entre as duas, proporcionando uma familiaridade com o que antes era estranho. Havia um desejo mútuo de tornar esse estranho familiar. O movimento de Silvia, ao mostrar através da webcam como eram os cômodos da casa, alegando que seria interessante a jovem poder imaginar como era sua casa no Brasil, assim como o interesse de Carolina de saber diversas coisas sobre a cidade, o clima, as pessoas, evidenciaram a motivação mútua de se familiarizarem uma com a outra⁶³.

2.4 Bem-vindo: Primeiro encontro das famílias e dos jovens estrangeiros - a chegada ao aeroporto.

O cenário, no saguão de desembarque do aeroporto, era de alguns pais e filhos que aguardavam os estudantes e de outras pessoas presentes que também esperavam seus familiares, amigos, namorados... Alguns trouxeram cartazes com os nomes dos jovens, dizendo bem-vindo ou *Welcome*; e outros levaram flores. Lá estavam, também, voluntários com camisetas do AFS que circulavam entre as futuras famílias hospedeiras, conversando com elas ou entre si.

Enquanto um futuro pai hospedeiro aguardava a chegada da intercambista, dirigi-me até ele para conversar. Falou sobre a expectativa em relação à chegada dessa *nova filha* e referiu que sua casa já estava organizada de uma forma diferente para recebê-la: o quarto tinha sido reorganizado, ele havia colocado mais um beliche, e as meninas se desfizeram de coisas para poder liberar espaço no guarda-roupa. Também expressou preocupação acerca da

⁶³ Uma das ansiedades provocadas pela globalização seria a possibilidade de perda da intimidade nas relações humanas devido ao não compartilhamento do espaço físico. A internet proporcionaria que as relações se dessem além, a partir de outra dimensão. Seriam quatro dimensões, as três convencionais, extensão, largura e profundidade, e, além destas, haveria outra na qual as distâncias poderiam ser alcançadas, e os limites, redefinidos. Essa dimensão só seria possível no ciberespaço no qual as conexões entre o local e o global são constantemente remapeadas (Comaroff & Comaroff, 2003).

acomodação dos membros da família no carro, afinal como ele iria colocá-los para poderem sair a passear aos domingos? Agora seriam seis integrantes na família, e o carro só comportava cinco pessoas!

As preocupações desse pai expressavam seu desejo de incorporar na sua rotina essa estudante estrangeira, tornando-a parte de sua família no espaço físico, no afetivo e no cotidiano familiar. Ele parecia estar ansioso enquanto esperava a jovem no saguão do aeroporto de Porto Alegre. Apesar de essa ideia haver partido de sua filha, adolescente de 16 anos, ele disse que todos os demais familiares se motivaram a participar da experiência, sendo que uns mais e outros menos. Esse pai buscava, dessa maneira, encontrar formas de tornar esse estrangeiro familiar.

Do outro lado do saguão, uma *mãe hospedeira* de uma cidade do interior, que também se encontrava ali esperando a chegada da intercambista de um país asiático, comentou que se motivou para recebê-la devido ao contato que teve com uma menina da Tailândia que esteve na sua cidade. Ela e a filha de 11 anos demonstravam estar muito alegres, aguardando a jovem. Ela expôs seu grande desejo de estabelecer contato com uma pessoa do outro lado do mundo a qual irá fazer parte da sua família, comentando como se sentia: *a gente se abre para o mundo*.

No discurso da instituição, também se encontram falas que se assemelham a dessa mãe e, no site, uma mensagem relacionada a sua proposta: “Ajudamos a construir um mundo solidário por meio do intercâmbio cultural entre os povos.” Compartilhar o cotidiano durante um período de tempo, buscar estabelecer uma comunicação com uma pessoa estranha, relacionar-se *com* esse estrangeiro e buscar partilhar sentidos e significados pode ser entendido como um desafio de sociabilidade cotidiana. A instituição dá a entender que seria justamente através desse convívio cotidiano que a proposta de construção de uma rede solidária entre pessoas de diferentes nações ganha forma. Esse convívio cotidiano apareceria como um grande desafio lançado às famílias e aos jovens estrangeiros. O desejo de vencer esse desafio estava presente no discurso das famílias ali presentes no saguão do aeroporto.

Os estudantes iam chegando em horários diferentes e, quando passavam pela portão de desembarque, alguns eram recebidos com abraços pelos pais e irmãos. Era visível o olhar assustado de alguns jovens ao serem abraçados com tanto entusiasmo por pessoas que lhes eram estranhas. Cruzavam, então, o saguão com o olhar, procurando algum rosto familiar, ou algum signo familiar, como o logo da instituição em alguma camiseta ou bandeira presente. Algumas famílias se aproximavam mais timidamente do estudante, com grande sorriso no rosto, estendiam as mãos e cumprimentavam com um balançar da cabeça. As bagagens dos

jovens possuíam etiquetas amarelas com o logo do AFS, o que as tornava bem visíveis à distância.

O idioma utilizado para esse primeiro contato normalmente era o Inglês. Havia jovens que se comunicavam fluentemente nele, ou até mesmo o tinham como idioma materno, porém outros mostravam grande dificuldade na comunicação. As famílias geralmente recorriam aos seus filhos que falavam Inglês para poderem se comunicar; havia, no entanto, casos em que nenhum membro da família tinha conhecimento da língua, nessas situações buscavam, então, voluntários da organização para mediar esse primeiro contato. Cada família, assim que recebia o intercambista, ia se retirando do saguão e se despedindo dos demais. Alguns intercambistas que iriam para cidades mais distantes de Porto Alegre, como Santa Maria e Rio Grande, dessa forma, foram recebidos pelos voluntários da organização e encaminhados para a rodoviária para irem para seus futuros lares.

CAPÍTULO 3

A CHEGADA NA ‘EXPERIÊNCIA EM SI’: ETAPA DA LIMINARIDADE

Neste capítulo abordo, principalmente, o encontro de Orientação Pós-chegada, promovido pela organização e destinado aos estudantes estrangeiros. Apresento, também, algumas questões relativas aos temas e conteúdos trabalhados nessa Orientação, assim como em manuais e materiais informativos da instituição. A proposta desse capítulo é mostrar a ‘entrada’ dos jovens na etapa da Liminaridade⁶⁴ (Turner, 1974), ou margem/ lîmem (Van Gennep, 1978), do Ritual de Passagem. Como já abordado anteriormente, a primeira fase do ritual corresponde à ‘etapa’ de separação⁶⁵; a segunda, ao período liminar intermediário. Esta é uma fase fronteira, paradoxal e passageira, no caso o período da viagem em si, e o “sujeito ritual” (Turner, 1974, p. 116)⁶⁶ possui características ambíguas. A fase da liminaridade dentro do ritual de passagem é bastante destacada, focalizada e valorizada (Da Matta, 2000)⁶⁷.

⁶⁴ Os capítulos 4 e 5 também buscam dar conta dessa fase do ritual, sendo que o capítulo 4 busca apresentar mais o cotidiano dos jovens na comunidade, e o capítulo 5 se encaminhar para a finalização dessa fase da liminaridade e o encaminhamento para a última etapa do ritual de passagem.

⁶⁵ “A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos” (Turner, 1974, p.116).

⁶⁶ “Durante o período “limiar” intermediário, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. (...) Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. (...) As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial” (Turner, 1974, p. 116 e 117).

⁶⁷ “Os ritos de passagem foram recorrentemente interpretados a partir dos anos 60, sobretudo por Victor Turner. Podem-se discernir duas tendências interpretativas típicas dessa fase. A primeira discute os ritos de passagem como uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema. Deste ângulo, os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de aparar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana. Nessa perspectiva, o foco é sempre nos jovens e naquilo que é percebido como uma arriscada e conflituosa transição dentro da sociedade. (...) A segunda tendência interpretativa revela uma mudança de foco do plano individual para o coletivo. A par de uma impressionante e detalhada etnografia, sua novidade consiste, precisamente, em tomar o simbolismo dos ritos de passagem como uma dramatização de valores, axiomas, conflitos e contradições sociais. Trata-se de mostrar que o ponto de vista deslocado, salientado na liminaridade, não configurava situações, processos ou papéis meramente pecaminosos, patológicos e criminosos, mas que era inerente à própria sociedade humana. Como sempre, a descoberta da positividade dos estados liminares e a discussão de sua importância como elemento essencial da constituição da própria sociabilidade, colocavam em crise os modos tradicionais de se discutir a marginalidade como um estado potencialmente criminoso, bem como o desvio como pré-patologia ou perversão” (Da Matta, 2000, p.10- 13).

3.1 A Orientação Pós-chegada: O Primeiro Encontro do grupo de intercambistas⁶⁸

Era uma noite de sexta-feira, em setembro de 2008, alguns jovens que moravam em cidades distantes chegaram a Porto Alegre. O evento para o qual vieram iniciaria na manhã do dia seguinte; nesta noite eles seriam acomodados nas casas de voluntários ou de intercambistas que aqui residiam.

Diante dessa situação, um voluntário me perguntou se eu teria como hospedar quatro jovens na minha casa, nessa sexta-feira. Concordei em recebê-las e fui buscá-las na rodoviária: Luísa e Clarissa, europeias; Juliana, asiática; Cristina, da América do Norte, todas com idade entre 16 e 17 anos. Elas estavam morando em diferentes cidades do estado. Além delas, havia mais dois estudantes que ficariam na casa de um voluntário.

Na manhã de sábado, chegamos ao local da Orientação, uma sala alugada em um hotel em frente à rodoviária, e nos juntamos ao grupo por volta das 10h20min. A maioria dos jovens já estava ali, sentados em um semicírculo formado pela disposição das cadeiras. Durante a manhã, os outros foram chegando em diferentes horários, procedentes de várias localidades do estado. Esses estudantes possuíam diversas nacionalidades, podendo-se perceber facilmente as diferenças étnicas: loiros, morenos, peles claras ou mais escuras, mais altos, mais baixos. Grande era a diversidade física, mas o vestuário nem tão distinto assim, grande parte deles usava tênis e muitos, calças jeans. A maior parte do grupo era formada por meninas, 21, e apenas quatro rapazes⁶⁹.

Em uma sala próxima, estava sendo realizada a Orientação Pós-retorno, destinada aos estudantes brasileiros que tinham retornado de seu intercâmbio há cerca de dois meses.

A primeira atividade da Orientação⁷⁰ era o momento das apresentações que iniciavam com os voluntários. A coordenadora do evento começou com sua apresentação: *Eu sou a [fulana], trabalho há [tanto]s anos na organização, não viajei pelo AFS, mas já morei fora, fui família hospedeira e já recebi dois estudantes na minha casa.* Logo em seguida, os

⁶⁸ Após o primeiro mês da chegada dos estudantes ao Rio Grande do Sul, a organização promove uma atividade chamada *Orientação Pós-chegada*. Nessa atividade, realizada, então, no mês de setembro, em Porto Alegre, entrei em contato com todos os jovens que haviam chegado em agosto de 2008. O mesmo ocorreu com os que vieram em fevereiro de 2009 e tiveram a orientação em março, na região de Antônio Prado. Com o grupo que veio em agosto de 2009, a atividade teve lugar em setembro, em Porto Alegre. Todas as orientações aconteceram em finais de semana, iniciando normalmente no sábado, à tarde, e terminando no domingo, de manhã ou início da tarde.

⁶⁹ Entre todos se destacavam os dez jovens de nacionalidade alemã. Segundo um voluntário há um grande aumento de jovens alemães fazendo intercâmbio no Brasil, e o número de jovens tem aumentado todos os anos.

⁷⁰ Segue, em anexo, a representação gráfica da disposição em semicírculo do grupo de jovens e dos voluntários presentes.

demais voluntários se apresentaram. Então, me apresentei do mesmo modo que eles. Falei, primeiro, da minha trajetória na instituição e, depois, que estava fazendo uma pesquisa sobre intercâmbios culturais e acompanharia a Orientação na condição de pesquisadora.

Geralmente os voluntários que ministram essas orientações⁷¹ já participaram de treinamentos promovidos pela instituição nos quais são trazidos conteúdos teóricos que devem ser trabalhados com os intercambistas. Além dos treinamentos, há também os manuais, no formato *pdf* e *word*, disponibilizados no site da organização. Neles, há explicações sobre como devem ser trabalhados esses conteúdos, as dinâmicas, as atividades básicas que devem ser realizadas e algumas outras opcionais. Os voluntários presentes no final de semana eram jovens entre 18 e 30 anos. A maioria tinha suas ocupações (trabalho, estágio, ou frequentava a faculdade) durante a semana, e se envolvia nas atividades da instituição nos finais de semana.

Ficou evidente na minha observação que o fato de ter participado de um programa de intercâmbio, como intercambista ou família hospedeira, legitimava um saber, dava um prestígio; ser voluntário há um período maior de tempo também fortaleceu o status desses ‘instrutores’ (Turner, 1976) das atividades institucionais, que eram os condutores do ritual. Eles já tinham, afinal, sido iniciados nessa experiência, possuíam um saber adquirido com o fazer, ‘sabiam fazer’, não devido a um conhecimento que se adquire nos livros, mas sim na vivência. É fala recorrente dos voluntários que a metodologia do AFS se baseia na “aprendizagem pela experiência” (*experiential learning*), um conhecimento adquirido através do experimentar-se, do fazer, do viver. Isso passa a ideia de que, quanto mais experiências são acumuladas na vida, mais conhecimento e aprendizagens são obtidos delas. É considerado, de acordo com os voluntários, aprendizagem quando a pessoa, além de ter o conhecimento, souber aplicá-lo nas situações em que for necessário.

Assim, aqueles que já vivenciaram o rito, que já passaram pela experiência de intercâmbio, possuem uma marca, uma diferença, pois os ritos da instituição (Bourdieu, 1996) carregam o poder de “instituir uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados” (p.97). Os instrutores da Orientação, os voluntários consagrados, responsáveis pelos jovens, passaram a ser membros de outro grupo, ou classe, distinta do grupo de intercambistas. Por isso, os voluntários, ‘instrutores’, estão legitimados a exercerem

⁷¹ No caso dessa Orientação, foi organizada por uma equipe de voluntários da região ESU responsáveis por esta área de Orientações, assim como havia voluntários da cidade de Porto Alegre os quais estavam presentes dando apoio na área de logística. A SE disponibilizou uma verba por intercambista para Região realizar a orientação, e cabia aos voluntários organizar a infraestrutura, o local, alimentação, o transporte dos jovens, além de decidir o programa do final de semana e as atividades que seriam realizadas.

tal papel naquele contexto, dar instruções, e a trabalhar as ‘(in)formações’ nas orientações que são consideradas adequadas e legítimas. Isso se evidencia no silêncio dos jovens durante a fala dos orientadores nas atividades, no respeito com que se dirigem aos voluntários, nas perguntas que são feitas para eles. Logo após as apresentações dos voluntários, foi proposta a dos intercambistas. Eles se espalharam pela sala, se acomodando entre as mesas e cadeiras, se sentaram no chão ou deitaram de bruços para desenhar o que havia sido proposto: foi pedido que escrevessem seu nome, país de origem, cidade em que estavam, expectativa que tinham em relação ao intercâmbio e desenhassem seu rosto. Enquanto eles realizavam a tarefa, a voluntária comentou comigo que chegará uma estudante chinesa durante a tarde, pois teria tido um problema com o visto, o que retardou sua vinda. Ela também me contou que dois estudantes que estavam em Lajeado não viriam, pois estariam participando da festa à fantasia da cidade. O comitê local achou melhor eles ficarem lá. Havia, ainda, uma estudante que estava atrasada, mas que viria. Essa jovem morava em uma cidade próxima a Porto Alegre e teria dormido na casa do namorado. A voluntária referiu o fato em tom de desaprovação.

Entendi que os encontros, as atividades e os eventos institucionais são considerados muito importantes, e a presença dos jovens é essencial, no caso das orientações, obrigatória. O atraso para a Orientação sem uma justificativa considerada adequada era algo que causava desconforto nos voluntários, além da preocupação de que isso pudesse ser um mau exemplo para os demais estudantes. Eles poderiam pensar que essa situação fosse normal e se sentirem à vontade para faltar à próxima Orientação.

O respeito pelas atividades institucionais deveria ser construído na relação com os intercambistas, havendo nela uma hierarquia bem demarcada: os voluntários orientavam e instruíam; os jovens deveriam obedecer às combinações e exigências. Existia, no entanto, uma pequena margem para negociações, como no caso dos jovens de Lajeado no qual o comitê local apoiara a decisão deles. A situação ficava um pouco complicada no caso da jovem que se atrasou por ter dormido na casa do namorado. Ela tomara tal decisão sozinha, apenas tendo informado à instituição, o que tornou essa circunstância bem diferente da anterior.

A Orientação possuía uma programação⁷² com diversas atividades e muitos conteúdos a serem tratados: papel do intercambista, expectativas da comunidade, conceitos de cultura, resolução de conflitos interculturais, orientações práticas em relação a aspectos institucionais, como viagens, questões de saúde e ida à polícia federal para fazer a identificação brasileira.

⁷² Em anexo, segue quadro detalhado da programação da Orientação e alguns registros de imagens.

Para tudo isso, era necessária certa organização quanto ao tempo a ser despedido em cada uma delas, porém não se percebia rigidez nesse sentido; algumas atividades levaram mais e outras menos tempo do que estava previsto.

Os jovens estrangeiros estavam se conhecendo nesse encontro, e a oportunidade que eles tinham de conversar era nos intervalos. Durante o primeiro intervalo para o lanche, o *Coffe-Break*, puxavam conversa um com o outro. A maioria dos diálogos⁷³ se dava em Inglês, independentemente de suas nacionalidades.

Durante o final de semana, os voluntários, instrutores, se prontificavam a proporcionar, facilitar, orientar, '(in)formar' os intercambistas sobre como deveria ou não ser essa experiência e qual era a proposta da organização nesse sentido. As atividades e os temas apresentados por eles visavam a padronizar o entendimento do que seria essa proposta para a experiência desses estudantes. Os voluntários que estavam atuando como Orientadores funcionavam como porta-vozes da Instituição, autorizados e legitimados por ela e reconhecidos por eles. Em relação a isso, Bourdieu (2008) refere:

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação aos outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador (p. 89).

Em todas as Orientações, nos intervalos entre as atividades ocorriam *os energizers*, brincadeiras descontraídas e rápidas que duravam cerca de 5 a 10 minutos. Às vezes, essas brincadeiras eram propostas pelos voluntários, em outros momentos, os próprios estudantes as organizavam em seus idiomas de origem. A maioria delas necessitava de contato físico, como a dança, ou, muitas vezes, incluíam música. O importante era que as pessoas rissem e se agitassem. Segundo alguns voluntários, esse recurso é utilizado para *acordar o grupo* quando percebem que os jovens estão cansados de alguma atividade, ou no horário após o almoço, ou, ainda, no início da manhã. Os orientadores do encontro ora conduziam, ora participavam desses momentos, interagindo, brincando, rindo junto com os intercambistas, se misturando aos grupos nessa diversão. Era tudo *muito divertido*, comentou uma estudante. O chefe deve

⁷³ As conversas entre os jovens abordavam as seguintes perguntas *Onde tu estás morando? Você está tendo problema na família?; Fiquei sabendo que a 'fulana' está mudando de família, que pena!; A minha família é muito legal, e a tua?; A minha escola está muito chata e não consegui fazer amigos; Estou tendo dificuldades com a minha irmã hospedeira, acho que ela está tendo ciúmes de mim; Tu sabia que ninguém fala inglês na minha família? Isso está difícil. A minha mãe acaba decidindo tudo por mim e não me pergunta nada; Na minha casa tem arroz e feijão todos os dias, e eu odiei, não sei mais o que fazer...; Mas na minha família tem polenta todos os dias, mas eu gosto.*

rir junto com o grupo, o “riso branco” (Turner, 1974, p. 128), que seria percebido através da brancura dos dentes e “representaria camaradagem e companhia agradável” (p. 128).

Percebi essa primeira Orientação como o marco inicial ‘do ritual’ da experiência de intercâmbio, uma vez que, durante sua realização, foi construído um espaço em que foram dadas instruções e orientações sobre a proposta do programa de intercâmbio da instituição. Nos ritos de passagem, há marcas que demarcam os limites e as fronteiras entre entradas e saídas: saída do mundo anterior, entrada num mundo novo (Van Gennep, 1978)⁷⁴. O autor também refere que somente a porta principal “é a sede de ritos de entrada e de saída”, as outras aberturas, referia-se a uma casa, não possuem esse mesmo caráter de margem. As orientações são como as “portas”, espaços de entrada e saída no ritual. Nelas, os jovens recebem as instruções e orientações sobre como ‘deve ser’ sua experiência de intercâmbio durante os onze meses; por elas, eles ‘entram’ na experiência de intercâmbio do AFS.

Os espaços onde são realizadas as Orientações possuem ‘marcas’, como geralmente bandeiras da instituição com o logotipo, de forma que criam uma configuração que os legitima como espaços para que ocorram as atividades do ‘ritual’.

Além disso, a orientação também foi um espaço para os jovens conversarem entre si, refletirem sobre suas experiências, trocarem ideias, criarem uma rede de apoio entre eles, os intercambistas, que estavam vivendo um momento em comum. Os contatos estabelecidos nesse encontro, para alguns deles, perduraram durante todo o tempo em que moraram no estado. Visitar um ao outro nas cidades em que se encontravam, se comunicar através do contato virtual, conversar sobre o que estavam vivendo, suas dificuldades, desejos, alegrias, compartilhar projetos, anseios, foram constantes nessa experiência⁷⁵. Havia um “princípio social igualitário” (Peirano, 2003) presente entre os intercambistas o qual poderia ser

⁷⁴ Cabe referir um trecho do autor em que ele traz a questão da importância da ‘porta’, da “soleira”, marcando a entrada e saída na passagem: “De maneira mais precisa é possível dizer que a porta é o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico, quando se trata de uma habitação comum, entre o mundo profano e o mundo sagrado, no caso de um templo. Assim atravessar a soleira significa ingressar em um mundo novo” (p.37). Mais adiante o autor também refere sobre a porta principal: “Observe-se que em geral unicamente a porta principal, quer porque foi consagrada por um rito especial quer porque está orientada em uma direção favorável, é sede de ritos de entrada e de saída. As outras aberturas não têm este mesmo caráter de margem entre o mundo familiar e o mundo exterior” (p.39). Cabe ressaltar que os jovens também cruzam fronteiras nacionais, e a passagem de um país para outro é marcada pelas formalidades relativas a essa passagem, como o uso do passaporte, a retirada do visto, a saída do país através do aeroporto, a viagem de avião, a chegada ao aeroporto no outro país e à comunidade hospedeira. Esta também é uma passagem de status de um jovem local no seu país, que lhe é familiar, para um jovem estrangeiro em outro país, que lhe é estranho. Entendo que esta é parte da passagem para o ingresso no limem, no período da margem, o tempo do intercâmbio, e justamente a “porta” é a Orientação Pós-chegada.

⁷⁵ Os conteúdos abordados nas dinâmicas das três Orientações Pós-chegada observadas serão melhor explicitados e trabalhados em tópicos posteriores como: *Experiência, Intercambista e Conceito de Cultura*.

associado à ideia de “*communitas*” (Turner, 1974), “um relacionamento não estruturado” algumas vezes desenvolvido entre “liminares”.

3.1.1 A Experiência e a Aprendizagem pela Experiência

Ter uma experiência, Viver uma experiência, Se Experimentar foram algumas das expressões utilizadas pelos intercambistas em diversos momentos para se referirem a desejos e motivações em relação à participação em um programa de intercâmbio, ou seria “em uma experiência de intercâmbio”? O termo ‘experiência’ é utilizado tanto pelos jovens quanto pela instituição, seja nas falas dos seus voluntários, seja nos seus manuais ou materiais de propaganda. Ele também está relacionado à proposta institucional de intercâmbio por este se constituir em uma *aprendizagem pela experiência*, ou seja, aprender através do experimentar, do vivenciar. Tanto é que, nas Orientações de Pós-chegada e Pré-partida, escutei voluntários perguntando aos estudantes: *Quais as expectativas que vocês têm em relação a esta experiência de intercâmbio? Como foi a experiência de vocês durante esse ano?*

Na Orientação Pós-chegada, de setembro de 2008, durante a dinâmica de apresentação, atividade inicial, os voluntários contaram suas *experiências* no universo dos intercâmbios, tendo referido sua participação em diferentes papéis sociais, como ex-intercambista, ex-família hospedeira ou voluntário. Ao relatarem essas *experiências*, certa distinção lhes era conferida devido a sua trajetória dentro da instituição, às atividades de que teriam participado, às áreas em que trabalharam, aos cargos que ocuparam e ao tempo de envolvimento.

Durante a atividade inicial, quando chegou a vez dos jovens apresentarem seus desenhos, como referido anteriormente, Cristina iniciou, dizendo: *Eu sou a Cristina, venho de um país da América do Norte, mas ainda não sei o que quero do intercâmbio. Meus primos já fizeram intercâmbio e acharam muito legal.* Outra jovem dá continuidade à apresentação: *Sou a Priscila, venho da Europa, ainda não sei o que quero estudar na faculdade e decidi vir fazer intercâmbio.* E ainda: *Eu sou a Cibele⁷⁶, estou morando em Caxias, decidi fazer intercâmbio porque queria ter novas experiências.*

⁷⁶ As estudantes Priscila e Cibele participaram do programa de intercâmbio entre agosto 2008 e julho de 2009, sendo referidas apenas neste capítulo.

Dentre os 25 estudantes desse grupo, quatorze deles empregaram a palavra ‘experiência’ ao comentar que haviam decidido participar do programa de intercâmbio por causa do seu interesse⁷⁷ em ter uma *nova experiência* ou *novas experiências* nesse período.

O termo *experiência* é bastante empregado nos manuais institucionais direcionados aos participantes. No Manual para a Família Hospedeira, por exemplo, no item que fala sobre “A Natureza do nosso programa”, o intercâmbio está definido como uma “experiência intercultural”, como “experiência educacional”, cujo principal objetivo é a “aprendizagem intercultural”. Então, essa experiência educacional envolve todos participantes: o estudante estrangeiro, a família, a escola e a comunidade hospedeira, visando atingir esse objetivo através da ‘experiência intercultural’. Ao longo desse período, poderão aparecer tensões que fazem parte dela em função dos altos e baixos emocionais que estão associados a diferentes fases de adaptação do estudante e pressupõem uma crise. Há um gráfico utilizado pela instituição que prevê essas crises em diferentes momentos da experiência pela qual o jovem está passando.

No manual destinado aos intercambistas, há um item que trata dos “Objetivos da Aprendizagem AFS” e ressalta que cada experiência AFS é única e depende das qualidades dos participantes envolvidos e do investimento pessoal. Em geral, a “experiência dependeria da boa vontade e disposição em fazer o seu melhor sem idéias preconcebidas e habilidade em trabalhar com as dificuldades que encontrar” (p. 5). A ideia da experiência, então, é associada a algo individual, sendo cada um responsável pela sua.

Assim como os jovens buscam com o intercâmbio viver algo único, a organização também enfatiza em seus manuais a necessidade de investimento e comprometimento individual de cada parte nele envolvida para que a experiência ocorra com sucesso. Essa experiência não pode ser encontrada nos livros, eles têm que vivenciá-la. Alguns jovens falaram que não tinham clareza do que queriam nem da razão de haviam decidido fazer intercâmbio, mas eles queriam experimentar *algo* durante um ano no Brasil, uma experiência interna, única e individual.

Em relação a essa ‘experiência única’, comentada pelos jovens, Dilthey (1976) refere que a realidade existe somente para as pessoas através da consciência adquirida a partir da experiência interna que vem antes de qualquer coisa. A partir disso, podemos, então, entender

⁷⁷ Também foram referidos os desejos de: aventura, dito por uma jovem; viver em outro país e aprender outro idioma, falado por duas jovens; conhecer comidas diferentes, por outras duas; morar e conhecer outro país, referido por quatro jovens; ainda não sabia o porquê de fazer intercâmbio, uma estudante; queria fazer algo especial, outra. Foram trazidos, ainda, os desejos de ver o mundo, aprender sobre o mundo e sobre uma nova cultura, relaxar e se divertir.

essa experiência não somente no sentido dos dados obtidos, dos resultados alcançados e dos conhecimentos adquiridos, mas também em relação aos sentimentos e às expectativas que foram mobilizados e estiveram presentes durante todo esse ano.

3.1.2 O Conceito de Cultura a partir do Modelo “Iceberg”

Durante o final de semana, houve ainda duas atividades: numa foi trabalhado o conceito de cultura, de acordo com o Modelo do Iceberg; na outra, foi apresentado um sociodrama a partir de uma situação trazida pelos jovens. Esse modelo de cultura do Iceberg é muito utilizado pela organização, tanto com os jovens brasileiros quanto com os estrangeiros, como também com os voluntários e as famílias.

De acordo com o livro de Hansel, esse modelo teria sido proposto por Hackett (2004) a partir da imagem de um iceberg⁷⁸. Assim, 10% do que está no topo do iceberg representa a parte da cultura manifesta, facilmente visualizada, que inclui fatores como: linguagem, unidades de medida, data, tempo, músicas folclóricas, vestimenta, entre outros. Já os 90% restantes, submersos na água, se referem a questões mais difíceis de serem reconhecidas e entendidas por não serem faladas, nem explicadas. Entre elas estão: regras de etiqueta, comunicação não verbal, percepção do tempo, conceito de beleza, definição de amizade, relação com a natureza, compreensão do conceito de justiça. Esses aspectos não seriam conscientes, por isso, de difícil estudo, uma vez que as pessoas não se dão conta da existência deles. Segundo os voluntários, essa proposta é muito utilizada nas atividades por ressaltar, de maneira ilustrativa, a complexidade das culturas e ajudar as pessoas a pensarem nela de modo mais profundo, buscando ir além das questões mais visíveis. Ela também ajuda os estudantes a refletirem sobre suas práticas de interação social no cotidiano da experiência intercultural

Na primeira atividade, na qual foi trabalhado o conceito de cultura a partir do Modelo do Iceberg, os jovens receberam cartões em que estava escrito: conceito de beleza, amizade, humor, conceito de justiça, práticas de conquista, conceito de passado e futuro, conceito de doença, linguagem corporal, culinária, contato visual, educação dos pais, jogos, vestimenta, competição e cooperação. Eles foram divididos em dois grupos para discutirem e decidirem se aquele tópico ficaria na parte “visível da cultura” ou na “invisível”.

⁷⁸ Ulijn and St. Amant (2000) apresentam o modelo de cultura do Iceberg Model. Esse modelo foi originalmente desenvolvido por French and Bell em 1979 e, mais tarde, adaptado por Mytref and Kilman (1985). Segue em anexo uma imagem deste modelo.

Em determinado momento, uma jovem se virou e perguntou: *É para eu pensar na minha cultura ou aqui no Brasil?* Diante da pergunta, a voluntária ficou em dúvida, não sabendo ao certo o que responder. Então, devolveu-a à jovem, querendo saber por que ela havia pensado nisso. Foi-lhe respondido: *É porque eu acho que isso é visível na minha cultura e aqui no Brasil não.* Então, a voluntária disse que ela decidisse como achasse melhor. Em seguida, me olhou e perguntou minha opinião sobre o assunto.

O que mais observei é que os jovens fazem reflexões a partir das experiências vividas em seu país natal. Além disso, eles estavam no Brasil há pouco mais de um mês, portanto seus pensamentos sobre os tópicos apresentados só poderiam estar relacionados a sua trajetória de vida até ali, poucas eram ainda as vivências no Brasil. O aprendizado da ‘cultura hospedeira’ se daria, então, através da comparação entre esta e sua cultura de origem.

Durante a atividade, um jovem do grupo disse que considera ‘o conceito’ de sujeira e limpeza da sua cultura igual ao que percebeu no Brasil. Outra jovem discordou, em parte, dele e comentou sobre a frequência com que as pessoas daqui costumam tomar banho, assim como sobre sua maneira de lavar a louça. Nesse momento, a voluntária interveio na conversa e referiu uma situação muito frequente que ocorre em relação ao banho. Geralmente, os estudantes, quando chegam, não possuem o hábito do banho diário, e isso incomoda muito as famílias hospedeiras. Ela explicou que aqui esse hábito é muito importante, os intercambistas, provavelmente, *terão de se adaptar e incorporá-lo.*

Quando o cartão com o Conceito de Doença foi trabalhado, uma jovem alemã contou que teve um pouco de febre aqui, no Brasil, e sua família já queria levá-la ao médico. Os demais demonstram surpresa com isso, e, depois, cada um passou a contar como é essa questão no seu país. Todos concordaram, entretanto, que os pais daqui, com certeza, se precipitaram, afinal só se deve ir ao médico quando for extremamente necessário. Outra jovem complementou os comentários, dizendo que não entendeu até agora como é essa questão de saúde aqui, pois, às vezes, as pessoas tomam chá para melhorar de uma dor de estômago, por exemplo.

Em relação ao cartão Cooperação e Competição, a jovem americana logo saltou da sua cadeira e disse: *Eu adoro competição!* Contou que, nos Estados Unidos, isso ocorre constantemente na escola e é algo natural para ela. Deu como exemplo uma frase comum da professora: *Quem vai conseguir dar as respostas mais rápido?* Ela disse que percebeu que aqui tudo é baseado na cooperação, os trabalhos são em grupo, as perguntas, sobre quem pode ajudar quem. A jovem italiana concordou com o comentário da americana e disse que tem estranhado muito isso. A integração do grupo era bem grande, eles conversavam bastante

sobre os tópicos propostos, decidiam quais seriam os mais visíveis na cultura e quais fariam parte dos 90% submerso do Iceberg. Chegaram a um consenso sobre o tema e foram colando os cartões na parede onde a voluntária traçou algo como um iceberg com uma fita tape.

A discussão sobre o cartão Prática de Conquista e Amizades mobilizou todo o grupo com diferentes opiniões sobre a diferença entre as relações dos meninos e das meninas na comunidade hospedeira. Uma jovem disse: *Eu só falo com meninos, e minha irmã pensa que eu estou querendo ficar com eles?! Isso a deixou surpresa, pois para ela era natural ter amigos meninos, entretanto percebeu que para sua irmã hospedeira não. Outra jovem complementou: Você não faz amigos [meninos] nas festas, pois se eles vêm falar contigo é porque estão paquerando você.* Esse tema interessou a todos e uma jovem perguntou: *Pode beijar um menino sem saber o nome?* Outra estudante respondeu que achava que sim, mas só em algumas situações.

Percebi que o grupo buscava identificar padrões de comportamento comuns, procurando entendê-los. Essas discussões realizadas pelos jovens me fizeram pensar no estudo de Ruth Benedict (2005) sobre os costumes. Ela considera que “desde que o indivíduo veio ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos factos e a sua conduta” (p.15). Os jovens procuravam investigar quais seriam os padrões da cultura local para, dessa forma, poderem saber como agir nesse novo contexto. A ideia da autora, referente aos costumes serem uma lente “sem a qual nada podiam ver” (p.21), foi trazida em uma história, contada durante a Orientação pelos voluntários. Eu entendi essa história da seguinte maneira: ‘A pessoa viria de uma cultura e usaria uma lente, como uns óculos para ver as coisas, por exemplo, um óculos com lente azul. Quando chegasse ao Brasil, todo mundo aqui usaria uma lente amarela, então a pessoa teria muita dificuldade para conseguir enxergar da mesma forma como as pessoas enxergavam. Com o passar do tempo, ela incorporaria o óculos amarelo em cima do azul, passando, então, a enxergar verde, que mais se aproximaria da lente amarela, e isso facilitaria sua adaptação à nova cultura. Mas quando ela voltasse para seu país, se esqueceria de tirar os óculos amarelo, ficando, também, um pouco deslocada na sua cultura de origem’.

Outras ideias trazidas pela autora, como as noções de universal e de particular, são constantemente enfatizadas nas dinâmicas nas quais as questões eram formuladas de forma aberta para serem discutidas, sem se chegar, necessariamente, a uma resposta final e definitiva. Assim, algumas dessas questões que permearam toda a orientação do final de semana foram: quais os limites do individual e do cultural; o que é comum a todos os jovens do mundo; o que seria particular em cada cultura e em cada indivíduo?

Foi possível perceber que, nestes espaços em que os estudantes podiam falar mais abertamente a respeito de suas experiências, dúvidas e reflexões, as diferenças nacionais se dissipavam. Havia um ambiente de camaradagem, respeito e igualdade entre eles no qual tanto as diferenças nacionais quanto as pessoais eram transcendidas e, naquele momento, eram todos ‘os intercambistas’.

Esse ambiente pode ser associado ao que ocorre entre os neófitos, como fala Turner (1974), e à ideia de *Communitas*, espaço e tempo de vida comum a todos esses jovens. Nele, há um idioma ‘oficial’ durante todo o encontro e um espaço ‘neutro’, que não era nem a casa de origem, nem a casa hospedeira. O autor também comenta que o ‘estranho’, o estrangeiro ou forasteiro que chega a uma comunidade, é considerado uma pessoa marginal ou “inferior” e que frequentemente pode “simbolizar o que David Hume chamou de ‘o sentimento com relação à humanidade’, o qual por sua vez se liga ao modelo que denominamos de *communitas*” (p. 135).

Outra afirmação do autor também me fez refletir sobre o que se passava no grupo, na relação de camaradagem, no espaço de entendimento e de acolhimento que eram construídos nas atividades institucionais entre os estudantes intercambistas e, também, em relação à passagem em que esses jovens se encontravam: a liminaridade.

Resumindo, diremos que em determinadas crises da vida, a adolescência, a chegada na velhice e a morte, variando em significação de cultura para cultura, a passagem de uma condição estrutural para outra pode ser acompanhada por um forte sentimento de “bondade humana”, um sentido do laço social genérico entre todos os membros da sociedade - em alguns casos transcendendo do mesmo as fronteiras tribais ou nacionais - independentemente das afiliações subgrupais ou da ocupação de posições estruturais (Turner, 1974, p. 142).

Além dessas reflexões, cabe pensar também sobre o exercício de comparação, realizado pelos intercambistas, como uma forma para aprender a cultura hospedeira a partir do ato de refletir sobre sua própria cultura, seus hábitos, costumes e valores. Recordo-me, então, do exercício que o antropólogo tem que fazer em sua prática no trabalho de campo, como Roy Wagner (1981) trata em sua obra “A invenção da cultura”.

Compreendi que as questões referentes ao *choque cultural*, trazidas pelos intercambistas, são, em alguma medida, semelhantes ao que Roy Wagner aborda que ocorre, no trabalho de campo, entre os antropólogos e os nativos. O autor afirma que ocorre um “choque cultural” com o antropólogo uma vez que é através dele que ele experiêcia a outra cultura e até mesmo a sua própria. Dessa maneira é que a cultura se faz visível e ele subjetiva a si próprio nessas situações que vão além do pessoal. Essa uma questão que pude perceber na

experiência dos jovens durante o tempo do intercâmbio, da ‘experiência em si mesmo’ quando os jovens se experimentam, se subjetivam através do contato com outra cultura nas suas práticas cotidianas⁷⁹.

Durante a Orientação, os voluntários, instrutores, ponderaram, então, que a *aprendizagem intercultural* se dá através do *choque cultural* e que este ocorre, principalmente, nos primeiros meses da experiência do intercâmbio. Esse *choque cultural* faz parte dessa experiência e deve proporcionar aos estudantes um entendimento mais profundo da cultura de origem, da cultura hospedeira e de si mesmo. A família e a comunidade hospedeira também podem sofrer algum choque cultural, mas esse é mais leve do que o dos estudantes pelo fato de estarem deslocados do seu ambiente familiar e imersos numa cultura diferente da sua.

3.2 Intercambista, ‘o neófito’, identidade temporária e situacional

Durante o período em que o jovem estrangeiro está participando do programa de intercâmbio cultural, ele passa a ser ‘o intercambista’, isto é, assume um papel social, uma identidade temporária, por um determinado período, na comunidade que o acolhe. Há uma expectativa em relação ao que significa ser um intercambista, ao seu comportamento e às ações que deve desempenhar; expectativas essas que diferem em vários sentidos do que é esperado de um jovem local. Por isso, o intercambista pode ser entendido como um neófito durante o período do intercâmbio, da liminaridade.

Os neófitos, ou noviços, são as “pessoas liminares, ambíguas, estão no meio entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, nem aqui, nem lá” (Turner, 1974, p. 116). Eles são os sujeitos transitantes e costumam ser submetidos a ‘provas’, exigências e privações para serem reduzidos a uma condição uniforme, serem moldados, modelados, dessa forma aprendem, têm ‘poderes adicionais’, adquiridos com o ritual os quais os ajudam a enfrentar novas situações nas suas vidas após a ‘passagem’.

A ‘conduta adequada’ dos jovens estrangeiros, durante o intercâmbio, foi algo muito trabalhando nas atividades institucionais, como pude observar na Orientação, realizada em setembro de 2009, com os estudantes que chegaram em agosto do mesmo ano. Durante a tarde de sábado, os voluntários propuseram o seguinte: os jovens foram divididos em pequenos

⁷⁹ As questões relacionadas ao cotidiano dos jovens serão abordadas no capítulo quatro.

grupos; para cada um deles, foram dados alguns cartões coloridos com tópicos para que fosse discutido entre eles o que pensavam a respeito desses tópicos. Depois, todos iriam se reunir novamente para ouvir e comentar sobre o que havia sido falado. Os cartões continham os seguintes temas:

Learn portuguese (aprender português)

Make friends (fazer amigos)

Be honest (ser honesto)

Do not judge other (não julgar o outro)

Take part in school activities (fazer parte das atividades da escola)

Take part of family activities (fazer parte das atividades familiares)

Enquanto realizavam a atividade proposta, observei que os jovens conversavam descontraidamente em pequenos grupos sobre os tópicos apresentados, alguns mais extrovertidos gesticulavam muito e faziam comentários. Um estudante disse que é muito importante aprender o idioma local, um dos assuntos a ser discutido, para poder ter mais independência e poder falar com todo mundo; outros jovens balançavam a cabeça concordando com ele. Em outro grupo, se perguntavam se seria necessário aprender o idioma para poder compreender a cultura do local; alguns achavam que não, outros, que sim.

Ao retornarem para o grande grupo, a voluntária escutou os comentários de todos e tentou, a partir deles, chegar a algumas conclusões com o grupo. Em relação à questão da honestidade, de acordo com os jovens, não seria possível ser honesto o tempo todo com as pessoas durante o intercâmbio. Afinal, haveria situações em que não poderiam dizer a verdade de maneira muito direta, como no caso de alguém perguntar se estava com uma roupa bonita ou não. Uma intercambista contou uma situação em que foi franca quando sua irmã hospedeira lhe perguntou exatamente isso; ela respondeu que a roupa *não estava bonita*, e a irmã teria dito que ela teria sido *grosseira*. Partindo do exemplo da jovem, o grupo concluiu que, no Brasil, *as pessoas não seriam tão sinceras*. Por causa disso, eles teriam que ser cautelosos na hora de darem suas opiniões para não magoarem e não passarem por mal educados.

Uma pergunta pairava no ar, os jovens tentavam responder sobre o que seria cultura, outro tópico trabalhado pelo grupo. A conclusão a que chegaram, ao final dessa atividade, foi que *cultura é parte da rotina, parte do estilo de vida, diferentes visões e percepções de mundo, diferentes comidas, religião e idioma*. Um intercambista comentou que não era possível aprender sobre cultura sem comparar uma com outra, mas que julgar uma delas seria

algo ruim. Os demais concordam com o comentário dele, e a atividade foi encerrada, dando espaço para o intervalo.

3.2.1 O intercambista não é turista

Além das instruções dadas aos estudantes durante a Orientação Pós-chegada sobre como deveria ser sua conduta ao longo da experiência, outra questão que era geralmente referida em conversas informais tratava de que ‘intercambista não é turista’. Em campo, ouvi falas de voluntários em relação a estudantes estrangeiros, como: *Não sei o que veio fazer aqui... acho que ele acha que intercâmbio é turismo; Tem uns intercambistas que não sabem bem o que é intercâmbio*⁸⁰.

Assim sendo, associar turismo ao intercâmbio era algo não esperado pela instituição, nem por muitos participantes da experiência. No ambiente escolar, também foi referida a ideia de turismo em oposição à de intercâmbio. Durante uma entrevista realizada na sala da direção da escola, a professora Helena, responsável por uma escola privada de Ensino Fundamental e Médio que já recebeu intercambistas nos últimos doze anos, comentou que já teve experiências *bem produtivas* com intercambistas. Ela relatou casos em que o estudante procurou interagir rápido com a turma, se propondo a falar sobre seu país e a contribuir em sala de aula. Houve, no entanto, jovens que não vieram com esse intuito, buscavam, apenas, sair de casa para *aproveitar*, não contribuindo muito, por isso, com a comunidade escolar.

No entendimento da professora, o intercambista deveria vir para fazer parte de uma sociedade, de um mesmo sistema, para consumir as mesmas coisas e, o mais importante, para *conviver* no cotidiano. Ela entende que seria importante prestar atenção ao perfil do candidato, dando oportunidade para alunos carentes, que sejam inteligentes e tenham esse perfil que poderia ser definido como: jovens que se envolvam na comunidade hospedeira, interajam com as pessoas da localidade, se esforcem para aprender o idioma, contribuam com o ambiente escolar e se interessem por falar do seu país e de sua cultura.

⁸⁰ Algumas situações, em que o estudante age como *turista* durante o intercâmbio, podem implicar o seu retorno antecipado. A organização, por isso, prevê situações em que os intercambistas não se adaptam às regras institucionais e à cultura local. Essas situações são avaliadas, num primeiro momento, pelos voluntários responsáveis pela área de recebimento, assim como pelos funcionários da SE da mesma área. Dependendo da avaliação feita por eles, o jovem pode ser encaminhado, então, para avaliação e orientação do seu conselheiro e do comitê a que pertence; se a questão não for resolvida aí, ela chegará até o Conselheiro Regional. Geralmente, nesses casos, os jovens assinam um termo de compromisso (*Agreement*) com a organização, ou, até mesmo, têm o seu retorno antecipado, conhecido como ER (*Early Return*).

Nesse sentido, ela comenta que *o perfil do jovem, seus interesses, seu projeto* deve ser mais importante que as condições financeiras. Seria conveniente, então, ser feita uma seleção antes da vinda para dar oportunidade *para aqueles que tu percebe que vai ter uma transformação na sociedade para melhor, aquele que tu sabe que vai ajudar e que não pensa só em si*. Afinal, atualmente, viajam muitas pessoas com condições financeiras, mas nem todas estão de acordo com o perfil de um intercambista.

3.2.2 Intercambista = status especial: Relações com a comunidade e família hospedeira

Bettina Hansel⁸¹, que trabalhou mais de vinte anos na organização internacional do AFS, afirma que se tornar um estudante intercambista significa ter um “status especial”, devido à gama de exigências das instituições (organizações e agências de turismo da área de intercâmbio) para a participação no programa. Ela cita, por exemplo, as recomendações da escola, além de todo o processo de seleção que envolve o estudante antes da viagem. Ele arca, também, com a responsabilidade de representar seu país e sua comunidade em um país estrangeiro. A comunidade de origem do jovem, inclusive, tem uma série de expectativas e interesses em relação à viagem desse estudante.

Hansel acredita que um dos desafios nessa experiência é o de como “fazer funcionar” o intercâmbio, estando o jovem em uma família, uma comunidade e uma escola estranhas para ele. Só essa questão já seria bem difícil de ser resolvida pelos participantes, isto é, de fazer com que o jovem, a família e a comunidade hospedeira consigam rearranjar o cotidiano, os afetos, as relações para incorporar esse “estranho” como familiar. Ela defende que o papel do intercambista na comunidade e em relação à família não é o de visitante, nem o de hóspede. Quando se está na condição de hóspede, as pessoas tendem a recebê-lo com comidas especiais, programações especiais que, normalmente, perduram por dias ou até algumas semanas. Nesses casos, a rotina familiar se altera, e os membros da família interagem de maneira mais formal perante ele. Por mais que as regras de hospitalidade variem de uma

⁸¹ Bettina Hansel trabalhou no AFS Intercultura Programs em Nova York, ela escreveu o livro “The Exchange Survival Kit”, editado pela primeira vez em 1993, pela Intercultura Press, baseado na sua atuação profissional e em pesquisas realizadas no seu trabalho na instituição. O livro é direcionado a pessoas que irão participar de uma experiência de intercâmbio, jovens, pais, voluntários. A experiência é dividida em fases, e cada uma delas é narrada e descrita pela autora que é Ph.D. em Geografia pela Maxwell School at Syracuse University. A editora Intercultural Press é especializada em publicações nas áreas de aprendizagem intercultural e turismo. Essa obra consta como *Best Sellers* no site da editora, <http://interculturalpress.com/store/pc/home.asp>, consultado em maio de 2010. Utilizo o conteúdo nele tratado quando me refiro ao entendimento de Bettina Hansel e da instituição AFS internacional. Percebo que ainda hoje as informações e conteúdos trabalhados nas orientações do AFS seguem sua proposta e entendimento.

cultura para outra, a autora comenta que seria importante que o jovem perdesse o status de hóspede o mais rápido possível para poder se sentir “em casa” e deixar a própria família hospedeira mais confortável, informal e à vontade.

Ela afirma, também, que o estudante não é um pensionista. Apesar de muitas vezes, ele acreditar que, devido ao fato de ter pagado o programa de intercâmbio, tem direito a um quarto e refeições, afinal estaria tudo incluído no pagamento, o que o isentaria de participar da vida na família. A autora reforça, no entanto, que isso não seria intercâmbio, afinal as famílias são voluntárias, e a proposta é de *aprendizagem intercultural* na interação com a família. Hansel também alerta que o estudante não é empregado doméstico, nem mesmo babá da família, mas pode executar algumas pequenas tarefas domésticas no cotidiano familiar, desde que fique bem claro que ele não foi fazer intercâmbio para trabalhar na casa da família.

As colocações trazidas pela autora refletem todo o discurso institucional presente seja nos materiais informativos, nas falas dos voluntários ou, até mesmo, dos estudantes em alguns momentos. Entre as diversas expectativas que envolvem os atores da experiência, compreendi que há, principalmente por parte das famílias hospedeiras, o desejo de estabelecer uma relação de reciprocidade (Mauss, 2003). Entendo que as famílias ‘abrem as portas’ das suas casas e esperam que aja uma ‘retribuição’ por parte dos jovens. Esta não viria através do ‘dinheiro’⁸², mas sim de diversas outras formas esperadas e valorizadas pelas famílias, ou seja, o jovem intercambista possui a ‘obrigação’ de retribuir a acolhida realizada pela família hospedeira. A seguir, seguem dois relatos de famílias hospedeiras sobre suas expectativas e as relações estabelecidas com os intercambistas.

Acreditar que um intercambista viria a acrescentar-lhe algo foi o que motivou a família hospedeira a receber uma jovem estrangeira⁸³ em sua casa. Havia o desejo de construir uma relação de amizade que perdurasse além do tempo do intercâmbio. No entanto, essa jovem não correspondeu ao que se espera de alguém que participa dessa experiência. Ela passava a maior parte do tempo no quarto, não interagiu muito com a família no cotidiano e não contribuía nas tarefas domésticas, tais como lavar uma louça ou cozinhar eventualmente, conforme foi dito pela família hospedeira e observado por mim em alguns momentos. Essa situação não foi sempre assim, modificou-se ao longo dos meses, pois, nos primeiros, a jovem passava mais tempo com os familiares, depois começou a ficar mais sozinha.

⁸² Mas nessas relações falar sobre ‘o dinheiro’ é algo muito raro e desconfortável.

⁸³ Nesta situação optei por não referir de qual jovem se tratava, devido à solicitação da família hospedeira.

Conversei com ela em diferentes momentos da sua experiência quando verbalizou não ter interesse em viajar pelo país porque estava feliz na cidade em que morava, não vendo necessidade de passear. Disse-me, também, que estava preocupada com o seu futuro e com o que desejava fazer depois do intercâmbio, tinha dúvidas sobre o que queria estudar; este ano do intercâmbio seria muito importante para ajudá-la a decidir sobre isso. Ela participava das atividades do AFS, embora interagisse pouco com os demais jovens.

A família tinha a expectativa de fazer a intercambista se sentir bem em sua casa, obtendo uma ‘retribuição’ por parte dela em relação a isso no sentido de criar um vínculo, uma relação afetiva que ultrapassasse o tempo de convívio do intercâmbio e se mantivesse mesmo depois do seu retorno. A jovem, por sua vez, manteve os hábitos que havia trazido do seu país, o que leva a crer que não tinha muito interesse em se socializar e se envolver com a comunidade hospedeira. A mãe hospedeira concluiu que a jovem *retribuiu pouco e aproveitou pouco* durante seu intercâmbio.

Ao se referir às famílias hospedeiras, a instituição, no manual⁸⁴ destinado aos intercambistas, diz que, de muitas maneiras, “estas famílias serão como outras famílias haverá tempos de alegria, de conflito e tempos de simplesmente ficar junto. Mas de uma maneira a família hospedeira é única: na sua generosidade”. O AFS, dessa forma, reforça para o estudante como a família hospedeira deve ser valorizada, pois abriu as portas da sua casa para compartilhar suas vidas com o intercambista e não foi paga para hospedar. Diante disso, o estudante deveria saber que a família decidiu participar porque quer, tanto quanto os estudantes, ‘ganhar’ com a experiência, uma aprendizagem. Ambos podem e pretendem aprender um com o outro.

Hansel defende, então, que o estudante seria, em alguns aspectos, como se fosse um membro da família. Os pais hospedeiros, naturalmente, irão se preocupar se o jovem comeu o suficiente, se está confortável no quarto, se está bem de saúde e se está indo bem na escola. Em outras questões, porém, ele não é um membro da família, pois não compartilha das memórias familiares, nem das suas experiências de vida. Ele tem outra família, a de origem, com a qual partilha essas questões que não teria como fazê-lo com a família hospedeira.

⁸⁴ Além disso, o manual comenta que os brasileiros são muito diferentes porque há muitas particularidades regionais, então a melhor maneira de aprender a se relacionar na família é através da observação, dessa forma, o jovem rapidamente irá aprender seus hábitos. O estudante também é orientado a fazer perguntas sobre seus costumes cotidianos, no sentido de esclarecer como deverá ser sua conduta no dia-a-dia. Cito algumas dessas perguntas: “O que devo fazer no dia-a-dia em termos de tarefas de domésticas? Devo compartilhar pasta de dente e xampu ou comprá-los para meu uso pessoal? Como funciona a questão do banho? E as refeições? São feitas em conjunto ou cada um come individualmente?”. Cabe ao estudante fazer essas perguntas à família hospedeira para saber como deverá agir na rotina familiar.

Entrevistei uma jovem estrangeira⁸⁵ que estava de passagem pelo Brasil para visitar seu *irmão brasileiro* que havia morado na casa de sua família há mais de dez anos. Ela me relatou uma passagem da experiência dele como intercambista. Seus pais comemoraram aniversário de casamento no ano em que o brasileiro estava morando com eles, então ela e a irmã organizaram uma apresentação em homenagem a eles, contando a história da família, do casal. Logo após essa apresentação, realizada durante uma festa na sua casa, o jovem intercambista se retirou do ambiente, se isolando no quarto. A ‘irmã’ disse que não havia entendido a atitude do estudante, então a mãe hospedeira foi conversar com ele, retornando, depois, para falar com ela. A mãe explicou-lhe que o jovem havia se sentido excluído da família, pois ele estava ali, naquele ano, participando da família ‘como se fosse um membro’ dela, isto é, como mais um filho do casal; disse que se sentia dessa maneira e, por isso, tinha ficado magoado com as irmãs hospedeiras. Essa situação reflete o que Hansel afirma anteriormente sobre a relação confusa do intercambista, sua situação ambígua, ora como membro da família, ora com um status diferenciado, ora como estrangeiro, sendo tudo isso ao mesmo tempo.

Em relação a isso, cabe refletir que o fato de incorporar o jovem na rotina familiar oportunizou um intenso convívio social e íntimo que propiciaria ou não a construção de uma relação de afinidade e afeto. Pude perceber que algumas relações entre a família hospedeira e os estudantes foram de grande proximidade, com manifestação de afetividade. A construção desses laços afetivos, porém, demandou um grande investimento pessoal dos envolvidos, o que ocorreu somente quando eles estavam dispostos a isso, tendo como projeto a construção dessa relação. Para que ela se efetive, então, é necessário que esse investimento seja recíproco, que ambas as partes estejam motivadas nesse sentido.

A mãe hospedeira da estudante Carolina disse que tinha a sensação de que *na verdade a gente acha que vai vir alguém e que essa pessoa vai seguir o jeito da nossa família*. Havia uma grande expectativa de que a jovem se entrosasse bem com toda a família - os pais e as duas filhas - e aprendesse a conviver com eles no cotidiano. Inicialmente, a família queria alguém que falasse inglês, pois estavam motivados para treinar o idioma. Assim, acreditavam que poderia se estabelecer uma troca entre eles e o estudante, todos aprenderiam algo um com

⁸⁵ Esta jovem é europeia e estava a passeio no Rio Grande do Sul, visitando seu *irmão brasileiro* que havia sido intercambista e morado na sua casa, com sua família, durante onze meses. Esta era a primeira vez que o reencontrava, pois não o via desde o período do intercâmbio que, na época da entrevista, já fazia mais de dez anos. Era sua primeira vez no Brasil e na América Latina. A entrevistada tinha cerca de 30 anos e era dentista. A entrevista durou mais de uma hora e, nela, ela narrou sua experiência como irmã hospedeira de um jovem brasileiro, assim como suas percepções e entendimentos sobre o intercâmbio.

o outro. Porém quando surgiu a oportunidade de receber Carolina, asiática, se interessaram pela jovem, pelo seu perfil. Sem grandes explicações a mãe hospedeira disse: *Mas eu não sei... eu gostei dela!*

Carolina ‘cumpriu’ as expectativas da família, se entrosou bem com os voluntários e com a comunidade em geral. Ela tinha as características esperadas e valorizadas em um intercambista: sempre demonstrava curiosidade para saber as coisas, para entender como funcionavam, perguntava sobre o Brasil, contava coisas do seu país, interagiu com os membros familiares. Percebi isso nos diversos momentos em que encontrei a jovem e, também, em uma refeição com a família.

Voluntários da região referiram que essas características de Carolina diferiam bastante das de outra jovem que mostrou grande dificuldade de se relacionar com as pessoas em geral. Um membro da comunidade comentou comigo, referindo: *ela não faz muito esforço para ser agradável*. As pessoas dessa comunidade ficaram com a impressão de que ‘intercambista era tudo *chato*’, pois, segundo o relato de um voluntário da lá, o interesse em hospedar um jovem diminuiu sensivelmente.

3.2.3 O Intercambista, o Comitê local e a Comunidade Hospedeira

Hansel comenta que, em relação ao papel do intercambista na comunidade⁸⁶, podem ocorrer situações de grande destaque na comunidade local, com direito a entrevista na mídia local, ou não. Pude observar essa situação de destaque em algumas comunidades, geralmente cidades pequenas, em que houve divulgação na mídia local. Um exemplo disso aconteceu durante a *Orientação Pós-chegada*, realizada em uma pousada na região de Antônio Prado, quando os intercambistas que estavam participando do evento foram entrevistados por um jornalista de uma revista local que solicitou minha ajuda como intérprete para poder se comunicar com eles. Ele perguntou sobre suas motivações para fazer o intercâmbio, suas opiniões sobre a comunidade em que estavam morando, se haviam gostado da região, o que era bom e o que era ruim na cultura local e na brasileira. Os estudantes responderam

⁸⁶ Algumas vezes, o papel do intercambista na comunidade poderia torna-se desconfortável e esmagador para o estudante, como Hansel comenta, pois ele pode ser solicitado muitas vezes para dar palestras em escolas e organizações. Além disso, seu tempo de estudo no colégio pode ser maior que para os demais alunos da mesma escola, devido ao fato de ser em uma língua estrangeira. Ser intercambista não é se tornar alguém diferente do que é. O papel desempenhado na família e na comunidade é único e depende do estudante e da sua personalidade. Entendo que, como ‘único’, Hansel esteja se referindo a este ser diferente do papel do jovem local e do estrangeiro, pois o papel do intercambista fica entre esses dois, ao mesmo tempo em que é singular, pois depende de cada indivíduo.

prontamente e espontaneamente às perguntas, tiraram fotos, e a reportagem sobre os estrangeiros que haviam passado pela região saiu na edição seguinte da revista. Além dessa situação, esses jovens, no mesmo final de semana, também participaram de um programa de rádio, ao vivo, da comunidade, divulgando o programa de intercâmbio, contando histórias engraçadas e curiosas sobre suas experiências e falando sobre seus países.

Entendi, então, a partir dessa ocorrência, que aqueles intercambistas estavam ‘abrindo um espaço’, ou ‘mantendo o espaço conquistado’ nessa comunidade hospedeira⁸⁷. Seria através da divulgação e do compartilhamento das suas experiências que pessoas poderiam se interessar e se motivar a participar nos próximos anos.

Se envolver em atividades na comunidade e de divulgação da instituição, de suas experiências e da cultura do seu país faz parte do papel do intercambista, segundo a instituição e as famílias hospedeiras. Essa condição situacional carrega alguns atributos ambíguos. Ao mesmo tempo em que ‘devem ser’ como jovens brasileiros, precisam, também, cumprir as funções atribuídas ao intercambista: se envolver com as atividades institucionais, divulgar o seu país, realizar palestras na comunidade sobre a instituição e a sua cultura. Devem se interessar pelos costumes locais, se esforçar para serem aceitos e aprender o idioma local. Ser e não ser estrangeiro, ser e não ser um jovem local são algumas das exigências da proposta da experiência. Essas questões são passíveis de serem associadas à ambiguidade dos neófitos na etapa ritual de passagem da liminaridade, como diz Turner (1974).

3.2.4 Intercambista de verdade aproveita!

Há, entre os voluntários e os estrangeiros, avaliações das experiências como sendo mais ou menos *verdadeiras*. Afinal, haveria aqueles que *fizeram um intercâmbio de verdade* e ainda outros que achavam que era *uma viagem de férias*, ou seja, as jovens diferenciam o ‘intercambista’ do ‘turista’, assim com a proposta de uma ‘viagem de intercâmbio’ e a proposta de uma ‘viagem de turismo’.

Durante uma entrevista, Bruna, europeia, e Luana, asiática, ambas com 17 anos e há nove meses no Brasil, disseram que, para elas, ser intercambista é:

⁸⁷ Os jovens estrangeiros deveriam ser recebidos pela comunidade, quero dizer, deveriam ser aceitos e desejados por esta comunidade. A experiência de intercâmbio iria além dos participantes mais diretamente envolvidos, como os jovens, as famílias e escolas hospedeiras e os voluntários. Havia também uma necessidade de envolver a comunidade como um todo e também ampliar a rede de possíveis participantes da experiência, como futuros intercambistas, futuras famílias hospedeiras e futuros voluntários.

- *Aproveitar!* - Disse Bruna.
- *Aproveitar todas as oportunidades que tu tem. Aproveitar.* - Complementou Luana.
- *Tipo a 'Fulana' veio e não aproveitou nada... tipo, ela foi para a praia, para um apartamento, ela foi quinze dias para praia e ficou treze dias dentro do apartamento!* - Bruna.
- *Ela dormia o dia inteiro e não fazia nada o dia inteiro!* - Luana.
- *Ela está lá [na casa da família] porque a mãe dela [hospedeira] tem pena dela. Só por isso.* - Bruna.
- *Eu acho que a experiência de intercâmbio é totalmente se envolver na cultura. Viver como uma pessoa daquele país.* - Luana.
- *Assim tu vestir como uma pessoa de lá, comer as pessoas comem e tal.* - Bruna.
- *Totalmente interpretar e não julgar. Tu não vai ficar falando o tempo todo o que é ruim no país.* - Luana.
- *Ficar reclamando de tudo. De todo mundo. Aí fica tudo muito chato...* - Bruna.
- *Que nem tinha o 'fulano' que falava "ah eu adoro o Brasil, mas eu amo meu país natal!". Mas ele falava com tanto orgulho!* - Luana.
- *Era muito chato!* - Bruna.

Refletindo sobre a postura de Bruna e Luana durante o intercâmbio, entendo que 'aproveitar' diz respeito a realmente se envolver na comunidade local, isso é, relacionar-se com o grupo de jovens e participar da comunidade no cotidiano e nas atividades festivas, além de viajar pelo Brasil. Quando tive a oportunidade de circular com as jovens em suas cidades, elas andavam pelas ruas cumprimentando a maioria dos moradores que encontravam pelo caminho. Além disso, consultando um espaço de relacionamento⁸⁸ virtual do qual ambas começaram a participar assim que chegaram ao Brasil, há mais de seiscentos amigos, praticamente todos brasileiros e gaúchos da região em que moravam. As jovens se comunicavam em Português com seus amigos virtuais, além de publicarem álbuns de fotos relativas a diferentes momentos da viagem, como festas de amigos, fotos com a família, viagens que fizeram pelo Brasil.

3.2.5 O Intercambista e a Escola Hospedeira

Em relação ao papel do estudante na escola e na comunidade, a professora Lidiana, de uma escola particular de 1º e 2º graus que já recebe estudantes há cerca de sete anos, diz que os jovens têm que se adaptar e vir com uma *abertura* para isso. Em suas palavras: *Se eles não se abrem, as pessoas não conseguem chegar até eles, eles também têm que querer, têm que buscar, têm que... É difícil, né, para quem está chegando com tudo diferente. É esperada a dificuldade de comunicação, mas os intercambistas sempre superam* no decorrer do intercâmbio. A professora não sabe falar inglês e diz que, apenas nos últimos meses do

⁸⁸ No caso estou me referindo ao Orkut, um site de relacionamento virtual, muito popular no Brasil.

intercâmbio, quando os jovens já falam mais fluentemente o Português, é que ela consegue se comunicar melhor com os intercambistas.

Lidiana acha que os intercambistas deveriam ser mais *explorados*, ou seja, aproveitados no cotidiano escolar. Caberia, então, aos professores se envolverem com o jovem e incluí-lo nas atividades das salas de aula, de disciplinas, como História, Geografia e idiomas. Seria importante para o jovem se envolver com a escola, os colegas aprenderiam muito com os intercambistas devido à troca cultural. A expectativa da professora em relação ao aluno intercambista é muito diferente do que com um aluno regular. Em suas palavras:

... uma troca cultural. Não tem que vir aqui e querer aprender disciplinas ou... tanto que o não escolar deles tem que ver... que eles aprendem muito mais. Mas esta questão formal tem que ser esquecida, porque, se for considerar toda a sistematização de uma Educação Formal, para o intercambista perde o sentido. Tem que acompanhar, tem que conhecer aquele máximo que ele puder aprender, ele tem que aprender, esse é o intercâmbio. Ele está aqui para conhecer a nossa cultura como um todo e não para ser um aluno da escola tal.

Ao mesmo tempo em que diz isso, ela também comenta com orgulho que sua filha realizou intercâmbio pela instituição em um país de língua inglesa e chegou a ganhar um diploma na escola como a melhor aluna de língua inglesa. Mas isso teria se dado devido ao perfil da filha, não seria algo *esperado* dos intercambistas. O que se teria como expectativa da experiência do jovem seria um crescimento pessoal, isto é, eles adquirirem maior autonomia e responsabilidade durante a experiência. Além disso, há a expectativa de que eles devam ter a vontade de buscar *o novo*. Para isso, têm que ter ‘ousadia’, como menciona: *Ousar, porque, olha, tu largares tudo, tens que ser muito forte, tem que ser muito determinado, tens que saber muito bem o que tu queres*. A professora comenta isso ao comparar as jovens da mesma idade na escola que disseram ter vontade, mas que não largariam tudo por um ano de intercâmbio. E ela acrescenta: *Sair da tua casa, bem ou mal, é a tua casa, do teu pai e da tua mãe, e tu não sabes nem para onde tu vais*. Para ser um intercambista tem que ter muita *coragem*, afinal eles também correm riscos. Então, a professora refere que os estrangeiros que vêm para o Brasil têm que lidar com uma maior liberdade, e isso pode assustá-los ou levá-los a se afastarem da proposta de intercâmbio. Ela conta sobre um jovem que esteve na escola, tinha vindo por outra organização, e retornou antes para o seu país, pois se *perdeu* nessa liberdade ao se envolver com drogas.

3.2.6 Os intercambistas são adolescentes!: relações entre os voluntários e os estudantes

A sociabilidade de um intercambista⁸⁹ é esperada e estimulada pelos voluntários: *você tem que fazer amigos!* Eles também estimulam que os jovens tenham uma postura solícita e com iniciativa. A partir de algumas experiências frustradas com estrangeiros em seu comitê, dois voluntários me contaram da sua preocupação em realizar uma boa preparação de um brasileiro da sua cidade. Eles acreditavam que, caso houvesse uma boa preparação do jovem, ela poderia garantir uma melhor experiência de intercâmbio. Um deles comentou sobre as perguntas feitas ao brasileiro, futuro intercambista:

Se você for numa casa lá no interior do país e você tiver que tirar leite, entendeu? Ele arregalou os olhos. Daqui a pouco... ele disse: Eu vou tirar leite. E se tu tiver que lavar tuas cuecas? Eu vou lavar minhas cuecas. Ótimo, então, tu tá preparado pra ir para o intercâmbio. E se tu tiver que ir lá aprender a fazer a tua comida e cozinhar pra ti? Não, eu vou fazer. Sabe, eu coloquei todas as situações possíveis.

A voluntária, refletindo a partir das dificuldades que tinha observado nos intercambistas que chegaram a sua cidade, demonstrou grande preocupação em relação a que esse brasileiro agisse adequadamente no outro país, que não se comportasse como se estivesse em um *programa de turismo, de passeio*.

Nesses casos, as famílias podiam ser o diferencial quando se tratasse de *intercambistas problema*, isto é, jovens que não tinham vindo fazer o *verdadeiro* programa de intercâmbio. Esse era um grande risco para a instituição ao entrar no mercado e disputar estudantes com agências de turismo. Havia preocupação por parte desses voluntários para que o AFS não se distanciasse da sua proposta e esquecesse o que realmente importava no intercâmbio. Eles comentaram que, caso tivessem uma *criança problema* no seu comitê, relutariam muito em enviá-lo de volta. O perfil que constaria nos papéis do estudante deveria ser o mais sincero possível, para que a organização soubesse bem onde encontrar uma família que combinasse com ele.

. Os voluntários ainda acrescentaram que:

o intercambista, pra mim, é aquele, aquela pessoa que veio do outro lado do mundo, mas que vem aberto para o novo, que está disposto a aprender coisas novas, e está disposto a vir para cá. Se lá ele dorme até meio-dia, aqui ele está disposto a acordar todo dia às 8h. Ou se lá ele não tinha que fazer nada dentro de casa, mas aqui ele teria que estar disposto a arrumar a sua cama todos os dias. Assim como contar sobre a sua vida de lá, e que trocasse essa experiência. Lá é assim, lá é assado, lá a gente come isso, aqui vocês comem isso, que houvesse essa troca, até mesmo de conversar, trocar informações. Como é que é, como é que não é, o que eu conheci, o que eu acho de lá, o que acho daqui, o que é melhor.

⁸⁹ A sociabilidade dos intercambistas será abordada no capítulo 4.

[comenta que pode haver divergências, gostos diferentes entre a família hospedeira e o estudante e complementa.]

(...) mas que haja um diálogo, uma troca, que não venha, é bem comum a gente ouvir, aquele intercambista que se fecha, que fica muito tempo no quarto, não conversa, não troca experiência, não participa da família, fica a parte. Daí eu acho difícil, Denise...

Segundo os voluntários, era esperado que o estudante tivesse seus momentos de indisposição, assim como acontecia com os filhos, em que ele se *emburrasse* e ficasse mais recluso. Porém, tanto a família quanto o intercambista tinham que levar em consideração que estavam envolvidos em um processo de troca em que precisa haver envolvimento de ambos os lados. Eles também referiram que havia questões que consideravam pertinentes à *fase da adolescência* por que os jovens estavam passando e manifestaram: *Uma coisa que eu tenho claro é que o hormônio se manifesta igual em todo mundo, a fase que eles estão, essa fase hormonal da dificuldade*, diz o voluntário que é pai de família e trabalha na área da educação. Nesse sentido, o voluntário comenta que os intercambistas *são adolescentes*, pois compartilham de uma fase de vida comum em relação às mudanças biológicas relativas à idade dos estudantes e associa que estas mudanças biológicas seriam referentes a uma fase de vida que ocorreria de maneira similar nas diferentes sociedades.

Esse voluntário trabalhava e convivia com jovens locais da mesma faixa etária dos intercambistas e fazia comparações entre o comportamento dos jovens estrangeiros e dos locais constantemente. Ele percebia que algumas das questões trazidas pelos estudantes e seu comportamentos eram similares a dos jovens com quem convivia no seu trabalho em uma escola, afinal, *os hormônios transcendem fronteiras* [risos].

Para esses dois voluntários, caberia aos jovens, ao chegarem ao Brasil, se inteirarem da realidade local e terem iniciativas em relação a sua sociabilidade na comunidade. Quanto a isso, fizeram uma reflexão e associaram essa atitude, falta de interesse pela comunidade, a algo dos jovens em geral, pensando também nos da sua comunidade, não apenas nos intercambistas.

A postura que o intercambista deve ter no seu ano de intercâmbio é referida no manual dos intercambistas e reforçada nas falas dos voluntários nas orientações, dizendo o seguinte: *Aceitar ser responsável por si mesmo e pelas próprias ações; ter atenção e estar sensível às necessidades e aspirações e valores dos outros; valorizar a diversidade cultural; ser levado a resolver problemas entre as pessoas, grupos e nações; deixar de lado suas ideias preconceituosas*. Além disso, é colocado no manual que o jovem deverá “pensar criticamente;

adaptar-se a diferentes estilos de vida; e agir de maneira que seja apropriado na cultura hospedeira”.

Nos espaços institucionais, nos treinamentos, orientações e eventos em geral em que os jovens são ‘(in)formados’ sobre essas orientações, percebe-se um padrão de comportamento, de atitude e de postura esperado para o papel que irão desempenhar durante esse ano, como se, através desses manuais, das atividades institucionais e das falas dos voluntários, eles fossem instruídos, ‘formados’, como intercambistas. Os jovens intercambistas, neófitos, deverão ser:

[...] uma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo ‘status’. (...) É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade (Turner, 1974, p. 127).

As exigências e regras da instituição devem ser seguidas durante todo o ano do intercâmbio. O seu descumprimento pode vir a implicar no ER, retorno antecipado do jovem. A intercambista Maria comenta essas regras: *tem as regras: não pegar carona, não usar drogas, não pode ficar grávida, tu não pode usar álcool e não pode fumar*. Mas outro jovem, ao seu lado, diz que fumar pode e explica que *tu pode beber, mas não pode chegar na casa bêbado*. As várias restrições da instituição em relação aos jovens, muitas vezes sem justificativa, inquieta muitos deles. Aqueles que comentam sobre isso geralmente são os europeus; os da América do Norte e os da Oceania, como Sabrina, dizem que, às vezes, não entendem algumas delas. Ana conta que foi criada por seus pais com mais liberdade e acha que regras deveriam existir, ambas são da Oceania. Entendo que essas regras cumprem um papel nessa ‘formação’, buscando dar uma ‘forma’ mais padronizada da conduta dos jovens durante o período do intercâmbio, além de demarcar a hierarquia institucional e a subordinação dos intercambistas, neófitos.

CAPÍTULO 4

A EXPERIÊNCIA COTIDIANA NA COMUNIDADE LOCAL

4.1 Nos primeiros meses ‘desbravando’ o território gaúcho: *Seria isso Brasil?*

O cenário brasileiro que os jovens estrangeiros encontraram ao chegar ao Rio Grande do Sul era algo muito diferente daquele que haviam imaginado. Como foi dito anteriormente no segundo capítulo, o imaginário do estrangeiro sobre o Brasil está, de maneira interessante, retratado no documentário “Olhar estrangeiro”, o qual mostra as imagens que permeiam esse imaginário e que se relacionam às ideias de: selva, sexualidade, festas, praia, negros, dança, futebol, natureza, entre outras. Os intercambistas, estrangeiros, trouxeram, portanto, ideias semelhantes a essas em relação ao país em que vieram fazer seu intercâmbio.

Ao se depararem com esse cenário tão diverso daquele que tinham em seu imaginário, a primeira reação dos jovens foi a de ‘rejeição’ e ‘frustração’. Uma voluntária comentou comigo que uma estudante que foi para sua cidade (localidade de descendência alemã, com uma arquitetura característica e muitas pessoas de cor branca e cabelos claros) chorou muito nos primeiros dias. Ela esperava vir para o Brasil para poder conviver com pessoas *pobres* e/ou *negras*. A jovem, que pensava cursar Medicina, queria trabalhar em uma organização não governamental, sem fins lucrativos, a qual prestasse assistência médica aos desassistidos e em desvantagem econômica. Logo, seu interesse pelo país surgiu justamente por causa da diversidade social e econômica que acreditava encontrar aqui. No entanto, foi recebida por uma família *rica*, como ela dizia, de *pessoas brancas*, em uma cidade *rica*, com gente *parecida* com ela.

Quando a conheci na Orientação Pós-chegada, vi que possuía cabelos claros, olhos azuis, mais de 1m70cm de altura. Na foto com sua família hospedeira, dava para ver claramente que os traços físicos eram tão semelhantes que poderia, sim, ser confundida com uma filha biológica do casal brasileiro. Estava sendo muito difícil para a jovem lidar com essa semelhança e aceitar ter sido hospedada justamente por essa família em um país que deveria ser ‘tão diferente’ do dela, tão mais exótico, de acordo com suas expectativas. A situação se tornou mais difícil ao longo dos primeiros dois meses, pois a estudante só pedia para mudar de cidade e estado⁹⁰ ou falava em querer retornar para seu país de origem.

⁹⁰ Não conheci, nem fiquei sabendo de nenhum jovem que houvesse trocado de cidade e estado por causa da insatisfação com a cultura regional. Houve, sim, casos de mudança de cidade, porém os motivos alegados foram: troca de família hospedeira e dificuldade em encontrar uma nova família para o estudante na mesma cidade;

Na Orientação Pós-chegada, em resposta a questionamentos trazidos por essa jovem e pelos demais acerca da identidade e da cultura brasileiras, os voluntários informaram que o Rio Grande do Sul, com suas peculiaridades regionais, faz parte, sim, do Brasil. Eles disseram que o país apresenta grande diversidade de culturas por causa dos espaços geográficos e dos grupos humanos tão distintos entre si, consequência de sua grande extensão territorial. Além disso, foi reforçada a ideia de que quem faz o intercâmbio é o intercambista, ele é responsável pela sua experiência; *não importa onde se faz o intercâmbio, mas sim o que se faz nesse ano de intercâmbio*, confirmou um voluntário durante a orientação. Dessa forma a *experiência* do jovem, durante o ano do intercâmbio, dependeria do seu investimento pessoal e não do local onde ele estivesse. No discurso institucional isto era enfatizado como o mais importante. A experiência do ritual de passagem só seria possível se o jovem se engajasse na sua experiência como grande investimento pessoal.

Além das insatisfações devido à proximidade encontrada nas comunidades hospedeiras, mencionadas por alguns como o *lugar onde vim parar*⁹¹, os jovens também estranhavam as manifestações de moradores, tais como: *O que vocês vieram fazer aqui no RS? Isso aqui não é Brasil, não tem nada de interessante! Vocês tinham que ter ido para um lugar bem brasileiro, com praia e calor, pois aqui não tem nada para vocês fazerem*. Os jovens traziam esses comentários como uma forma de legitimar seu desejo de ir para outras cidades e regiões do país.

Com o objetivo institucional de proporcionar aos intercambistas um maior contato com a ‘cultura gaúcha’, durante a Orientação Pós-chegada, em setembro de 2008, foi realizado um ‘passeio’ pelo Acampamento Farroupilha. Esse evento acontece todos os anos,

dificuldades do comitê, dos voluntários, em lidar com o jovem intercambista. Sempre haverá, no entanto, exceções na instituição e casos atípicos. Um voluntário, por exemplo, me contou sobre a situação de um jovem da Nova Zelândia que ficou na capital e não se adaptou. Ele pediu muito para ir para uma cidade pequena, pois dizia não gostar de morar em centros maiores. A situação foi avaliada, e o estudante pôde trocar de cidade, tendo se adaptado bem na comunidade de pequeno porte. Essa situação foi bem diferente da habitual, pois o que geralmente acontece é dos jovens pedirem para mudar para localidades maiores. Outra situação de troca se deu devido a um remanejamento de jovens por causa de problemas com enchentes. Em novembro de 2008, ocorreram enchentes em algumas cidades de Santa Catarina. Em Blumenau, cidade desse estado, havia intercambistas da organização que foram remanejados para estados próximos, como Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

⁹¹ É importante ressaltar que os intercambistas não escolhem a cidade ou a região do país para onde irão. O Brasil, para a maioria deles, não era a primeira opção para fazer intercâmbio. Ele foi, algumas vezes, uma alternativa apresentada por voluntários, ou, até mesmo, constou da lista dos cinco países eleitos pelos jovens. Pude observar que para os intercambistas dos países das Américas e da Europa, que não tinham o Inglês como idioma oficial, Austrália e Nova Zelândia eram as preferidas, vindo normalmente, depois, os Estados Unidos. Para os jovens da Ásia, as primeiras opções eram países da Europa e dos Estados Unidos. As duas estrangeiras que manifestaram grande interesse especificamente pelo Brasil comentaram que este se deveu às imagens acerca da cultura do país, como alegria, dança do povo e o futebol, não referindo aspectos relacionados a sua geografia.

durante o mês de setembro, em comemoração à Revolução Farroupilha. Alguns estudantes já se diziam familiarizados com os elementos *típicos gaúchos*, como o chimarrão e a indumentária, outros ainda não conheciam as roupas de prenda e a pilcha do gaúcho, demonstrando curiosidade em relação a isso. No sábado, à tarde, o grupo de jovens participou de uma gincana⁹², organizada pelos voluntários, na qual deveriam cumprir uma lista de tarefas a serem executadas durante uma hora no Acampamento.

Os jovens, então, circularam pelo parque em pequenos grupos, interagiram com pessoas, sendo, às vezes, abordados por alguém que lhes perguntava de onde eram e o que estavam fazendo aqui. Ora os estudantes entediavam a pergunta e respondiam em Português bem direto, com uma pronúncia de difícil compreensão; ora me olhavam e solicitavam que eu traduzisse, mediando a comunicação. O grupo de jovens chamava atenção e em geral as pessoas olhavam de maneira curiosa para eles, às vezes, os apontavam, mas raramente chegavam perto. Percebi que havia grande interesse dos estudantes em conhecer a ‘cultura gaúcha’. A instituição, por sua vez, buscava, através do discurso e das atividades propostas, fazer com que entendessem que o RS, apesar de suas particularidades locais, fazia parte da ‘cultura brasileira’.

Em relação às particularidades do estado gaúcho, Maurício⁹³, 17 anos, italiano, registrou em seu diário, que me foi disponibilizado, o quanto ficou incomodado ao ter se deparado com as semelhanças entre seu país e a cidade brasileira, de descendentes italianos,

⁹²Eles foram divididos em pequenos grupos, de quatro ou cinco estudantes, e receberam tarefas, algumas das quais eram: “tirar uma foto com homens e mulheres vestidos com roupas gaúchas”, provar chimarrão, perguntar para as pessoas gaúchas que passeavam quais eram as comidas e expressões ‘típicas’ da cultura gaúcha, entre outras. O Acampamento Farroupilha foi realizado no parque Maurício Sirotsky Sobrinho, localizado próximo ao Rio Guaíba, na cidade de Porto Alegre. O parque era antes conhecido como Parque Harmonia, recebeu, em 1987, o seu nome atual. “Neste ano foi realizado o 1º Acampamento Farroupilha reunindo diversos CTG’s e Piquetes que acampam até hoje (...). Nos anos anteriores não havia acampamento, e sim grupos de amigos ou piquetes que ficavam na área de fazendinha. Desde 1987, os acampamentos foram misto entre CTG’s, DTG’s, piquetes, famílias, associações e entidades afins. O número de acampados cresceu com o tempo. Até 1995, eram em torno de cem pessoas. Em 2004, passou para 317, mais praça de alimentação e pontos comerciais” Consultado em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acampamentofarroupilha/default.php?p_secao=4>. Acesso em: abr. 2010.

⁹³ Conheci Maurício no período em que realizou intercâmbio, cerca de cinco anos atrás, durante seis meses. Ele tentou mudar de cidade e de estado logo após o primeiro mês, fazendo contato com voluntários locais, regionais e com a Secretária Executiva, mas não obteve sucesso. Foi-lhe alegado que o importante era sua *experiência de intercâmbio*, e esta poderia ocorrer independentemente do local em que morasse. O local não era tão importante, o mais relevante era seu *investimento pessoal* para que tivesse uma *experiência de aprendizagem intercultural*. Logo, ele deveria relativizar as semelhanças entre Caxias do Sul e a Itália. O jovem trocou de família hospedeira e teve uma boa relação com ela. Começou a fazer capoeira e gostou muito do grupo, fez amigos na escola. Com isso, sua queixa inicial desapareceu e, ao final, ele concordou com as colocações da instituição. Após seu retorno à Itália, o jovem se dispôs a realizar entrevista através da internet e, também, disponibilizou seu diário, além de fotos tiradas no período do intercâmbio.

em que morou. Escreveu, durante o primeiro mês em que estava aqui, sobre essa frustração. Surpreendido com essa proximidade, manifestou seu descontentamento da seguinte maneira: *Hoje notei que aqui a gente vive mais ou menos como os italianos, e isso não me parece bom.* A expectativa, relatada pelo jovem, de ter um ano muito diferente, no qual conhecesse coisas novas, tinha sido frustrada. Cerca de um mês após sua chegada, ele começou a manifestar seu interesse em trocar de cidade e região, alegando que onde se encontrava era muito parecido com a Itália e que queria uma vida diferente da que tinha em seu país de origem. Ele escreveu no diário como ocorreu o momento da sua decisão:

Falei com os pais brasileiros dizendo o que me sinto triste, expliquei que aqui não me sinto no Brasil, eu sei que não sei como é o Brasil, mas aqui parece ser um lugar sem identidade, e isso não é bom porque eu vim até aqui por ver como é o Brasil não como se vive em uma sociedade estereotipada. Depois ligamos para uma voluntária importante do AFS na cidade ela diz que não, mas que entende e que segunda vai escrever uma email a Rio por ver que fazer.

Geralmente a queixa inicial dos jovens era em relação à geografia da região, ao clima e à influência da imigração italiana e alemã nas cidades onde se encontravam. Outra situação que ilustra bem essa situação foi comentada por um pai hospedeiro de uma estudante da Alemanha. Na segunda semana em que a jovem estava na sua casa, ele decidiu levá-la a uma festa alemã em uma cidade próxima. Quando chegaram lá, ela ficou muito irritada, dizendo que não tinha vindo ao Brasil para conhecer alemães e, muito menos, para falar alemão. O pai comentou a situação rindo, pois achou muito engraçada a postura da jovem de demonstrar tamanha relutância em relação aos descendentes de alemães. Eles moravam em uma cidade de colonização italiana e informou que as pessoas da cidade de descendência alemã ficaram muito felizes por encontrá-la.

A forte presença de imigrantes italianos e alemães no estado, principalmente nas cidades do interior, é algo logo constatado pelos intercambistas. O estado do Rio Grande do Sul possui uma posição singular em relação ao resto do país, devido “às suas características geográficas, à sua posição estratégica, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na história nacional” (Oliven, 2006, p. 62)⁹⁴. A insatisfação, manifestada

⁹⁴ Apesar de possuir muitas diferenças internas dentro do estado, há uma forte influência da imigração italiana e alemã na constituição da sua comunidade. O estado recebeu um grande contingente de pessoas vindas do continente europeu. O início da colonização alemã ocorreu na região do Vale do Rio dos Sinos. Já a colonização italiana se localizou na área da Serra Nordeste do estado. No final do século XIX, muitos dos pequenos agricultores emigraram destas áreas para povoarem o norte do estado e passaram a ocupar as regiões do Planalto Médio e Alto Uruguai. A partir do século XX, os colonos passaram a migrar para os estados de Santa Catarina e Paraná (Oliven, 2006).

através de *aqui não é Brasil*, nos primeiros meses do intercâmbio, com o tempo foi desaparecendo do discurso dos jovens. No decorrer da *experiência*, eles passaram a se ambientar e a se sentir parte das comunidades. Nesse sentido, me refiro ao “espaço físico e social”, como diz Bourdieu (1999). Os agentes sociais, no caso os intercambistas, são constituídos através da relação que estabelecem com “espaço social, espaço físico e localização” que ocupam em relação aos demais agentes.

Os jovens são recebidos em famílias que já estão integradas à comunidade e possuem nela seu espaço físico e social determinado, assim como os comitês locais também o possuem. No entanto, esse ‘lugar’ dos comitês na comunidade acaba sendo determinado a partir dos ‘lugares’ que as pessoas que são voluntárias ocupam nessa comunidade. Dessa forma, entendo que esses ‘lugares’ ocupados pela família hospedeira e pelo comitê local acabam ‘influenciando’ e ‘interferindo’ na inserção do intercambista na comunidade, ou seja, no ‘lugar’ que ele irá conquistar e ocupar dentro dela.

Então, os intercambistas estão inseridos numa rede de relacionamentos previamente estabelecida. Conforme o andamento da sua experiência e atuação, eles vão interagir com o ambiente físico e social, adquirindo, dessa forma, capital social na comunidade, o que os faz se sentirem integrados a ela. A partir disso, suas expectativas em relação ao lugar desejado para realizar o intercâmbio, de acordo com as ideias concebidas antes de chegar ao Brasil, se modificam, e os jovens passam a valorizar mais as relações sociais que podem estabelecer em um espaço físico do que o espaço geográfico em que se encontram.

Quando isso ocorre, geralmente, a ‘queixa’ inicial dos jovens desaparece e surgem outras questões sobre a cultura brasileira. Isso pode ser percebido na trajetória da experiência do intercambista Júlio que, assim como vários estudantes, ficou insatisfeito por ter vindo morar no RS. Conheci o estudante nos primeiros meses em que estava aqui. Inicialmente ele reclamava do fato de ter ficado em uma cidade de descendência italiana, em uma região em que fazia frio, pois esta não era sua expectativa em relação ao que imaginava e idealizava como o *típico* Brasil. Porém, na entrevista que esse jovem me concedeu durante uma visita de retorno ao país, realizada alguns anos após o término da sua experiência, outras observações foram mencionadas. Disse que achava importante morar em um lugar onde pudesse se sentir parte dele e experimentar a vida de um *brasileiro*. Esse lugar, para ele, poderia ser em qualquer região do Brasil. Seu entendimento sobre cultura brasileira e identidade nacional foi se modificando no decorrer do tempo em que morou aqui e, após reflexão sobre sua

experiência, outras questões passaram a ser valorizadas, como, por exemplo, sua ‘boa’ relação com a comunidade hospedeira⁹⁵. Essa reflexão acontece depois de ter vivido a experiência (Schutz, 1979), por isso Júlio interpretou e compreendeu o que seria a cultura brasileira somente após sua vivência do intercâmbio. Assim, sua percepção sobre o que seria morar no Brasil foi se modificando ao longo do tempo e não imediatamente, durante o período em que estava tendo essa experiência.

Ele também disse que suas viagens pelo Brasil foram muito importantes como parte do intercâmbio, afinal esta era uma das coisas que queria ao vir para cá. Entendi que as viagens de turismo realizadas pelo jovem foram consideradas fundamentais para ampliar seu imaginário sobre o país. Foi, portanto, através delas que ele pôde ter contato com diferentes lugares, paisagens, climas e pessoas, entendendo, dessa forma, o Brasil como um país de diversidade. O período em que esteve no RS foi referido como um tempo em que viveu como um jovem brasileiro. Nesse sentido, a identidade nacional se sobressai em relação à regional a qual é inicialmente mais referenciada pelos jovens estrangeiros. Como intercambista, Júlio era um jovem vivendo em um país diferente do seu, mas que também desejava conhecer na condição de turista.

4.2. A chegada à comunidade local: a sociabilidade do jovem intercambista

Fui visitar Carolina e sua família hospedeira em sua cidade. Eles haviam feito uma viagem durante o final de semana para um local turístico na região vizinha, aproveitando para passear e visitar parentes e amigos. Estavam, por isso, cansados, mesmo assim concordaram em me receber em sua residência para conversarmos. O casal e a jovem me esperaram na sala da casa, com um chimarrão.

Carolina já estava vivendo com eles há alguns meses. No início, a jovem tinha muita saudade da comida de seu país, segundo informou sua mãe hospedeira. Ela recordou a decepção da estudante quando recebeu, pela primeira vez, uma caixa pelo correio com presentes da sua família, e nela não tinha comida. Na encomenda seguinte, enviada pelos familiares, recebeu alimentos de que gostava. Ela engordou seis quilos nos primeiros seis

⁹⁵ Refiro uma boa relação com a comunidade hospedeira, pois Júlio comentou muitas vezes que teve uma relação muito forte com a cidade toda, espaço físico e social. Ele comentou sobre sua saudade das ruas, das praças, do pórtico da entrada da cidade. Também referiu que foi visitar a sua antiga escola, as salas de aula, e as professoras. Fez um janta com seus ex-colegas de aula que ainda moram na cidade, e se referiu a isso com muito carinho.

meses; segundo a mãe hospedeira, isso se deveu a ela comer constantemente lanchinhos e *besteiras*, referindo-se a salgadinhos e doces.

Nos dois primeiros meses, a mãe hospedeira contou que a irmã hospedeira mais velha teve um pouco de *ciúmes* de Carolina. Então, ela teve que conversar com a filha primogênita: *Olha só, filha, tu és uma das principais que escolheu... Agora não tem volta. É por um ano...* Essa questão entre a irmã e a intercambista foi resolvida. Nas outras vezes em que fui visitá-los, percebi que Carolina tinha grande afinidade com as duas irmãs, a mais velha de 12 anos e a mais nova de 9, ficando muito próxima delas. A mãe hospedeira acrescentou que as três, geralmente, nos finais de semana, levavam colchões para a sala de TV e ficavam lá, juntas, assistindo filmes, rindo, se divertindo.

Carolina frequentava a escola todos os dias, fazia as provas e trabalhos das disciplinas e estudava as matérias. Ela teria que ter um bom desempenho escolar para poder conseguir a validação deste ano cursado no Brasil em sua escola de origem, para não ter que repeti-lo quando retornasse. Além disso, a jovem fazia curso de Inglês, pois conseguira uma bolsa em uma escola de idiomas, e tinha aulas de Português com uma voluntária do comitê. Eventualmente jogava vôlei com seus pais e o grupo de amigos deles, mas o pai hospedeiro comentou, em tom jocoso, que ela não levava muito jeito para o esporte, comentário recebido amigavelmente por Carolina. A mãe hospedeira complementou que a intercambista mantinha constante contato com seus pais através da internet ou do telefone, ocasião em que o pai dela costumava entrar em contato com eles, pais hospedeiros.

Carolina gostava de frequentar as atividades do AFS, momento em que podia encontrar *seus amigos*, referência aos outros intercambistas. Ela passava muito tempo com sua família hospedeira e quase não falava dos amigos, apesar de dizer que teria feito muitos nos últimos meses.

Diferentemente de Carolina, em quem se evidenciava mais proximidade e intimidade com a família hospedeira e menos em relação à escola, a estudante Márcia falou sobre sua experiência de sociabilidade no ambiente escolar, com muita satisfação. A jovem, estudante europeia, 16 anos, veio fazer intercâmbio de seis meses no Brasil, tendo morado, durante esse tempo, em uma cidade de porte médio, próxima a Porto Alegre. Ela contou que saía todos os dias de casa às 7h15min, pois tinha que estar na escola às 7h45min, e só retornava às 19hs, passando, portanto, o dia todo envolvida com as atividades escolares. Almoçava com colegas de aula, participava de eventos, jogava vôlei e ajudava a professora com outras turmas. *Eu fiquei de ajudante da sora de vôlei lá, e cada coisa que ela fazia eu estava lá.*

Ela comentou que agora se sentia muito bem fazendo isso após os primeiros meses que foram mais difíceis por não conhecer o idioma e as pessoas, nem saber se ia ou não se adaptar e fazer amigos na escola. Entretanto, assim que entrou em sala de aula, isso se dissipou, conforme relata: *já comecei a fazer amizades com umas três gurias e com uma delas, a 'fulana', a gente ficou muito amiga*. A jovem referiu que ficou muito amiga e próxima dessa colega, comparando essa amizade com as de infância que ela ainda conservava. Márcia já havia mudado de cidade e escola no seu país, não tendo sido esta experiência muito boa para ela, uma vez que não conseguiu se adaptar bem à sala de aula, nem fazer amigos. Então, ela concluiu que a experiência de agora, aqui no Brasil, estava sendo muito boa, muito diferente, pois se sentia *querida* entre os colegas de aula e na comunidade.

Informou, também, que, por mais que sua cidade fosse maior que a de outros intercambistas, não tinha muitas distrações ou programações. Por isso, normalmente ela costumava ir de trem, com suas amigas, para uma cidade vizinha.

Assim como Márcia, o estudante Luís, também europeu, mesma idade e tempo de intercâmbio que ela, referiu o fato de se sentir muito bem na escola e de como esta teria sido importante na sua experiência. Ele morou em uma cidade bem diferente da que tinha imaginado que ficaria.

Luís relatou que as primeiras duas semanas foram muito difíceis, pois a escola estava fechada⁹⁶ devido à ampliação do recesso escolar por causa da gripe A no estado. O jovem passava, então, a maior parte do tempo em casa, sem conhecer outras pessoas, com dificuldade de se comunicar em Português. Nessas duas semanas de ociosidade, se questionou sobre o que estaria fazendo ali. Os pais hospedeiros trabalhavam o dia todo, e ninguém o conhecia na cidade. Ele sentia como se as pessoas não tivessem interesse de conversar com ele. Na terceira semana, começou a escola, os colegas queriam conhecê-lo e ele foi se sentindo melhor. Luís mencionou a sensação do “estrangeiro”, da pessoa deslocada em um grupo, não familiarizada com o idioma e com as interações sociais cotidianas. Afinal, o estrangeiro teria uma forma própria de interagir socialmente a qual se caracteriza por estar

⁹⁶ Devido a muitos casos de gripe suína, confirmados no estado, no início de agosto de 2009, as aulas foram suspensas por cerca de duas a três semanas, atrasando o começo das aulas na maioria dos municípios e escolas, públicas e privadas. A decisão estadual foi de ampliar o recesso escolar, como precaução aos problemas causados pela gripe A. Mais informações em duas reportagens encontradas na internet: “com aumento nos casos de gripe suína, três estados discutem adiar volta às aulas” disponível *Folha de São Paulo* online, notícia publicada em 23/07/2009, disponível no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u598997.shtml>. Outra notícia sobre o assunto: “novas datas movimentam as comunidades escolares”, publicada em 04/08/2009, no *Correio do Povo*, jornal gaúcho da capital, matéria disponibilizada no site: <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/a114/n308/html/default.html>.

perto e longe ao mesmo tempo, sendo um elemento do próprio grupo, como pontuou Simmel (1983).

Frequentar o ambiente escolar foi a oportunidade de *fazer alguma coisa* e de *falar, conhecer, pessoas*, segundo Luís. *Então, ah, eu comecei a conhecer mais pessoas, comecei a aprender o Português, e tudo melhorou*. Por isso, ele teve a sensação de que o primeiro mês demorou muito a passar, e os demais passaram rápido demais, porque conquistou muitos amigos e conheceu muitas pessoas. Ao referir o momento de ir embora, que estava próximo, ficou triste.

A cidade não havia recebido muitos estudantes estrangeiros até então, em vista disso ele e a outra intercambista, que estava na mesma localidade, chamavam muita atenção ao andar nas ruas. Luís ficou impressionado com seu ‘sucesso’ entre as meninas. Segundo mencionou, elas o achavam atraente, por isso muitas queriam namorá-lo. Com os meninos, ele teve grande popularidade e chegou a fazer muitos amigos: *É fiz muitos amigos na verdade, e bem mais do que eu tenho no meu país, eu acho*.

A interação social no cotidiano foi considerada essencial por Luís e pela maioria dos jovens para ‘se sentirem bem’ nas comunidades hospedeiras; “de fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (Berger, P.; Luckmann, 1983, p. 40). Nos primeiros meses, essa interação com a comunidade local se deu de forma precária e limitada, ocorrendo muitas situações de dificuldade de comunicação. Os jovens e a comunidade hospedeira não compartilhavam um idioma comum. Além disso, eles não sabiam como deveria ser a interação entre as pessoas, não sabiam como deveriam agir nas interações cotidianas. Com o passar do tempo, foi se tornando possível sua inserção na rotina devido à aprendizagem do idioma, o que fez com que os estudantes passassem a interagir mais com a família, com a comunidade e com os jovens locais da mesma geração.

A popularidade entre os jovens da sua idade também foi algo que aconteceu na experiência de Maria nos últimos seis meses do intercâmbio. Na segunda semana após sua chegada à cidade, era carnaval. Então, a jovem e as demais intercambistas da região frequentaram bailes na comunidade. Passada essa festa, começaram as aulas. Na escola, os colegas foram muito receptivos e tentaram conversar com ela, mas a comunicação era difícil, pois a estudante mal conseguia se comunicar em Português, tendo também dificuldade para falar em Inglês.

Maria trocou de família duas vezes. Na primeira, teve *dificuldades de adaptação*⁹⁷, segundo ela, o que determinou a mudança de cidade, de família hospedeira e, conseqüentemente, de escola. Conheci sua segunda família hospedeira e poderia dizer que havia entre eles expectativas muito diferentes em relação à experiência de intercâmbio, pois nenhum dos seus três membros tinha clareza⁹⁸ do que esperavam, nem do que queriam com a estudante em casa⁹⁹. A jovem também não conseguia entender essas pessoas, nem sabia como interagir com elas. Foi, então, encaminhada para uma terceira família que desejava receber uma intercambista há algum tempo, já que seu filho tinha feito intercâmbio pela mesma instituição. Foi nessa família que a estudante ficou até o final da sua experiência, e a relação entre eles era muito amigável como pude observar em visita a sua casa e segundo relatos de Maria. A jovem era bem extrovertida, sempre demonstrando quando ficava incomodada e questionando tudo o que não lhe agradasse ou parecesse estranho.

Nos últimos meses da sua estada na cidade, a jovem se envolveu em muitas atividades extraclasse, como capoeira, academia e futsal, além de fazer trabalho voluntário em uma ONG da comunidade. Ela também fez aula de dança de rua em um clube da cidade, sendo esta a oportunidade que teve de encontrar pessoas *pobres*, diferentes daquelas que tinha conhecido até então. A estudante gostou muito disso porque só tinha conseguido entrar em contato com *ricos da cidade*, segundo ela.

A intercambista Ana, 18 anos, natural de um país da Oceania, também mudou de família durante o intercâmbio, tendo considerado esse período como muito difícil. Ela não se adaptou na primeira família¹⁰⁰, indo, por isso, morar temporariamente na casa de um voluntário. Sentia muita saudade de casa e tinha dificuldade para compreender o que era ensinado em sala de aula e para se comunicar em Português. Desde que chegou, passou a frequentar aulas do idioma nacional juntamente com outros intercambistas que estavam morando na sua cidade. Mesmo assim, dizia que a dificuldade de comunicação permanecia, associando isso a sua relação com a primeira família. Quando foi morar na casa do voluntário,

⁹⁷ Percebeu que ela e a família hospedeira não possuíam muitas afinidades. A mãe hospedeira ficava pouco tempo em casa e seu irmão hospedeiro possuía hábitos que lhe eram muito estranhos.

⁹⁸ Eles imaginavam que a intercambista seria de uma maneira, a irmã queria muito receber uma estudante, o pai hospedeiro não se opôs à idéia, mas também não era a favor, a mãe aceitou o pedido da filha.

⁹⁹ Ora a sua irmã hospedeira manifestava interesse em estabelecer uma relação de amizade, ora queria que a estudante fosse embora da sua casa. A irmã hospedeira havia imaginado que ter um intercambista em casa seria diferente da experiência que estava tendo.

¹⁰⁰ Ana disse que se sentia *sobrando* nesta família e percebeu que somente o pai teve interesse em receber um intercambista, os demais membros da família não demonstravam interesse na jovem. Dificilmente conversavam com ela e, dessa forma, Ana acabava se sentindo cada vez mais estranha na casa dessa família.

se sentiu aceita na família, pois as pessoas interagiam mais com ela, o que fez com que aprendesse muito mais rápido o Português do que nos primeiros três meses iniciais. Quando conseguiu se comunicar melhor dentro de casa, passou a fazê-lo também em sala de aula e a gostar mais do colégio, pois começou a fazer amizades.

Depois disso, Ana¹⁰¹ trocou de família novamente. Com essa família ficou por mais de seis meses, até o final da sua experiência, e, segundo ela, deixou de sentir saudades de casa. Nesse período, começou a fazer viagens pelo Brasil juntamente com os outros intercambistas. Além dessas, foi, com a família hospedeira, em feriados e finais de semana, para lugares aqui do estado, como a praia e uma cidade na serra.

As trocas de família hospedeira são bastante frequentes, embora esse fato seja pouco comentado. Percebi, tanto por parte dos estudantes quanto das famílias hospedeiras, que havia uma grande expectativa para que a experiência desse certo. Isso significava, entre outras coisas, não trocar de família durante toda a experiência. Nos materiais institucionais e durante as orientações, foi explicitado que existe essa possibilidade, porém sempre era ressaltado que intercambista e família deviam se esforçar ao máximo para que a relação fosse boa, para tanto precisava haver um grande investimento de ambas as partes. Entendo que o investimento, de acordo com as narrativas de alguns estudantes, famílias e voluntários, é o estabelecimento de uma relação baseada em respeito, compreensão, interesse e aceitação, ou tolerância das diferenças.

Porém, por mais que as trocas de família fossem comuns, era perceptível a manifestação de frustração dos envolvidos quando ocorriam, assim como era visível o orgulho demonstrado por estudantes e famílias hospedeiras quando as experiências davam certo, sem necessidade de troca. O fato de ‘dar certo’ não significava que não tivesse havido problemas na relação dos envolvidos, mas, sim, que, quando ocorreram, foram solucionados e superados, o que supunha que havia uma relação afetiva entre o jovem e a família hospedeira. Dessa forma, compreendo que, de acordo com Fox (1966)¹⁰², as sociedades, em geral, valorizam

¹⁰¹ Outra jovem da Oceania, Sabrina, 18 anos, também passou por troca de família, o que a aborreceu muito. Ela não gostava de compartilhar sua experiência por esta não ter sido como esperava, mas pontuou que, nos últimos meses, estava bem com a família atual. O primeiro mês foi difícil devido à troca de família e à dificuldade de comunicação em Português. Não se adaptou muito na escola, tinha poucos colegas em sala de aula, mas fez amizade com uma menina de quem gostava muito. Nos últimos meses, quando estava na casa de um voluntário, teve oportunidade de realizar algumas viagens pelo Brasil, com excursões da agência parceira da instituição e outras por conta própria.

¹⁰² Como afirmado pelo autor: “Em muitas sociedades, tanto primitivas como sofisticadas, as relações com os antepassados e com os parentes têm eixos em torno dos quais giram a maior parte das interações, a maioria das reivindicações e das obrigações, das questões de lealdade e do sentimento” (p. 14). “Durante a maior parte do

muito as relações de parentesco; um homem sem parentes é um homem sem laços sociais. Para os intercambistas, era essencial estabelecer, de alguma forma, relações de proximidade e afeto com a família hospedeira, o que significava ‘relações de parentesco’ por mais que fossem ‘temporárias’. Essa ‘estranha família’ deixava, então, de ser estranha e passava a ser ‘familiar’ para eles, sendo seu primeiro espaço de afeto. *Não dar certo* na primeira família e ter que trocar implicava ‘novos investimentos’ na constituição de relações afetivas na unidade doméstica, a família hospedeira.

Por parte dos jovens, havia um interesse em estabelecer uma relação de proximidade e intimidade com a família e deixar de ‘estranhá’-lá. Preferencialmente, compartilhar confiança e afeto, ou seja, torná-la ‘familiar’, sendo esse ‘o mesmo’ interesse percebido por parte das famílias hospedeiras. Quanto mais rápido isso ocorresse, tanto melhor se tornaria a convivência entre os envolvidos, mais ‘agradável’, informal e familiar. Para tal, era necessário que os jovens e as famílias conseguissem conversar em um idioma comum. Considerando que a maioria das famílias que conheci não falava Inglês e que alguns intercambistas também não, a comunicação entre eles foi complicada nos primeiros meses.

Essa dificuldade de comunicação foi ressaltada por Joana, 15 anos, asiática, que comentou que o primeiro mês após sua chegada foi muito difícil. Ela mesma afirma que não interagiu muito com as pessoas e tinha dificuldades de comunicação, tanto com a família quanto com os colegas. Achava que a família hospedeira ficava triste porque não dialogava com eles; quando ia para a escola, não compreendia o que era falado dentro e fora da sala de aula. Os colegas não tentavam lhe falar, e Joana acreditava que isso devia ser porque as pessoas tinham vergonha de conversar com ela. Nessa época, estava com muita saudade do seu país. Depois de três meses, a situação foi melhorando. Ela começou a fazer amizades na escola e a sair com alguns amigos. Fez contato com outra intercambista que estava na mesma cidade e conquistou uma grande amiga na escola. Nesse período, a jovem comentou que seu convívio com a família estava ótimo: *E tipo eu não tinha problema com família, tudo fica perfeito!* Ela percebeu que a relação estabelecida com os pais hospedeiros era muito parecida com a que possuía com seus pais no seu país e expressou isso da seguinte maneira:

Eles são divertidos, fazem brincadeiras, respeitam. Eles são a mesma coisa que a minha família no meu país. A mesma coisa. Eu moro aqui e no meu país e é a

seu processo de desenvolvimento, a humanidade viveu, majoritariamente, no seio de sociedades em que os grupos eram baseados no parentesco eram as unidades constituintes. A saúde e a segurança de um indivíduo, a sua própria vida e até as suas possibilidades de imortalidade estavam na mão de seus parentes. Um homem “sem parentes” era, na melhor das hipóteses, um homem sem posição social; na pior, um homem morto” (p. 16).

mesma coisa. A única diferença é que aqui eu tenho uma irmã mais nova e no meu país eu tenho uma irmã mais velha, então isso muda alguma coisa.

[refere-se novamente aos pais e às semelhanças e diferenças entre os pais naturais e os hospedeiros]

Eles sempre se preocupam. Eles me amam. O meu pai daqui sempre fala brincadeira comigo, e meu pai de lá também sempre faz brincadeira comigo. A minha mãe daqui e de lá... se preocupam e querem saber da minha vida. Eles trabalham muito e minha família também trabalha muito.

Com a irmã hospedeira, a jovem também se relacionava bem, muito raramente tinha vontade brigar com ela e, nessas situações, se afastava para evitar a briga. No seu país, ela tem uma irmã mais velha e, aqui, uma mais nova. Essa circunstância fez com que, muitas vezes, pudesse refletir sobre suas atitudes quando tinha a mesma idade dessa irmã. A partir das interações cotidianas com a irmã hospedeira, Joana pôde refletir sobre sua relação com a irmã. Considerando que o sujeito só pode ser apreendido através da “constituição reflexiva de atividades diárias em práticas sociais” (Giddens, 1984, p. 48), não se pode entender a pessoa, separada das rotinas cotidianas “através das quais o corpo passa e que o agente produz e reproduz (...)” (p. 48). Joana pôde através das suas reflexões repensar sua pessoa e seus relacionamentos anteriores. A rotina foi percebida como algo necessário e importante, e as atividades cotidianas auxiliam na constituição da pessoa, Joana, na interação social e no seu reconhecimento como indivíduo durante o intercâmbio.

Em relação a sua integração na escola, Joana se envolveu bastante nas atividades escolares, fazendo trabalhos e provas, pois decidiu que queria validar este ano do intercâmbio quando retornasse ao seu país e, para isso, precisava tirar boas notas.

A estudante comentou que não era muito falante. Ela ainda parecia ficar com vergonha de falar com as pessoas, embora, agora, já conversasse por mais tempo com os colegas e a família porque eles *ficam felizes*. A jovem era muito tranquila e reservada no jeito de se comunicar, ela se definia como uma pessoa *mais quieta*. Frequentava a escola no turno da manhã e, à tarde, costumava fazer *muitas coisas*: curso de dança e curso de italiano *porque a minha cidade é bem italiana!* (risos).

Joana confirmou que não teve muitos *problemas* durante seu intercâmbio. Além disso, ressaltou que estabeleceu relações afetivas em diferentes contextos, como me contou, tendo feito, inclusive, um mini-intercâmbio¹⁰³ por uma semana, em outra cidade. Quando a família

¹⁰³ Mini-intercâmbio é uma atividade opcional que a região ESU da organização oferece para os estudantes. Cada comitê pergunta se o jovem tem ou não interesse de morar em nova cidade, com outra família e frequentar outra escola durante uma semana. Se o jovem se interessar, o voluntário entra em contato, através da rede virtual da organização, com algum comitê que possa recebê-lo. Essa atividade só ocorre após os primeiros seis meses em que os jovens estão no Brasil. O custo da passagem fica por conta do estudante. A maioria dos jovens aceitou

com quem ficou a levou na rodoviária para a despedida, chorou e seus integrantes disseram que iriam sentir saudades dela. A jovem se sentiu muito bem nessa família, e disse que eles tinham gostado muito dela. No entanto ela se surpreendeu na despedida e fez o seguinte comentário: *Ah! Foi muito bom ter ido para lá! Quando eu entrei no ônibus, eu vi da janela, a mãe estava chorando, e eu só fiquei com eles durante uma semana! E ela chorou! E eu não entendi!!*

O jovem Rafael, 15 anos, asiático, também comentou como foi boa sua experiência de mini-intercâmbio em uma cidade pequena, com cerca de sete mil habitantes. Ele contou para o grupo dos intercambistas: *Só tinha uma rua, só duas escolas. Me dava dez minutos e eu dou uma volta em toda cidade. (risos de todos) E eu pensei: Ah legal! Bem legal, acho vão ser esses seis dias aqui!* Ele reside na capital do seu país que é muito populosa. Aqui, estava morando em uma cidade de porte médio e frequentando uma escola com cerca de dois mil estudantes a qual, segundo os demais intercambistas, era a maior dessa região.

Rafael disse que, assim que chegou ao Brasil, sentia muitos medos pelo fato de entrar em contato com o novo: *família nova, cultura, amigos, colégio*, assim como por se sentir muito *burro*, pois, no início, não conseguia se comunicar em Português e falava só *um pouquinho de Inglês*.

A primeira orientação do AFS foi um momento muito importante para ele, pois lá conheceu outros intercambistas que haviam chegado à mesma época e fez amigos. Rafael gostou de ir aos encontros institucionais, pois neles encontrava as pessoas *conhecidas*, embora isso significasse deixar de participar de outras atividades. Como aconteceu numa ocasião em que sua família viajou para a praia, e ele não pôde acompanhá-los porque tinha orientação do AFS.

Rafael é um jovem extrovertido que costuma falar sempre que tem oportunidade, gosta de se expressar e costuma provocar riso nos demais jovens. Sua forma de narrar histórias, sua entonação e a maneira de envolver os ouvintes acaba cativando a todos, que costumam parar para escutá-lo, tentando entender o que ele quer dizer, e se divertir com o seu jeito de interagir.

participar. Os voluntários também aproveitam a oportunidade para divulgar os programas de intercâmbio nas suas comunidades através desses estudantes e para fazer campanha para conseguir novas famílias hospedeiras na região. Em relação ao mini-intercâmbio, algumas estudantes europeias me relataram sua incomodação com o fato de que, em algumas regiões do Brasil, era possível fazer mini-intercâmbio entre cidades de estados diferentes, mas que, no Rio Grande do Sul, o AFS não permitia isso. As jovens queriam poder ir para lugares mais turísticos e longes do RS, como Rio de Janeiro e Salvador, e me diziam que não entendiam o AFS Brasil, pois as regras variavam muito de região para região, assim como de comitê para comitê.

O jovem era o único intercambista na sua cidade. De vez em quando, ajudava sua mãe na clínica veterinária que havia na própria casa, atendendo, dando banho nos animais e, eventualmente, participando de alguma cirurgia. Também jogava futebol sempre que era convidado. Tinha um amigo mais velho, de uns 40 anos, que conheceu na clínica, com quem frequentemente jogava futebol junto com o grupo de amigos dele. Nos últimos seis meses da sua experiência, Rafael decidiu que queria aprender algo mais no Brasil e resolveu fazer aulas de cavaquinho, já que tocava violão e se interessava muito por diversos tipos de música, mas principalmente por Rock.

Quando conversou comigo, manifestou o desejo de ensinar algo sobre seu país para a comunidade local, como explicar sua cultura, seus hábitos, suas comidas. Tinha, também, vontade de que as pessoas o conhecessem como ele era, queria que vissem como o ‘Rafael’.

Sua família hospedeira trabalhava muito, restando pouco tempo para conversar com ele. Nela, ele tinha um irmão e uma irmã, o pai, um pouco mais calado, e a mãe de quem ele mais falava, se referindo a ela constantemente.

Em uma atividade da última Orientação, quando foi proposto aos jovens que falassem sobre como percebiam as famílias e as relações entre homens e mulheres daqui, Rafael fez seus comentários e contribuições para a discussão, assim como os demais jovens, a partir da comparação entre seu país e o Brasil. Em relação ao tópico sobre como seriam as famílias brasileiras, ele logo começou a contar como era sua família no seu país, para só então dizer como era a daqui, destacando, em seguida, semelhanças e diferenças entre elas. Uma das questões mencionadas foi o fato de, no país asiático, seus pais trabalharem muito, e ele tinha pouco contato com eles. Aqui, uma vez que os pais hospedeiros também trabalhavam bastante, o jovem buscou uma forma para poder se aproximar mais e ter maior convivência com eles. Ele descobriu, então, que, frequentando o ambiente de trabalho da mãe hospedeira, ou seja, a clínica veterinária, ficaria mais próximo dela. Assim, ia uma ou duas vezes por semana para lá e passava a tarde conversando com ela e a ajudando em pequenas tarefas. Através desses momentos compartilhados, em casa ou na clínica veterinária, pôde ir convivendo mais e tendo mais intimidade com a mãe.

Rafael chegou ao Brasil desprovido da “atitude natural” (Schutz, 1979)¹⁰⁴ que o auxiliaria a agir no mundo, nas ações cotidianas no contexto hospedeiro, o que o deixou

¹⁰⁴ “‘Atitude natural’ que ajuda o homem a operar no mundo da vida: uma postura que reconhece os fatos objetivos, as condições para as ações de acordo com os objetos à volta, a vontade e as intenções de outros com quem se tem de cooperar ou lidar, as imposições dos costumes e as proibições da lei, e assim por diante. Essa postura é essencialmente pragmática, acima de tudo utilitária e, supostamente, “realista”. (p. 16)

assustado no primeiro momento, como referiu. Além disso, ele se encontrava num momento da sua vida, sua “situação biográfica determinada”¹⁰⁵ (Schutz, 1979), no qual se mostrava disposto a aprender a interagir de maneira diferente nesse novo contexto, a aprender novas formas de interação e a estabelecer relações com as pessoas. O jovem trazia consigo conhecimentos, experiências e referências prévias, armazenados durante sua vida, que o auxiliaram no seu cotidiano. Durante o intercâmbio, entretanto, o jovem se dispôs a, inicialmente, ‘testar’ suas referências prévias para ver se era possível aplicá-las; caso isso não ocorresse, ele recorria à observação do cotidiano para aprender novas formas de interação.

O jovem fez muitos amigos em sua comunidade e expressou que se sentia muito bem com isso no seguinte comentário:

Desde que eu estou aqui, eu tenho família, amigos, casa, pessoas que gostam de mim – risos de todos - e pessoas que eu gosto. Só assim que eu quero. Em um mês, eu tenho que ir embora, voltar para casa, para a família e para a vida normal.

Quando Rafael se refere à vida normal, em oposição àquela que tinha durante o intercâmbio, o que se pode pensar que ele quer dizer? Parece que o jovem viveu algo diferente da sua forma habitual de se relacionar no mundo, como o que Graburn (2001) fala sobre viagem. A viagem, para o autor, é um período liminar, um tempo e um espaço que traz a possibilidade de viver algo atípico, além do cotidiano habitual e familiar. O fim do intercâmbio e o retorno para casa, para sua família e seu país, são percebidos como o retorno à *vida normal*, isto é, ao fim desse momento liminar, especial, não habitual. Viver como um intercambista, numa comunidade estranha, é algo peculiar e único para esses jovens, pois, ao mesmo tempo em que são estrangeiros, turistas, estranhos, são recebidos, acolhidos e esperados nessa comunidade.

O período do intercâmbio era diferente, especial, em oposição à *vida normal* de Rafael, como ele se refere a sua vida no período anterior à viagem. Graburn (2001) pontua que o estado da viagem seria especial e em oposição à vida ordinária, cotidiana. Assim, os estudantes estrangeiros se estabelecem num contexto estranho, a comunidade hospedeira, e passam a ter práticas cotidianas que inicialmente lhes são estranhas e diferentes. Com o

¹⁰⁵ “Qualquer momento da vida prática de um homem não se esgota numa situação específica, contendo limitações, condições e oportunidades em relação a seus objetivos; tal situação é apenas um episódio na corrente da sua vida. Sua posição dentro dela é a de uma pessoa que atravessou toda uma longa cadeia de experiências de vida anteriores. Tanto conteúdo como sequência dessas experiências são exclusivos dele. O indivíduo se encontra (em qualquer momento) numa “situação biográfica determinada”. (...) Acima de tudo, cada um chegou a essa situação atual tendo em mente seus próprios propósitos e objetivos (...)”. (p.16 -7).

tempo, incorporam essas práticas como novos hábitos cotidianos. Durante esse período, portanto, os jovens têm uma rotina diferente da que estavam habituados em seus países, mas, ao mesmo tempo, parecida com ela, no sentido da similaridade com sua comunidade de origem em aspectos como família e escola. Dessa forma, a rotina e o cotidiano diferentes os desafiam a aprender e incorporar esses novos hábitos e práticas.

Os rituais “executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem uma certa segurança” (Rodolpho, 2004, p. 139). Todos os intercambistas sabem que têm que morar com uma família hospedeira, frequentar uma escola regularmente, seguir as regras e participar das atividades institucionais, além de desempenhar um ‘papel’: agir como ‘intercambista’ durante o período de duração do intercâmbio. “Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(ais), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social” (p.139). A repetição e formalidade existentes nos programas de intercâmbio, no caso desta organização, fazem com que os jovens tenham certa segurança de que, se seguirem as exigências básicas, comuns a todos eles, terão uma ‘experiência de intercâmbio’ e aprenderão algo, ao final serão diferentes de alguma forma.

Assim como Rafael, a jovem Bruna também se sentiu bem na comunidade e fez muitos amigos é algo que aconteceu na experiência de Bruna. Ela se refere com grande afeto à família hospedeira e também aos amigos da região. No primeiro mês aqui, a jovem ia à escola pela manhã e dormia bastante durante as tardes. Muitos estudantes comentaram que isso também aconteceu com eles e atribuíram o cansaço ao grande esforço que faziam para aprender o novo idioma. Afinal, como comenta Bruna: *porque cansa... falar e aprender uma nova língua é difícil*. Como era período de inverno e fazia muito frio, as pessoas da cidade ficavam mais tempo em casa, por isso ela só saía quando ia ao supermercado com a mãe ou a irmã, e para assistir às aulas de Português e de Inglês. As oportunidades de sociabilidade surgiam quando encontrava os colegas do inglês ou as outras intercambistas. A jovem chegou a tentar fazer um trabalho voluntário numa ONG da região, mas disse que não se interessou muito.

À noite, era o momento em que ela e a irmã compartilhavam da companhia uma da outra, geralmente assistiam juntas a filmes em casa e, às vezes, chamavam amigos para comer brigadeiro ou fazer bolo. A irmã a convidava para participar de encontros com suas amigas, e Bruna também ia à casa das amigas. Nos finais de semana, toda família fazia churrasco ou ia à casa de amigos; distraíam-se, ainda, assistindo a filmes. A jovem acompanhava a mãe quando esta ia a outra cidade para passear, ao médico ou fazer compras. Às vezes, ela também

passava ou ia ao cinema com suas amigas e a família delas. Em uma ocasião me contou: *quando começou a melhorar o tempo [refere-se a fazer menos frio e chover menos], eu e as gurias sempre íamos caminhar ate o início da cidade e voltávamos pra casa, nossa, era muito legal! Quanta risada! Tu não podes imaginar, era cansativo, mas quanta fofoca!* (risos)

Depois de cinco meses em que estava no Brasil, no período de férias, a jovem juntamente com outros intercambistas de diversas partes do país realizaram uma viagem pelo país com a agência parceira da instituição. Quando retornou à comunidade, Bruna e uma amiga intercambista passeavam pela cidade durante a tarde, faziam lanche, visitavam amigos que trabalhavam no comércio. Em uma tarde, acompanhei as jovens nos seus passeios; fomos visitar a família de outra intercambista que já tinha ido embora e tomamos chimarrão com essa família. Depois, fizemos um lanche na padaria em que elas disseram que costumavam ir. Algumas vezes, as duas e mais algumas estudantes da região iam dar palestras em escolas e em cidades próximas.

Bruna comenta ao refletir sobre seu ano de intercâmbio: *nossa, tanta coisa que eu fiz (risos), mas também tinha muitas tardes que não tinha nada pra fazer ou eu não tinha vontade de fazer nada e ficava deitada no sofá e assistia tv , sessão da tarde! Ou ficava no computador falando com a minha família, ou me aborrecia também.*

Em relação à sociabilidade do intercambista e a sua condição de estrangeiro¹⁰⁶, o estudo de Schutz (2003) diz que este tem de se familiarizar com uma série de questões estranhas a ele. A princípio, pode ser totalmente natural que, no primeiro momento, o estrangeiro interprete essas questões cotidianas novas, e estranhas a ele, a partir da sua concepção familiar da “habitual forma de pensar” (Schutz, 2003). Por isso, muitas vezes, é possível que não se saia bem na interação cotidiana, pois age da maneira que lhe é habitual, o que, no contexto novo, se torna algo estranho e inadequado. Nesse sentido, há uma peculiaridade em relação ao ‘papel do intercambista’ na comunidade hospedeira, pois se espera que ele, em alguns momentos, seja muito mais do que o estrangeiro na cidade, ele deve se incorporar à rotina da comunidade, estabelecendo relações sociais com ela.

4.2.1 As diferentes Comunidades e Sociabilidades: generalidades e particularidades nos contextos das comunidades hospedeiras

¹⁰⁶ Em relação a isso, escrevi um artigo partindo dos textos de Simmel e Schutz que abordam a condição de estrangeiro e do intercambista (Santos, 2008).

Era final da manhã de um dia ensolarado, e eu estava escrevendo meu diário de campo, sentada no banco de uma praça, em uma cidade pequena para onde fora com a finalidade de visitar duas intercambistas. Um senhor cruzou a praça cerca de duas vezes, na terceira, me perguntou quem eu era e se apresentou como o prefeito da cidade. Ele disse ter pensado que eu fosse jornalista. Expliquei que estava fazendo uma pesquisa sobre intercâmbios culturais, ele, em seguida, começou a citar nomes de jovens da cidade que fizeram intercâmbio e perguntou se eu conhecia algum deles. Respondi-lhe que não, eu trabalhava com os estudantes estrangeiros que se encontravam ali. O prefeito comentou que a cidade realmente recebia esses estudantes há alguns anos. Citou, então, as famílias que sabia já terem hospedado, mencionando, também, nomes de voluntários e de um jovem que tinha sido intercambista, atualmente trabalhando na organização com intercâmbios.

Nessa mesma cidade, quando circulei pelas ruas com duas jovens intercambistas, a cada quadra éramos paradas por, pelo menos, duas pessoas que as cumprimentavam, perguntando sobre seus pais hospedeiros e sobre o que iriam fazer no feriado; uma colega de aula queria saber se iam ou não à festa de aniversário de outro colega.

Isso me chamou atenção, principalmente ao comparar essa situação com a de uma intercambista de outra cidade pequena. Essa outra comunidade hospedeira estava recebendo estudantes há pouco tempo. Talvez, por isso, quando essa jovem e eu andamos por suas ruas, não fomos paradas para conversar em nenhum momento. Apenas ao entrarmos na sorveteria da cidade, ela cumprimentou o atendente, o que demonstrou que se conheciam. Em uma conversa com os voluntários locais, eles comentaram sobre a dificuldade de conseguir famílias interessadas em hospedar, alegando que isso ocorria porque a cidade não abraçava o *espírito do intercâmbio*. Corroborando essa ideia, uma família hospedeira comentou comigo que sua experiência com intercambista não havia sido *tão boa* porque a comunidade não se encontrava preparada para tal, não estava acostumada a receber estudantes estrangeiros, nem interessada nisso.

A primeira cidade referida recebe intercambistas há mais de quinze anos e proporciona, através de uma grande rede, estadia aos jovens. Para esse município¹⁰⁷, isso é algo natural, fazendo parte da realidade das escolas e do cotidiano local.

¹⁰⁷ Praticamente todos os anos a comunidade hospeda esses estudantes. Em visita a uma escola dessa comunidade, a diretora contou-me que a voluntária da região resolvia se havia ou não um jovem a ser encaminhado para sua escola e depois só a informava sobre quem seria e quando chegaria.

Para a outra comunidade visitada, receber intercambistas é algo novo, desconhecido, estranho. Os voluntários locais buscam, através de atividades de divulgação, como palestras ou entrevistas em programas de rádio, tornar essa prática mais conhecida na região.

O contexto local interfere diretamente nas experiências dos jovens e das famílias. Por isso, remanejar um estudante para outra família hospedeira em uma comunidade sempre acaba gerando desconforto para os voluntários e para as relações da rede que dá sustentação a essa experiência. Porém, em cidades em que o intercâmbio não é ‘familiar’, o deslocamento do intercambista causa ainda mais estranheza e desconfiança em relação à instituição e ao jovem. Um exemplo disso foram os comentários que escutei numa conversa de moradores da comunidade: *O que esta estudante tem de errado? Por que não deu certo na família do fulano? Uma família tão correta e bacana? Será que eles têm algum problema?* Assim, além das implicações da relação da família hospedeira com a comunidade na experiência do jovem, a conduta deste também se reflete diretamente nas relações que ele estabelece com ela, assim como nas da organização.

Em outra cidade, uma voluntária comentou comigo sobre sua preocupação com uma intercambista que estava saindo muito à noite e *ficando* com vários rapazes. Disse-me ela: *Me contaram que ela ficou com sete rapazes na última festa da cidade!* Essa voluntária tinha receio das possíveis consequências negativas dessa situação nas relações sociais da comunidade, tanto para a jovem quanto para a instituição. Esse comportamento da estudante poderia afastar dela as meninas da sua idade, enquanto os meninos, talvez, pudessem ficar *pensando mal dela*.

Esta não era a primeira vez em que isso acontecia naquela comunidade. A voluntária já tinha passado por outras situações parecidas, tendo ocorrido até mesmo algumas que culminaram com a saída da jovem da cidade e com seu remanejamento para outra família e comunidade¹⁰⁸. Os voluntários estão constantemente se deparando com questões relacionadas ao comportamento sexual das jovens estrangeiras, principalmente europeias e americanas, em cidades pequenas e médias e com as implicações dessas situações nas relações sociais.

¹⁰⁸ Esse evento ocorreu devido ao fato de a intercambista, possivelmente, haver se envolvido com alguns rapazes que mencionaram ter tido relações sexuais com ela. Essa informação se espalhou pela cidade, e, em seguida, as colegas de aula da jovem não quiseram mais ser amigas dela por causa da sua conduta, considerada desviada dos padrões aceitos para uma menina daquela idade, naquele local. As famílias da comunidade começaram a comentar o fato entre si, o que acarretou desconforto na família hospedeira dessa jovem e a decisão de não mais hospedá-la. A voluntária tentou conversar com a estudante e remanejá-la para outra família hospedeira na mesma cidade, mas aconteceu uma rejeição a ela na comunidade em geral, o que implicou a necessidade da jovem sair da cidade. Esta não foi a primeira nem a única história dessa natureza a ser relatada pela voluntária.

Quanto ao comportamento do estrangeiro em ambientes novos, Schutz (2003) reforça a ideia de que ele traz consigo sua “habitual forma de pensar”. Ao mudar o contexto, isto é, ao estar em uma comunidade estranha, sua tendência é seguir agindo, nas interações sociais, a partir das noções que lhe são familiares, dos seus comportamentos habituais. As jovens, por isso, carregavam consigo uma maneira própria de lidar com seu corpo e sua sexualidade e, no primeiro momento, se comportavam da maneira como estavam habituadas. Apenas quando percebessem uma ‘repressão social’ é que elas possivelmente reavaliariam sua conduta ao se darem conta de que as consequências de seu comportamento poderiam se refletir na sua sociabilidade. A partir disso, teriam, então, a oportunidade de tentar entender o contexto no qual se encontravam e avaliar as perdas que talvez tivessem por causa de sua conduta num ambiente distinto do seu. O que lhes era familiar tornava-se, agora, estranho e inadequado no contexto da comunidade hospedeira.

Conversei com algumas intercambistas sobre o *ficar* e sobre a questão do sexo entre jovens no seu país e na comunidade em que estavam vivendo. Percebi uma confusão na maioria das colocações delas em relação ao que podia e ao que não podia quando se ‘ficava’ com um menino. Essas regras sociais estavam sendo aprendidas por elas no cotidiano e não eram claras para o grupo dos jovens. Ao mesmo tempo em que muitos estudantes, meninos e meninas, se entusiasmavam com a possibilidade do ‘ficar’, permaneciam confusos em relação a como, quando e de que forma isso se daria. Percebi que eram mais as meninas que se atrapalhavam e arcavam com repercussões mais significativas na sua relação com a comunidade quando quebravam as regras de conduta social no tocante a essa prática. Como comentei anteriormente nas Orientações do AFS para os estudantes, esses temas foram abordados tanto em conversas formais, conduzidas pelos voluntários, quanto nas informais. Relativamente a essa questão, havia um grupo de jovens que não se interessavam por esses assuntos; refiro-me aos estudantes asiáticos. Todos que conheci afirmaram que não existia o *ficar* no seu país e que eles não tinham vontade de *ficar* aqui no Brasil. Todos me confirmaram que, segundo seu entendimento, somente após o casamento é que deveriam ter interesse nessas questões e passariam, então, a tê-lo.

O maior ou menor interesse do jovem em se inserir na comunidade, assim como a maior ou menor familiaridade dele com a proposta institucional e com os voluntários dessa comunidade hospedeira facilitam ou dificultam a sociabilidade do intercambista. Além disso, as consequências da conduta social ‘adequada’ ou ‘inadequada’ dos jovens estrangeiros na comunidade hospedeira ora podem ser ‘aceitas’ por ela, ora podem não ser, o que, muitas vezes, significa até mesmo uma mudança de cidade.

4.2.2 Grupos de Jovens da Comunidade: Descobrindo a religiosidade

Bruna, durante o ano de intercâmbio, fez parte do grupo EJA, Encontro de Jovens Amigos, de uma igreja católica da cidade. Dois meses após chegar ao Brasil, participou de um retiro com esse grupo. Nesse encontro, ela disse que se emocionou e chorou algumas vezes ao repensar seu relacionamento com a família e os amigos, principalmente, como a jovem se referiu, com sua mãe *natural*, passando, então, a valorizá-los ainda mais.

O convite para Bruna participar desse grupo surgiu a partir do contato que a família hospedeira tinha com a igreja e pelo fato de sua irmã hospedeira fazer parte do EJA. Ela se interessou, pois acreditava que seria uma oportunidade de ficar próxima de jovens da comunidade e de se divertir junto com eles. Aos poucos, foi descobrindo que estudantes de outras cidades também participavam e que esses encontros tinham uma finalidade maior do que apenas recreação, já que envolviam palestras sobre temas relacionados a: família, amizade e religião. A jovem, como demonstrou em diversos momentos durante o intercâmbio, se disponibilizou, então, a fazer parte do grupo. Esta foi uma postura constante da estudante, possível de ser percebida ao longo do ano em que aqui esteve: ela tinha curiosidade e interesse de participar de tudo para o que a convidavam. Por isso, fez muitos amigos em diversos contextos, como escola, AFS e comunidade em geral ao aceitar convites para participar de atividades locais.

Bruna disse que não frequentava igreja antes de vir ao Brasil, referindo que, no seu país, as atividades da igreja são *muito chatas, tem pouca música e, quando tem, eles cantam em latim*. Eu perguntei se ela fez amigos no EJA:

Sim, muitos! São aqueles amigos que eu vou me lembrar... são os do EJA. É que nem eles falaram lá: 'todo mundo sabe que pode contar sempre com todo mundo do EJA porque o EJA é uma família!'. Por isso que tem a tia tal e o tio fulano, e é por isso eu chamo de tia e tio, porque nós somos uma família. Onde todos são como: amigo, irmão e irmã. E não tem explicação de como todo mundo se dá bem com todo mundo. É porque todos acreditam na mesma coisa, é que tem alguma coisa lá em cima que junta as pessoas e essas vão se conhecendo e vão conversando sobre isso. Eles tem a mesma idéia sobre isso, e então eles se dão bem. Por causa disso, por ser um poder maior sobre nós mesmos, eu acho, que então existe entre essas amizades.

Bruna comentou que a amizade construída com as pessoas que participaram do retiro era distinta das que conquistou na escola. Disse que acredita em *alguma coisa, mas que não sabe nomear ao certo*, que poderia ao mesmo tempo ser chamado de Deus ou Jesus, mas não necessariamente teria esse nome. Ela resume isso em suas palavras: *tipo, eu acredito que tem*

um poder maior do que nós. Ah, eu posso chamar de Deus, se quiser, mas para mim não tem importância o nome.

Outra estudante que também se envolveu com o grupo de jovens de uma igreja foi Luísa. Conversei com alguns amigos dela, membros da Igreja Batista, e eles afirmaram que ela se envolveu muito com essa comunidade. Disseram, também, que, quando chegou, Luísa não era muito sociável e tinha dificuldade para demonstrar afeto através de abraços, porém, com o tempo, ela foi aprendendo com o grupo da igreja a expressar afeição com contato físico e teria mudado. Comentaram também que ela era descrente da existência de Deus, no entanto seu contato essas pessoas a fez se interessar pela proposta religiosa desse grupo e a compreendê-la.

Como Luísa tocava um instrumento musical, foi convidada a participar do grupo musical da igreja após três meses de sua chegada ao Brasil. Quando fui visitá-la, faltando dois meses para retornar ao seu país, ela já estava totalmente envolvida com as atividades da comunidade religiosa. Havia eventos em todos os dias da semana, como leituras, apoio à coordenação do grupo das crianças, participação no grupo de jovens, ensaios do repertório musical dos cultos, entre outros. Ela me contou sobre seu grande interesse pela leitura da Bíblia, pelos cantos e sobre sua relação com Deus. Explicou que essa experiência com o grupo da igreja tinha mudado sua relação com a vida, pois, antes de vir ao Brasil, ela não acreditava em Deus.

A jovem se inseriu na comunidade da igreja de tal forma que, nos últimos meses de sua estada aqui, passava a maior parte do tempo em contato com ela. Luísa era muito querida pelo pastor e pelos membros dessa comunidade, desde as crianças até os mais velhos. Participei de alguns cultos, além da festa de despedida que lhe foi oferecida por eles. Foi uma festa à fantasia, realizada em um salão da igreja, logo após o culto de sábado, à noite. Estavam todos fantasiados e tinham realmente investido nas vestimentas, dado à originalidade e à beleza das produções. A festa era para ser surpresa, mas fiquei sabendo que Luísa já estava a par dela quando, antes de irmos juntas ao culto, ela me perguntou se eu tinha alguma fantasia. Como eu não tinha, ela disse que isso não seria problema, pois a família hospedeira também não se fantasiaria, assim como outros convidados.

Chegamos juntas ao local do culto. Algumas pessoas, assim como a estudante, já vieram fantasiadas e assistiram a ele com essas vestimentas. Terminado o culto, houve um momento no qual estava presente somente o grupo de jovens da igreja que fez uma homenagem a Luísa. Depois, todos nos dirigimos para o salão ao lado onde estavam outras pessoas, como crianças e alguns casais, esperando para começar a festa. Havia salgadinhos,

bolos, doces e refrigerantes. Personagens, como “Chaves”, “Shrek e Fiona”, “Chaplin”, “Lula”, entre outros, se divertiam e brincavam com os demais, imitando os trejeitos e o jeito de falar deles. Foi realizado um desfile e um concurso das fantasias. A jovem sorria e abraçava a todos, principalmente as crianças que corriam e a abraçavam também. Todos estavam alegres e se divertiam bastante. Além das pessoas da igreja, compareceram uma voluntária do comitê e outra intercambista da cidade. A festa terminou antes da meia noite.

Entendo que foi com esse grupo e nesse espaço que Luísa estabeleceu sua rede de sociabilidade e afetividade na comunidade local. Tanto ela quanto Bruna encontraram, ao frequentar os grupos de jovens das igrejas, um espaço para experimentar novas formas de se relacionar com a espiritualidade e com os jovens locais. Bruna foi convidada por sua irmã hospedeira e se interessou em conhecer a proposta religiosa. Luísa, inicialmente, foi convidada pela família hospedeira, mas não se interessou, porém alguns jovens da igreja decidiram ir pessoalmente conversar com ela que acabou se disponibilizando a conhecê-la. Bruna e Luísa demonstraram interesse em seguir frequentando as igrejas quando retornarem a seus países, porém ambas comentaram que não sabem se isso será possível, pois lá não há grupos de jovens com a mesma proposta daqui, nem com a mesma relação com a religião. Ficava claro o interesse das intercambistas em manter contato com um grupo de jovens similar ao que participaram no Brasil, mas ambas sabiam que era muito provável que não encontrassem grupos com a mesma proposta nos seus países.

4.3 Conhecendo o território nacional: *Fazendo turismo no Intercâmbio*

Júlio referiu o interesse de realizar viagens pelo país. Ele acreditava que isso também fazia parte do intercâmbio, viajar e conhecer o país, fazer turismo pelo Brasil, ainda que o intercâmbio carregasse a ideia de *viver como um jovem brasileiro* durante um ano. O jovem disse:

Acho que quando tu vais conhecer uma coisa que tu não conheces tem também isso. Também acho importante conhecer o país, acho o Brasil um país fascinante. Então não vim só para morar como brasileiro, mas eu também queria conhecer o Brasil. Isso fazia parte das coisas que eu vim fazer aqui. Se eu tivesse voltado só conhecendo o Rio Grande do Sul, teria sido outra experiência. Eu queria conhecer o Brasil. Até na praia eu não tirei fotografias, porque eu queria só ver a praia e não a lembrança. Não sei se tu vêes a diferença. Eu só queria deitar e não fazer nada, só jogar carta com os amigos...

O desejo de conhecer lugares, além da comunidade e da região hospedeira, foi algo relatado pela maioria dos estudantes. Segundo o que pude observar nas conversas entre eles e

nas falas dos voluntários, a maioria tinha vontade de viajar por todo o país. Durante o intercâmbio, há uma série de restrições em relação a viagens dos jovens. Estas são permitidas quando realizadas com os pais, a escola hospedeira, ou a Organização, embora haja ainda os pacotes da agência de turismo¹⁰⁹ que é parceira do AFS.

Segundo informações disponíveis no manual dos intercambistas, qualquer que seja a viagem, o estudante necessita informar ao voluntário responsável onde estará e o período de duração da viagem, além de sempre ter que deixar um telefone para contato. A agência parceira oferece alguns pacotes de viagens pelo Brasil, mas essas excursões não estão incluídas no valor do programa, sendo opcionais para os jovens, além do que os roteiros e as propostas devem ser primeiro aprovados pela instituição. Nessas excursões, sempre há alguma pessoa do AFS, geralmente um voluntário chamado de *chaperone*¹¹⁰, como acompanhante.

Há cinco viagens opcionais¹¹¹ oferecidas pela agência parceira. O jovem estrangeiro só pode participar delas após três meses da sua chegada, sendo esta uma das condições impostas aos estudantes. Nos eventos institucionais, eram frequentes as conversas entre os jovens sobre *viagens*. Numa dessas situações, dois intercambistas conversavam:

¹⁰⁹ A agência de turismo é parceira da Organização há alguns anos. Seu dono, na época de colégio, foi intercambista pelo Rottary para os Estados Unidos. No momento, oferece pacotes para o AFS e o Rottary no Brasil. Há pouco tempo, ele abriu uma agência nos Estados Unidos com pacotes também destinados aos intercambistas dessas mesmas organizações. Conheci o dono da agência em Porto Alegre, numa reunião dos voluntários da região ESU. Ele veio apresentar pacotes oferecidos pela agência. Segundo ele, seu objetivo era de os voluntários conhecerem as propostas das viagens para, dessa forma, poderem divulgá-las melhor para os intercambistas.

¹¹⁰ *Chaperrone* é o nome dado ao voluntário escolhido para acompanhar a excursão dos intercambistas. Ele tem como função monitorar os jovens e verificar se as regras institucionais estão sendo cumpridas. Há alguns anos, a oportunidade de participar como *chaperone* numa viagem era dada pela organização como prêmio e muito desejada pelos voluntários. Atualmente, no entanto, escutei alguns voluntários, que já foram *chaperones*, dizerem que é muita *incomodação e mal dá para aproveitar a viagem*, muitas vezes referiram que o voluntário acaba ficando como *babá de gringo*. O *chaperone* não paga para participar e tem todos os seus custos pagos, mas também não recebe pagamento para acompanhar.

¹¹¹ Destas viagens, quatro são pacotes turísticos de poucos dias e possuem como destino: Região do Pantanal, Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro, Amazonas. A quinta viagem é longa, em torno de 26 dias, e programada duas vezes por ano durante as férias escolares. É conhecida como: *Viagens do Nordeste*, elas incluem transporte de ônibus entre as cidades, hotéis/albergues, café da manhã, mais uma refeição e assistência médica. O pacote para o Nordeste custa 6 040 reais e acontece no mês de janeiro. A agência sugere ao estudante levar oitocentos reais para despesas extras, não cobertas pelo pacote. Para Foz do Iguaçu, quatro dias, o valor do pacote é de 1075 reais e ocorre em Dezembro, sendo sugeridos 150 reais para as despesas extras. O pacote para Pantanal e Bonito, com duração de oito dias, custa 2410 reais, sendo oferecido em novembro; duzentos reais são sugeridos para despesas extras. Para a Amazônia, a duração é de nove dias, o valor é de 2890 reais, ocorrendo em maio; a sugestão para os extras é de 150 reais. O pacote para o Rio de Janeiro, de quatro dias, com valor de 1075 reais, está previsto para ocorrer em janeiro; são sugeridos 150 reais para extras. O valor pode variar para mais ou menos, dependendo da variação de preços na época da viagem. Além disso, a agência alerta que as viagens aéreas não estão incluídas no preço e dependem da cidade para onde se vai.

Estudante1: *Tu já decidiste que viagem vais fazer?*

Estudante2: *Ah, eu queria muito ir para o Nordeste, mas não tenho dinheiro, acho que só vou poder ir na viagem do pantanal, e tu?*

Estudante1: *Vou ir para o Rio de Janeiro, mas achei muito caro... mas quero muito ir, por mais que só seja quatro dias.*

Estudante2: *A minha família vai me levar para Santa Catarina durante as férias.*

Estudante1: *Ah, que legal! Dizem que é muito bonito lá.*

Estudante2: *A minha família vai me levar para o Uruguai no próximo feriado!*

O desejo de ter ‘férias’, de ‘passear’ e de ‘viajar’ pelo país traz outro aspecto relacionado à experiência, fazer turismo ‘faz parte’, ‘mas não é o intercâmbio’.

Os voluntários monitoram a experiência dos jovens no sentido deles não ficarem só *viajando* e acharem que intercâmbio é *fazer turismo*. Alguns deles são mais rígidos com as regras, outros fazem mais concessões. Isso é algo que varia de comitê para comitê. Eles, entretanto, têm expectativas de que os jovens viajem em feriados, finais de semana e no período de férias escolares. O não interesse em realizar viagens causa estranheza entre os voluntários.

Em relação a isso, recordo-me do caso de Luísa. A jovem, ao contrário de Júlio, manifestou não ter interesse de viajar pelo Brasil, o que inquietou a todos que a rodeavam. Eles comentaram que achavam esse fato muito curioso, pois sabiam que não era por dificuldade financeira, já que os pais da jovem possuíam uma boa condição financeira. Ela mesma dizia que seus pais podiam proporcionar as viagens que desejasse. Nessa situação, até mesmo a Organização, que geralmente não costuma estimular os jovens a viajar, começou a incentivá-la a conhecer novos lugares. No entanto, a jovem manifestava estar satisfeita com sua estada na família e na cidade. Segundo me relatou, seus maiores interesses durante o intercâmbio estavam ligados a seus *hobbies* e a suas questões subjetivas: inquietações em relação ao seu projeto de vida - o que ela iria fazer depois do intercâmbio.

Tanto os voluntários como os demais estudantes manifestaram que fazer turismo durante o intercâmbio é algo esperado, faz parte da proposta do programa, embora tenha ficado evidente que não se trata de ‘qualquer turismo’, mas, sim, de algo planejado, organizado e autorizado pela instituição, ou seja, ‘tutelado’ por ela. Fazem parte dele experiências de conhecer lugares do Brasil, mas o ‘risco’ deve ser calculado, e, por isso, a instituição possui regras rígidas em relação a viagens.

As excursões proporcionadas pela agência parceira se constituíram em momentos nos quais os intercambistas puderam estar juntos, sem a família de origem e sem a família hospedeira, um tempo e um espaço diferente, um encontro do grupo. Foram nessas viagens

que os jovens relataram que se sentiram ‘turistas’ e foram reconhecidos pelos moradores das localidades por onde passaram dessa maneira.

Júlio comentou comigo que isso não o agradou, não gostou de se sentir como um *turista estrangeiro* e de ser reconhecido como tal. Ele disse que nunca havia se sentido assim até o momento em que fez a *viagem para o nordeste* com o grupo de intercambistas e que lá todos eles foram tratados desse modo. Esta foi uma experiência muito diferente daquela que tinha vivido na comunidade hospedeira. Ele enfatizou que *intercambista não é turista*, mas que *fazer turismo faz parte da experiência de intercâmbio*.

Conhecer novos lugares e pessoas, ampliar o imaginário sobre o Brasil, é algo necessário e esperado durante o ano do intercâmbio. Júlio disse que não se *sentiu turista* ao longo desse ano e que praticamente não tirou fotos durante sua estada, até mesmo nas viagens de excursão. Seu desejo era de se experimentar, sentir as pessoas e os lugares, dessa forma ele buscava estar presente nos lugares e prestar atenção ao que estava ao seu redor, registrando esses momentos *na sua memória* e não em fotos. Júlio associava *turista a expectador* e deixava claro que esta não era sua condição durante o ano de intercâmbio. Afinal, até mesmo durante as viagens de excursão de que participou, ele permanecia se sentindo intercambista no Brasil e procurava experimentar suas viagens a partir dessa condição e perspectiva.

Durante o ano do intercâmbio, os jovens sentem-se estrangeiros e neófitos, buscam experimentar-se, seguem regras e exigências. Assim, espera-se que eles possuam curiosidade e desejem conhecer lugares e pessoas novas. Quando se deparam com novos lugares, nas viagens turísticas, e são reconhecidos de maneira distinta da habitual na sua comunidade hospedeira, eles se surpreendem e estranham a condição de *turistas e estrangeiros*. Reclamam dos *lugares caros* a que são levados e dos preços que lhes cobram, achando que são *turistas gringos estrangeiros*. Eles se sentem diferentes dos turistas estrangeiros que vêm ao Brasil a passeio, ao mesmo tempo em que também não se reconhecem como brasileiros, mas se sentem mais próximos destes do que dos primeiros. Dessa forma, salientando que o intercambista não é um turista, o intercambista mora, vive no Brasil durante um período de tempo, não veio a passeio, mas ele também faz turismo durante o intercâmbio.

CAPÍTULO 5 OS JOVENS E O INÍCIO DA DESPEDIDA

5.1 Última Orientação

Estavam chegando ao fim os onze meses do intercâmbio, faltava cerca de um mês e meio para os intercambistas retornarem a suas casas. Nessa época, todos os jovens deviam participar da Orientação Pré-retorno, última atividade oficial promovida pela Organização. O grupo de 25 estudantes que chegou em agosto de 2008, o qual chamarei de ‘primeira turma’, foi reunido, durante o último final de semana do mês de maio de 2009, em um evento do AFS, conhecido como *Encontrão*¹¹², do qual participava um grande grupo de pessoas com diferentes envolvimento com esse programa.

O contexto em que se realizou a orientação para a primeira turma apresentou particularidades e diferenças em relação àquele em que ocorreu o mesmo evento com a segunda, que chegou em fevereiro de 2009. A orientação para a primeira turma foi concomitante às atividades do *Encontrão*, enquanto que, para a segunda turma, ocorreu em um Hotel, no centro de Porto Alegre. Nessa ocasião, se encontravam apenas o pequeno grupo de dez estudantes estrangeiros e o grupo de brasileiros que ia viajar no início do ano seguinte, conhecidos como *curumins*, e que participava da Orientação Pré-partida. A segunda turma, portanto, teve uma orientação em que os jovens ficaram mais próximos e integrados entre si, enquanto que a primeira, além da Orientação, ficou envolvida com as diversas atividades que estava acontecendo no *Encontrão*.

A Orientação Pré-retorno da primeira turma, realizada no contexto do *Encontrão*, oportunizou o contato com grande grupo de participantes, pois, de acordo com a voluntária responsável, lá havia mais de 130 pessoas. Todas eram basicamente ‘jovens’ que possuíam um ‘*status*’ diferenciado, isto é, um termo ou um nome que os definia dependendo da posição que ocupavam na ‘estrutura’ da organização. Os estudantes estrangeiros, jovens que

¹¹² A Orientação Pré-retorno ocorre entre um e dois meses antes de o estudante retornar para o seu país. O “*Encontrão*” é um evento da ESU, organizado pelos voluntários, que ocorre uma vez por ano, geralmente no primeiro semestre, entre os meses de maio e junho. Nele ocorrem várias outras atividades institucionais destinadas aos diversos participantes da organização do RS. Este a que me refiro foi realizado em maio de 2009, na Escola Bom Pastor, em Nova Petrópolis, a qual oferece hospedagem e aluguel de salas para eventos. O local é credenciado à Rede *Hostelling Internacional*, possuindo instalações simples e confortáveis, como quartos com beliches e banheiro, refeitório, salas de aula onde aconteceram algumas atividades em pequenos grupos e um salão grande no qual se realizaram as que reuniram todos os participantes: a abertura, o encerramento, a feira com diversas atividades, a festa à fantasia na noite de sábado e o evento de encerramento.

participavam do programa de intercâmbio naquele ano, eram chamados de *Gringos*¹¹³ pelos voluntários e demais integrantes da instituição, enquanto que os brasileiros presentes eram os possíveis, os futuros e os ‘ex- intercambistas’.

Para cada condição ou momento em relação ao ‘ritual de passagem’ - como compreendo a experiência de intercâmbio – o jovem possui um ‘status’ dentro da instituição com uma nomenclatura que o identifica, ou seja, o ‘status’ do neófito em relação à experiência. Os *candidatos* são os ‘possíveis intercambistas’, ou seja, são os jovens brasileiros, interessados em participar do programa de intercâmbio, que estão na etapa de seleção, que geralmente inicia entre um ano e um ano e meio antes da partida. Após serem aprovados nessa etapa, eles passam à fase de preparação, sendo, então, conhecidos como *curumins* e assumindo o *status* de futuros intercambistas. Enquanto participam da experiência, os jovens estrangeiros poderão ter nomenclaturas locais que se referem a eles, no caso do RS, é utilizado o termo *Gringo*. O próprio gringo, o jovem durante o período da experiência da liminaridade, passa ser um “neófito” (Turner, 1986), um aprendiz, um iniciado no programa de intercâmbio e no AFS. Além disso, o termo utilizado no RS carrega outra conotação associada à condição de estrangeiro, que, segundo Simmel (1983), problematiza as particularidades envolvidas nessa condição¹¹⁴.

Quando o estudante brasileiro retorna a sua comunidade de origem, durante o ano seguinte a esse retorno, ele recebe o *status* de *returnee*¹¹⁵, isto é, passa a ser ex-intercambista.

¹¹³ Gringo, segundo o dicionário Aurélio, substantivo popular brasileiro depreciativo de estrangeiro. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 7 ed, Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

¹¹⁴ O termo *stranger* remete não somente ao estrangeiro, desconhecido, mas também a alguém que é estranho, esquisito, singular. Porém quando utilizado nas traduções em Português e em Espanhol é empregado como *estrangeiro*, atendo-se mais ao significado espacial relacionado ao termo. O texto de Simmel foi publicado em 1908 e influenciou muitos estudos posteriores no chamado campo “sociologia do estrangeiro”. Teixeira (2000) comenta que: “O que caracteriza o estrangeiro simmeliando é que ele é alguém que vem de fora, se estabelece, mas não se torna membro pleno do grupo, não aspirando a ser assimilado, esta é sua condição de pertencer, sua interação positiva com o grupo: estar distante e próximo simultaneamente”(p.23). O ser/estar estrangeiro – no sentido de sentir-se parte, estar próximo e ao mesmo tempo distante – é abordado por Simmel (1983): “o estrangeiro é um elemento do próprio grupo, possui uma forma mais específica de interação” (p.183). Ao se pensar nas experiências de intercâmbio escolares, podemos pensar que o estudante estrangeiro no RS, os gringos, carregam esta condição durante todo o tempo de duração do intercâmbio. Possuindo uma peculiaridade, pois ele é um estrangeiro no contexto brasileiro local, porém recebe a ‘incumbência’ de ‘ser como’ um jovem brasileiro, mas ao mesmo tempo mantém a sua condição de estrangeiro e é reconhecido pelo grupo institucional como *Gringo*, conotação utilizada pelos voluntários e demais participantes de uma maneira ‘carinhosa’ e sem demonstrações depreciativas pelo termo, mas sim reforçando a condição peculiar dele de diferente e estranho no grupo, mas ao mesmo tempo ‘interessante’ e despertando curiosidade dos demais.

¹¹⁵ Este termo é do idioma inglês *returnee*, segundo o dicionário Webster, significa: pessoa que retorna para casa após prestar o serviço militar, ou que retorna a escola após a ter desistido, ou se afastado- *Returnee- a person*

No contexto institucional, o *returnee*, ao voltar do período de afastamento de sua comunidade local, passa pela ‘etapa de readaptação’, considerada como mais uma etapa da experiência do intercâmbio. Assim sendo, há três momentos que envolvem o processo do intercâmbio:

- o antes - a etapa de seleção e preparação;
- o durante - a experiência em si;
- o depois - o retorno e a readaptação.

Através da Orientação Pós-retorno, a organização também procura auxiliar os jovens nesse processo de readaptação ao envolvê-los em atividades institucionais com o objetivo de proporcionar espaços em que possam conversar com outros que provavelmente vão ‘entendê-los melhor’ porque já passaram pela experiência. Esse contato é considerado muito importante, pois os ajuda no processo de ‘dar sentido e significado a suas experiências’¹¹⁶.

Quando o jovem é *returnee*, ele pode trabalhar como voluntário da instituição. No entanto, durante o período em que tiver esse *status*, há algumas funções e atividades que não lhe são permitidas exercer, especialmente relacionadas à área de recebimento¹¹⁷. Após a etapa de *returnee*, o jovem poderá se tornar voluntário nas diferentes áreas de atuação. Essa nomenclatura, geralmente, costumava ser utilizada pelos participantes e pelos voluntários nas atividades institucionais, no espaço virtual e, até mesmo, em conversas informais entre pessoas que partilhassem esse universo¹¹⁸.

who returns, as home from military service or to school after dropping out. (p.1226) IN: Agnes, Michael (editor), Webster’s New World College Dictionary, Fourth Edition, Macmillan USA, 1999.

¹¹⁶ Seria no ambiente institucional, através do contato com vários jovens em diferentes etapas do ‘ritual’ que o *returnee* poderia significar a sua experiência. O espaço institucional possibilitaria essas trocas, já que nesse ambiente falar sobre a experiência é algo esperado e compreendido, pois há muitos que já passaram pela experiência, outros que ainda passarão, e aqueles que acompanham as experiências de outros. Isso não aconteceria no ambiente familiar e no contexto social com outros jovens que não tenham passado pelo intercâmbio, pois estas pessoas não partilhariam dessa experiência e provavelmente não entenderiam pelo que o *returnee* estaria passando.

¹¹⁷ Geralmente as atividades vetadas são relacionadas à área de recebimento, isso significa área de suporte aos intercambistas que estão no Brasil. Entre os voluntários se diz que o *returnee* levaria um tempo para *atterrisar no Brasil*, pois ficaria ainda muito tempo vivendo o seu intercâmbio, falando o tempo todo sobre sua experiência no exterior. Diante disso, ele não teria condições de dar suporte a outro intercambista, pois ainda não teria saído totalmente dessa condição. Normalmente se busca que os *returnees* trabalhem, principalmente, na área de envio, auxiliando outros voluntários a prepararem os *candidatos* e *curumins* para suas experiências, mas também na busca de famílias hospedeiras. Porém na prática, muitas vezes devido à falta de voluntários no comitê, os *returnees* acabam trabalhando em todas as tarefas que sejam necessárias. Os *returnees* poderiam *se misturar* muito com os gringos e isso seria prejudicial, devido ao risco de eles estabelecerem um vínculo maior com o *gringo* do que com a própria instituição.

Durante o *Encontrão*, conversei com dois voluntários que trabalharam nas orientações das duas turmas. Eles avaliaram que a primeira delas provavelmente foi prejudicada em relação ao objetivo principal da Orientação Pré-retorno - avaliação da experiência e preparação para o retorno - devido à diversidade de atividades que aconteceram paralelamente a ela e que podem ter dispersado a atenção dos jovens, tirando o foco do encontro. Os intercambistas se envolveram em atividades que não estavam diretamente relacionadas à ‘reflexão’ de suas experiências de intercâmbio e à ‘preparação’ para o retorno. Nesse contexto, uma voluntária comentou comigo sua preocupação: *Denise, eu sempre acho que esses gringos saem prejudicados em relação à Orientação, fico preocupada com a adaptação deles ao voltarem para o país...*

Compreendi que os voluntários buscavam ‘zelar’ por esses momentos como uma forma de preservar uma maior ‘qualidade’ da experiência de intercâmbio vivida pelos jovens. Como a proposta institucional era de *Aprendizagem Intercultural*, baseada na *aprendizagem pela experiência*, o momento da reflexão sobre o que foi vivenciado era considerado essencial pelos voluntários, era respeitado pelos estudantes, além de se constituir em parte importante do processo do intercâmbio. As Orientações eram, então, os momentos que oportunizariam estímulos para essas reflexões.

A participação dos estudantes nos encontros e nessas orientações institucionais, dependendo da cidade onde estivessem morando, exigia grande tempo despendido com o deslocamento. A programação da orientação também era bastante extensa, começando no sábado, por volta das 10h e seguindo até, mais ou menos, às 24h¹¹⁹, com alguns intervalos para refeições e descanso. Os estudantes, no entanto, falavam positivamente dessas reuniões, independente do cansaço que pudessem estar sentindo ao seu final.

¹¹⁸ Pode-se perceber que o momento em que o jovem é *returnee* passa a ser aquele em que mais se capta voluntários para trabalhar na organização, mas pude observar que a maioria se envolve como voluntário logo que retorna, porém, proporcionalmente a quantidade dos que retornam, são poucos os que permanecem atuando como voluntários por mais de dois anos. Claro que isso também depende do contexto. Como frequentemente jovens do interior vão para cidades maiores para frequentarem a universidade, eles se distanciam dos comitês locais das cidades em que moravam; outros, não se interessam pela proposta institucional, não se identificam com os demais jovens; há casos, ainda, de ingresso no grupo de voluntários como uma possibilidade de sociabilidade.

¹¹⁹ A festa a fantasia realizada na noite de sábado tinha hora para terminar prevista entre meia-noite e uma hora da manhã. Após o encerramento oficial, muitos jovens ainda permaneceram conversando no salão, outros se reuniram nos quartos, esse era o momento em que acontecia a paquera entre os diferentes jovens, e ‘ficar’, uma intercambista comentou comigo o que havia ocorrido e que ela tinha ido dormir depois das 4h da manhã, mas no dia seguinte estavam todos em pé no horário da atividade. Percebi que por mais que alguns jovens reclamassem dos horários das atividades, eles, na maioria do tempo cumpriam as combinações de horário.

O jovem Rafael, da segunda turma, comentou que gostava *desses encontros do AFS*, considerando-os momentos para rever os amigos intercambistas que moravam em outras cidades. Devido à distância, eles não conseguiam se encontrar muito durante o período em que estavam morando aqui, por isso geralmente utilizavam a internet para poderem se comunicar e manter contato. Ele chegou ao país com o grupo de fevereiro de 2009 e, durante o primeiro final de semana de dezembro do mesmo ano, juntamente com os demais, participou da Orientação Pré-retorno em um hotel¹²⁰, em Porto Alegre. Nessa Orientação, Rafael me contou, já saudoso, que sabia que esta ia ser a última vez em que veria vários dos amigos que fez durante o ano do intercâmbio. Disse que *isso é uma pena*, pois gostou muito de conhecer os outros intercambistas e tinha vontade de encontrá-los novamente. Sabia, no entanto, que talvez isso nunca mais acontecesse na sua vida, pois reunir todas essas pessoas de lugares tão diferentes em um mesmo espaço e ao mesmo tempo, era uma tarefa difícil.

5.1.1 Enconção: Encontro Multicultural

Juntei-me ao grupo de participantes (candidatos, curumins, gringos, *returnees* e voluntários) que partiram de Porto Alegre, sábado, por volta das 7h30min, em um ônibus fretado pelos voluntários para Nova Petrópolis, local do “Enconção”¹²¹. Assim que chegamos, logo o credenciamento¹²², os jovens se espalharam: era o momento de reencontrar os amigos. As pessoas que já se conheciam se reuniam em pequenos grupos para conversar; os *returnees* encontravam amigos que não viam desde antes de viajarem; os intercambistas também buscavam uns aos outros. Os grupos, às vezes, eram constituídos por jovens com a mesma nacionalidade, como no caso de Bruna. Ela e as amigas conversavam animadamente sobre o que tinham feito nos últimos dias ou semanas, as festas a que tinham ido, as ‘paqueras’ e os planos para o tempo de intercâmbio que ainda restava. Às vezes, também reclamavam sobre algo, geralmente sobre uma viagem para a qual algum voluntário do seu

¹²⁰ Durante o encontro de Rafael com seus amigos, promovido pela instituição, simultaneamente acontecia a Orientação Pré-partida para os *curumins*, que viajariam no início do ano seguinte.

¹²¹ Há um vídeo com cerca de sete minutos, disponibilizado no site You Tube, na internet, que mostra um pouco desse evento e várias atividades realizadas com os estudantes. Esse vídeo foi realizado por um voluntário da organização, *returnee*, que atualmente é estudante de cinema, e pode ser acessado no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=5GzNTxMw8FE>>.

¹²² Se preenchia uma ficha e se pagava a taxa de inscrição que dizia respeito a hospedagem e alimentação. O transporte já havia sido pago diretamente para a voluntária responsável de Porto Alegre.

comitê não havia dado permissão. Durante todo o final de semana, ocorreram atividades, ora envolvendo os grupos separadamente, ora reunindo todos os presentes.

Os participantes do Encontro foram recepcionados pela equipe de voluntários organizadores do evento¹²³. Na abertura, foram dadas as boas vindas, as explicações sobre a logística do local e a programação. O salão da recepção era amplo e simples, ao fundo havia uma bandeira com as cores do Rio Grande do Sul e o logotipo da organização; ao lado, um grande painel com a imagem do mapa mundi e os dizeres: *Nosso Planeta*. As cadeiras de plástico estavam dispostas como em um auditório. No final da abertura, um jovem voluntário¹²⁴ propôs uma atividade de integração para todo o grupo, um *energizer*: as pessoas teriam que formar um mapa mundi no salão. As cadeiras foram afastadas para haver um espaço livre no ambiente, pois a proposta era que o 'mapa' ficasse como que se fosse 'desenhado', com os participantes se agrupando nos lugares, determinados por eles mesmos, em que seriam os países. Aos poucos, cada um dos presentes foi se posicionando no local referente ao país do qual procedia, no caso dos *gringos*, ou em que já havia morado, no caso dos *returnees*. Nem todos conseguiram se colocar adequadamente, nem o espaço físico comportava que todas as pessoas se posicionassem nos respectivos países, mas elas pareciam estar se divertindo, já que riam e, ao final, aplaudiram a iniciativa.

As imagens que remetiam a aspectos regionais e globais nesse cenário e a atividade do *energizer* (o mapa mundi) refletiam questões que eram seguidamente trabalhadas nos encontros institucionais. Nas diversas atividades do AFS de que participei, encontrei muitas vezes imagens relacionadas ao 'mundo' e ao 'global', bandeiras nacionais e regionais misturadas com o logotipo da instituição, além de bandeiras de diferentes países juntas. Havia, portanto, uma mescla de signos e símbolos locais e de imagens globais. Ou seja, a dimensão do local e do global estava sendo acionada em diversos momentos, seja nas atividades oficiais ou nas conversas informais entre os participantes. Era como se o aspecto da experiência local os colocasse em contato com questões de diferença de sua própria 'localidade' ou nacionalidade, ao mesmo tempo em que partilhavam de uma experiência comum com outros de diversas nacionalidades, aproximando-os e proporcionando uma 'vivência multicultural'.

Além dessas referências de 'global - local', foram frequentemente mencionadas nesses encontros a missão e o histórico da organização. Na abertura do evento, a Diretora

¹²³ Segue em anexo o quadro da programação do evento.

¹²⁴ Havia muitos voluntários envolvidos com a organização do evento.

Regional retomou esse discurso institucional e também salientou o valor da organização ser basicamente constituída por voluntários. Compreendo essa abordagem como algo que agrega um valor, isto é, um diferencial em relação à proposta de intercâmbio de outras organizações e agências.

Ao final da tarde de sábado, ocorreu a *Feira AFS*, uma atividade destinada a todos os participantes do evento. O salão, onde foi realizada a abertura, foi adaptado para dar espaço a estandes com diversos assuntos, selecionados pelos voluntários e considerados por eles interessantes e relevantes para serem trabalhados com diferentes participantes. Os temas eleitos diziam respeito a questões relativas à experiência de intercâmbio e à organização, tais como: “Iceberg da Cultura”; “Gráfico da Experiência”; “Tudo o que você gostaria de saber sobre o AFS e não tinha coragem de perguntar”; “Conselhos da Vida Real”, entre outros. Havia um estande chamado ‘Desafio dos Sonhos’, com um mapa mundi e vários ‘alfinetes coloridos’ para o participante marcar os locais que gostaria de visitar; em outro, produtos da Organização estavam à venda; mais adiante, se encontrava uma funcionária da Secretária Executiva; em outro, ainda, materiais turísticos sobre o Brasil e o Rio Grande do Sul haviam sido disponibilizados pela Secretaria de Turismo do Estado para a Organização. Além dos estandes, havia um mural, intitulado “Classificado dos Gringos”, no qual se encontravam ‘fichas’ de estudantes estrangeiros, contendo nome, foto e breve descrição do jovem. Nesse ‘Classificado’, estavam os intercambistas com chegada prevista para agosto e que ainda não tinham uma família hospedeira.

No estande dos produtos do AFS, feitos pelos comitês do estado, eram vendidas camisetas principalmente. Nelas havia imagens de pessoas de mãos dadas, bandeiras de diversos países, imagens associadas ao ‘mundo’ e, até mesmo, a letra da canção *Imagine*, de John Lennon. Em eventos institucionais, essa canção, também era utilizada, geralmente associada a situações que ressaltavam a importância do intercâmbio e o porquê de ainda se dever fazê-lo atualmente. Em alguns desses eventos que observei foi exibido um vídeo¹²⁵ institucional que relatava a história da organização, através de imagens, desde a época dos

¹²⁵ Vídeo disponibilizado no You Tube, intitulado “AFS Imagine” e acessado no link: <http://www.youtube.com/watch?v=fFyIkkPGwZk&feature=PlayList&p=46B6E94C6D9522F0&playnext_from=PL&playnext=1&index=3>, e há também um outro vídeo comemorativo dos 60 anos, AFS 60th Anniversary, também está disponibilizado no mesmo site que aborda a questão da mensagem de paz e a história da organização, no link <<http://www.youtube.com/watch#!v=Mkztw4fs-Gg&feature=related.related>>.

voluntários motoristas de ambulância até o momento atual, sendo essa música sua trilha musical¹²⁶.

Na Feira AFS, havia um espaço, no estande intitulado “Paz e Intercâmbios”, para se conversar com um antigo voluntário sobre a proposta da organização e a prática do intercâmbio. Essa atividade era organizada em forma de sessões com duração média de vinte minutos. Eu me juntei ao grupo de jovens de *candidatos* e *gringos* para participar de uma delas. O coordenador propôs um debate sobre como os intercâmbios podem ou não facilitar uma *cultura de paz*, significando *entendimento entre os povos* e ‘tolerância das diferenças’. A participação era intensa e a discussão, dinâmica, tanto que resistia ao barulho do entorno, pois havia muita gente circulando. Terminada a sessão, os jovens se dirigiram à atividade de outro estande e carregavam seus ‘passaportes AFS’¹²⁷ - fichas amarelas que imitavam passaportes e que haviam sido distribuídas na atividade de abertura – os quais eram carimbados pelo voluntário responsável de cada estande.

Observando a circulação dos jovens entre os diversos estandes e o carimbar dos seus ‘passaportes AFS’ pude entender o ‘valor agregado’ assim que o passaporte era carimbado. Afinal, saberes valorizados pela instituição tinham sido agregados pelos participantes do evento. Compreendo que quanto mais eles circulavam entre os estandes e quanto mais carimbos tivessem no seu passaporte, mais teriam aprendido nos locais visitados. ‘Circular pelo mundo’ era algo muito valorizado pela organização. Além disso, quanto mais oportunidades de pensar e refletir sobre alguns temas que fossem experimentados pelos participantes, melhor seriam suas aprendizagens sobre as questões *culturais* e institucionais presentes na experiência desses jovens. Assim como a experiência local do intercâmbio

¹²⁶ Participei de uma palestra, destinada a futuros pais hospedeiros, em um comitê, em que este vídeo foi mostrado (além deste há outros). A palestra de que participei foi promovida pelo comitê de uma cidade pequena do estado e realizada em um espaço cedido pela prefeitura. Nela foram trazidas informações sobre a instituição, houve a exibição desse vídeo e a apresentação de algumas intercambistas, falando sobre suas experiências e a *cultura* de seus países. A proposta dessa palestra era divulgar a organização na cidade e buscar possíveis futuras famílias hospedeiras, assim como futuros intercambistas. Vários dos vídeos utilizados nessa estão disponibilizados no You Tube. Cito alguns deles: “AFS 60th Anniversary”, disponibilizado no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=Mkztw4fs-Gg>>; “Bring the World Home - Host an AFS Student” no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=XEXZ2lK0qUg>>; “AFS-- One Word Says It All” no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=7q8-1Z6mOyg>>; “Connecting People” no link: <http://www.youtube.com/watch#!v=X_FCoGpqqRo&feature=channel>. Os vídeos foram produzidos pela Organização Internacional.

¹²⁷ Os *passaportes AFS* haviam sido entregues para todos os participantes na abertura do Encontro. Eram amarelos, na capa estava escrito “AFS”, o logo e também a palavra Passaporte. Era do tamanho de um passaporte possuíam algumas poucas folhas brancas dentro e também em uma folha havia a programação do evento.

possibilitava um acesso a uma ‘vivência multicultural’, a instituição procurava criar espaços para se pensar sobre o que poderiam ou não vivenciar no tempo de duração do intercâmbio.

A proposta da organização caminhava para a formação de ‘cidadãos do mundo’, termo utilizado em diversos momentos e também em propagandas institucionais. Esses ‘cidadãos do mundo’, também chamados de ‘cidadãos globais’, podem ser entendidos como ‘cidadãos cosmopolitas’ (Hannerz, 1994), pois esse cosmopolitismo seria:

a cima de tudo, uma orientação, uma vontade de se envolver com o Outro. É uma posição intelectual e estética de abertura para experiências culturais divergentes, uma busca de contrastes em lugar de uniformidade. Familiarizar-se com outras culturas é transformar-se num aficionado (fã), considerá-las como obras de arte. Todavia, ao mesmo tempo, o cosmopolitismo pode ser uma questão de competência, e competência ao mesmo tempo de uma forma mais generalizada e de uma forma mais especializada. Existe o aspecto de um estado de destreza, de habilidade pessoal para abrir caminho para outras culturas, através da escuta, da observação, da intuição e da reflexão. E existe, também a destreza cultural, no sentido estrito do termo, uma habilidade inata de manipular, de forma mais ou menos habilidosa, um sistema particular de significados e de formas significativas (p. 253 e 254).

A experiência de intercâmbio envolve e valoriza a ‘vivência multicultural’, assim como o cosmopolitismo pontua que esse intercâmbio “precisa envolver relacionamentos com uma pluralidade de culturas consideradas entidades distintas” (Hannerz, 1994, p.253). Essa ‘vivência multicultural’ envolve aprendizados que vão além dos necessários para ‘adaptação’ à cultura hospedeira, no caso, a brasileira, e se daria através do aprendizado de habilidades para lidar com a ‘diversidade cultural e/ou nacional’.

Nas atividades institucionais, por esse motivo, costumam ser trabalhados temas como *competência intercultural* e *sensibilidade intercultural*, associados sempre à *aprendizagem intercultural*. Os encontros, as orientações e os treinamentos são, justamente, os espaços para desenvolver essas habilidades para lidar com ‘culturas diferentes’. Em outras palavras, há a proposta de uma ‘abertura’ está relacionada à capacidade de empatia com ‘o outro’ de cultura diferente, no caso, de nacionalidade diferente. Assim, o conceito de cultura acaba sendo diretamente relacionado ao de ‘nação’. Fala-se, então, em cultura ‘alemã’, cultura ‘japonesa’, cultura ‘tailandesa’, porém, quando se trata de questões relacionadas à cultura brasileira, frequentemente é ressaltada a questão das particularidades regionais e frisada a especificidade da *cultura gaúcha* em relação à nação brasileira. Como se, quando se está longe, a identidade nacional ganhasse mais ‘força’ e acabasse sendo ressaltada, valorizada, se impondo à regional; mas, quando se está perto, as particularidades locais e regionais acabam se destacando em relação à identidade nacional.

No site do AFS Brasil, há o seguinte *slogan*: “estude em outro país, amplie seus horizontes e descubra o mundo que cabe dentro de você”; no site do AFS internacional, o *slogan* é: “conectando vidas, compartilhando culturas” (*connecting lives, sharing cultures*). Além disso, nesse site há a seguinte mensagem sobre os valores da instituição: “O AFS capacita as pessoas a agirem como cidadãos globais responsáveis trabalhando pela paz e pelo entendimento na diversidade do mundo”¹²⁸. Mais uma vez é retomada a ideia da construção de uma *nova identidade*, o ser *cidadão global*, o ser um cidadão ‘cosmopolita’, aquele que irá carregar o mundo dentro dele. Esse cidadão terá, então, uma ‘visão de mundo’ mais ampla, sendo percebido como alguém que possui habilidades para lidar com as diferenças. Essas habilidades, adquiridas por meio da *aprendizagem intercultural* poderão ser desenvolvidas através da experiência de intercâmbio. O cidadão global é aquele capaz de se “desterritorializar e territorializar” (Hannerz, 1994) simultaneamente em novos territórios e também de circular no mundo com facilidade porque a *competência intercultural* que o habilita a lidar melhor com a diversidade cultural. Esse entendimento de Hannerz (1994) sobre cosmopolitismo parece se aproximar do discurso institucional e do que alguns intercambistas entendem sobre sua experiência de intercâmbio

Durante a última orientação, quando indaguei Maria, Sabrina e Ana sobre as razões que as levaram a fazer intercâmbio com uma instituição, elas apontaram algumas vantagens que esta ‘estrutura’ institucional proporcionava à experiência. Sabrina, 18 anos, comentou que as orientações eram interessantes, pois estimulavam e proporcionavam espaços para refletir sobre a outra cultura [brasileira], ainda que, eventualmente, pudessem ser atividades maçantes, monótonas. Ana, 18 anos, disse enfaticamente considerar que esses espaços ajudavam a entender sua experiência e as questões culturais. Nesse sentido, a instituição seria essencial para a *experiência*, por mais que ela discordasse dela, principalmente em relação a viagens e a muitas das regras. Sabrina e Ana gostavam das atividades de *aprendizagem intercultural* propostas nas orientações, acreditavam que eram importantes e entendendo que isso as ajudava a compreender sua *experiência* de intercâmbio. Já a estudante Maria deu maior ênfase à ‘vivência multicultural’ que o contato e o vínculo com uma organização proporcionava, o que não ocorreria caso ela tivesse feito uma viagem sozinha. Comentou que o mais interessante não era o país para o qual iria, pois havia muitas opções, mas sim o

¹²⁸ “AFS enables people to act as responsible global citizens working for peace and understanding in a diverse world. It acknowledges that peace is a dynamic concept threatened by injustice, inequity and intolerance”. Disponível em: < http://www.afs.org/afs_or/view/what_we_do >. Acesso em: jul. 2010.

contato com outros intercambistas de diversos lugares que a organização proporcionava. Essa ‘vivência multicultural’ foi considerada essencial e entendida como um suporte durante sua experiência. Todos os jovens estrangeiros estavam passando por algo parecido, estavam na mesma situação que ela, no mesmo tempo, ‘no mesmo’ espaço, no caso o RS, e somente eles podiam entendê-la melhor e ajudá-la quando precisasse. Havia questões pessoais dela que seus amigos brasileiros não entenderiam da mesma forma que os demais intercambistas entendiam.

Ao longo do trabalho de campo durante o *Encontrão* e em outras atividades institucionais, percebi que os jovens estrangeiros no Brasil - os *gringos* - eram ‘a grande atração’ da instituição. Eles eram ‘os diferentes’ [considerados distintos dos demais] e representantes de diversas *culturas e nações*. Os *returnees* os buscavam para falarem sobre suas experiências nas terras estrangeiras, conversar sobre como tinha sido seu intercâmbio e demonstravam grande interesse em falar em algum idioma que ambos partilhassem, como Inglês ou Alemão. Os *returnees* já haviam passado pela ‘mesma’ experiência de intercâmbio que os *gringos* estavam vivenciando, e isso os aproximava, assim como possuíam uma distinção em relação aos demais, afinal ambos conseguiam se comunicar fluentemente em outro idioma que não fosse o materno. Pude perceber essas questões em diferentes oportunidades, como, por exemplo, durante a festa realizada no sábado, à noite, no *Encontrão*, quando os participantes do evento se reuniram, de forma descontraída e informal, em grupos pequenos para conversar. Nessa festa, havia música, no entanto, poucas pessoas dançavam, a maioria procurava conversar entre si, esse era o grande interesse.

Os *candidatos* também queriam conversar com os *gringos*, saber como era viver na Turquia, na Dinamarca ou em Hong Kong; que tipo de comida era apreciada lá e como era a escola nesses lugares; entre outras coisas. Eles buscavam compreender o que era diferente e o que era parecido com o Brasil. Esses futuros intercambistas ora buscavam os *gringos*, ora os *returnees* para conversar sobre suas experiências de viver em um lugar diferente. Esses jovens, enquanto conversavam entre si, falavam sobre seus desejos de morar no exterior, aprender ‘coisas novas’, viajar pelo mundo, demonstrando admiração, curiosidade, interesse e valorização da experiência de viver no exterior. Os diálogos de compartilhamento de experiências, no caso dos *gringos* e *returnees*, e de expectativas, no caso dos *candidatos*, aconteceram em momentos informais, como refeições e intervalos, e nas atividades de descontração, como na festa à fantasia.

Entre os *gringos* havia outras preocupações relacionadas à vontade de permanecer no Brasil, aos planos acerca do que iriam fazer antes de retornarem ao seu país de origem, como

viagens, festas e pessoas que queriam visitar. Além disso, os jovens estrangeiros demonstravam receio e dúvidas sobre como seria o retorno a seu país, ou seja, o *readaptar-se* a sua comunidade local. Em relação a essa questão, uma jovem comentou comigo que tinha dúvidas se ela manteria as amizades que tinha de antes do intercâmbio, pois a maioria dos *returnees* e voluntários haviam dito que é difícil permanecer com esse mesmo grupo de amigos. De acordo com eles, as demais pessoas não compreendem o que um intercambista vivencia e o quanto ele muda, enquanto elas *permanecem as mesmas*, afinal eles não passaram pelo ‘ritual’, logo não mudariam como o intercambista ‘mudou’. Uma jovem *returnee* comentou com um *gringo* que isso havia acontecido com ela e que estava sendo muito difícil sua *readaptação*. Ela tinha terminado a escola durante o intercâmbio e, ao retornar, acabou frequentando um cursinho pré-vestibular para estudar e poder ingressar num curso universitário. Essa jovem disse que *agora não tinha muita cabeça para ficar estudando para o vestibular*, pois não queria ter voltado e ficava pensando muito no que tinha vivido no seu intercâmbio. O *gringo* escutava atento, mas demonstrava estar mais preocupado com o que iria fazer no tempo que ainda tinha pela frente aqui, no Brasil. Assim, o evento do *Encontrão* possibilitou trocas de experiências, conversas entre os jovens e informações acerca do que poderia acontecer, além de dar conselhos sobre o intercâmbio.

O evento do *Encontrão* possibilitou perceber a dinâmica dos diferentes ‘estágios’ que envolvem a experiência de intercâmbio. Dessa forma, também foi possível perceber a diferenciação de *status* de cada participante de acordo com a etapa, fase, da experiência em que o estudante estava, assim como seus interesses, preocupações, ansiedades e vontades, variando de etapa a etapa. Entendendo a experiência de intercâmbio como um rito de passagem, percebeu-se uma padronização do *status* do jovem de acordo com a fase do ritual correspondente: “a separação, a incorporação e, entre estas, uma fase liminar, fronteira, marginal, paradoxal e ambígua - um limem ou soleira - que, embora se produzisse em todas as outras fases, era destacada, focalizada e valorizada” (Van Gennep, 1978, p. 10). Ou seja, a experiência em si, o período de duração do intercâmbio, é a fase da liminaridade, o limem entre uma etapa, o antes, e a outra, o depois do intercâmbio. Por isso, havia uma hierarquia entre os jovens participantes, tendo a ‘viagem’ de intercâmbio como uma marca de distinção, de aquisição de uma diferenciação, de um status mais elevado que os demais, por ter passado ou vivido, no caso dos *returnees*, ou estar passando pela experiência, vivendo o limem, no caso dos *gringos*, os quais acabavam se destacando, diferenciando dos demais e sendo mais valorizados.

5.1.2 Organização de Jovens para Jovens!

Durante o *Encontrão*, foi possível observar que os ‘jovens’ que por lá circulavam possuíam diferentes relações com a instituição. Pude encontrar:

- os intercambistas /estrangeiros/*gringos*;
- os *returnees*;
- os *candidatos*;
- os voluntários.

Todos compartilhavam da identidade de ‘Jovem’, ainda que houvesse diferenças em relação ao envolvimento com a instituição e com a experiência de intercâmbio. Os jovens entre 15 e 18 anos poderiam ser entendidos como adolescentes, caso se considerasse uma categoria biológica e psicológica de uma etapa de vida, como diz Bucholz (2002). No entanto, ao perceber que tanto os candidatos, entre 15 e 17 anos, quanto a maioria dos voluntários, entre 18 e 25, como jovens, busco considerar o contexto em que eles estão inseridos e de que forma se aproximam para que eu possa considerar todos dentro da mesma ‘categoria’ de jovens e discutir essa questão neste item.

A partir disso, apesar da peculiaridade de serem voluntários, *gringos* ou *returnees*, no *Encontrão* todos são entendidos como ‘jovens’. Eu mesma também os percebia dessa forma, já que havia aproximações entre eles que iam muito além da faixa etária. No entanto, Velho (2006) aponta que colocar Juventude no plural¹²⁹ traz uma série de implicações que merecem cuidado e atenção para questões próprias e particulares referentes aos grupos de jovens, como os estilos de vida, as visões de mundo e a diversidade presente nesses grupos. Considerando isso, reflito sobre o que poderia aproximá-los e distanciá-los; quando se assemelham e quando se distinguem neste contexto, tendo a instituição como cenário, pano de fundo dessas reflexões. Afinal, é no contexto institucional que elas se tornaram possíveis.

Passei, então, a refletir sobre o que é ser jovem na sua diversidade e também na sua unidade. Para analisar essas questões, Pais (1993) propôs olhar a juventude em dois eixos semânticos: “como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos

¹²⁹ Como refere o autor sobre o tema: “Colocar juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualifica-la, percebendo como uma categoria complexa e heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquematismos. Certamente para os cientistas sociais em geral, e em particular para antropólogos, o *etnocentrismo* é o risco maior a ser combatido, mas esta longe de ser consensual o que realmente seria etno ou sociocentrismo. Porque a dificuldade de compreender experiências e interpretações de diferentes grupos e culturas não se dá apenas quando pensamos em sociedades da Oceania, África, Ásia ou mesmo em grupos indígenas sul-americanos e brasileiros” (Velho, 2006, p. 192).

outros)” (p. 33)¹³⁰. Há algo presente entre os diferentes *status* dos participantes do intercâmbio que os identifica e os aproxima, algo comum. Esses jovens possuem algo que estabelece algum ‘elo’ entre eles que está além da questão da faixa etária e da geração e que faz com que sejam entendidos como ‘jovens’.

No *Encontrão*, durante uma conversa informal na festa à fantasia, um voluntário¹³¹ antigo na organização e atual funcionário, com idade acima de 30 anos, comentou comigo que o *AFS é uma organização de jovens para jovens!* Em seguida a intercambista que conversava conosco concordou e ainda acrescentou: *Ah! Tudo é muito divertido no AFS! As atividades são sempre divertidas, e eu gosto muito disso!* E uma jovem turca ainda contou que, no seu país, elas também funcionavam dessa maneira e foi por isso que ela se identificou com a instituição. Gostou da primeira orientação de que participou, logo que conheceu a organização, o que fez com que ela se motivasse a fazer o intercâmbio pelo AFS.

Entendi que a ‘diversão’ e a ‘informalidade’ da instituição acabaram sendo associadas a *coisas de jovem*. Participar de atividades, sentado ou deitado no chão enquanto se realizava um desenho, preenchia um formulário, participava de um *energizer*, além de diferentes brincadeiras e de dinâmicas de grupo era entendido como *coisa de jovem*. Então, ter disponibilidade, envolvimento e flexibilidade para lidar com imprevistos, como mudanças de horário na programação, ou, até mesmo, extensão das atividades previstas¹³² são atributos *de jovens*. Esta dinâmica institucional e este ‘formato’ não são encontrados por eles em outros ambientes, como por exemplo, o escolar em que há mais formalidade em relação aos horários.

Raramente eram feitas palestras formais nos encontros da organização, geralmente havia muitos espaços para os estudantes falarem o que pensavam e poderem interagir uns com os outros, constituindo-se, assim, um espaço interativo. Os diferentes jovens que participavam da instituição tinham disponibilidade e interesse em participar de atividades nesse formato,

¹³⁰ “(...) De facto, quando falamos de jovens de classe media ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma fase de vida” (p. 33). Para ler mais sobre o tema, consultar: PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis, Imprensa Nacional da casa da moeda*, Lisboa, 1993.

¹³¹ Acho interessante referir que este antigo voluntário e atual funcionário da organização internacional, ele viaja muito dando treinamentos nas organizações AFS em diversos países. Sendo assim ele tem contato com diferentes contextos e realidades institucionais que variam de um país para outro, e dessa forma este comentário reflete sua visão da instituição a nível internacional e não apenas local e nacional.

¹³² Em relação a isso, me refiro ao fato de que muitas vezes as atividades se estendiam por mais tempo que o previsto, por exemplo: uma atividade com duração prevista de uma hora, às vezes, chegava a durar cerca de duas. Percebi que os jovens, gostando ou não dessa situação, se comprometiam com as atividades, o que fazia com que os voluntários tivessem um cuidado maior para cumprir os horários da programação, embora houvesse imprevistos que acabavam gerando adaptações na agenda da programação.

como também os voluntários se interessavam em conduzi-las dessa maneira. Elas deviam, portanto, ser interessantes e divertidas para todos os envolvidos, inclusive os voluntários. As culturas juvenis são “performativas”¹³³ (PAIS, 2006), “nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe” (p.7) e possuem marcas lúdicas e de criatividade performativa.

Atividades com jogos e brincadeiras, materiais institucionais coloridos, linguagem informal, dinâmicas de grupo, valorização uso constante da criatividade, tudo *tem que ser divertido* para todos, estavam presentes nos orientações institucionais. Além disso, aquilo que é proposto deve contemplar um conhecimento aplicável que possa ser entendido de maneira prática e rápida pelos jovens (voluntários e participantes) e, ao mesmo tempo, ser útil tanto nas práticas cotidianas dos intercambistas quanto nas institucionais das áreas de suporte de envio e recebimento dos intercambistas.

O grupo juvenil do AFS entende que a experiência de intercâmbio é algo importante e especial. Assim sendo, geralmente se comprometem com as atividades da seguinte maneira: os voluntários, organizando e cumprindo as tarefas definidas pela Instituição como essenciais (manuais e instruções previamente definidas); os intercambistas, incluindo candidatos, curumins e a maioria dos *returnees*, desempenhando os papéis que lhes cabem. Enfim, a partir de diferentes perspectivas devido às diversas funções, todos participam da experiência de intercâmbio, e a diversão deve fazer parte dela¹³⁴.

Todos os jovens participantes da instituição apresentam, em geral, uma pequena diferença de idade, o que faz com que compartilhem a mesma geração, possuindo, por isso, uma mesma “identidade geracional” (Velho, 2006). A experiência geracional (Novaes, 2006) é sempre única e depende do contexto, do momento histórico, e este não se repete; logo, ela é contextualmente local e global ao mesmo tempo, o que permite entendermos que transcende as barreiras nacionais. O que for partilhado por um grupo de jovens da mesma geração que

¹³³Pais (2006) aponta que “ Há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: através da socializações que as prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas. (...) A idéia que ponho em discussão é a seguinte: nos tradicionais *estatutos de passagem* da adolescência para a vida adulta os jovens adaptavam-se a formas prescritiva que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida. (...) No entanto, entre muitos jovens, as transcrições encontram-se atualmente sujeitas às culturas performativa que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis” (p.7).

¹³⁴ Na festa a fantasia de sábado à noite durante o Encontro me pareceu muito curioso que a maioria dos voluntários estavam fantasiados e se divertiam muitos com seus trajes e performances dos personagens. Isso contrastava com os demais participantes (candidatos, curumins, gringos, e *returnees*) que a grande maioria dos não estava fantasiado. Inclusive uma voluntária comentou comigo *parece que só nós estamos se divertindo com as fantasias! Ah esses intercambistas não sabem se divertir!-risos.*

vivencia o mesmo contexto histórico global, possibilita o compartilhamento de visões de mundo e estilos de vida. Nesse sentido, percebo que o uso das tecnologias da comunicação e da informação¹³⁵ é algo habitual e natural para essa geração de jovens que demonstram interesse em participar de um programa de intercâmbio.

O contexto global, chamado por Ortiz (1999) de processo de mundialização da cultura, acaba produzindo novos referenciais identitários, como a juventude. Ele afirma que “nas sociedades contemporâneas, a conduta de um estrato particular de jovens acaba só sendo entendida a partir da mundialização, a partir de referências desterritorizadas (...)”¹³⁶ (p.89). Os jovens, nas sociedades modernas, “passam, assim, a ser vinculados a suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade.” (Cardoso e Sampaio, 1995:18).

Candidatos, *curumins*, intercambistas e *returnees* partilham da “condição juvenil” (Novaes, 2006, p.119) que pode ser entendida como situada entre uma etapa de vida protegida socialmente - a infância - e a etapa em que se exige uma emancipação - a adulta. Os jovens estão nessa etapa intermediária. Por mais que todos partilhem dessa condição, há uma distinção em relação ao momento, isto é, à etapa do ritual de passagem - entendido aqui como a experiência do intercâmbio - em que se encontram. É como se o intercâmbio marcasse a transição de uma fase para outra, embora me pareça que não seja da juventude para a fase adulta, mas, sim, a transição de um ‘jovem local’ para um ‘jovem global’. É possível, pois, compreender que o intercâmbio, como rito de passagem, refere-se não a uma passagem para a fase adulta, uma vez que eles ainda se consideram ‘jovens’ mesmo após sua finalização, mas, sim, de acordo com suas narrativas, os estudantes se consideram ‘diferentes’ depois dele.

Sendo assim, o intercâmbio, como um rito de passagem, se refere, no caso desses jovens, não a uma passagem de um ‘estágio’ de jovem para um ‘estágio’ adulto. Compreendi que os jovens, segundo eles mesmos, ainda se consideram ‘jovens’ após o intercâmbio, mas ‘diferentes’ do que eram antes dele, pois adquiriram ‘algo que os diferencia’ dos demais, possuem ‘aprendizados’¹³⁷ e, entre outros, teriam mais ‘maturidade’. Conquistaram maior autoconhecimento com o afastamento e a ‘separação’ da sua comunidade, com ‘o tempo para

¹³⁵ Nesse sentido me refiro a internet, sites de relacionamento e redes virtuais, ferramentas de comunicação virtual, aparelhos de mp3, mp4, câmeras digitais, e aparelho celular.

¹³⁶ Tais como: “t-shirt, tênis, jeans, ídolos de rock (...)” (Ortiz, 2001, p. 89) e podemos acrescentar o mundo virtual como a internet, além de várias novas tecnologias destinadas a jovens.

¹³⁷ Estes ‘aprendizados’, ‘significados’ e ‘entendimentos’ dados pelos jovens para suas experiências de intercâmbio serão abordados no capítulo 6.

si’, mas, além disso, adquiriram um entendimento mais amplo sobre o mundo a partir da ‘vivência multicultural’ com os demais intercambistas.

Muitos estudantes, após o programa de intercâmbio, retornam à escola, pois participam dele entre os 15 e 16 anos, não sendo, portanto, vivido entre o período escolar e o universitário; por isso entendo que ele representa outra ‘passagem’ para esses jovens. Para aqueles, no entanto, que fazem intercâmbio entre o período escolar e o universitário, é possível compreender que este pode se constituir em um tempo intermediário, de ‘passagem’ entre a ‘etapa escolar’ e o ingresso na ‘etapa universitária’. Não percebi, entretanto, em nenhum momento do campo, a expectativa dos jovens em ingressar numa ‘fase adulta’, mas, sim, de se tornarem de alguma forma ‘diferentes’ do que eram antes, de adquirirem ‘aprendizados’, de marcar uma transição, não necessariamente de uma ‘etapa de vida’ para outra etapa.

Entendo ‘jovem local’, a partir das narrativas dos jovens, como o estudante que ainda não teve uma experiência de morar no exterior através de um programa de intercâmbio; o ‘jovem global’, segundo eles, é aquele que já fez intercâmbio, se comunica fluentemente em mais de um idioma e teve uma ‘vivência multicultural’, compartilhando uma *communitas* (Turner, 1974) com outros jovens estrangeiros durante o período da liminaridade do ritual de passagem. A *communitas* é justamente esse “momento dentro e fora do tempo; dentro e fora da estrutura profana” (p. 118) no qual, durante o período do intercâmbio, a fase limiar do ritual, os jovens estrangeiros se encontram afastados de suas sociedades, num tempo em que a obrigação deles é de ter uma ‘experiência’. A escola, por exemplo, era uma ‘obrigação’ quando estavam nos seus países e que devia ser um espaço de estudo e socialização, passa a ter outro papel e importância durante o ano de intercâmbio. Todos os jovens estrangeiros estavam vivendo uma *communitas*, eram todos iguais naquele momento, todos ‘intercambistas’, passavam por uma experiência comum; todos estavam submetidos a uma autoridade geral que conduzia o ritual, no caso, a instituição.

Além disso, após a experiência de intercâmbio, o jovem com o status de ‘jovem global’ possui laços com pessoas de diferentes partes do mundo, de diversas nacionalidades e, também, laços com uma comunidade local e uma nação hospedeira. Com isso, ele estabeleceu novos laços, sua rede de relacionamentos expandiu e vai, agora, além das fronteiras nacionais. A Tailândia, por exemplo, deixou de ser um país distante para a jovem Maria, europeia, pois agora ela tem amigos lá, a Tailândia passou a ser mais ‘familiar’ para ela; a relação que estabeleceu com o Brasil a fez ter um afeto diferenciado pelos brasileiros e pela nação.

5.1.3 Os jovens Intercambistas

Alguns intercambistas comentaram que queriam ter a experiência de ‘aprender sobre si mesmo’, outros disseram que tinham mais expectativas de aprender sobre a cultura brasileira, mas, ao final da experiência, muitos deles se surpreenderam com as aprendizagens que realizaram, a maior parte delas diferentes das que esperavam ter. Durante uma entrevista de grupo, realizada na Orientação Pré-retorno, Maria comentou que o intercâmbio significaria aprender *coisas sobre a tua vida, não só sobre a vida dos outros, não só sobre outras culturas, mas muita coisa sobre si própria e sobre sua cultura*. Luís concordou com Maria e disse que seu principal objetivo, durante o intercâmbio, era *aprender sobre si*. Márcia complementou a ideia dos outros dois, acrescentando que gostaria de saber como agiria em um contexto diferente, tinha vontade de descobrir quais eram suas *forças e fraquezas* durante esse ano afora. Márcia disse que tinha interesse de *testar a si própria* em contexto e situações diferentes dos habituais. Além das colocações desses três estudantes, Ana disse que o que mais buscava era aprender sobre o Brasil, sobre outra cultura, no entanto, ao final da experiência, avaliou que, além disso, aprendeu muito sobre si e sua cultura, como Márcia e Luís, e não imaginava que isso fosse acontecer. Luís finalizou, dizendo que parecia mais interessante para ele aprender sobre si, *sobre quem eu sou*.

Esses jovens, ao que parece, tinham interesse de se conhecer melhor através do intercâmbio, queriam ter experiências de “buscas de si” (Pais, 2006) que podem ser entendidas, segundo Pais, como:

(...) *buscas de si* através do outro. De fato, a consciência da identidade individual somente é possível pelo reconhecimento do outro. Muito do que está fora de nós pertence à essência do eu que se revela no outro. (...) O ‘eu’ perde-se no ‘outro’, nem desencontro no que se encontra a identidade nas teias da socialidade, pois esta é um palco de transferências: de emoções, saberes, de sensibilidades. A procura do contato é também uma *busca de si*, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas (p. 18).

O que parece ser o ponto comum que os identifica como um grupo específico de jovens é a busca dessa ‘experiência’ de transformação de si, a busca de uma mudança pessoal a partir da experiência de contato com o outro no contexto estrangeiro, inicialmente estranho a ele. Estar longe de seu país, de sua comunidade e família de origem pode ser entendido como algo que permitia certo isolamento em relação às referências de ‘estrutura social’ que trazia. Refiro-me a um ‘certo isolamento’, pois, nas experiências acompanhadas, há um grande

contato virtual com a família de origem e alguns amigos. Ainda assim, permito-me afirmar que há um distanciamento real físico, e uma realidade cotidiana distinta da anterior. Em vista disso, a liminaridade, nos ritos de passagem, proporciona uma intensa vivência individual em meio a um coletivo de iguais, à margem da estrutura (Da Matta, 2000). Ela não é, por outro lado, uma fase desprovida de regras e de relaxamento, afinal os neófitos seguem várias regras, mas de uma vivência de isolamento do grupo e de autonomia, o que acaba por possibilitar uma vivência de individualização dos jovens como uma questão complementar à experiência de grupo¹³⁸, uma não sendo possível sem a outra.

Evidentemente que um grupo juvenil específico não representa a totalidade dos que fazem parte da mesma faixa etária, nem dos demais jovens que procuram participar de programas de intercâmbio. No entanto, busco entender esses jovens estrangeiros que realizaram intercâmbio no RS, com o intuito de pensar que algumas das questões apontadas por eles podem pertencer a outros grupos dessa faixa. Esses jovens partilham do interesse de aprender algo sobre si a partir de uma experiência de afastamento da sua ‘estrutura social’ de origem, na faixa etária entre 15 e 18 anos; uma experiência padronizada e conduzida por uma instituição, em solo estrangeiro, tendo contato com outros jovens que estejam passando pela mesma experiência ao mesmo tempo. Além desses aspectos, os pais ‘de origem’ precisam apoiar o projeto para viabilizar esse investimento afetivo e financeiro na trajetória de vida dos filhos.

Novaes (2006), no seu trabalho sobre jovens brasileiros, destaca que seria importante pensar em alguns demarcadores para situar que tipo de jovem está sendo analisado. Esses demarcadores seriam: origem social e situação de classe social; gênero e raça; local de moradia; questões regionais, diferenças de cidades grandes e áreas rurais. Levando em conta esses itens apontados pela autora, entendo que esse exercício é importante de ser feito, ainda mais tendo em vista os distintos contextos de jovens de diferentes localidades e realidades. Conseguir fazer uma análise e ter um entendimento de qual seria a origem social e situação de

¹³⁸Sobre isso o autor refere: “o que caracteriza a fase liminar dos ritos de passagem é a experiência da individualidade vivida não como privacidade ou relaxamento de certas regras (pois o neófito está sempre sujeito a inúmeras regras), mas como um período intenso de isolamento e de autonomia do grupo. Mas, o que temos aqui é a experiência com a individualização como um estado, não como uma condição central da condição humana. Ou seja, a individualização dos noviços nos ritos de passagem não envereda pelo estabelecimento de uma ruptura, por meio da ênfase extremada e radical em um espaço interno ou em uma subjetividade paralela ou independente da coletividade; antes, pelo contrário, essa individualização é inteiramente complementar ao grupo. Trata-se de uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência quando, na fase final e mais básica do processo ritual, os noviços retornam à aldeia para assumir novos papéis e responsabilidades sociais (Da Matta, 2000, p. 16).

classe social, ou das relações de gênero no contexto da jovem Maria, europeia, 15 anos, e do jovem Rafael, asiático, 15 anos, me parece uma tarefa importante, mas que não será abordada nesse momento, ainda que considerada relevante.

Contudo, considero, então, que há algumas questões que identifiquei como semelhantes nesse grupo de intercambistas, tais como: a geração a que pertencem; o uso de espaços virtuais como espaços de sociabilidade; o interesse próprio em participar de uma experiência de intercâmbio e o apoio de suas famílias de origem. Compreendo, também, que as famílias dos jovens, além do interesse e da valorização dessa ‘experiência’, necessitam de recursos financeiros para viabilizá-la. Assim, o projeto do jovem passa a ser também um projeto da família, tendo cada um dos envolvidos motivações e interesses próprios e até mesmo distintos¹³⁹. Cabe também levar em consideração que a escolha do estudante de fazer intercâmbio vai além dos recursos financeiros¹⁴⁰ da família para viabilizá-la, mesmo que esse aspecto seja relevante. Esse projeto abriga, também, uma valorização da experiência de morar no exterior, de acordo com determinadas normas e compromissos, nas condições propostas por um programa de intercâmbio, durante o período escolar e antes do ingresso em um curso universitário.

Essa experiência agrega marcas, distinções e valores aos jovens que precisam ser reconhecidos como importantes por suas famílias de origem para que justifiquem o investimento, que pode ser financeiramente mais ‘tranquilo’ ou mais ‘batalhado’, dependendo

¹³⁹ Sobre a questão das diferentes motivações e dos projetos nas relações familiares, Velho (1999) pontuou essas questões no seu livro “Projeto e Metamorfose”, trazendo a situação da jovem Catarina que vivia com seus pais nos EUA. Ele disse sobre o projeto: “Para Schutz *projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas*. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sócio-cultural, espaço para formulação e implementação de *projetos* (...) as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades” (p. 40). Além disso, ao se referir a questão dos projetos coletivos ele também referiu: “Um *projeto* coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração” (p. 41).

¹⁴⁰ Nesse sentido cabe referir a pesquisa “Elites econômicas e escolarização de filhos - um estudo de trajetórias e estratégias escolares junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais”, realizada pela Dr^a Maria Alice Nogueira, UFMG. Em seu artigo, intitulado “Viagens de Estudos ao Exterior: as experiências de filhos de empresários”, ela mostra que as famílias da elite de Minas Gerais não desejam que seus filhos realizem intercâmbios culturais de um ano, alegando que não acreditam que essas viagens acrescentem muito na vida deles. Dessa forma, as famílias estimulariam mais os filhos fazerem cursos de línguas de curta duração, internatos europeus, cursos ligados a estudos universitários. A experiência de intercâmbio cultural escolar, até poderia ser realizada, mas havia ressalvas como uma abordagem na fala de uma mãe “ Eu acho válido [o intercâmbio] , penso que é válido para pessoas que só têm essa chance de morar em países diferentes” (p.53) Mas para seus filhos isso não seria interessante, pois eles possuem condições de realizar viagens de turismo para o exterior a qualquer momento.

da realidade da família e do contexto local. Estudos realizados com jovens brasileiros¹⁴¹ que participam de programas de intercâmbios no exterior apontam que a questão da aprendizagem do idioma é algo muito desejado pelos jovens e por seus pais; no caso dos estudantes estrangeiros no Brasil, essa questão aparece diferente. Não pude perceber esse interesse como central ou essencial para esses jovens estrangeiros que vieram ao Brasil¹⁴².

Não pude perceber esse interesse como central ou essencial nesses jovens estrangeiros que vêm ao país¹⁴³. Nesse sentido, por mais que os estudos de Prado (2002) e Nogueira (2004) apontem para motivações que levariam jovens e famílias brasileiras, principalmente as denominam de camadas médias, a participar de programas de intercâmbio ligados a: aprendizagem de idioma, prestígio, e aprendizagem e crescimento pessoal, apontados como interesses como essenciais, há diferenciações na busca dos intercambistas que vem ao Brasil. Para os jovens estrangeiros, seus interesses se distanciam dos em parte dos apontados por famílias e jovens brasileiros, pois a aprendizagem de idioma não aparece como sendo considerada a mais desejada, por mais que seja uma consequência da participação no intercâmbio. O que se evidenciou nas narrativas dos intercambistas foi a busca de ‘experiências’.

A pesquisa realizada por Prado (2002) traz uma contribuição interessante em relação a dados históricos sobre as viagens de jovens ao exterior na Europa. A autora afirma que as viagens de jovens para o exterior já estiveram ligadas à educação europeia e comenta alguns estudos históricos sobre viagens educativas, realizados por Compère (1995)¹⁴⁴ e Caspard

¹⁴¹ Há uma tese de doutorado da Faculdade de Educação, UFMG, de Ceres Leite Prado: “Intercâmbios Culturais” como práticas educativas em famílias de camadas médias, de 2002. Nesta autora discute a questão relacionadas à prática de intercâmbio cultural como: aprendizagem de línguas estrangeiras, valores atribuídos às viagens de estudos internacionais. Em sua pesquisa ela traz que os intercâmbios estariam mais relacionados a escolhas de jovens e famílias de camadas médias brasileiras, do que a uma elite brasileira, e de haver maior incidência em famílias onde os pais participaram de programas de intercâmbio quando eram jovens e agora ambiciona o mesmo para os filhos. Além disso, também percebeu um maior interesse, por parte dos pais, que o filho realizasse o intercâmbio numa país de língua inglesa, ou uma língua “rentável”(p. 324) no mercado brasileiro. Percebo que nas experiências dos jovens estrangeiros no Brasil essas questões aparecem de forma diferente, porém devo ponderar que não tive acesso ao olhar dos pais desses jovens estrangeiros, não podendo conhecer suas famílias e contextos.

¹⁴² Com exceção de uma única jovem que manifestou esse desejo em relação ao idioma português, a qual eu já referi no capítulo 2.

¹⁴³ Com exceção de uma única jovem que manifestou e enfatizou seu desejo em relação ao idioma português a qual já referi no capítulo 2.

¹⁴⁴ Deixar sua família e seu país para encontrar o estranho e o estrangeiro representa uma experiência que atravessa os séculos e os meios sociais. Passar certo período numa família estrangeira, de nível igual ou superior, reveste-se de uma virtude educativa reconhecida em muitos meios. O período que os jovens nobres passavam no

(2000). Ambos os estudos referem que essas viagens não eram privilégio de uma classe social¹⁴⁵, mas que atendiam a diferentes interesses, sendo realizadas em diversos contextos. No caso de camadas mais baixas, elas estavam relacionadas a aprendizados de algum ofício, o que levava, muitas vezes, crianças e jovens a viajarem e permanecerem em casas de outras famílias por um período de tempo. Havia, inclusive, trocas entre famílias, visando a esse aprendizado. Existia, também, uma preocupação em relação à família que receberia o jovem, e “Mais da metade dos pequenos anúncios analisados davam referências morais e não sócio-profissionais a respeito das famílias. Expressões como “honesta”, “respeitável”, “piedosa” eram frequentes” (Prado, 2002, p. 50). Havia uma preocupação em como se daria esse acolhimento ao jovem, sendo também importante que ele tivesse uma idade em que já pudesse ser autônomo para algumas coisas, mas não muito independente. Seria uma idade em que os jovens já desejassem deixar a família, mas que ainda buscassem sua proteção. Essa ‘nova’ e ‘provisória’ família auxiliava o jovem na sua transição da infância para a fase adulta.

Em relação a esses dados históricos, percebi que, no meu universo de pesquisa, também havia uma preocupação da instituição em relação a motivação e interesse da família hospedeira ao receber um intercambista. Pude, também, observar que, geralmente, as famílias que enviaram e recebiam jovens possuíam ‘estilos de vida’ similares, como Joana me explicou em relação a sua família do Brasil que era *quase a mesma coisa* que sua família de origem. Ela comentou que, em ambas, os pais trabalhavam fora, *faziam brincadeiras e se preocupam* com os filhos, tinham hábitos semelhantes e também respeitavam uns aos outros.

exterior é conhecido, mas esta prática se expande para muito além. Os jovens negociantes fazem estágio em casas estrangeiras ou longínquas, associadas aos negócios do pai. Pode-se assimilar a essas práticas de privilegiados, o hábito [...] de confiar seu filho ou sua filha como aprendiz ou empregada doméstica a outra família, se possível aparentada. (Compère, 1995:199, apud Prado, 2002, p.46) Além da viagem educativa, haveria também a viagem de ‘nômade’ (Compère, 1995) em que o jovem poderia ter muitos benefícios com elas, pois “ela obriga [o jovem] a resolver seus problemas sem contar com as referências familiares; ela acalma o desejo de aventura e a curiosidade que se diz serem próprias da juventude” (p. 198). A forma que se daria esta viagem variaria de acordo com a classe social. Para aqueles que possuem menos recursos financeiros seria necessário uma “rede gratuita de alojamento”. “(...) Os jovens mais ricos viajariam em condições mais confortáveis” (p. 199).

¹⁴⁵ Caspard investigou essencialmente as trocas efetuadas entre famílias de Neuchâtel, na Suíça, no período compreendido entre os séculos XVII e XIX, tendo como fonte os “pequenos anúncios” publicados na imprensa local (em que as famílias propunham a troca dos filhos), escritos pessoais e descrições de viajantes. Algumas conclusões interessantes permitem aproximar a prática da “troca” dos filhos da prática dos intercâmbios – objeto de meu trabalho – como veremos no decorrer dos próximos capítulos. Uma das conclusões do autor, por exemplo, refere-se à caracterização dos meios sócio-profissionais a que pertenciam às famílias que recorriam à “troca”: “O espectro da sociedade da época é largamente coberto pelas trocas de filhos, mas as classes médias têm aí um lugar preponderante, pois os extremos sociais têm comportamentos particulares. As classes superiores [...] privilegiam claramente o envio [dos filhos] aos internatos [...] Ao contrário, os puros proletários, sem capital econômico nem salário, estão ausentes do campo da observação: não se localiza nenhum trabalhador rural, manual ou operário de fábrica entre as famílias que procuram trocar seus filhos” (p. 13-14 apud Prado, 2002, p. 50).

Segundo as avaliações dos jovens, como Joana e Maria, as famílias hospedeiras não precisavam ser *ricas* e não havia problema de serem *pobres*, mas elas consideravam que o mais importante era a motivação e a disponibilidade para receber um estudante em sua casa. A jovem Joana comentou que não eram apenas as famílias ricas que podiam dar certo, *mas tem que ter respeito pela outra pessoa e cuidar; às vezes famílias ricas não cuidam nada e não se preocupam com o intercambista*. A jovem Maria ressaltou que o estudante trazia dinheiro para seus gastos, logo, não era muito importante se a família tivesse ou não dinheiro disponível para o intercambista. Joana ainda acrescentou que acreditava que o importante era todos os membros da família terem interesse em receber o intercambista e saberem que precisavam cuidar dele e se preocupar com ele.

Em relação às condições socioeconômicas, Joana e Maria comentaram que suas famílias de origem não eram nem ricas, nem pobres, mas *normais*. Então, Joana me explicou o que era uma ‘família normal’: *Minha família tem dinheiro para pagar as coisas, mas não sobra muito dinheiro para guardar*. Maria complementou o comentário de Joana: *Eu acho que quando tu és rica, no final do mês tem dinheiro sobrando. Mas minha família trabalha e, quando chega o final do mês, gasta e não tem mais dinheiro, então no fim do mês meu pai tem que trabalhar de novo para ganhar de novo*. Nesse sentido, as jovens disseram que perceberam suas famílias hospedeiras parecidas com suas famílias de origem, nem ricas, nem pobres, compartilhando estilos de vida, interesses e, até mesmo, valores, como família e estudo, por exemplo.

CAPÍTULO 6

EXPERIÊNCIA: O QUE VAI E O QUE FICA

6.1 Experiência: ‘experimentos’ dos jovens intercambistas

Chega a hora de retornar para casa. A volta para casa, o lar e o país, é um momento de reflexão e avaliação da experiência vivida. A Orientação Pré-retorno oportuniza atividades que estimulam os estudantes a iniciarem essas reflexões sobre a significação da experiência antes de partirem. Márcia, durante essa Orientação, comentou que já estava prestes a retornar ao seu país e, agora, avaliava que tinha feito a escolha certa. Inicialmente ela chegou a ter dúvidas em relação a sua decisão de participar de um programa de intercâmbio, pois se sentia um pouco sozinha, achando que era a *única* a ter esse interesse. Não precisou, porém, sair do seu país para perceber que havia outros jovens que, como ela, partilhavam do mesmo interesse. No aeroporto, antes de embarcar para o Brasil, encontrou o restante do grupo que também faria intercâmbio: *Quando eu cheguei lá [no aeroporto] e eu conheci todos os intercambistas que vinham para o Brasil, eu pude entender, de verdade, que eu fiz a escolha certa para mim, pois foi nesse momento que eu entendi que eu não era a única guria de todo o mundo que queria fazer uma coisa assim.*

Márcia me contou que se sente ‘muito brasileira’ e que acredita que vai ter dificuldade de adaptação quando retornar ao seu país:

Eu sou 99% brasileira, de espírito, de cabeça, eu sou brasileira, agora só falta a cidadania! Eu quero morar no Brasil. Assim... no primeiro mês eu olhava para as pessoas e pensava: “Bah, aqui são muito louco, muito louco!” Sério! Depois eu percebi que eu também estava ficando mais louca, fazendo brincadeiras [risos de todos]. Sério, eu também me chamava de “europeia louca”, era muito louco. Agora eles me chamam de “brasileira louca” e eles falam “oh, minha brasileira” (...).

Ela e outros jovens costumavam utilizar o termo ‘fazer coisas loucas’, ‘loucos que nem os brasileiros’, ‘ter uma ‘vida louca’. As conversas informais com as estudantes e a leitura de alguns comentários postados em sites de relacionamento fizeram com que, aos poucos, eu fosse entendendo o que eles estavam tentando dizer com o termo ‘louco’. Eles associavam ‘coisas loucas’ a coisas diferentes, experiências novas pelas quais nunca tinham passado antes e que, aqui no Brasil, aconteciam. Em outros momentos, o termo estava

relacionado a comportamentos ou atitudes deles que eram diferentes da forma como agiam em seus países. Ser *always crazy*¹⁴⁶, como uma jovem tailandesa escreveu no caderno de outra jovem, se referia a fazer coisas divertidas, engraçadas, espontâneas. A experiência de intercâmbio estava sendo isso também, poder agir de um jeito diferente do que estavam habituados. Geralmente os estudantes estrangeiros associavam espontaneidade, alegria, brincadeiras, sorrir e falar até tarde com amigos como algo *louco*; ir a uma festa e ficar com um ou mais de um menino ou menina na mesma festa era fazer algo *louco*. A jovem Joana referiu que seu pai hospedeiro era sempre *louco*, pois ele sempre fazia brincadeiras com a família, eles estavam sempre rindo. A *experiência* de intercâmbio no Brasil era *louca*, pois os brasileiros eram loucos e divertidos, e isso era considerado algo muito ‘bom’ pelos intercambistas, algo que eles buscavam aprender nesse tempo em que estivessem aqui. Ao final da experiência, ser reconhecido como um ‘brasileiro’, como alguém que tem esse atributo *louco*¹⁴⁷, era algo festejado pelos jovens, como no caso de Márcia. Ter aprendido a ser *louco* como um brasileiro era uma marca que o jovem carregava consigo quando retornava ao seu país. Algo que o tornava diferente dos demais jovens da sua comunidade, uma aprendizagem ‘única e especial’, que só era possível para aqueles que tivessem tido uma experiência com brasileiros *loucos*.

Luís, assim como Márcia, me contou que se sentiu satisfeito no final do seu intercâmbio, principalmente quando lhe diziam que parecia com um brasileiro. Ele disse que um dos seus objetivos era que as pessoas da sua cidade hospedeira deixassem de percebê-lo como estrangeiro e passassem a percebê-lo como *um deles*. Prestes a retornar a seu país, o jovem avaliava que alcançou esse objetivo e comentou: *Estou sentindo que eles não me olham mais como um [europeu], um estrangeiro, mas como um brasileiro*.

Contudo, o sentimento de satisfação de ser reconhecido ‘como um brasileiro’ não era comum a todos os jovens nessa etapa do ritual, da finalização da experiência de intercâmbio, perto do término da etapa da liminaridade. Ana disse que ainda se sentia uma estrangeira. Após quase um ano aqui, falando um Português bem fluente, com pouco sotaque, a jovem disse que até hoje as pessoas perguntavam coisas sobre o seu país, inclusive seus professores.

¹⁴⁶Minha Tradução: Sempre louca.

¹⁴⁷ O termo *louco* e *louca* também pode estar se referindo a algo que não está adequado, algo que seja estranho, esquisito, diferente, além das conotações ‘boas’ referidas acima. Como exemplo, me recordo que Rafael referiu que Carolina era *louca* quando esta disse que nos primeiros meses pensava que as pessoas da escola não gostavam dela. Rafael queria dizer que a jovem estava pensando errado, pois a jovem era uma pessoa *legal e interessante*, logo as pessoas provavelmente não deviam pensar isso dela.

Ela não costumava pensar muito nessas questões de ser como uma brasileira ou estrangeira, mas disse que se sentia estrangeira, sim. Comentou isso com tranquilidade e sem constrangimentos. Ela não ambicionava ser reconhecida como uma jovem local como Luís e Márcia.

Márcia e Luís, ambos de mesma nacionalidade, com pele bronzeada, cabelos castanhos e estatura média, demonstravam orgulho ao referirem sua satisfação pelo fato de as pessoas não os estranharem mais e os aproximarem de ‘ser brasileiro’. Eles não apontam a questão da sua aparência física e do rápido aprendizado do Português como algo que lhes tenha possibilitado a inserção de maneira mais rápida na comunidade hospedeira. Acredito, no entanto, que os traços étnicos mais similares aos das pessoas com quem conviveram na comunidade hospedeira pode tê-los auxiliado nesse ‘se sentir como brasileiro e ser reconhecido como tal’.

Em relação ao fato de como as diferenças étnicas, traços físicos, podem ou não interferir na inserção na comunidade hospedeira, cabe trazer situações relatadas por outros estudantes. Três jovens asiáticos contaram que, durante todo o ano de intercâmbio, as pessoas da comunidade local que os conheciam se referiam a eles como *japa*, associando seus olhos puxados aos dos japoneses. Por mais que eles informassem que sua nacionalidade era outra, elas persistiam em chamá-los de *japa*, eventualmente *chinês*, fazendo piadas e brincadeiras com eles. O jovem Rafael comentou rindo que, quando chegou à escola, disseram: *Olha, tem japonês novo na escola!* Ele sabe que foi e ainda é motivo de graça para muitas dessas pessoas devido ao fato de ser diferente. Hoje isso não o aborrece mais, e até ri junto com elas.

Diferentemente de Márcia, que se sentia ‘diferente’ no início e, no final da experiência, como um deles, o jovem Rafael se percebeu ‘diferente e especial’ durante o período em que morou na comunidade hospedeira. Rafael foi o primeiro intercambista pelo AFS nessa cidade e, segundo seu comentário, provavelmente o único. Ele me contou isso com orgulho e, pelo que relatou, conseguiu ter um bom relacionamento com diversas pessoas da comunidade local. Seu sotaque, quando fala Português, não o limita, nem restringe sua interação social; é exatamente devido a essa postura de buscar a comunicação com as pessoas que conseguiu estabelecer uma boa sociabilidade na comunidade local e entre o grupo de intercambistas. Ele é reconhecido dessa forma pelo grupo, pois gosta de partilhar suas histórias e de fazer graça. Em um final de semana em que estive na minha casa, em Porto Alegre, levei-o a um churrasco de colegas, ele, então, logo pegou o violão e começou a tocar animadamente com as pessoas.

O jovem Rafael, ao contar sobre sua experiência de intercâmbio, referiu seu medo inicial por não saber o idioma, não conhecer o local, nem as pessoas, no entanto demonstrou satisfação e alegria ao comentar sobre as relações afetivas que havia construído nesses meses. Ele recordou: desde que cheguei, *eu tenho família, amigos, casa e pessoas que gostam de mim (risos) e pessoas de quem eu gosto*. Quando o indaguei sobre quem ele gostaria que fosse visitá-lo em seu país, o jovem não hesitou em dizer: *todos!* As outras duas jovens que participavam dessa conversa estranharam isso, pois ambas especificaram quais pessoas que gostariam que fossem visitá-las: a família hospedeira, algumas amigas brasileiras e intercambistas. Então elas lhe perguntaram novamente: *Mas quem tu querias muito que fosse te visitar?* Rafael respondeu novamente: *Todos!* Em seguida, justificou dizendo que todas as pessoas que tinha conhecido aqui (colegas de aula, amigos do futebol, o padeiro, a família hospedeira, entre outras), ele gostaria que fossem visitá-lo para conhecerem um pouco da sua vida lá. Além disso, Rafael relatou que tinha feito aulas de cavaquinho e enfatizou seu interesse em aprender alguma habilidade ‘daqui’. Na sua experiência de intercâmbio no Brasil, o que se evidencia como muito importante para ele são os laços afetivos que estabeleceu. Agora se sente diferente de antes de vir para o intercâmbio, pois desenvolveu relações de proximidade, intimidade e amizade com pessoas de outra comunidade, em outro país, e isso o torna diferente dos jovens da sua comunidade de origem, marcando sua trajetória de vida. Nesse sentido, há um Rafael antes da viagem e um Rafael, diferente, depois dela.

Conversar em grupo sobre suas percepções e o significado das ‘experiências’ vividas durante o ano do intercâmbio era algo que envolvia e interessava, durante a orientação, todo o grupo da segunda turma. A conclusão deles foi de que este ano havia sido um ano para aprender sobre si mesmo, como referido no capítulo anterior, as “busca de si”. Socializar a ‘experiência de intercâmbio’ com o ‘nós’, com o outro, no caso os demais intercambistas que estariam vivendo o mesmo momento do ritual de passagem do intercâmbio, e refletir sobre essa experiência no grupo era algo essencial e valorizado por eles. Alfred Schutz (1979) afirma que o ‘eu’ se constrói a partir da interação social, e é nesse sentido que entendo a importância dada pelos jovens a esses momentos em grupo para pensarem sobre suas experiências. Segundo o entendimento de Schutz, o ‘eu’ não antecede a própria experiência, portanto o sujeito poderá se conhecer na experiência do outro, buscando, dessa forma, entendimentos, sentidos e significados acerca da ‘sua própria experiência’.

Os jovens Márcia e Luís, 16 anos, contaram com o orgulho sua ‘adaptação’ às comunidades hospedeiras, afinal eles se sentiam ‘parte dessa comunidade’ e acreditavam que estavam pertencendo a ela. Ao se identificarem com a identidade de um jovem brasileiro,

alcançaram sua expectativa em relação ao intercâmbio. Rafael, assim como Márcia e Luís, teve uma boa inserção na comunidade, e esse foi um ponto marcante nas experiências dos três. Mas Márcia e Luís ressaltaram o fato de terem se sentido ‘como se fossem brasileiros’, sendo reconhecidos como tal, e ainda comentaram que, ao voltar ao seu país, terão que retomar a escola, e isso os aborrece bastante. Diferentemente de ambos, Rafael¹⁴⁸ não demonstrou estar incomodado pelo fato de ter que retornar a escola.

A jovem Ana, 18 anos, disse com orgulho que não terá que retomar à escola e, a princípio, não planejava ingressar direto na universidade; pensará melhor sobre o que irá fazer. Ela também se sentiu bem na comunidade hospedeira. Após duas trocas de família, se ‘entrosou’ com a terceira família com quem ficou até os últimos seis meses. Trocar de família foi algo que a surpreendeu, pois ela não espera que isso pudesse acontecer. A jovem se considerava uma pessoa *bem flexível* e imaginava que teria capacidade de se adaptar às mais diferentes famílias, mas descobriu que não era bem assim, pois nem tudo dependia dela, havia, também, os interesses e as motivações da família hospedeira. Agora ela se diz satisfeita com a experiência, com sua relação com última família, com as amizades que construiu e com idioma que aprendeu. Não demonstra, no entanto, ter tido pretensões de ser reconhecida como uma brasileira, está confortável aqui no Brasil, mas ainda se sente uma estrangeira. Apesar de nos encontros institucionais ter sido trabalhada a importância do intercambista ‘ser como um jovem brasileiro’, durante o ano de intercâmbio, essa questão não foi relevante para Ana nem para Rafael, assim como foi para Márcia e Luís.

Para Rafael, Maria e Joana, entre outros, o Brasil é um país de gente *louca*, um povo *divertido*, *alegre*, espontâneo e sorridente, e eles gostam disso. Havia um desejo de ter aprendido um pouco desse ‘jeito louco brasileiro’ para poderem levar com eles, ou, pelo menos, levar a lembrança de terem feito ‘coisas’ *loucas* no tempo em que estiveram no Brasil já era algo que lhes agradava.

Julio, estudante em viagem de visita pelo Brasil após mais de dois anos depois do fim do seu intercâmbio, assim como Rafael, teve uma forte relação com a comunidade e considerou essa relação essencial no seu intercâmbio. O jovem, agora em outro momento, fez uma apreciação desse período. Ele disse que podia dividir sua viagem em diferentes momentos ou fases. Primeiramente, teve a *integração*, que dizia respeito à questão de ser

¹⁴⁸ Rafael disse que ele terá que repetir o ano escolar, pois ele não irá validar o ano escolar que cursou no Brasil. Esta foi uma escolha sua, pois ele poderia validar esse ano caso ele tivesse se engajado nos estudos das matérias escolares, mas ele disse que este não era o seu objetivo e nem seu interesse para o seu ano de intercâmbio.

integrado na família e na sociedade: *Morar como um [morador local], viver como um [morador local]*. Ele contou sobre a grande dificuldade que sentiu para se inserir nessa família: *A primeira etapa era conhecer a família e também a escola, um pouco isso. A segunda etapa: fazer parte da sociedade [local], ter minhas atividades lá e, também, claro, morar com essa família com a qual eu me dei muito bem, mas depois de seis meses que foi o meu tempo de adaptação.*

Depois dessas duas primeiras fases, Júlio disse que teve ainda o momento de conhecer mais o país e de realizar viagens com outros intercambistas. Primeiramente, falou das relações que construiu; posteriormente, dos lugares que conheceu, considerando ambos importantes na sua experiência de intercâmbio. Ainda comentou que esse ano foi muito importante na sua vida, pois foi um ano de transição em que ele pôde refletir sobre questões da sua vida pessoal, como sua escolha profissional e sua relação com *sua(s) identidade(s) cultural(ais)*.

Em relação a isso, Júlio disse que o mais importante nessa época foi que essa *experiência* o ajudou a entender melhor sua relação com as várias culturas da sua rede de parentesco. Seu pai, sua mãe e ele são de diferentes nacionalidades europeias, tendo isso gerado *problemas interculturais* para ele durante sua vida. Ponderou, ainda, que essa vivência no Brasil o ajudou a ‘aprender a lidar’ com essas identidades culturais e ainda acrescentou um *lado brasileiro*. Segundo ele: *O intercâmbio me ajudou bastante a decidir esse lado da minha vida [no meu país], e também me ajudou muito a ter esse lado brasileiro... Eu acho que eu desenvolvi um lado brasileiro, um caráter maior, acho que agora eu tenho mais coisas que eu faço também. Eu sou diferente.*

Ele contou que, no Brasil, aprendeu a fazer as coisas mais *certinhas*, a tentar fazer *as coisas bem feitas*, a se *esforçar para fazer coisas*. Além disso, se vê, agora, mais ousado, pois aprendeu a correr riscos. Quanto ao seu *lado brasileiro*, e devido a ter *adquirido esse lado brasileiro*, ele consegue *enxergar as coisas muito bem*. *As coisas ficam mais claras, também não é só o Brasil, mas, sim, o tempo em que eu fiquei aqui, eu amadureci muito*. A relação com sua família de origem mudou, e ele se relaciona com eles de uma maneira diferente. Alguns desses aprendizados, ele atribui ao povo brasileiro: *Acho que o povo brasileiro tem muitos valores e eles valorizam as coisas que são mesmo importantes. Que é a alegria, o amor, a solidariedade, essas coisas assim... se enxerga na sociedade brasileira que essas coisas são valorizadas. Tem os problemas, mas o brasileiro se vira para ter essas coisas.*

Dessa forma, a ‘cultura brasileira’ o ajudou a ter entendido melhor questões da sua vida e a ter atribuído novos significados a elas. A trajetória da vida de Júlio, suas questões pessoais, passou a ser olhada de outra maneira; o jovem aprendera a entender com maior

clareza alguns aspectos que antes lhe eram difíceis e estranhos. A experiência precisa ser entendida a partir da trajetória contextualizada da pessoa (Schutz, 1979), afinal cada pessoa só pode ser compreendida a partir da sua própria trajetória. As escolhas de Júlio eram, então, sínteses das suas experiências anteriores, ou seja, foram geradas a partir da sua própria trajetória, seu projeto foi construído a partir dela. Em cima disso, Schutz (1979) aponta para a necessidade de afastamento do ator da experiência em questão para poder refletir posteriormente sobre ela, sobre o que viveu, pois ele, imerso na situação, não consegue ter o distanciamento necessário para avaliá-la, por isso a compreensão do que foi vivido só ocorre mais tarde. Assim, só após reflexão e interação com outros sujeitos é que emerge o significado, o sentido da vivência subjetiva (Tussi, 2010).

Nesse sentido, entendo que as Orientações, assim como a forte relação entre o grupo de intercambistas, o contato frequente entre eles, seja por meio virtual, por telefone ou fisicamente, se constituem em espaços para refletir sobre o que estão vivendo, para compartilhar suas experiências. Através dessa interação, os jovens passam a entender melhor o que está acontecendo com eles ou o que vivenciaram através da experiência dos outros.

Assim como esses aprendizados, compartilhados pelos estudantes durante a Orientação Pré-retorno, os jovens também partilharam seus aprendizados do ano de intercâmbio em outras situações, como conversas informais e através do uso da internet. Uma jovem asiática comentou que, durante o intercâmbio, aprendeu a entender melhor que *sua vida* era dela mesmo, ela precisou estar longe da família e da comunidade para poder se perceber como uma pessoa que tem autonomia em relação a sua vida. Ela conseguiu, ao se separar da comunidade e da família, se reconhecer como um indivíduo com mais autonomia e responsabilidade pelas escolhas que fez. Contrariamente ao sentimento dela, outra jovem, europeia disse ter conseguido aprender justamente o oposto: *Eu me acho mais aberta. Antes eu estava muito independente, tinha que resolver tudo sozinha. Agora consigo perguntar mais, pedir ajuda e confiar mais nas pessoas*. Ela aprendera que podia se relacionar mais com as pessoas, estabelecer relações de trocas, de reciprocidade e valorizar mais as relações com o grupo, com os outros, enfim, com o coletivo. Antes disso, pensava que tinha que resolver tudo sozinha, agora conseguia ir além, vendo-se como parte de um todo. Sentir-se parte de um todo, de um grupo e, ao mesmo tempo, reforçar a identidade individual, é algo referido por Da Matta (2000), como parte da vivência do período da liminaridade nos ritos de passagem. O autor argumenta que ocorreria: “uma oposição bem marcada entre a individualidade, que vivencia e conceitualiza o coletivo como complementar, e o individualismo, que vivencia o

afastamento do grupo como um movimento marcado por interioridade e subjetividade (p. 21)¹⁴⁹”.

A ‘experiência’ pode ser entendida não só pelas verbalizações dos estudantes, mas também através das imagens trazidas por eles. Primeiramente, se vive a experiência para depois buscar entendê-la e dar-lhe significado, não só verbalmente, mas também por imagens e impressões (Bruner, 1986)¹⁵⁰. Os jovens realizaram alguns desenhos durante uma atividade realizada na Orientação Pré-retorno¹⁵¹, neles colocaram imagens que falavam sobre sua experiência como se ela fosse uma viagem: a partida, as ‘experiências’ vividas, a despedida e o retorno. Foi interessante perceber que alguns deles trouxeram imagens que falavam cronologicamente da sua experiência, iniciando com saída do seu país, a viagem de avião e chegada ao aeroporto; a seguir cenas do seu cotidiano no Brasil, na escola, na família, festas com amigos, viagens pelo país e a festa de despedida. Os jovens, dessa forma, relataram, através dos desenhos, todo o processo do ritual da sua viagem (a separação, a viagem em si e

¹⁴⁹ Sobre a individualidade e a liminaridade nos ritos de passagem o autor também refere: “No fundo, e ao reverso, o dado mais crítico dos rituais de iniciação (e talvez a razão pela qual eles sejam levados a efeito) tem a ver com essa experiência radical, e ao mesmo tempo controlada, da individualidade e do afastamento da sociedade, pois por meio deles se engendra uma disciplina baseada em uma estranha dialética de independência e dependência quando se mostra aos neófitos as potencialidades do isolamento, da individualização e, ao mesmo tempo, incute-se neles uma lição profunda de complementaridade. Complementaridade esta que contrasta fortemente com a individualidade e que nós, brasileiros, conhecemos bem como dependência, lealdade, consideração e saudade. Esses valores que nos obrigam a passar por cima das leis para favorecer os amigos. Meu ponto central, então, é que a liminaridade dos ritos de passagem está ligada à ambigüidade gerada pelo isolamento e pela individualização dos noviços. É, portanto, a experiência de estar fora-do-mundo que engendra e marca os estados liminares, não o oposto. Em outras palavras, a liminaridade e as propriedades nela descobertas por Turner não têm poder em si mesmas. Mas é a sua aproximação de estados individuais que faz com que os noviços se tornem marginais. É, em uma palavra, a individualidade que engendra a liminaridade. No fundo, os ritos de passagem tratam de transformar individualidade em complementaridade, isolamento em interdependência, e autonomia em imersão na rede de relações que os ordálios, pelo contraste, estabelecem como um modelo de plenitude para a vida social” (Da Matta, 2000, p. 22 e 23).

¹⁵⁰ Bruner (1986) refere que Dilthey (1976) afirma que realidade somente existe para as pessoas através da tomada de consciência a partir de suas próprias experiências. A experiência vem sempre em primeiro. Além disso, Bruner aborda que Fernandez pontua que a experiência vem para as pessoas não apenas através de verbalizações, mas, também, de imagens e impressões. Após viver a experiência, a pessoa busca palavras e imagens para poder entendê-la.

¹⁵¹ A proposta das atividades desenvolvidas, durante o final de semana na Orientação Pré-retorno, envolvia temas relacionados à avaliação pessoal da experiência de intercâmbio de cada um e também ao retorno do jovem a seu país, com possíveis dificuldades a serem enfrentadas quando retornasse. O grupo sentou em círculo, conversou sobre possíveis soluções para os problemas que talvez surgissem nos primeiros meses durante a *readaptação* a seu país. Uma atividade propôs a realização de um desenho que retratasse como havia sido esse ano de intercâmbio. Cada jovem dobrou uma folha A4 em quatro e, em cada quadrado, tinha que desenhar uma imagem que representasse um momento da experiência. Depois de ter desenhado, o grupo se reuniu em círculo novamente, e cada um foi explicando seu desenho, seu intercâmbio, falando em Português. Havia, no entanto, alguns estudantes, uma minoria, que tinha maior dificuldade de comunicação no idioma, o que fez com que algumas pessoas, muitas vezes, pedissem para a fala ou a explicação ser repetida.

o retorno) a qual foi utilizada como uma forma de demarcar o tempo pessoal, uma fase da sua vida (Graburn, 2001).

Outros estudantes, porém, trouxeram imagens selecionadas, momentos, situações vividas durante esse tempo as quais eles consideravam de alguma forma especiais, ou seja, se detiveram mais no período da ‘experiência em si’, o durante a viagem, a etapa da liminaridade. A viagem de intercâmbio era entendida por eles como uma experiência excitante, de estranhamento e/ou de ampliação de horizontes (Clifford, 1999)¹⁵². Nesse sentido, representaram, então, imagens relacionadas a momentos alegres, cenas de jantar com amigos, eles com a família, festa de aniversário, jogos de futebol, o jovem na torcida dos times de futebol do Grêmio ou do Internacional, aulas de capoeira, tomando chimarrão com a família, atividades com o grupo da igreja. Outras vezes, os momentos retratados foram os considerados difíceis, como a mudança de família hospedeira, períodos de Natal e Ano Novo. Essa atividade de desenhar, relatar através de imagens a experiência durante a Orientação, trouxe outra forma, as imagens, através da qual pude perceber o entendimento e os sentidos atribuídos às *experiências*, ou seja, “(...) A experiência da vida, então, como pensamento e desejo, como palavra e imagem, é a realidade primaria” (Fernandez apud Bruner, 1986, p. 4-5).

As ‘comidas’ que iam querer comer antes de viajar, antes de retornarem, era um assunto recorrente nas conversas entre eles. Numa atividade realizada durante a Orientação, ao serem indagados sobre o que desejavam fazer no seu último dia no Brasil, referências à culinária hospedeira foram amplamente comentadas já que iam sentir falta de alguns ‘pratos’. Uma jovem logo disse que queria comer *arroz, feijão e farofa*, outros acrescentaram: *comer strognofe com arroz e batata palha, tomar caipirinha, comer churrasco, salada de maionese, pastel, bauru e mousse de maracujá*. Em um grupo de dez jovens, cinco deles comentaram que iam levar erva mate, cuia e bomba pra poderem seguir tomando o chimarrão. Além da ‘saudade’ que iriam sentir da comida brasileira, eles também demonstraram vontade de comer ‘pratos’ da culinária do seu país, comentando de quais sentiam saudades e quais seriam as primeiras coisas que iriam comer ao chegar em casa. Nesse contexto, um voluntário fez o seguinte comentário: *A questão toda é comida, o intercâmbio é baseado em comida: vem para cá e daí tem que comer porque lá não tem e depois chega lá para comer porque lá não*

¹⁵² “El ‘viaje’, tal como utilizo el término, abarca una variedad de prácticas más o menos voluntaristas de abandonar ‘el hogar’ para ir a ‘otro’ lugar. El desplazamiento ocurre con un propósito de ganancia: material, espiritual, científica. Entraña obtener conocimiento y/o tener una ‘experiencia’ (excitante, edificante, placentera, de extrañamiento o de ampliación de horizontes)” (Clifford, 1999, p. 88) .

tinha... Em seguida todos os jovens riram. Fazem parte da experiência mudanças de hábitos alimentares, assim como também ‘aprender’ ou não a ‘gostar de comidas diferentes’¹⁵³.

Faltava pouco mais de um mês para retornarem, alguns manifestaram que queriam regressar aos seus países, ‘ir para casa’, por mais que tivessem gostado da experiência, era hora de retornar. Era como se a experiência tivesse início, meio e fim; ao chegar ao final, era hora de retornar para as suas vidas *normais*, como Rafael comentou anteriormente, no capítulo quatro. Márcia e Luís manifestaram desejo de ficar no Brasil, porém Ana e Maria já queriam embora. Maria disse que queria voltar, ela disse que *amava muito sua família e seus amigos daqui*, mas sabia que a cultura brasileira e a da comunidade hospedeira não eram sua cultura. Embora *essa cultura* a tenha ajudado muito a aprender sobre sua própria cultura e sua própria vida. E ainda acrescentou: *Eu acho que foi muito bom eu poder e querer voltar para visitar a minha família[hospedeira], porque minha família aqui é uma família para mim. Mas eu não quero morar aqui para sempre.*

O tempo do intercâmbio ‘tinha que chegar ao fim’, uma ‘nova fase da vida’ se iniciaria para esses jovens quando retornassem ao seu país. Ao término desse tempo, se reconheciam diferentes de antes de realizar a viagem, agora que já se sentiam e reconheciam como diferentes, era hora de regressar.

6.1.1 Mas, o que vou fazer quando voltar para casa?

Durante a Orientação Pré-retorno, os estudantes comentavam entre si sobre suas incertezas em relação ao retorno ao seu país de origem, como Márcia havia referido anteriormente. Nas várias dinâmicas propostas pelos voluntários, em alguns momentos, eles expressaram suas dúvidas sobre como seria seu processo de ‘readaptação’ a família e

¹⁵³ Em relação a questão da alimentação e das mudanças corporais, cabe referir que percebi que, em geral, os jovens ganham peso durante o ano do intercâmbio. A estudante Carolina comentou comigo que, ao chegar ao Brasil, usava calça do tamanho 38, mas, um mês antes de retornar, estava vestindo o tamanho 42. Ela disse que não se pesou durante esse tempo, logo não sabia quanto estava pesando, mas sabia que devia ter engordado bastante. A jovem Mariana também comentou que engordou durante o intercâmbio, mas que não sabia ao certo quanto; acreditava que isso devia ter acontecido devido ao fato de ela estar praticando pouco esporte no Brasil. No seu país, ela era atleta na sua escola e costumava praticar atividades físicas durante três a quatro horas, cinco vezes por semana. Carolina e Mariana tinham 15 anos quando chegaram ao Brasil. A estudante Bruna, 17 anos, disse que emagreceu durante o ano do intercâmbio, mas ela também não sabia o quanto, pois não se pesou, e isso a fez se sentir mais feminina. Percebeu, no entanto, que suas roupas estavam mais frouxas e largas. Entendo que as mudanças corporais acabam funcionando como marcas corporais da mudança, do status diferente do jovem após o término do ritual. A experiência do intercâmbio é vivida no corpo em todos os sentidos, não podendo ser entendida sem o corpo.

comunidade.

Maria comentou sua insegurança em relação a como ia encontrar sua família e como seria sua vida quando retornasse ao seu país. Haviam ocorrido muitas mudanças na família nesse tempo em que ela esteve longe: sua avó falecera, a mãe tinha decidido ir morar em um país distante; o pai ia se mudar para outra cidade, sua irmã gêmea estava fazendo intercâmbio; seus irmãos mais velhos tinham ido cursar uma faculdade em outra cidade. Em relação às mudanças por que sua família provavelmente havia passado durante esse tempo, uma jovem comentou: *Eu acho que eu perdi muita coisa, eu não sei o que eles viveram nesse tempo que eu fiquei fora*. Outra estudante complementou: *A gente pensa que só a vida da gente mudou, mas eles também mudaram*. Os jovens refletiram que talvez pudessem encontrar suas famílias e amigos diferentes, assim como eles se sentiam diferentes, mas, ao final, acreditavam que, por mais que tivessem mudado, não teriam mudado tanto quanto eles.

Em relação a retornar à escola, a insatisfação era manifestada pela maioria dos jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos, como Maria, Rafael, Luís e Márcia. E isso lhes gerava certo incômodo e suspiros: *Ai, que saco ter que voltar para a escola! A Ana que tem sorte que não precisa voltar para escola!* Ana compartilhou com o grupo seus projetos, disse que não pretendia ir direto para faculdade, mas que iria passar um tempo com a família, pois tinha muita saudade do seu irmão mais novo¹⁵⁴. Depois desse tempo, a jovem planejava fazer trabalho voluntário em algum país da Ásia e ir para a faculdade¹⁵⁵ somente após essa viagem.

Entendi essa insegurança relatada pelos jovens em relação ao retorno como uma insatisfação por regressarem e manterem-se na condição de um estudante escolar. Era como se quisessem retornar aos seus países numa outra ‘fase’ de suas vidas, deixando de ser estudantes escolares; queriam ir para um novo momento, serem reconhecidos com um status

¹⁵⁴ Ana queria saber tudo que aconteceu com ele no tempo que esteve fora, ela comenta que ele tinha 14 anos quando ela veio fazer intercâmbio e que ao retornar ele estaria com 15 anos, e acha que nesta idade um ano é muito tempo. A jovem gostava muito do irmão e queria poder saber um pouco do que ele havia vivido nesse tempo que estiveram separados.

¹⁵⁵ Quatro meses após o seu retorno lhe perguntei, pela internet, o que estava fazendo e ela me contou que havia mudado de planos, pois quando chegou ao seu país, reencontrou seus amigos e colegas e repensou a sua escolha. Acabou ingressando num curso universitário, e segundo sua fala, devido ao contato que tivemos, ela se interessou por antropologia e está fazendo seus estudos na área de “Antropologia Social e Biológica” em universidade local. Outra estudante que também ingressou na universidade assim que retornou ao seu país, foi a Bruna, que comentou que estava sendo difícil retomar no ritmo dos estudos nos primeiros meses, afinal no período que esteve no Brasil havia se desabituaado a esta prática. Ela não costumava estudar para a escola, e na faculdade no nível de exigência estava sendo alto. A estudante comenta que sente muita falta do Brasil, e que fez uma forte amizade com um jovem brasileiro que estuda na sua universidade, ex-intercambista no seu país. Ela avalia que este contato quase diário com um brasileiro que também já foi intercambista tem sido o seu suporte nas horas difíceis quando sente saudades e vontade de falar português.

diferente do que tinham antes da ‘viagem’ do intercâmbio. Desejavam ir para uma universidade, ou talvez, simplesmente ‘não ter mais’ a obrigação de frequentar a escola novamente. O período do retorno da viagem é um momento importante e, ao mesmo tempo, ambivalente, hora de deixar de ser ‘intercambista’, perder status, deveres e privilégios, assim como deixar a *communitas* e regressar a suas comunidades de origem; isso pode gerar desconfortos e receios. Muitas pessoas costumam ficar relutantes em terminar a viagem, pois não querem retomar sua rotina e deixar de sentir tudo o que aconteceu durante a viagem. A autora Amanda Feyerabend (1997)¹⁵⁶ refere que isso pode ser entendido como um “choque cultural reverso”. Esse termo está correlacionado à noção de “choque cultural” que diz respeito ao sentimento de estranhamento e inabilidade para enfrentar o retorno à rotina. Os viajantes sentem, quando chegam a ambientes não familiares, como um turista no ponto de contato, o qual pode ser entendido como o período limiar. Quando um estudante retorna após morar um ano em um país estrangeiro, provavelmente ele poderá não se sentir tranquilo por pelo menos um semestre (Graburn, 2001).

6.1.2Então: Experiência= experimentar-se

Bruna, durante a entrevista que realizamos no final da sua estada no Brasil, associou a ideia de experiência à palavra *experimento = testar-se, saber o que tu pode e o que tu não pode*. Luana, outra intercambista que participava da entrevista, complementou a fala de Bruna, dizendo: *Tu sai sem saber nada e daí tu vai testando assim...*- enquanto gesticulava tentando explicar. Essa experiência é algo individual, cada uma tem a sua, e não pode ser igual. Questionei as duas se não existiria a possibilidade de ter algo comum entre as experiências, uma expectativa similar. Ambas comentaram que seria *comum* aos intercambistas o desejo de ter uma experiência que aproveitassem muito. Embora houvesse um padrão, uma padronização da experiência, o resultado seria individual. Bruna, então, resolveu me explicar, dando um exemplo que associava intercâmbio à ideia de uma experiência química.

Bruna: Existem regras antes de qualquer coisa. Igual quando se faz uma experiência química: tem alguns ingredientes que tu podes usar, [e também procedimentos como]

¹⁵⁶ Graburn, 2001.

tu vais congelar ou tu vais cozinhar. Tu vais fazer o que tu quiseres, mas no final vai ter um resultado diferente de todos. Entendeu?

Denise: Sim.

Luana [concorda]: Eu acho que é mais ou menos assim.

Bruna segue explicando o seu exemplo associando a experiência de intercâmbio.

Bruna: Porque tem as regras básicas sobre intercâmbio, como: tu tens que ter uma família, tu tens que fazer novas amizades, tu tens que ir a uma escola, tu vais conhecer voluntários do AFS, tu vais conhecer outros intercambistas e tu vai provavelmente gostar, porque eles vivem a mesma coisa que tu. Então são as coisas básicas e gerais que todo mundo deve ter senão não é intercâmbio.

Nesse sentido, Bruna, europeia, e Luana, asiática, teriam as mesmas regras e as condições básicas oportunizadas pelo programa de intercâmbio, o que padronizava, de alguma forma, suas *experiências*, mas a ‘maneira’ como cada uma lidou e se engajou na sua *experiência* foi algo próprio, o que tornou a experiência única. Por mais que se buscasse padronizar muitos aspectos do intercâmbio e prescrever alguns comportamentos adequados e esperados dos intercambistas a vivência da experiência deles era única e pessoal. A experiência não é equivalente ao conceito de comportamento, como argumenta Bruner (1986). Na perspectiva do autor, uma experiência é mais pessoal e se refere ao *self* “para um ser humano, o qual se engaja em formas uma ação. Nós podemos ter uma experiência, mas não podemos ter um comportamento. Nós podemos descrever o comportamento dos outros, mas caracterizamos nossa própria experiência”(p.5). Nós contamos nossas experiências, e isso não inclui apenas sentimentos e pensamentos, mas a tendência é que para comunicar a experiência utilizamos nosso referencial do *self*. A questão da experiência é que nós somente podemos experimentar nossa própria vida, nós não podemos ter a experiência dos outros¹⁵⁷.

Compreender que a viagem de intercâmbio é um ritual de passagem, não significa dizer que todos os jovens passem pela ‘mesma experiência’, nem que todas essas viagens sejam iguais, que os rituais sejam os mesmos, que todos se envolvam dessa forma e realizem ‘a passagem’ proposta pelo ritual. As condições para que ocorra o ritual de passagem são proporcionadas pela viagem, como argumentou Bruna, a experiência pode ser vivida como um período de liminaridade e se caracterizar por um estado de homogeneidade, igualdade,

¹⁵⁷ Bruner (1986) refere: “An experience is more personal, as it refers to an active self, to a human being who only engages in but shapes an action. We can have a experience but cannot have a behavior; we describe that behavior of others but we characterize our own experience. It is not customary to say, “Let me tell you about my behavior”; rather, we tell about experiences, which include not only actions and feelings. The distinguishing criterion is that the communication of experience tends to be self-referential. (...)The difficulty with experience, however, is that we can only experience our own life, what is received by our own consciousness. We can never know completely another’s experiences, even though we have many clues and make inferences all the time” (p. 5).

humildade entre os participantes, um período de transição e mágico (Graburn, 2001). Porém, como Bruna e Luana disseram, a ‘experiência’ é individual, o resultado da *mistura* é individual, e, para que aconteça alguma mudança nesse *experimento químico*, o jovem deve se engajar, deve *aproveitar muito, se experimentar e se testar*.

6.2 Hora de partir: a despedida no aeroporto

Para se despedir, a família de Joana viajou mais de quatro horas até chegar a Porto Alegre; estavam todos presentes, o pai, a mãe e as duas irmãs hospedeiras, além de uma prima com o namorado. Os pais hospedeiros sorriram ao me verem, e Joana disse: *Que bom que você veio!* A mãe hospedeira comentou comigo que *passou tudo muito rápido* e que lembrava o dia em que Joana chegou. Ela já havia feito o mesmo comentário para mim cerca de três meses antes quando eu visitei a família. Na época, já demonstrava preocupação sobre como seria o retorno da jovem ao seu país, pois tudo *estava passando muito rápido*. Todos os membros da família vestiam uma camiseta com uma foto da família toda junta, incluindo Joana.

Joana fez o *check in* com a ajuda da mãe hospedeira que me contou muito feliz que ela e a jovem conversaram com alguém da companhia e conseguiram liberá-la de pagar excesso de bagagem¹⁵⁸. Além disso, devido ao fato da jovem ser menor de idade, uma pessoa da companhia a acompanharia até o avião, o que deixou a mãe hospedeira mais tranquila, pois ela se preocupava por Joana viajar sozinha.

Enquanto aguardávamos a chamada para o vôo, entre algumas fotos e a explicação que a mãe hospedeira dava para sua sobrinha sobre meu trabalho, o pai fazia jocosidades, contava como tinham sido as férias deles, dizia o quanto gostavam da jovem e como iriam sentir sua falta. A irmã mais jovem de Joana seguidamente a abraçava, já a mais velha ficava um pouco mais distante, observando. Em seguida, os passageiros do vôo foram chamados para o embarque, porém Joana teria que esperar até o funcionário ir buscá-la, e a família já começou a se preparar para a despedida. O pai hospedeiro comentou: *Agora chegou a parte mais difícil*. Os olhos se encheram de lágrimas, a irmã mais nova se abraçou em Joana e começou a chorar. Todos se despediram demonstrando tristeza com a despedida. Joana embarcou. A família e eu

¹⁵⁸ No trecho de vôo doméstico, são permitidos até 20k de bagagem na maioria das companhias, já no internacional o peso máximo é de 32k.

fomos para o setor de alimentação fazer um lanche. O pai hospedeiro disse que não tinha fome e preferiu ficar observando na janela do aeroporto os aviões que decolavam, tentava adivinhar qual dos aviões era o de Joana.

A mãe hospedeira comentou que ele poderia estar triste, por isso preferiu ficar sozinho, ela disse que sabia que isso ia acontecer: conhecer uma pessoa, gostar dela, depois ela ir embora e, ainda, sem saber se algum dia a iriam rever. Ela disse que esse foi um dos motivos que fez com que a família hesitasse um pouco antes de decidir receber um intercambista, pois tinha previsto que a situação que estavam vivendo seria muito difícil para todos. A filha mais velha, no entanto, tinha insistido muito, e por isso todos concordaram. Agora ela dizia que não se arrependia, pois não imaginava que a experiência pudesse ter sido tão boa, mas aquele momento, da despedida, estava sendo difícil. A irmã mais velha comentou que tudo foi muito diferente do que ela esperava, pois não pensava que as duas iriam ficar tão próximas e que fosse tão bom ter uma irmã de outro país. Naquele momento, a família já planejava visitar a jovem no seu país, no final do ano, queriam ir os quatro. A mãe não sabia se isso seria possível, pois as passagens eram muito caras, mas já tinha começado a fazer uma pesquisa de preço. O pai hospedeiro enfatizou que eles só iriam visitá-la se fosse toda a família, pois, caso contrário, achava que não fazia sentido. Joana havia se relacionado bem com todos eles e tinha convidado a todos para visitá-la. Eles iriam ver que arranjos seriam possíveis de serem feitos para poderem realizar a visita a Joana.

6.3 ‘O que vai e o que fica’ : relações de afeto além das fronteiras nacionais

Os estudantes retornaram aos seus lares e deixaram de ser intercambistas; durante um ano após seu retorno, serão considerados *returnees* pela instituição e passarão a ser reconhecidos por esse novo *status*. Como tratei no capítulo anterior, entendi a experiência de intercâmbio desses jovens como um rito de passagem do ‘jovem local’ para o ‘jovem global’. Anteriormente abordei os diferentes sentidos que eles atribuíram a suas *experiências*, como se sentiam e se percebiam diferentes ao final do tempo do intercâmbio. Além das mudanças pessoais atribuídas à experiência, entendo que também ocorreram algumas que são comuns à maioria dos jovens após o intercâmbio, como o estabelecimento de vínculos afetivos com pessoas de diferentes nacionalidades: outros intercambistas, a família e a comunidade hospedeira após o intercâmbio. A manutenção dessas relações se dá basicamente através do uso da tecnologia da internet e também de viagens de visitas. Nesse sentido, ressalto a

colocação de Turner de que os ritos de passagem não se limitam a crises vitais culturalmente definidas, mas eles também podem existir para acompanhar e demarcar mudanças em geral de um estado para outro (1974; 2005). Mostrarei ‘o que vai e o que fica’ da experiência na relação entre ambos a partir de relatos de algumas famílias hospedeiras e de um estudante; e, através de dados coletados em sites de relacionamento e entrevistas virtuais, ‘o que vai e o que fica’ para os intercambistas das relações que estabeleceram entre si. A construção dessa rede de relações afetivas, observada na maioria das experiências, oportunizou uma mudança nos jovens, e é essa mudança de estado de relações afetivas ‘locais’ para um estado de ampliação das relações afetivas ‘globais’, conservando, na maneira de se relacionar, a ‘juventude’, que eu entendo como um estado de um ‘jovem global’.

Júlio, durante sua visita de retorno ao Brasil, passou a maior parte do tempo com sua família e comunidade hospedeiras. Ele fez questão de organizar uma janta para os colegas da escola hospedeira, de visitar seus amigos e conhecidos da comunidade, além de realizar algumas viagens com seu irmão hospedeiro mais novo. Além desse contato, ele já havia encontrado seus pais hospedeiros depois do intercâmbio, pois eles viajaram para a Europa cerca de um ano após o retorno do jovem.

O jovem comentou que foi muito interessante e importante ter recebido seus pais hospedeiros em sua casa, no seu país, o que oportunizou que as duas famílias se conhecessem. Nessa ocasião, os pais hospedeiros passaram uma semana na sua cidade e outra semana viajando com ele para outros lugares na Europa. Júlio disse que essa viagem foi muito importante para que seus laços com a família hospedeira se fortalecessem. Ao término do intercâmbio, ele retornou ao seu país, ‘foi’ embora, mas ‘voltou’ para visitar os pais hospedeiros; eles também ‘foram’ visitá-lo. Assim, a relação afetiva que entre eles se manteve através do contato pela internet e dos encontros oportunizados pelas viagens realizadas.

As recordações das visitas dos jovens intercambistas são seguidamente comentadas pelos pais hospedeiros, assim como lembranças da chegada e da despedida deles. Os pais hospedeiros de Patrícia¹⁵⁹, ao iniciar seu relato sobre a experiência de intercâmbio, começaram contando a cena da hora da despedida. *No dia da viagem, ela não fazia as malas e não fazia as malas*, lembrou a mãe hospedeira com um sorriso no rosto. *Não tinha jeito! Ela não queria ir!* diziam eles. *Mas tu tens que ir, depois tu volta, mas agora tu tem que ir.* Após

¹⁵⁹ Patrícia é uma estudante intercambista europeia, que tinha 17 anos quando chegou ao Brasil. Eu não cheguei a conhecê-la. Entrevistei a família hospedeira da estudante, no caso o casal, pois seus dois filhos já não moravam com eles há muitos anos, por isso a estudante esteve somente com o casal na época do intercâmbio, há mais de três anos.

pouco mais de um ano, a jovem voltou, veio passar as férias com eles, ficando mais de um mês. A mãe contou que as duas ficaram muito amigas desde o princípio. No início, ela ficava mais tempo em casa, mas depois *correu para a rua* e ficava muito tempo fora.

Patrícia levou chimarrão para tomar no seu país. Ela contou a eles que continua tomando chimarrão lá e, às vezes, as pessoas a param na rua para perguntar o que ela está tomando. Eles comentaram esse fato com orgulho. Um ano depois de a jovem ter retornado ao seu país, a mãe hospedeira foi visitá-la em sua cidade europeia, acompanhada da irmã que sabia falar melhor Inglês. Patrícia havia convidado a família para participar da sua festa de formatura do colégio. O pai hospedeiro não teve interesse de ir. Muito orgulhosa e alegre, a mãe hospedeira contou que a avó e a mãe da Patrícia lhe agradeceram muito por tudo que tinha feito pela jovem. Ela ficou muito impressionada com isso, pois não imaginava que seria algo tão importante para eles. Mostrou-me o álbum de fotos da viagem de visita à Patrícia. Para a mãe hospedeira, intercâmbio é uma troca de saberes, tanto ela quanto Patrícia aprenderam com experiência¹⁶⁰.

O estabelecimento de uma boa relação de reciprocidade (Mauss,2003)¹⁶¹ entre o intercambista e a família hospedeira foi algo que ocorreu com a família hospedeira de Lívia¹⁶². O pai hospedeiro de Lívia, Jorge, sempre teve curiosidade com estrangeiros, sempre

¹⁶⁰ A mãe hospedeira estabeleceu uma relação com a família de origem de Patrícia através da internet e contou-me que fez questão de mandar um email para a mãe da jovem, dizendo que ela ia tratá-la *como uma filha, como se fosse minha filha, que teríamos todos os cuidados com ela, que se não se preocupasse*. E cuidaram da jovem tentando compreendê-la nas suas diferenças com eles. Patrícia não fez muitos amigos na escola, mas gostava muito de capoeira, e foi lá que fez amizades, além de namorar um jovem do grupo. Esse foi um ponto de conflito entre os pais hospedeiros e a estudante. Os amigos de Patrícia eram de *nível social diferente* da família hospedeira, o que gerou um desconforto inicialmente e também preocupação com a segurança dela. Ela conversou com os pais hospedeiros, explicou seu interesse no grupo da capoeira, mas também escutou e tentou entender o lado deles. Ao final, ambos chegaram a um acordo: a jovem podia seguir vendo o grupo e seus amigos, mas a família não gostaria que eles frequentassem sua casa. A mãe hospedeira, então, disse que isso foi uma aprendizagem para eles e que todos se respeitaram nesse sentido. O pai hospedeiro comentou que eles procuraram deixar a jovem mais livre, mas dentro de alguns limites, como horários de festas, por exemplo. Então, no decorrer do intercâmbio, segundo a mãe hospedeira, Patrícia passou a se dividir: metade do tempo com eles, metade com o grupo da capoeira.

¹⁶¹ Nesse sentido, entendo reciprocidade a partir do que Mauss (2003) aborda: “Não menos importante é a obrigação de dar; seu estudo poderia fazer compreender de que maneira os homens passaram a trocar coisas. Podemos indicar apenas alguns fatos. Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e comunhão” (p. 201-202). “Tudo vai e tudo vem como se houvesse uma troca constante de uma matéria espiritual que compreendesse coisas e homens, entre clãs e os indivíduos, repartidos entre as funções, os sexos e as gerações” (p. 203). As relações entre as famílias hospedeiras e os intercambistas baseavam-se nesta reciprocidade. As famílias acolhiam os jovens em seus lares, e os jovens retribuía de alguma maneira, geralmente a expectativa era do estabelecimento de laços afetivos fortes para que ambos pudessem ‘administrar’ as diferenças. Como Mauss abordou, no fundo seriam misturas, e tanto as almas se misturariam nas coisas e estas nas almas, assim como se misturariam vidas, as pessoas e as coisas ficariam misturadas, e este seria o contrato e a troca.

¹⁶² Na época em que receberam Lívia, europeia, ela tinha 17 anos.

teve o sonho de viajar pelo mundo, mas isso não foi possível até hoje. Quando cheguei à casa da família, Jorge logo me mostrou um cartão postal que Lívia havia mandado para eles. Tinha chegado no dia anterior, a jovem estava fazendo um estágio na Índia e mandou uma foto sua com o fundo de um lugar turístico de lá. Ela contava que estava gostando do país, mas que sentia muita falta do Brasil e deles.

Cerca de um ou dois anos depois, a jovem veio ao Brasil visitá-los. Eles foram viajar com ela, mas Lívia manifestou interesse em voltar à comunidade hospedeira. Ao chegar à casa da família hospedeira, a jovem disse *parece que eu não fui embora daqui. Foi a mesma coisa, chegou aqui tinha o mesmo quarto, estava do mesmo jeito. Eu não fui embora. Esse espaço de tempo que eu fiquei longe daqui desapareceu, eu estou na minha casa de novo.* Essa foi a impressão dela, que ela deixou conosco no intercâmbio. Segundo Jorge, a experiência com Lívia foi tão positiva que eles receberam outra estudante durante alguns meses, porém o casal avalia que essa experiência não foi muito boa, a jovem não se adaptou à família deles, nem eles a ela: *foi uma convivência muito difícil.* Baseados na experiência com Lívia¹⁶³, eles achavam que deveriam *repetir a dose*, mas não foi bom.

Como a jovem Bruna disse, a experiência é única e dessa forma sempre diferente de um intercambista para outro, logo, a relação que se estabelece com a família hospedeira também é singular e depende dos envolvidos.

A família hospedeira de Lívia teve muito contato com vários intercambistas amigos dela. A mãe hospedeira contou que eles recebiam os jovens numa sala ampla da casa, alugavam filme, comiam pipoca, cada um de uma nacionalidade diferente. *Às vezes, a gente até contava “Finlândia, Islândia, Noruega, Alemanha”, vários países ali.* O pai hospedeiro ainda complementou: *Era um mundo, parte do mundo dentro de casa.* Esse era um dos aspectos que considerava muito interessante ao ter Lívia em sua casa. Ele acreditava que alguns estudantes gostavam mais do intercâmbio no Brasil que outros que não conseguiram nem ficar três meses. Ele se recorda da situação de um estudante alemão que pediu para retornar por ter percebido que a proposta do intercâmbio, a cidade e a família em que tinha ficado não eram do seu interesse.

¹⁶³ Agora a jovem está planejando vir vê-los novamente. Os pais hospedeiros dizem que *é uma filha, uma pessoa da nossa família, até hoje continua sendo. E tem uma ciúmeira das gurias, uns ciúmes e tal, aquelas coisas, a gente dava muita atenção para ela.* Quando a jovem foi embora, ela deixou muitas coisas suas na casa, como roupas, sapatos e livros, pois não cabiam na mala. *E cadernos que ela não conseguiu levar. Coisas, lembranças que ela queria levar e não conseguiu, porque era uma mala desse tamanho e ela encheu que não coube mais simplesmente nem uma caixa de fósforos (pai).* O pai hospedeiro comenta que a jovem é muito carinhosa e que hoje se comunica com eles pelo menos de quinze em quinze dias, seja por internet ou telefone.

Em relação à singularidade das relações estabelecidas entre os jovens intercambistas e as famílias hospedeiras, considero interessante referir uma família hospedeira que já recebeu muitos estudantes. A primeira estudante que a família ‘Carli’¹⁶⁴ recebeu foi uma intercambista que estava tendo problemas em outra família hospedeira. Então, o comitê local precisava remanejar a jovem e perguntaram se eles a receberiam. Eles aceitaram e de lá para cá se passaram mais de dez anos, e mais de cinco estudantes já se hospedaram em sua casa durante esse período. Desses cinco, quatro foram estudantes que trocaram de família e foram para a casa deles. Uma estudante ficou durante os onze meses de duração do programa de intercâmbio. Além desses cinco jovens, vários outros intercambistas passaram algum tempo, como semanas, na casa dessa família.

Conversar com a família ‘Carli’, no caso o casal, é buscar entender uma diversidade de experiências de intercâmbio. Descendentes de italianos e possuindo uma casa ampla, com muitos cômodos, eles tiveram cinco filhos, atualmente apenas um morando com eles. Quando receberam o primeiro estudante, ainda estavam inseguros sobre estar fazendo a coisa certa. Relataram maiores constrangimentos iniciais nas primeiras experiências, mas depois de certo tempo isso se dissipou, e eles aprenderam a se relacionar com os jovens. O casal disse que, quando hospedaram a primeira estudante, quase todos os membros da família moravam com eles. Cada estudante acompanhou um momento diferente da família, mas teve um intercambista, o Bruno, a quem se referiram com um afeto especial¹⁶⁵. Ele criou uma relação muito próxima com o filho caçula que comentou: *Esse é o irmão que nunca tive, embora, como explica a mãe, ele tivesse irmão*. Seu filho já foi visitar Bruno em seu país, e os dois mantiveram em contato até hoje.

O casal relatou suas *experiências* com cada jovem com carinho e comentou que mantiveram o contato com cada um deles. Alguns já vieram visitá-los, outros ainda não. Uns telefonavam mais seguido, outros nem tanto, então ficavam mais de uma hora conversando e

¹⁶⁴ Este sobrenome é fictício, e foi escolhido de maneira aleatória entre sobrenomes italianos. Acredito que seria interessante compartilhar que esta família é de descendentes de italianos. A família possui uma relação muito próxima com voluntários locais.

¹⁶⁵ A mãe ainda comenta sobre o cabelo do Bruno. O jovem havia vindo com rastafári e o cabelo dele: *estava verde de mofado (...) mas ao mesmo tempo ele não queria desmanchar e tinha umas tranças que estavam muito mal. [ela explica que ele queria refazer o rastafári] Aí, um dia eu disse pra ele: mas acho que tu ia ficar muito lindo de cabelo cortado, como nós aqui, de cabelo cortado. E ele disse: vamos cortar, tu corta? E eu disse: eu corto, eu corto comprido, depois tu vais ao cabeleireiro e tu corta como tu quer. [...] Daí eu sentava aqui [...] eu fui cortando onde tinha cabelo não na trança, quando ele lavou o cabelo e secou, tu não tem ideia que corte lindo, ele ficou meio pra cá, meio pra lá, uns crespos, [...] ficou muito bonito. Ele gostou! [...]] foi uma coisa muito engraçada porque eu achei que ele nunca ia me deixar cortar o cabelo dele.*

perguntando sobre a família. A mãe hospedeira disse que *acha engraçado o tipo de afeto que se cria* e, através de seus comentários, ela relativizava os diferentes afetos, dependendo das relações que tinha estabelecido com os jovens, ora mais próximas, ora menos. Segundo o pai hospedeiro, os jovens vinham fazer intercâmbio devido à curiosidade que tinham em conhecer lugares diferentes; geralmente se surpreenderam ao chegarem ao Brasil, pois descobriram que não era tão *paupérrimo* quanto imaginavam. Buscaram viajar, conhecer a comida, festas, carnaval e capoeira, pois eles *são loucos por essas coisas*. Ao final, perguntei para o casal se eles pretendiam receber outros intercambistas, o pai hospedeiro parou, pensou por um instante e respondeu em seguida *sim, acho que sim*.

Estabelecer laços com os intercambistas que hospedaram me parece um dos grandes interesses dessas famílias hospedeiras. Já para os estudantes esses laços afetivos aparecerem mais como decorrentes do investimento, do convívio cotidiano na experiência de intercâmbio, mas não como uma expectativa inicial dos jovens.

Cerca de cinco meses após o retorno de Joana, sua mãe hospedeira deixou um recado na página da jovem no site de relacionamento, dizendo que eles estavam com as passagens compradas no final do ano para irem visitá-la.

O espaço virtual é o espaço de manutenção das relações afetivas estabelecidas entre os intercambistas. Foi no site de rede de relacionamento que observei as interações entre os estudantes após terem retornado. Nele surgem, seguidamente, comentários sobre o tempo do Brasil. Nessas situações, observei que, assim que uma jovem posta um comentário, em seguida as demais intercambistas se manifestam. A jovem americana postou: *Pensando na minha vida no Brasil...* Logo depois a jovem belga comentou: *Eu também! :(saudades da minha cidade!* Então a jovem turca complementou: *Baah, eu também :/*.

Outras vezes, surgiram, em alguns deles, comentários sobre partidas de futebol, sobre os times gaúchos, Internacional e Grêmio. Os estudantes se manifestaram apoiando e exaltando positiva ou negativamente o comentário feito. Em outros momentos, fotos, referentes a viagens realizadas durante o intercâmbio, foram postadas e comentadas, ou, até mesmo, pequenos trechos de vídeos sobre momentos vividos pelo grupo durante o intercâmbio foram compartilhados e disponibilizados *online* para livre acesso de seus amigos virtuais.

Um comentário solto da jovem belga - *muitoo boom meu Brasiil ;) !* - gera manifestações de muitos de seus outros amigos da época do intercâmbio em que viveram juntos o mesmo sentimento e a mesma impressão. O espaço virtual acaba sendo um espaço para manutenção das amizades, espaço de pertencimento e de estabelecimento de outro tipo

de relacionamento entre eles, além de ser um espaço de interação em que seguem compartilhando a memória de um tempo em que vivenciaram algo comum. Esse espaço se manteve, independente da distância física, entre os jovens após o retorno ao seu país.

O relacionamento na rede virtual também ocorreu durante o tempo do intercâmbio entre os intercambistas do estado. Morando na mesma cidade ou em cidades diferentes, o espaço das redes de relacionamento se configurou para os estudantes como um espaço de manifestação de afeto, compartilhamento de fotos, vídeos, recados, entre outras coisas. Dessa forma, entendo que o espaço virtual se fez presente durante todo o processo do intercâmbio, seja no momento inicial, antes da vinda ao Brasil, como espaço para as famílias e os estudantes estabelecerem seus primeiros contatos; durante, como meio de contato com jovens da comunidade local e demais intercambistas. Além disso, dentro desse espaço, os jovens utilizavam o blog, em seu idioma de origem, para compartilhar suas experiências com a família e os amigos do seu país natal, como me foi relatado por duas jovens, e os programas para conversar pela internet com essas pessoas.

Após o retorno dos estudantes a seus países, o espaço virtual se configurou como um espaço para compartilhar lembranças, imagens, sentimentos e reflexões sobre suas experiências com os demais estudantes e os amigos da comunidade hospedeira; através dele os estudantes puderam, também, manter contato com os pais hospedeiros, utilizando email, telefone e *skype*, por exemplo. A jovem Bruna me explicou que, mais de seis meses após o seu retorno, seguia conversando com sua mãe hospedeira pelo *skype* quase semanalmente. Ela me disse que o contato com os amigos da comunidade mudou, pois eles não mais compartilhavam as vivências cotidianas, o que fez com que ficassem poucos os assuntos para falar: *A gente não tem muito que conversar muitas vezes, tanto eles quanto eu estamos vivendo coisas diferentes e falta assunto, pois quando eu morava lá a gente sempre falava das coisas do dia á dia, das festas, dos amigos, e agora a gente não vive mais essas coisas junto, daí fica um pouco estranho. Mas isso não acontece com a minha mãe e minha irmã brasileira, eu sempre quero contar as coisas para eles e saber o que eles tem feito!*

A ‘transformação’, a mudança, percebida pelos jovens que viveram o intercâmbio como decorrente do ‘ritual de passagem’, foi abordada por eles pelas suas percepções diferentes de antes da viagem, sobre si próprio, e em parte, estas mudanças também foram reconhecidas pelo social. Os rituais demarcam fronteiras culturais entre os grupos (Steil,

1996)¹⁶⁶, entre aqueles que já passaram pelo ritual e os que ainda não tiveram essa experiência; também, auxiliam a criar uma identidade do próprio grupo¹⁶⁷ e a “estruturar os sentidos da realidade e compreensão do mundo que cada grupo possui” (Kertzer, 1988)¹⁶⁸. Os jovens intercambistas deixaram de ser ‘jovens locais’ e se tornaram ‘jovens globais’, status principalmente reconhecidos dentro do grupo de jovens da instituição. Estas marcas de distinção, status diferente, podem ser reconhecidas e percebidas além do universo institucional, mas possuem maior sentido e valorização dentro do próprio grupo de jovens nesse universo institucional.

¹⁶⁶ “Os rituais, ao mesmo tempo em que demarcam fronteiras culturais entre os grupos que disputam os sentidos do sagrado no contexto religioso do santuário de Bom Jesus da Lapa, também compensam as deficiências de comunicação e integração” (Steil, 1996, p. 114).

¹⁶⁷ “Mas, os rituais são fundamentais não só porque situam seus participantes num universo simbólico que configura a sua realidade, mas, sobretudo, por causa de sua força performativa, o que os torna essenciais para a construção das identidades dos próprios grupos” (Steil, 1996, p. 115).

¹⁶⁸ Como afirma Kertzer em seu estudo sobre relações entre os rituais e o universo político e ideológico, “os rituais trabalham para estruturar os sentidos da realidade e a compreensão do mundo que cada grupo possui” (1988, p. 10), mantendo as fronteiras entre os sentidos múltiplos que as sociedades complexas comportam, impedindo que se estabeleça um sentido único, lógico e racional que se impõe a todos como verdade (apud Steil, 1996, p. 114).

O RETORNO PARA CASA: REFLEXÕES FINAIS

“A compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada. Ela precisa ser *etnográfica*, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa. Esta postura deriva da noção de que a antropologia sempre deu (ou teve como intenção dar) razão e voz aos nativos, levando em consideração a perspectiva de um “outro” diferente, de grupos que não pensam e agem como nós.”(Peirano, 2003, p. 9)

O retorno para a casa, para a família e comunidade de origem, marca o final de um tempo e de um espaço comuns para os jovens intercambistas. As experiências foram vividas e compartilhadas pelo grupo, um evento especial na vida desses estudantes estrangeiros oriundos de contextos e realidades distintas. Prestes a retornar, uma jovem expressou: *Eu estou realmente curiosa sobre o mundo e, agora, eu sei que quero sair novamente viajar mais e conhecer pessoas novas*¹⁶⁹.

Os jovens intercambistas permaneceram ‘jovens’ após o intercâmbio, conservaram alguns atributos frisados por eles como pertencentes a pessoas *jovens*, como: jocosidade, informalidade, curiosidade, interesse por lugares e pessoas novas. Mas, agora, além de circularem pelo mundo e de levarem consigo “ideias, valores, roupas, idiomas e costumes” (Oliven, 2007), eles carregavam afetos e relações estabelecidas durante o período de intercâmbio.

A compreensão do ritual de passagem deve ser *etnográfica* (Peirano, 2003). Esta dissertação reflete meu acompanhamento da experiência desses jovens estrangeiros que me conduziram durante o ritual e, a partir dela, busquei entender o que eles estavam vivenciando. “Os rituais são importantes ainda, porque as pessoas sabem que podem agir sobre o mundo, criando e alterando os rituais, enquanto instrumentos de sua ação” (Steil, 1996, p. 115). Como referido no primeiro capítulo, a instituição, na concepção de sua proposta inicial, possuía, então, o entendimento de que o intercâmbio cultural escolar poderia ser compreendido como um ritual de passagem para jovens o qual os auxiliaria na transição da “fase da adolescência para fase adulta”.

¹⁶⁹ Depoimento dado por uma jovem intercambistas prestes a retornar a sua casa, trecho retirado do vídeo institucional, “AFS- One Word” (legendado em Português). Disponível em: <<http://www.afs.org.br/>>. Acesso em: ago. 2010.

Desse momento inicial até os dias de hoje, muitas mudanças ocorreram em nossa sociedade, entretanto o intercâmbio cultural escolar segue podendo ser entendido como um ritual de passagem, só que de maneira diferente do que era naquela época. Essa diferença reside no fato de que as pessoas atuam e interferem na dinâmica no ritual, no entendimento e no sentido que lhes são atribuídos. Afinal, eles carregam consigo um sentido de continuidade e podem ser entendidos, de alguma forma, como conservadores (Steil, 1996)¹⁷⁰.

Diante disso, busquei compreender que passagem estava sendo vivenciada pelos jovens e o que seria a *experiência a* que se referiam constantemente durante todo o tempo do intercâmbio. No segundo capítulo, apresentei os atores e as expectativas, desejos e o projeto que os envolvidos possuíam antes do intercâmbio. No terceiro e quinto capítulos, procurei apresentar diferentes olhares sobre a ‘experiência’: o institucional e o dos participantes, salientando aproximações e distanciamentos entre eles.

A instituição apresentou-se como ‘facilitadora’ do ritual, uma vez que buscou padronizar e conduzir as experiências dos jovens dentro de uma uniformidade, com regras e obrigações. Durante o acompanhamento das experiências dos participantes, observei que, em alguns momentos, houve maior rigidez na cobrança dessas regras, em outros, menor. Percebi, também, que os estudantes aproveitaram os espaços e os encontros da organização para poderem estar juntos, partilhando uns com os outros suas vivências.

O participar das atividades institucionais, das orientações, enquanto “ação performática”, algo intrínseco à ação e à fala “que permite comunicar, fazer, modificar e transformar” (Peirano, 2003, p. 40), constituiu-se como a prática de padronização ou de formação dos intercambistas, neófitos. Foi nas trocas de experiências e informações que os participantes do intercâmbio ajudavam uns aos outros e compartilhavam sua ‘experiência comum’. As dimensões do viver e do pensar ficaram, assim, combinadas nos rituais (Peirano, 2003)¹⁷¹. As falas tornaram-se fundamentais na composição do ritual, pois foi a partir delas

¹⁷⁰ “Isto, no entanto, não significa negar que os rituais também possuem um bias conservador, na medida em que servem para dar um sentido de continuidade dentro de um período de tempo de longa duração” (Steil, 1996, p. 115). E “embora, como afirma Tambiah, ‘todas as formas substantivas que nutrem o formalismo do ritual também conspiram para esvaziá-lo do seu sentido ao longo do tempo’ (1985, p. 165). E, nesse sentido, como tentarei mostrar mais à frente, se estabelece uma dialética entre as formas rituais que criam constrangimentos para que as ideias que lhes são associadas permaneçam imutáveis, e a necessidade de incorporar novas idéias para que possam falar às mentes e aos corações das pessoas que, vivendo no mundo, vão assimilando as mudanças que vêm ocorrendo ao seu redor” (Steil, 1996, p. 116).

¹⁷¹ “Combinam-se, assim, as dimensões do viver e do pensar: rituais servem para resolver conflitos ou diminuir rivalidades (como queria Turner) e, *ao mesmo tempo*, para transmitir conhecimento (como defendia Leach). Rituais são adequados para realizar essas funções aparentemente diversas, porque são *performativos*” (p. 40).

que os sujeitos se ‘transformaram’. Inicialmente era difícil falar, pois, em sua maioria, os jovens não conheciam a língua portuguesa, mas, com o passar do tempo, passaram a incorporar esse idioma como uma marca, uma distinção que carregaram consigo ao final do intercâmbio. O domínio de outro idioma pode ser entendido não apenas como aquisição de uma linguagem, de um meio de comunicação, mas também como uma forma simbólica de afirmar um novo status (Peirano, 2003)¹⁷².

A instituição proporcionava o espaço, os encontros entre os jovens, as regras, as redes que os acolhiam e isso interferia diretamente nas experiências deles. É relevante ressaltar, no entanto, que o intercâmbio não dependia somente dos estudantes, como era frisado no material institucional e na fala de alguns voluntários dirigida a eles: *você que faz o teu intercâmbio, a tua experiência depende de ti*.

Os intercambistas não conseguiam entender como que as relações pré-estabelecidas na comunidade local poderiam interferir nas suas experiências. Afinal, como que essas relações, de algum modo, pesariam mais na ação dos voluntários do que a ‘missão’ da instituição e o comprometimento dos voluntários para com eles? Ficou evidente que a atitude dos voluntários diante dos estudantes estrangeiros era permeada pelas relações deles com a comunidade local. Muitas vezes, percebi que eles entendiam que seria mais importante preservar uma relação na rede local do que priorizar a ‘satisfação’ do estudante, ‘o projeto’ do intercambista, ou, ainda, a proposta institucional. Suas relações prévias com a comunidade hospedeira eram, geralmente, consideradas nos arranjos para a colocação dos jovens em famílias hospedeiras.

Para receber um estudante numa comunidade, fazia-se necessário uma complexa rede na comunidade para ‘estruturar’ a experiência de intercâmbio localmente. Diante disso, como se poderia pensar que ela seria apenas do jovem? Com tantas pessoas envolvidas em todo o processo, seria possível conceber que essa experiência dependeria apenas do investimento pessoal dos estudantes? Manter voluntários interessados em trabalhar na instituição, envolvidos nas tarefas de ‘recrutar’ famílias hospedeiras e escolas hospedeiras, dispostas a conceder uma bolsa de estudos, exige grande empenho, investimento e envolvimento nas atividades institucionais. Para viabilizar essa prática, então, torna-se necessário e essencial o estabelecimento de uma rede de reciprocidade na comunidade que lhe dê sustentação.

¹⁷² Segundo Peirano (2003), “por exemplo, quando um kachin decide falar um dos vários idiomas que domina, ele não apenas utiliza a linguagem como meio de comunicação, mas também como forma simbólica de afirmar o seu status. Dessa maneira, Leach defende as funções múltiplas, pragmáticas e rituais/simbólicas, dos comportamentos” (p. 37).

Essas questões não eram claramente explicitadas, mas se percebia nas atitudes dos voluntários o compromisso de manter essa relação previamente estabelecida com as escolas locais, com famílias que hospedavam, com aquelas que poderiam hospedar, ou com as hospedeiras que, além disso, faziam parte do ciclo de amizades dos voluntários.

Para que ocorresse o ritual, a ‘passagem’ dos jovens, era necessária essa rede de sustentação a qual envolvia uma gama de pessoas que assumiam diferentes papéis na execução do programa para que a experiência saísse a contento. Isso, portanto, deixa claro que não é só o engajamento do jovem que determina que essa experiência *dê certo*.

Evidentemente que a ‘estrutura institucional’ permanece com a função de padronizar, mas cada comitê e comunidade hospedeira possuem suas particularidades e se diferenciam em sua dinâmica. As experiências dos estudantes, entretanto, são únicas, pois dependem da forma como ele se envolve com seu intercâmbio, com seu projeto. Assim sendo, é possível concluir que a rede de relações pré-estabelecidas, tanto dos voluntários locais junto às famílias hospedeiras quanto destas com a comunidade, vai determinar um acolhimento maior ou menor ao intercambista. Em contrapartida, dependendo do projeto do jovem, do seu entendimento e investimento no intercâmbio, a dinâmica do comitê e a comunidade hospedeira também serão afetadas.

O projeto dos jovens, assim como o das famílias de origem, pressupunha uma ‘mudança’ durante o intercâmbio; havia uma expectativa de que retornariam diferentes depois das experiências vividas durante esse ano. Ressalto que este era o objetivo principal dos intercambistas, e, por causa disso, eles se ‘adaptavam’ às regras da instituição, deixando, após algum tempo, de questionar o local, a comunidade hospedeira em que moravam, como pude demonstrar no quarto capítulo.

Conforme a avaliação dos participantes, nas experiências que deram *certo*, houve a manutenção das relações afetivas além das fronteiras nacionais; enquanto que nas que *deram errado* pode ter ocorrido rompimento, afastamento ou distanciamento entre os participantes envolvidos. De todas as maneiras, a ‘passagem’ aconteceu, todos os jovens, ao final do intercâmbio, relataram se sentirem diferentes e alegavam carregar consigo aprendizagens e experiências próprias; entre elas, o que se evidenciou como comum foi o aprendizado do idioma português, em algumas situações, do inglês também, e o estabelecimento de relações afetivas com pessoas da comunidade hospedeira.

As famílias hospedeiras tinham interesse em manter laços com o jovem que receberam em suas casas. Entre os estudantes, de diferentes maneiras, havia esse desejo também, e o

grupo, em sua maioria, manteve uma comunicação através de redes sociais proporcionada pelo uso da internet.

A tecnologia fez parte de todos os momentos do ritual, possibilitando um contato paralelo, uma realidade paralela à que os jovens viviam no seu cotidiano, seja no país de origem ou durante o tempo no Brasil. A sociabilidade vivida na internet era ora local, ora global, ou seja, ora comunidade de origem, ora comunidade hospedeira. Minha análise não buscou dar conta das implicações do uso da internet no ritual, mas sim salientar que ela fez parte da experiência desses jovens. De certa forma, ficou evidente que ela está presente na sociabilidade cotidiana dos estudantes de diferentes nacionalidades, independente das comunidades em que vivem e em que viveram durante o tempo no Brasil.

Circular pelo mundo, ter curiosidade por lugares e pessoas diferentes era algo estimulado pela instituição. As narrativas dos intercambistas se aproximavam, mas também se distanciavam desses valores. Alguns jovens, ao chegarem ao Brasil, já possuíam esse desejo e essa curiosidade; outros, ao final do intercâmbio, passaram a ter; mas houve aqueles que ficaram mais voltados para seus desejos e projetos de vida, sem se envolverem muito com os demais ao seu redor, como comunidade, família hospedeira e intercambistas. De qualquer maneira, todos, ao final, se reconheceram ou foram reconhecidos como diferentes.

A partir dessa etnografia posso dizer que esses jovens viveram o ritual de passagem e reforçaram uma identidade de grupo valorizada pela instituição. Os ‘jovens globais’ pertenciam a um grupo, partilhavam de interesses comuns e ressaltavam os aprendizados adquiridos, como: o aprendizado relacional, aprendizado sobre si e o sentir-se parte de um grupo, da turma de intercambistas que esteve no RS naquele determinado tempo.

A prática dos intercâmbios culturais escolares, vista da dimensão ritual, permitiu pensar os ‘jovens’ de diferentes nacionalidades a partir de aspectos locais e globais envolvidos nesse fenômeno. Ressalto que tantos os jovens quanto as famílias envolvidas nela partilham de um *ethos* comum. Os valores e interesses similares por eles partilhados ultrapassam as barreiras nacionais, o que faz com se identifiquem de alguma maneira como um grupo e partilhem do projeto do intercâmbio.

A dinâmica das relações afetivas existentes entre os participantes, de certa forma, se aproxima do discurso institucional do período em que as práticas de intercâmbios culturais escolares se iniciaram, no entanto ela revela transformações tanto da própria prática quanto do sentido atribuído pelos participantes a suas experiências na atualidade. Não posso falar sobre como os participantes vivenciaram seu intercâmbio naquele período, mas, a partir do discurso institucional, me foi possível vislumbrar e pontuar mudanças na sua dinâmica, assim como

continuidades. A necessidade de uma rede de reciprocidade para a realização dessa experiência aparece como algo que se manteve, já a constante interação dos participantes com uso da internet surge como um aspecto novo cujas implicações em relação à maneira como poderá interferir no ritual ainda são desconhecidas. Importante, porém, é considerar, como já salientado, que independente da nacionalidade dos jovens intercambistas, há um desejo comum, as “buscas de si” (Pais, 2006), como referido no quinto capítulo, e isso, de certa forma, se aproxima, em alguns aspectos, do discurso institucional.

Há diversos aspectos, atores e interesses que poderiam ser analisados para se poder compreender o fenômeno dos intercâmbios culturais escolares. O intuito principal dessa dissertação foi de dar conta das experiências e do entendimento dado pelos jovens intercambistas, descrevendo e analisando as diferenças e semelhanças na maneira pela qual os estudantes estrangeiros, oriundos de contextos sociais distintos, vivenciaram a experiência de intercâmbio.

Esta dissertação procurou mostrar os diferentes interesses, estratégias, sentidos e projetos de atores distintos e como se articulavam no contexto etnográfico. Para isso, foi trazido um pouco do ‘olhar’ das famílias gaúchas hospedeiras, assim como do da instituição.

Acredito que, ainda que este estudo não tenha se proposto a abordar todas as dimensões do fenômeno dos intercâmbios culturais, os dados analisados trouxeram contribuições para ampliar sua compreensão e ressaltar a importância de se investigar outros tantos aspectos nele envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção Social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1983. p.35- 68.
- BENEDICT, R. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOTH, E. Introdução. In: _____. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alvez Editora, 1976.
- BOURDIEU. *A economia das trocas lingüísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996. 188p.
- BOURDIEU, P. Efeitos do lugar. In: _____. *Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-166.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 112-122.
- BROCH, G. *The AFS Story: Journeys of a Lifetime*. 1914, 1947, 1997. Oslo: AFS Norge, 1997.
- BRUNER, E. M. Introduction 1. Experience and Its Expressions. In: TURNER, V.; BRUNER, E. M. *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois press, 1986.
- BULCHOLZ, M. Youth and Cultural Practice. In: *Annu. Rev. Anthropol.*, 2002, 31, p.525-52.
- CABRAL, J. de P. Semelhança e verossimilhança: horizontes da narrativa etnográfica. *Mana*, 2003, vol. 9, n. 1, p. 109-122.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir e escrever. In: _____. *O Trabalho do Antropólogo*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2006. p. 17-31.
- CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. Prefácio. In: _____. (orgs.) *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando Mascaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990,. p. 87-122.
- CITRO, S. Hacia una etnografia dialética de y desde los cuerpos. In: _____. *Cuerpos significantes: travesias de uma etnografia dialectica*. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2009.
- CLIFFORD, J. Sobre a Autoridade Etnográfica. In: _____. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX* (org. José Reinaldo Santos Gonçalves). 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- CLIFFORD, J. Introducción: verdades parciales. In: CLIFFORD, J. y MARCUS, G. E. (eds.). *Reticas de la antropologia*. Madrid: Ediciones Júcar, 1991, p. 25-60.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Ethnography on an Awkward Scale: Postcolonial Anthropology and the Violence of Abstraction. *Ethnography*, v. 4, 2003, p. 147-179.

DA MATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2010.

DIAS, G. M. *Experiências de Trabalho Temporário nos Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo*. Orientador: Bela Feldman-Bianco, Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

FONSECA, C. A importância do olhar etnográfico. In: _____. *Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2 ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FOX, R. *Parentesco e Casamento. Uma Perspectiva Antropológica*. Lisboa: Coleção Vega Universidade, 1966.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins fontes, 1984.

GONÇALVES, J.; R., S. Apresentação. In: CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX* (org. José Reinaldo Santos Gonçalves). 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

GRABURN, N. H. Secular ritual: a general theory of tourism. In: SMITH, Valene; BRENT, Maryann. *Hosts and guests revisited: tourism issues of the 21st century*. New York: Cognizant Communication Corporation, 2001.

HANNERZ, U. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 251-266.

HANSEL, B. *The exchange student survival kit*. Yarmouth: Intercultural Press, 1993.

JORDAN, M., Encontros Etnográficos: os processos de tradução cultural. In: DUARTE, J. F. (org.) *A cultura entre a tradução e etnografia*. Lisboa: Veja universidade, 2008.

LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003, p. 399 a 422.

NOGUEIRA, M. A. Viagens de estudos ao exterior: as experiências de filhos de empresários. In: ALMEIDA, A. M. *et al. Circulação Internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. São Paulo: UNICAMP, 2004. p.47-63.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006. p.105-120.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir e escrever. In: _____. *O Trabalho do Antropólogo*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2006. p. 17-31.

OLIVEN, R. G. Cultura e Identidade. In: NUSSBAUMER, G. M. (org). *Teorias e Políticas da Cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 235-243.

ORTIZ, R. Modernidade-mundo e identidades. In: _____. *Um outro território*. Ensaio sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 67-89.

ORTNER, S. Resistance and the Problem of Ethnographic Refusal, *Comparative Study of Society and History*, 1995, p.173-193.

PAIS, J. M. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saude soc*, 2009, vol. 18, n. 3, p. 371-381. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: março,2010.

PAIS, J. M. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993. p.21-36.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006. p.7-21.

PEIRANO, M. *Rituais: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PRADO, C.,L. “Intercâmbios Culturais” Como Práticas Educativas Em Famílias Das Camadas Médias, Tese (doutorado) Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alice Nogueira – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

PRADO, C. L. Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os “intercâmbios”. In: ALMEIDA, A. M. *et al. Circulação Internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. São Paulo: UNICAMP, 2004.

ROCK, George *History of the American Field Service, 1920-1955*. New York: Platen Press. 1956.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. In: *Estudos Teológicos*, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

SAHLINS, M. Dos o tres cosas que sé acerca del concepto de cultura. In: *Revista Colombiana de Antropología*. vol. 37, enero-diciembre, 2001, p. 290-327.

SANTOS, D. S. "A gente se abre pro mundo": praticas de sociabilidades cotidianas de participantes envolvidos em experiências de intercâmbio cultural no RS In: CARVALHO, A. L., ECKERT, C (orgs.), *Individualismo, Sociabilidade e Memória*, 2008, Porto Alegre : Editora Deriva, 2009

SCHÜTZ, A. *L'Étranger: un essai de psychologie sociale*. Paris: editions Allia, 2003.

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: _____. *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.

STEIL, C. A. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, C. C. Introdução: Em busca da experiência mundana e seus significados. Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. In: TEIXEIRA, C. C. (org). *Em busca da experiência mundana e seus significados*. Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

TURNER, V. W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, V. *Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: ed. da Universidade Federal Fluminense, 2005.

TUSSI, F. P. Aborto vivido, aborto pensado: aborto punido?: as (inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil, Dissertação, Orientadora: Ceres Vicotra, Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento funerais, estações, etc.* Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, G. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 31-48.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006. p.192-200.

VISACOVSKY, S.; GARGUIN, E. Introdução. In: _____. (compiladores) *Moralidades, economias e identidades de classe média: estudos históricos y etnograficos*. 1 ed. Buenos Aires: Antropofagia, 2009.

WAGNER, R. *The Invention of Culture*. Englewood Cliffs. New Jersey: Prentice Hall, 1981.

WAGNER, H. R. *Fenomenologia e relações sociais*. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXOS

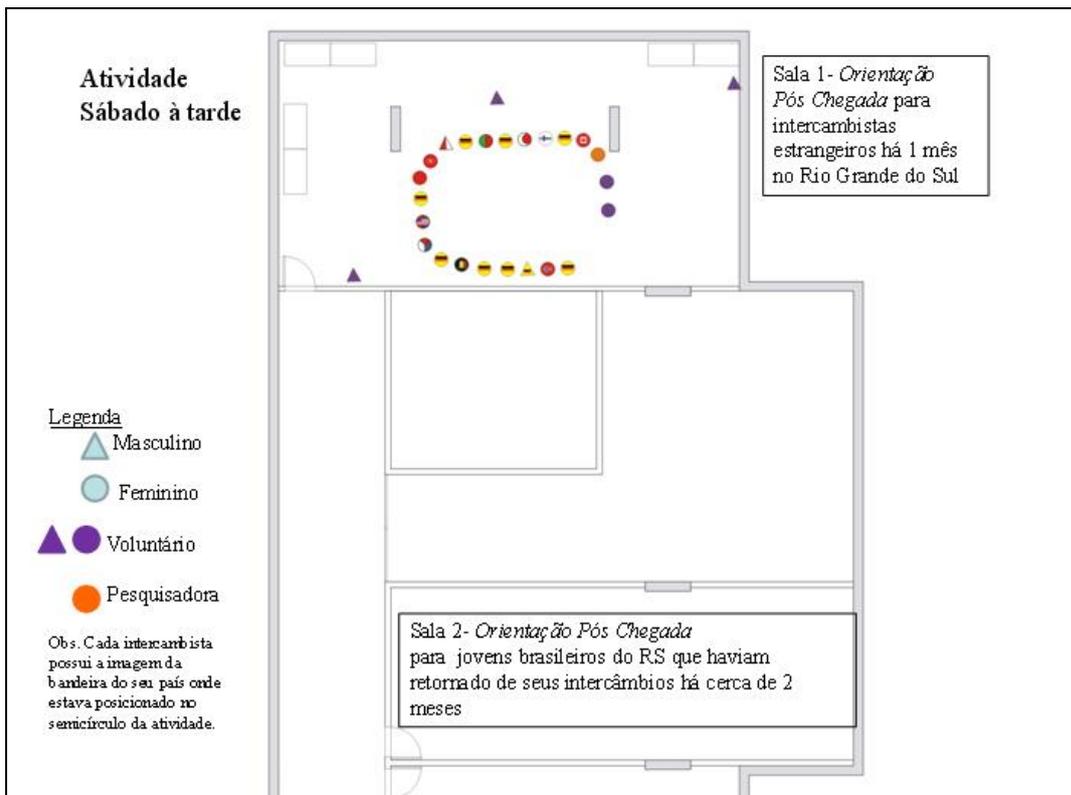
Quadro dos Estudantes Estrangeiros que foram mencionados na Pesquisa

	Nome Fictício	Idade que chegou ao Brasil	Continente
1	Luisa	17	Europa
2	Julio	17	Europa
3	Joana	15	Ásia
4	Maria	15	Europa
5	Bruna	17	Europa
6	Fernanda	15	Europa
7	Luana	17	Ásia
8	Mariana	15	América do Norte
9	Rafael	15	Ásia
10	Carolina	15	Ásia
11	Ana	17	Oceania
12	Luís	16	Europa
13	Márcia	16	Europa
14	Sabrina	17	Oceania
15	Vanda	15	Europa
16	Maurício	16	Europa
17	Cristina	16	América do Norte
18	Juliana	16	Ásia
19	Clarissa	16	Europa
20	Priscila	17	Europa
21	Patricia	16	Europa
22	Lívia	17	Europa

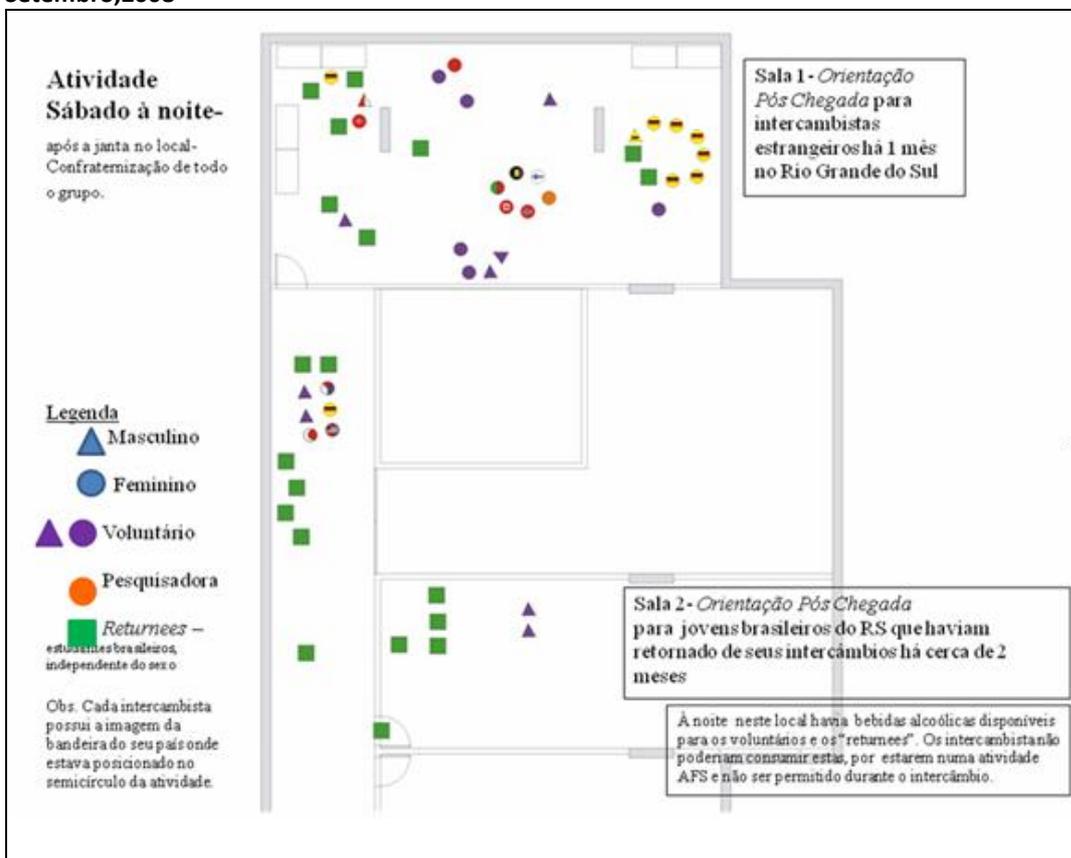
Quadro Programação da Orientação Pós Chegada- Porto Alegre- setembro de 2008

	SÁBADO		DOMINGO
10h	Início das Atividades	10h	Atividade: "Estudos de Caso"..
<i>Manhã</i>	Primeira Atividade: Dinâmica de apresentação: cartazes dos estudantes		
	Dinâmica Expectativas: cartaz com post-its: Expectativas: <ul style="list-style-type: none"> • Pais hospedeiros • Irmãos Hospedeiros • Deles • Escola Hospedeira 	"Sociodrama"	
	Intervalo-Lanche Cartas para si próprios / Entrevistas individuais com voluntários	13hs	Almoço no Restaurante Chalé da Praça em frente ao mercado público.
14h	Almoço Acampamento Farroupilha		Estudantes começam a retornar a suas casas, a maioria se dirige à rodoviária.
	Gincana no Acampamento Farroupilha		
	Retorno hotel		
	Atividade: "conceito de cultura-Iceberg"		
	Intervalo		
20h	Janta no Hotel e confraternização com os brasileiros		

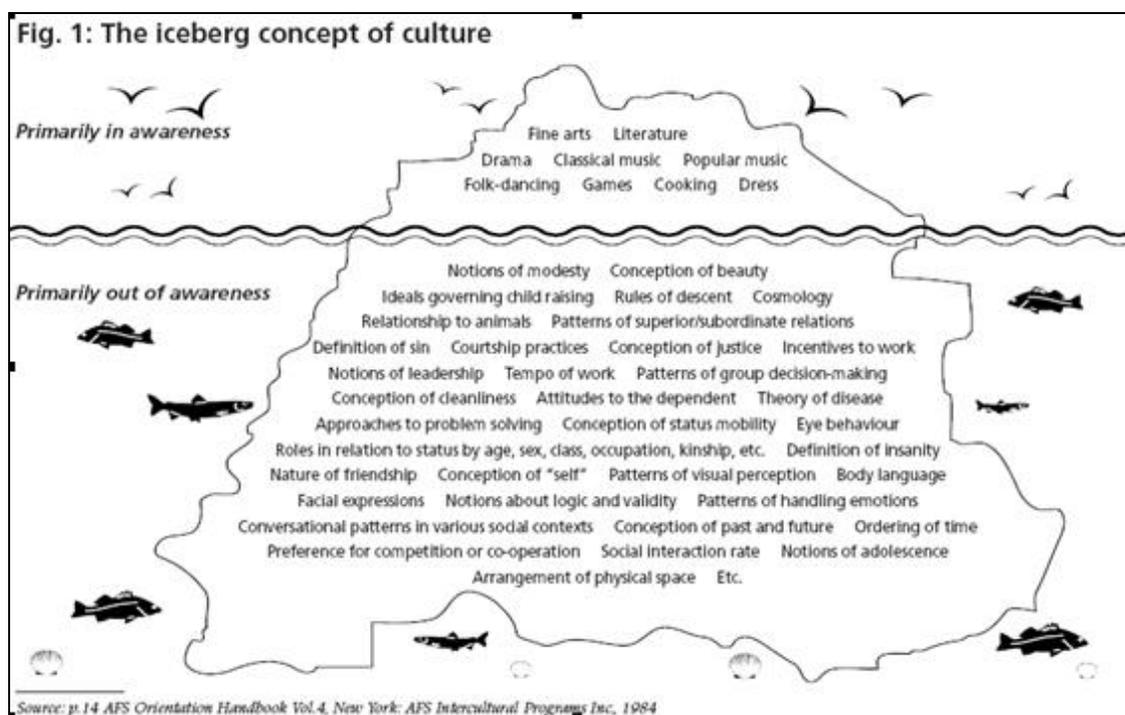
Representação Gráfica 1-Configuração dos Jovens Durante a Orientação Pós Chegada-Setembro,2008



Representação Gráfica 2-Configuração dos Jovens Durante a Orientação Pós Chegada-Setembro,2008



Representação Gráfica 3-Desenho do Modelo de Cultura do Iceberg Orientação Pós Chegada-Set,2008



Quadro Programação do Evento Encontrão e Orientação Pré Retorno -Nova Petrópolis- maio de 2009

SABADO		DOMINGO	
7h30	Saída de Porto Alegre	9h	Início das atividades específicas
10h	Chegada ao local; Credenciamento Café da Manhã; Abertura do Evento		
11h	Início das atividades específicas para cada grupo: *Orientação Pré Retorno para os Gringos *Orientação Pré Partida para <i>Curumins</i> * Gincana para Gringos e Candidatos * Treinamento para Voluntários e <i>Returnees</i>	12h	Almoço
13h	Almoço	13h30	Encerramento
14h30	Atividades Específicas		Retorno
17h30	Feira AFS- Stands: * "Desafio dos Sonhos" * "Iceberg" * "AFS e voluntários" * "Tudo o que vocês sempre quis saber sobre o AFS e não tinha para quem perguntar" * "Classificado de Gringos" * "Desafio dos Sonhos" * "Gráfico da Experiência" * "Secretaria Executiva" * Venda de produtos dos Comitês do AFS		
19h30	Janta		
21h	Festa a fantasia		

Fotos realizadas durante a Orientação Pós Chegada – Porto Alegre – agosto de 2008.



Atividade de Apresentação dos jovens: foi solicitada aos intercambistas a elaboração de desenhos que contivessem seus nomes, países de origem, cidades que estavam morando no RS, e as suas expectativas e motivações em relação ao ano de intercâmbio. A maioria referiu a palavra *experiência*. Neste foto utilizei tarjas para cobrir informações que pudessem identificar os estudantes.



Foto da atividade sobre o “Conceito de cultura segundo o modelo do Iceberg”.

Desenhos realizados pelos jovens durante Orientação Pré Retorno -Nova Petrópolis- maio de 2009

Na atividade em que os jovens contaram a sua experiência de intercâmbio através de imagens foi proposto que, dividindo as folhas em partes, desenhassem quatro momentos significativos durante o ano do intercâmbio.

